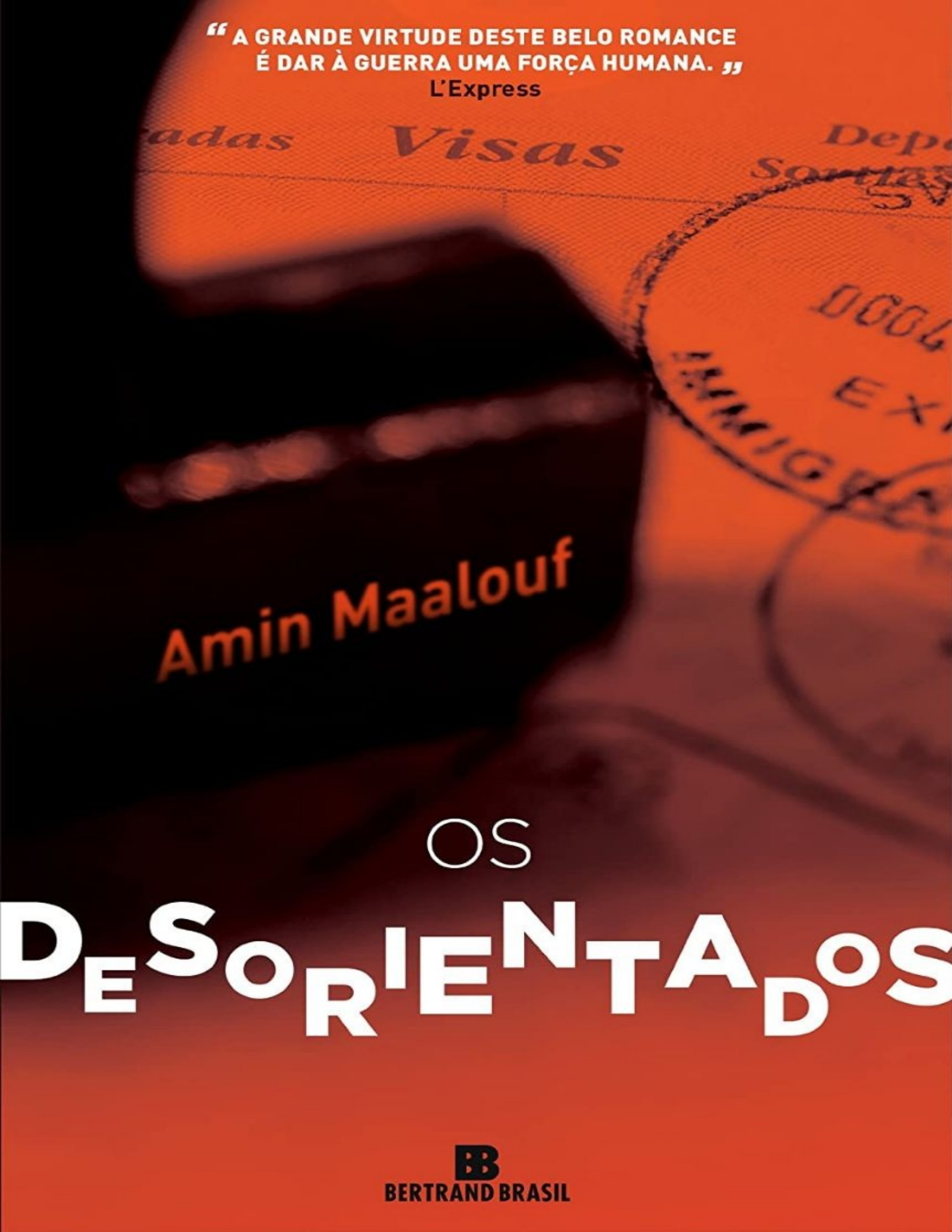
“A GRANDE VIRTUDE DESTE BELO ROMANCE
É DAR À GUERRA UMA FORÇA HUMANA.”
L’Express
Visas
Amin Maalouf
OS
DESORIENTADOS
BB
BERTRAND BRASIL

AMIN MAALOUF
da Academia Francesa

OS DESORIENTADOS

Romance

Tradução

Clóvis Marques

BERTRAND BRASIL
Rio de Janeiro | 2014

Copyright © Éditions Grasset & Fasquelle, 2012

Título original: Les désorientés

Capa: Oporto design

Imagem de capa: © cglade / iStockphoto

Editoração da versão impressa: FA Studio

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2014

Produzido no Brasil

Cip-Brasil. Catalogação na publicação.

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

M11d

Maalouf, Amin, 1949-

Os desorientados [recurso eletrônico] / Amin Maalouf ; tradução Clóvis Marques. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2014.

recurso digital

Tradução de: Les désorientés

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-286-1967-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção libanesa. 2. Livros eletrônicos. I. Marques, Clóvis, 1951-. II. Título.

14-16270

CDD: 892.73

CDU: 821.411.21-3

Todos os direitos reservados pela:
EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.
Rua Argentina, 171 — 2º. andar — São Cristóvão
20921-380 — Rio de Janeiro — RJ —Tel.: (0xx21) 2585-2070 — Fax: (0xx21) 2585-2087

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (0xx21) 2585-2002

Para Jacqueline de Romilly
1913-2010

Tudo que está sujeito ao contato da força
é aviltado, qualquer que seja o contato.
Golpear e ser golpeado é a mesma mácula.

SIMONE WEIL (1909-1943)

Trago no meu nome a humanidade que nasce, mas pertenço a uma humanidade que está morrendo, observava Adam em seu caderno de anotações, dois dias antes do drama.

Eu nunca soube por que meus pais me deram esse nome. No meu país de origem, ele era raro, e não fora dado a ninguém na minha família antes de mim. Um dia perguntei a meu pai, e ele respondeu simplesmente: "É o ancestral de todos nós!", como se eu não soubesse. Eu tinha 10 anos, e aceitei a explicação. Talvez devesse ter-lhe questionado, enquanto ainda estava vivo, se havia por trás dessa escolha alguma intenção, algum sonho.

Parece-me que sim. Para ele, eu devia pertencer ao bando fundador. Hoje, aos 47 anos, tenho de reconhecer que minha missão não será cumprida. Não serei o primeiro de uma linhagem, mas o último, o último dos últimos entre os meus, depositário de suas tristezas acumuladas, de suas desilusões e vergonhas. Cabe a mim a horrível tarefa de reconhecer aqueles que amei, e então assentir com a cabeça para que cubram os corpos com o lençol.

Eu sou o encarregado das extinções. E, quando chegar a minha vez, cairei como um tronco, sem ter vergado, e repetindo para quem quiser ouvir: "Sou eu que tenho razão, é a História que está errada!"

Esse absurdo grito de orgulho ressoa constantemente na minha cabeça. E, por sinal, poderia servir de legenda para a inútil peregrinação que venho fazendo há dez dias.

Ao voltar para minha terra inundada, eu julgava estar salvando alguns

vestígios do meu passado e do passado dos meus entes queridos. Nesse terreno, já não espero grande coisa. Quem tenta retardar a submersão corre o risco de apressá-la... Dito isto, não me arrependo de ter feito essa viagem. É verdade que a cada noite redescubro por que me afastei da minha terra natal; mas também redescubro, a cada manhã, por que nunca me desvinculei dela. Minha grande alegria é ter encontrado, em meio às águas, algumas ilhotas de delicadeza levantina e serena ternura. O que me devolve, pelo menos por enquanto, uma nova vontade de viver, novos motivos para lutar, talvez até um frêmito de esperança.

E mais a longo prazo?

A longo prazo, todos os filhos de Adão e Eva são crianças perdidas.

Primeiro dia

1

Na quinta-feira, ao adormecer, Adam não podia imaginar que no dia seguinte tomaria um avião para o país de suas origens, depois de lustros de afastamento voluntário, e para ir ao encontro de um homem ao qual jurara nunca mais dirigir a palavra.

Mas a mulher de Mourad soubera encontrar palavras incontornáveis:

— Seu amigo vai morrer. Pediu para ver você.

O telefone tocou às cinco horas. Adam o tirara do gancho meio às cegas, pressionando uma das teclas iluminadas e respondendo: "Não, não estava dormindo", ou alguma outra mentira do gênero.

A interlocutora dissera, então:

— Vou passar para ele.

Ele precisara segurar a respiração para escutar a do moribundo.
E ainda assim, mais que ouvir, tivera de adivinhar suas palavras. A voz distante parecia um débil rumor de tecidos. Adam precisara repetir duas ou três vezes "Com certeza" e "Entendo", sem nada entender nem estar certo de nada. Quando o outro se calou, disse-lhe um prudente "Até mais!". Ficara ouvindo por mais alguns segundos para
se certificar de que a esposa não tinha voltado ao aparelho, e depois desligara.

Voltou-se então para Dolorès, sua companheira, que acendera a luz e se sentara na cama, encostada na parede. Ela parecia pesar os prós e os contras, mas

já tinha uma opinião formada.

— Seu amigo vai morrer e o chamou, você não pode hesitar, tem de ir.

— Meu amigo? Que amigo? Há vinte anos que não nos falamos!

E de fato, havia muitos anos, toda vez que mencionavam o nome de Mourad em sua presença, perguntando se o conhecia, ele invariavelmente respondia: "Era um antigo amigo meu." Muitas vezes achavam que ele quisera dizer um "velho amigo". Mas Adam não escolhia as palavras impensadamente. Mourad e ele tinham sido amigos e haviam deixado de sê-lo. "Antigo amigo", portanto, era, do seu ponto de vista, a única expressão adequada.

Normalmente, quando ele recorria a essa expressão em sua presença, Dolorès limitava-se a dar um sorriso compassivo. Mas nessa manhã ela não havia sorrido.

— Se amanhã eu brigasse com minha irmã, será que ela se tornaria minha "antiga" irmã? E meu irmão viraria meu "antigo" irmão?

— Em família é diferente, não temos escolha...

— Neste caso, tampouco você tem escolha. Um amigo de juventude é um irmão adotivo. Você pode se arrepender de tê-lo adotado, mas não pode desadotá-lo.

Adam poderia ter-lhe explicado longamente os motivos pelos quais os vínculos de sangue podem ser considerados de outra natureza. Mas teria entrado em terreno lamacento. Afinal, não havia entre sua companheira e ele um sangue comum. Isto significava que, por mais próximos que tivessem se tornado, poderiam um dia voltar a ser estranhos um ao outro? E que se um deles reivindicasse o outro no leito de morte poderia deparar-se com uma negativa? A pura
e simples menção de tal eventualidade teria sido degradante. Ele preferiu se calar.

De qualquer maneira, de nada adiantaria argumentar. Mais cedo ou mais tarde, ele teria de ceder. Certamente tinha mil motivos para ressentir-se em relação a Mourad, de retirar-lhe sua amizade e até, não importando o que dissesse sua companheira, de "desadotá-lo".Mas esses mil motivos perdiam todo valor à beira da morte. Caso se recusasse a acorrer à cabeceira do antigo amigo,

seria perseguido por remorsos até seu último dia.

Tratou então de telefonar à agência de viagens para reservar um lugar no primeiro voo direto — naquele mesmo dia, à tarde, às cinco e meia; chegada às onze da noite. Dificilmente poderia ter-se apressado mais.

2

Certas pessoas só refletem ao escrever. Era o caso de Adam.
O que, para ele, representava ao mesmo tempo um privilégio e uma doença.

Enquanto as mãos estivessem em repouso, sua mente vagava, incapaz de domar as ideias ou construir um raciocínio. Ele precisava começar a escrever para que seus pensamentos se ordenassem. Para ele, refletir era uma atividade manual.

De certa maneira, Adam tinha os neurônios na ponta dos dedos. Felizmente, estes eram versáteis. Passavam sem maiores problemas da pena ao teclado, da folha à tela. Por isso, ele tinha sempre no bolso um grosso bloco de notas de capa flexível, e na pasta de professor, um computador portátil. Em função do ambiente onde se encontrasse e da natureza do que pretendia escrever, abria um ou outro.

Nesse dia, no início da viagem, foi o bloco de notas. Ele o
apanhou, buscou a primeira página em branco e esperou que o sinal luminoso se apagasse para pôr de lado o tablet.

Sexta-feira, 20 de abril

Desde o momento em que o avião decolou, tento me preparar para o que me aguarda, imaginando o que Mourad pode me dizer para se justificar, e como deverei responder; o que teria respondido numa situação normal e o que ainda posso dizer-lhe em seu estado atual; como permitir que ele se vá em paz,

sem mentir exageradamente; e como reconfortá-lo sem voltar atrás.

Não estou convencido de que devemos perdoar quem está morrendo. Seria fácil demais se no fim de cada vida humana voltássemos à estaca zero; se a crueldade e a avidez de alguns, a compaixão e a admiração de outros fossem hipocritamente desconsideradas. Quer dizer que assassinos e vítimas, perseguidores e perseguidos devem ser igualmente tidos como inocentes na hora da morte? Não para mim, com toda certeza. Do meu ponto de vista, a impunidade é tão perversa quanto a injustiça; na verdade, são as duas faces da mesma moeda.

Dizem que nos primeiros séculos da era cristã, quando a nova religião se disseminava pelo Império Romano, certos patrícios davam um jeito de postergar o máximo possível sua conversão. Pois não lhes haviam garantido que na hora do batismo todos os seus pecados eram apagados? Eles prosseguiam, assim, em sua vida de dissipação, aceitando serem batizados apenas no leito de morte.

Não sei se esse tipo de arrependimento tardio tem alguma serventia aos olhos da religião. Para mim, não tem o menor valor. Nem no caso dos romanos antigos nem dos meus contemporâneos.

Mas existe na hora da morte uma obrigação de decência. Esse momento de virada deve preservar alguma dignidade, se quisermos permanecer humanos. E, por sinal, qualquer que seja o julgamento que se faça do moribundo e de seus atos. Sim, ainda que se trate do pior dos criminosos.

O que não é o caso de Mourad, apresso-me a dizer. Não me faltariam motivos para censurá-lo, alguns dos quais bem se parecem crimes, aos meus olhos. Mas devemos evitar excessos de linguagem. Pode acontecer de um homem cometer um crime sem que por isso mereça ser chamado de criminoso. Assim como me insurjo contra a impunidade, também me recuso a nivelar todo e qualquer mal feito, abstraindo intenções, alcance e circunstâncias. Sem chegar propriamente a absolver, estas podem ser, como dizem as leis, "atenuantes".

Não tenho a menor dúvida de que o comportamento do meu antigo amigo durante os anos de guerra constitui uma traição dos valores que tínhamos em comum, e espero que ele não venha tentar negá-lo. Mas não foi sua fidelidade que o levou a trair? Por apego ao seu país, ele se recusou a se engajar no início do conflito. Tendo permanecido, teve de encontrar certos arranjos, aceitar ao longo dos acontecimentos compromissos que haveriam de levá-lo ao inaceitável. Se eu tivesse ficado no país, talvez tivesse me comportado como ele. De longe, podemos dizer impunemente que não; in loco, nem sempre temos esta liberdade.

Suas qualidades, em suma, foram a sua perda; e as minhas faltas me salvaram. Para proteger os seus, preservar o que lhe havia sido legado pelos pais, ele lutou como uma fera. Mas não eu. Na família de artistas na qual cresci, não me foram inculcadas as mesmas virtudes. Nem essa coragem física, nem esse mesmo senso do dever, nem a mesma fidelidade. Logo após as primeiras matanças, eu me fui, tratei de escapar; fiquei com as mãos limpas. Meu covarde privilégio de desertor honesto.

Ao se aproximar a aterrissagem, sinto-me ainda mais confuso que na decolagem. Mourad surge diante de mim agora como um personagem menor e desorientado, digno de pena, perdido numa tragédia cujas dimensões o ultrapassam. E embora ainda não me disponha a perdoar seus erros, não culpo menos o resto do
universo, nem a mim mesmo.

Vou portanto debruçar-me a sua cabeceira sem ressentimento manifesto, cumprirei junto a ele meu papel de confessor leigo. Vou ouvi-lo, estender-lhe a mão, murmurar palavras de absolvição, para que ele morra com a consciência tranquila.

3

No aeroporto, não havia ninguém a sua espera. E esse inconveniente banal, que Adam certamente deveria ter previsto, já que não avisara ninguém de sua chegada, provocou-lhe um transbordamento de tristeza e uma confusão mental passageira. Ele precisou fazer um certo esforço para lembrar que acabava de chegar à sua cidade natal, em seu próprio país.

20 de abril, continuação

Passo pela alfândega, apresento meu passaporte, recebo-o de volta e saio, percorrendo a multidão com um olhar de criança abandonada. Ninguém. Ninguém me dirige a palavra, ninguém me espera. Ninguém me reconhece. Vim ao encontro do fantasma de um amigo, e eu mesmo já sou um fantasma.

Um motorista se oferece para me levar. Concordo com o olhar e deixo que ele carregue minha bagagem até o automóvel, um velho Dodge estacionado bem distante da fila oficial. É evidentemente um táxi clandestino, sem placa vermelha nem taxímetro. Eu não me oponho. Normalmente, esse tipo de prática me irrita, mas nessa noite acho graça. Ela me traz à lembrança um ambiente conhecido, reflexos de precaução. Ouço minha própria voz perguntando

ao sujeito, em árabe e com sotaque local, quanto custará a corrida. Só para evitar a humilhação de ser confundido com um turista.

No caminho, senti vontade de telefonar a primos, amigos. Já era meia-

noite, faltando apenas cinco minutos, mas sei de alguns amigos que não achariam nada de mais e me teriam convidado insistentemente a me hospedar em sua casa. No fim das contas, não telefonei a ninguém. Senti de repente o desejo de ficar só, anônimo, meio clandestino.

Essa nova sensação começa a me agradar. Incógnito no meu país, entre os meus, na cidade onde cresci.

Meu quarto de hotel é espaçoso, os lençóis estão limpos, mas a rua é barulhenta, mesmo a esta hora. Ouve-se também o ronco atordoante de um ar-condicionado que não tive coragem de desligar, com medo de acordar completamente suado. Não creio que o barulho me impeça de dormir. O dia foi longo, logo meu corpo estará amortecido, e minha mente também.

Sentado na cama, à luz apenas do abajur de cabeceira, não paro de pensar em Mourad. Tento imaginá-lo tal como deve ser atualmente. Da última vez que estivemos juntos, ele tinha 24 anos, e eu, 22. Na minha lembrança, ele era próspero, predador, vociferante. Mas desde então a doença certamente o terá alquebrado. Vejo-o agora em sua velha casa de família na aldeia, sentado numa cadeira de doente, o rosto lívido, com uma manta nos joelhos. Mas talvez esteja no hospital, numa cama metálica, cheio de tubos, com aparelhos piscando e ataduras; tendo bem ao lado a cadeira onde me convidará a sentar.

Amanhã vou saber.

Segundo dia

1

A mulher de Mourad telefonou de madrugada para o celular de Adam. Pensando que ele ainda estivesse em Paris, disse-lhe secamente, sem qualquer preparação, sem mesmo um alô inicial:

— Ele não aguentou esperar.

O quarto ainda estava escuro. Adam deixou escapar um palavrão baixinho. E então contou-lhe que estava na cidade desde a véspera, atendendo ao pedido para vir ao seu encontro.

Mas ela repetiu, no mesmo impulso:

— Ele não aguentou esperar.

A mesma frase, com todas as palavras. Mas num tom diferente. Dessa vez, sem recriminação. Tristeza, raiva, e talvez um imperceptível fundo de gratidão a Adam. Ele balbuciou uma fórmula de cortesia.

Seguiram-se alguns segundos de silêncio, dos dois lados da linha. E então a viúva disse simplesmente "Obrigada", como se respondesse polidamente aos seus pêsames. Perguntou então onde ele estava
hospedado.

— Vou mandar-lhe um automóvel. Você não pode chegar assim, sozinho.

Adam não se opôs. Sabia perfeitamente que não era mais capaz de se orientar nessa cidade de ruas sem placas, sem números, sem calçadas, onde os bairros tinham nomes de prédios, e os prédios, os nomes de seus proprietários...

Sábado, 21 de abril

Tania já está de preto. Mourad repousa calmamente debaixo do lençol sem dobras, com algodão nas narinas. Ocupa sozinho toda uma ala: dois quartos contíguos, um salão, uma varanda. A clínica é de mármore e cânfora. Lugar para morrer como um cão de raça.

Estou de pé ao lado da cama, e não choro. Inclino a cabeça diante do cadáver, fecho os olhos, fico parado, espero. Supostamente estaria meditando, mas me sinto vazio. Mais tarde meditarei, invocarei as lembranças de nossa falecida amizade, esforçando-me para imaginar o Mourad de antes. Mas agora, diante do cadáver, nada.

Ouvindo passos atrás de mim, aproveito para ceder o lugar. Dirijo-me para Tania, abraço-a brevemente. E então vou-me sentar no salão. Que não é realmente um salão. Três poltronas de couro marrom, três cadeiras dobráveis, uma máquina de café, garrafas de água mineral, um aparelho de televisão sem som. Mas ainda assim, um luxo, numa clínica. Lá já se encontram quatro mulheres de preto e um velho malbarbeado. Não os conheço. Saudando-os com um gesto da cabeça, eu caio na única cadeira vazia. Ainda não estou meditando, nem penso em nada. Tento apenas forjar uma expressão circunstancial.

Quando chegam outras pessoas, parecendo em delegação, levanto-me, passo novamente diante do corpo e de novo abraço Tania, murmurando: "Até mais." Saio da clínica apressando o passo, como se houvesse uma matilha no meu encalço.

É na rua, solitário em meio aos transeuntes, tranquilo no tumulto, que meus pensamentos finalmente se voltam para aquele que deixei no leito de morte.

Pedaços de conversas me voltam, risos, imagens. Caminhando sempre em frente, penso em mil coisas dispersas sem me deter em nenhuma delas. A buzina de um táxi me traz de volta à realidade. Faço que sim com a cabeça,

abro a porta, digo o nome do meu hotel. O homem dirige-se a mim em inglês, o que ao mesmo tempo me faz sorrir e me irrita. Eu respondo na sua língua, que é minha língua natal, mas provavelmente com um certo sotaque. Para se desculpar por ter ferido meu amor-próprio de emigrante, ele começa a se queixar do país e seus dirigentes, enveredando por um vibrante elogio dos que tiveram a inteligência de ir embora.

Adam limita-se a sacudir polidamente a cabeça. Em outras circunstâncias, teria participado da conversa, pois o tema não lhe é indiferente. Mas agora só pensa em ficar sozinho, sozinho em seu quarto, sozinho com suas lembranças daquele que não falará mais.

Assim que chega, ele se deita na cama e fica por um bom momento de barriga para cima. Até que se levanta, lança mão de seu bloco de notas, rabisca algumas linhas e o inverte, como se quisesse inaugurar, pelo outro lado, um outro bloco de notas completamente novo.

Na nova página em branco, bem no alto, no lugar onde costuma anotar a data, ele escreve "*In memoriam*", como inscrição preliminar, ou talvez como uma oração. Mais nada. E passa para a página seguinte.

Mourad, o amigo desadotado.

Nós fomos separados pela morte, sem que pudéssemos nos reconciliar. É um pouco culpa minha, um pouco dele, e também culpa da morte. Nós acabávamos de começar a restabelecer os vínculos quando ela de repente o calou.

Mas, em certo sentido, a reconciliação ocorreu. Ele quis me ver de novo, eu tomei o primeiro avião, a morte chegou antes
de mim. Pensando bem, talvez tenha sido melhor assim. A morte tem lá sua sabedoria. Às vezes devíamos confiar mais nela do que em nós mesmos. O que poderia ter-me dito o antigo amigo? Mentiras, verdades travestidas. E eu, para não ser impiedoso com um moribundo, teria fingido acreditar nele e perdoá-lo.

Em tais condições, que valor teria tido nosso reencontro tardio e nossa recíproca absolvição? Para dizer a verdade, nenhum.
O que afinal aconteceu parece-me mais decente, mais digno. Em suas últimas horas, Mourad sentiu necessidade de me ver; eu prontamente acorri; e ele prontamente morreu. Existe aí uma certa elegância moral que honra nossa amizade passada. E eu me satisfaço com esse epílogo.

Mais tarde, se é que existe uma vida além-túmulo, teremos tempo de nos entender de homem para homem. E se houver apenas o vazio, nossas brigas de mortais já não terão muita importância de qualquer maneira.

Neste dia em que ele morreu, que posso fazer por ele? Só o que recomenda a decência: evocar serenamente sua lembrança, sem condená-lo nem absolvê-lo.

Nós não éramos amigos de infância. Crescemos no mesmo país, no mesmo bairro, mas não no mesmo meio. Só nos conhecemos na universidade, já nos primeiros dias do primeiro ano.

No início de nossa amizade, houve aquela noite. Éramos, creio, cerca de quinze, os rapazes em número um pouco maior que as moças. Se tivesse de fazer a lista de memória, eu certamente esqueceria alguns. Havia ele e eu; e Tania, naturalmente, já então Tania, que ainda não era sua mulher, mas logo viria a ser; havia Albert, Naïm, Bilal e a bela Sémi; havia Ramzi e Ramez, que chamávamos de "sócios", "inseparáveis" ou simplesmente "os dois Ramz"... Estávamos começando a vida estudantil, com um copo na mão,
a rebelião no coração, e julgávamos entrar na vida adulta. O mais velho de nós ia pelos 23 anos; aos 17 anos e meio, eu era o mais jovem; Mourad tinha dois anos a mais.

Era outubro de 1971, na varanda de sua casa, uma imensa varanda de onde durante o dia se podia ver o mar, e à noite, as cintilações da cidade. Lembro-me ainda do olhar que ele tinha nessa noite — maravilhado, satisfeito. Essa casa lhe pertencia, e antes dele pertencera a seu pai, a seu avô, a

seu bisavô, e mesmo a antepassados anteriores, pois a construção remontava ao início do século XVIII.

Minha família também tinha uma bela casa na montanha. Para os meus, contudo, era um lar, e um manifesto arquitetônico; para os dele, era uma pátria. Nela, Mourad sempre sentira uma espécie de plenitude, a plenitude dos homens que sabem que um país lhes pertence.

De minha parte, desde os 13 anos, sempre me senti um convidado, onde quer que fosse. Muitas vezes recebido de braços abertos, às vezes simplesmente tolerado, mas em lugar nenhum um habitante de pleno direito. Constantemente diferente, mal-adaptado — meu nome, meu olhar, meu aspecto, meu sotaque, meus vínculos reais ou supostos. Incuravelmente estrangeiro. Na terra natal e também, mais tarde, nas terras de exílio.

Em dado momento, naquela noite, Mourad levantou a voz, enquanto continuava a olhar ao longe.

— Vocês são meus melhores amigos. A partir de agora, essa casa é de vocês. Pelo resto da vida!

E vieram os risos e as piadas, mas apenas para esconder a emoção. Em seguida, ele ergueu o copo, fazendo tilintarem as pedras de gelo. Nós repetimos, fazendo eco: "Pelo resto da vida!" Alguns a plenos pulmões, outros num murmúrio. E então sorvemos nossas bebidas.

Eu tinha os olhos marejados. Lembrando-me hoje, não consigo evitar que voltem a se marejar. De emoção, de saudade, de tristeza, de raiva. Aquele momento de fraternidade terá sido o mais belo da minha vida. Depois, veio a guerra. Nenhuma casa ou reminiscência ficou intacta. Tudo se corrompeu: a amizade, o amor, a dedicação, o parentesco, a confiança e a fidelidade. E também a morte. Sim, hoje, a própria morte me parece conspurcada, desnaturada.

Não paro de dizer "naquela noite". É apenas uma simplificação cômoda.

Na época em que nos conhecemos, houve inúmeras noites, que hoje se confundem em minha memória numa só. Parece-me
às vezes que estávamos constantemente juntos, como uma horda cabeluda, fazendo apenas breves paradas em nossas respectivas famílias. Não era realmente o caso, mas foi a impressão que me ficou. Provavelmente porque vivíamos juntos os momentos intensos, os grandes acontecimentos. Para celebrar, para nos indignar e, sobretudo, para discutir uns com os outros a seu respeito. Meu Deus, como gostávamos de debater, de argumentar! Quanta gritaria! Quanta disputa! Mas eram disputas nobres. Acreditávamos sinceramente que nossas ideias podiam influenciar o curso dos acontecimentos.

Na faculdade, para zombar do nosso constante detalhismo, nos colocaram o apelido de "Bizantinos", de conotação depreciativa; e nós, por provocação, o tínhamos adotado. Pensamos até em fundar uma "fraternidade" com esse nome. Tivemos intermináveis
discussões a respeito, de tal maneira que ela não chegou a ser
criada, vítima, justamente, do nosso "bizantinismo". Alguns de nós pensávamos em transformar nosso grupo num cenáculo literário; outros sonhavam com um movimento político, a ser iniciado entre os estudantes para, em seguida, disseminar-se pela sociedade; outros ainda alimentavam a ideia sedutora exemplificada por Balzac em sua História dos Treze*, segundo a qual amigos pouco numerosos, mas dedicados a causas comuns, dotados de uma ambição comum, um punhado de amigos corajosos, competentes e sobretudo indissociavelmente ligados poderiam mudar a face do mundo. Eu mesmo não estava longe de pensar assim. Para dizer a verdade, ainda hoje acontece-me às vezes de nutrir essa ilusão infantil. Mas onde diabos encontrar um bando assim? Por mais que se procure, este planeta está vazio.*

No fim das contas, nosso bando de amigos não se transformou em fraternidade, nem em cenáculo, nem em partido, nem em sociedade secreta.

Nossos encontros continuaram sendo informais, abertos, regados a álcool, enfumaçados, turbulentos. E sem qualquer
hierarquia, embora quase sempre nos encontrássemos por iniciativa de Mourad. Geralmente em sua residência na aldeia, na varanda de sua velha casa.

Daquele lugar suspenso entre o litoral e a montanha, haveríamos de assistir ao fim do mundo. "Do mundo"? Do nosso mundo, pelo menos, do nosso país, tal como o conhecíamos. E ouso dizer: de nossa civilização. Da civilização levantina. Expressão que provoca um sorriso nos ignorantes e um ranger de dentes entre os adeptos das barbáries triunfantes, das tribos arrogantes que se enfrentam em nome do Deus único, e que não conhecem pior adversário que nossas identidades sutis.

Meus amigos pertenciam a todas as confissões, e cada um deles se sentia na obrigação de zombar da sua própria, como uma espécie de vaidade, para depois gentilmente fazer o mesmo com
a dos outros. Nós éramos o esboço do futuro, mas o futuro terá ficado em estado de esboço. Cada um de nós se deixaria levar de volta, muito bem-guardado, ao cercado de sua religião obrigatória. Nós nos proclamávamos voltairianos, camusianos, sartrianos, nietzschianos ou surrealistas, mas voltamos a ser cristãos, muçulmanos ou judeus, obedecendo a denominações precisas, a um martirológio abundante e às piedosas aversões acompanhantes.

Nós éramos jovens, era a aurora da nossa vida, mas já era também o crepúsculo. A guerra se aproximava. Vinha rastejando em nossa direção, como uma nuvem radioativa; não dava mais para contê-la, restava-nos apenas fugir. Alguns de nós nunca quiseram chamá-la pelo nome, mas era de fato uma guerra, a "nossa" guerra, a guerra que teria nosso nome nos livros de história. Para o resto do mundo, um enésimo conflito local; para nós, o dilúvio. Nosso país de mecanismo frágil fazia água, começava a se deteriorar; ao longo das inundações sucessivas, haveríamos de descobrir que dificilmente ele

poderia ser consertado.

A partir dali, os anos ficariam ligados a tragédias em nossa memória. E, para nosso círculo de amigos, às sucessivas deserções.

O primeiro a partir foi Naïm, com toda a família: o pai, a mãe, as duas irmãs, a avó. Não eram os últimos judeus do país, mas faziam parte da ínfima minoria que até então quisera permanecer. Os anos 1950 a 1960 tinham assistido a uma surda hemorragia. Gota a gota, sem alarde, a comunidade se desfizera. Alguns foram para Israel, passando por Paris, Istambul, Atenas ou Nicósia; outros escolheram estabelecer-se no Canadá, nos Estados Unidos, na Inglaterra ou na França. Naïm e sua família optaram pelo Brasil. Mas relativamente tarde, em 1973.

Seus pais o fizeram prometer que nada revelaria de seus planos, nem mesmo aos amigos mais próximos, e ele cumpriu a palavra. Nem uma única confidência, sequer a menor alusão.

Ainda na véspera, nosso bando se reunira, como praticamente toda noite, na casa de Mourad e Tania, na aldeia, para beber vinho quente. Era o fim de janeiro, ou o início de fevereiro. A velha casa era glacial. Nós nos havíamos apertado uns contra os outros na pequena sala, em torno de um braseiro.

Discutimos mil coisas, imagino, como em qualquer dos nossos encontros, falando de pessoas das quais gostávamos ou não, dos acontecimentos políticos, de alguns fatos da crônica policial, de um cineasta ou de um romancista morto recentemente... Já não me lembro, é claro, do que afinal alimentava nossa conversa. O certo, em compensação, pois a coisa me impressionava na época e muitas vezes voltei a pensar a respeito desde então, é que em momento algum se falou de emigração, de êxodo nem de separação. Só no dia seguinte à noite, quando soubemos da partida de Naïm, é que aquela ocasião se nos afigurou retrospectivamente como uma vigília de despedida.

Houve contudo um estranho incidente. Estávamos falando das mais diversas coisas quando, de repente, Tania começou a chorar. Nada do que

acabávamos de dizer parecia explicar as lágrimas, e todo mundo, inclusive seu noivo, Mourad, ficou totalmente desarmado. Eu perguntei o que sentia, e ela não foi capaz de responder, de tanto que soluçava. Quando afinal recobrou a calma, disse:

— Nunca mais estaremos todos juntos.

Por quê? Ela não sabia.

— Este sentimento me veio de repente como uma certeza, e eu comecei a chorar.

Para tranquilizá-la, e de certa forma quebrar o sortilégio, Mourad propôs que todos voltássemos a nos encontrar no dia seguinte, no mesmo horário, no mesmo lugar. Ninguém levantou a menor objeção. Eu não seria capaz de jurar que todos sem exceção disseram "até amanhã", mas estava perfeitamente entendido.

Separamo-nos ao alvorecer. Eu acabava de comprar meu primeiro carro, um Coccinelle cor havana, e coube a mim levar Naïm até em casa. Ele nada me disse dos seus projetos. Mesmo quando ficamos sozinhos, passando por ruas mal-iluminadas e vazias, ele nada disse.

Mais tarde, anos depois, ele me contaria numa carta que seus pais o tinham esperado, naquela noite, cheios de angústia. Temiam que ele tivesse desistido de acompanhá-los para ficar com o bando de amigos, e se perguntavam se deviam viajar sem ele ou adiar a partida para uma outra data. Quando chegou em casa, ninguém da família lhe dirigiu a palavra.

Mas, no fim das contas, ele se fora com os seus, para sempre.

A primeira deserção em nossas fileiras.

Depois dele, foi a vez de Bilal. Uma maneira completamente diferente de partir: a morte.

Quando me dá vontade de amaldiçoar os que pegaram em armas, vem-me a lembrança de Bilal, e sinto-me tentado a fazer uma ou duas exceções.

Ele era um ser puro.

Ninguém pode saber com certeza o que se aloja no fundo de uma alma, mas eu conheci Bilal de perto, e não creio que me engane. Era um ser perturbado, mas puro, sim, e sem mesquinharia.

Havia entre nós amizade, afeto e uma certa cumplicidade; durante alguns meses, ele foi inclusive meu companheiro mais próximo. Um período breve, mas intenso, no qual nos encontrávamos diariamente; ele passava para me apanhar, ou então marcava encontros comigo num café do centro; depois, caminhávamos pelas ruas durante horas, refazendo o mundo.

Falávamos do Vietnã, da guerrilha boliviana, da Guerra Civil Espanhola, da Longa Marcha; não sem alguma inveja, falávamos dos poetas malditos, dos poetas assassinados, de García Lorca, al-Moutanabbi, Puchkin, e também de Nerval e Maiakovski, embora eles próprios se tenham assassinado; e falávamos de nossos amores.

Um dia, fomos surpreendidos por uma tempestade enquanto caminhávamos. Inicialmente, de brincadeira, por bravata juvenil, tentamos fingir indiferença, continuando a caminhar no mesmo passo. Mas em questão de segundos estávamos ensopados. Decidimos então correr, engolindo a vergonha, para nos refugiar num alpendre. Sentamo-nos num friso de pedra. O nome de uma jovem surgira em nossa conversa — uma amiga comum. Falamos a seu respeito com uma cumplicidade e um desnudamento da alma que ainda hoje me perturbam e me fazem tremer os dedos. Depois, ficamos calados por longos minutos, como se quiséssemos deixar aplacar nossa agitação interna. E então Bilal perguntou-me:

— Você não acha que nascemos na época errada?

— E quando é que você queria ter nascido?

— Daqui a cem, duzentos anos. A humanidade está se metamorfoseando, e eu queria saber o que ela vai se tornar.

Sua impaciência de garoto me dava a sensação de ser um velho sábio.

— Você acredita então que existe uma linha de chegada onde pode ficar nos esperando? Sai dessa! Na marcha do tempo, sempre haverá um antes e um

depois, onde quer que você esteja, coisas que estarão atrás de você e outras que estarão no horizonte, e que
só chegarão a você lentamente, dia após dia. Você não pode abarcar tudo com o mesmo olhar. A menos que seja Deus...

Ouvindo estas palavras, Bilal deu um salto e daqui a pouco estava debaixo da chuva, gritando como um louco:

— Deus! Deus! Que bela profissão!

Oito dias depois dessa conversa, ele desaparecera. Não me telefonava mais, e nenhum de nossos amigos tinha notícias suas. Estávamos todos convencidos de que estaria com a bem-amada.

Uma única vez o encontrei na biblioteca da universidade. Ele fora fazer fotocópias.

— Você desapareceu — recriminei, em voz baixa.

Ele levou um dedo aos lábios.

— Psiu! Estou treinando! Para ser Deus é preciso ser invisível.

Rimos então juntos pela última vez.

Ele estava tirando cópias de um panfleto ou de um cartaz. Quando me aproximei, tratou de esconder tudo. Eu não insisti. Convidei-o a tomar um café. Ele se esquivou, invocando algum pretexto. Eu não voltaria a vê-lo vivo.

Um dia, no fim de novembro, era dia 30 ou 29, recebo um telefonema de Mourad bem cedo pela manhã.

— Tenho uma má notícia. Uma notícia muito ruim.

Na véspera, ocorrera num subúrbio da capital uma troca de tiros entre dois grupos armados. Esses incidentes tornavam-se cada vez mais frequentes, e nós começávamos a nem lhes dar mais muita importância, exceto quando havia muitas vítimas. Nesse incidente, saíra ferido apenas um homem. Eu o ouvira no rádio, sem prestar maior atenção. Uma notícia entre tantas outras.

O homem envolvido no confronto morrera em virtude dos ferimentos, e era

Bilal.

— Você sabia que ele estava na luta armada? — perguntei.

— Não — respondeu-me Mourad —, ele não tinha dito a ninguém. Mas a coisa não me surpreendeu. Nem tampouco a você, suponho...

Eu tive de confessar que, de minha parte, nada soubera, nem suspeitara, nem pressentira. O fato de um dos meus amigos mais próximos, um poeta, um idealista, um sedutor, ter se unido aos milicianos da noite, de metralhadora em punho, para atirar contra o bairro em frente — não, sinceramente, a coisa nem me passara pela cabeça.

Seis meses depois da morte de Bilal, haveria em nossas fileiras mais uma deserção: a minha.

2

Adam estava absorto em suas reminiscências quando o telefone do seu quarto começou a tocar. Era um sobrinho de Tania, telefonando de sua parte para perguntar se ele queria fazer uma breve
alocução no funeral de Mourad, “em nome dos amigos de infância”.

Como ele hesitou, o outro achou relevante enumerar as personalidades que se sucederiam na tribuna. A cada nome, ou quase, Adam fazia uma careta. Considerando-se as circunstâncias, contudo, ele não tinha coragem de recusar pura e simplesmente. Ainda procurava as palavras quando o jovem acrescentou: “Será quarta-feira, às onze horas.” Adam imediatamente se agarrou a esse detalhe banal como uma tábua de salvação, respondendo que infelizmente lhe era impossível ficar no país até essa data, pois nesse mesmo dia deveria aplicar uma prova a seus alunos.

Pura mentira!, reconheceria ele nessa mesma noite em seu caderno. *Desde fevereiro estou num semestre sabático, não tenho aulas, nem seminários, nem exames até outubro. Mas por nada neste mundo eu tomaria a palavra no funeral de Mourad.*

Por quê? Naquele momento, eu não saberia dizer. O convite me apanhara desprevenido, e dei a primeira resposta que me veio à cabeça.

Normalmente, confio nos meus impulsos; não que eles sejam infalíveis, mas pude constatar ao longo dos anos que me enganava com muito maior

frequência quando refletia muito tempo, quando tentava levar em conta todos os elementos envolvidos, ou, pior ainda, quando mentalmente alinhava em duas colunas opostas os argumentos contra e a favor.

Por isso, distingo atualmente duas maneiras de raciocinar. Numa delas, minha cabeça funciona como um caldeirão: abarca todos os fatores ao mesmo tempo, "computa-os" à minha revelia e me entrega de uma só colherada o resultado final. Na outra, minha cabeça age como um vulgar facão de cozinha, picotando o real em conceitos grosseiros como "vantagens" e "desvantagens", "afetivo" e "racional", o que serve apenas para me confundir ainda mais.

Quantas vezes não tomei decisões desastrosas por excelentes motivos! Ou, pelo contrário, as melhores decisões em detrimento do bom senso!

Cheguei assim à conclusão de que valia mais a pena decidir antes de mais nada, num piscar de olhos, para em seguida mergulhar pacientemente em mim mesmo e entender a escolha.

No caso do enterro, não precisei de muito tempo para justificar aquela recusa espontânea, pelo menos aos meus próprios olhos; o que serviu para atenuar meu remorso.

Considerando a maneira como Mourad se comportou nos últimos anos, não tenho motivo algum para participar das homenagens que lhe serão prestadas, nem mesmo em caráter póstumo. Uma coisa é apresentar polidamente condolências pelo falecimento de uma pessoa que conhecemos; outra bem diferente é dar a impressão de ter vindo especialmente de Paris para participar do seu funeral, cercado dos aliados políticos, dos parceiros de negócios, dos padrinhos e apaniguados. Sei perfeitamente de que maneiras se tornaram poderosos e ricos todos esses personagens que meu antigo amigo deve ter frequentado na cloaca da guerra. Eu não queria antecedê-los nem suceder a eles na tribuna, e não tenho sequer vontade de lhes apertar a mão.

Se deixei o país, foi justamente para não precisar apertar essas mãos!

Alguns minutos depois, a própria viúva telefonou. Para insistir. Ele não

poderia adiar a volta até o fim da semana? Ele reiterou a recusa repetindo a mesma mentira de maneira bem clara, abruptamente, para evitar qualquer chantagem sentimental.

— Sinto muito. Eu tenho de ir. Meus alunos estão me esperando.

Seguiu-se um silêncio pesado, pois Tania não encontrava mais palavras para convencê-lo, enquanto ele não as encontrava para se desculpar. No fim, ela disse, aparentemente resignada:

— Eu entendo... De qualquer maneira, não vou esquecer que você tomou um avião para vir encontrá-lo.

Essa atitude elegante imediatamente reacendeu a ardência do remorso em Adam. Não a ponto de fazê-lo mudar de ideia, mas o bastante para que sentisse a necessidade de compensar sua ausência do funeral com algum gesto de afeto.

— Pretendo escrever a nossos amigos comuns para contar o que aconteceu. Tenho certeza de que vão mandar-lhe mensagens de afeto. Albert, Naïm e alguns outros...

— Sim, escreva! — aprovou a viúva de Mourad. — Há anos não tenho notícias deles. Acho que ficarão tristes.

— Com certeza.

— Seria muito bom se pudéssemos reunir todos os amigos dos velhos tempos, em memória dele. Em abril, por exemplo, na cerimônia de aniversário. Você acha que eles viriam?

— Por que não?

— Poderia até ser antes. No "quadragésimo", por exemplo.

Por uma velha tradição conservada por várias comunidades levantinas, uma cerimônia memorial costuma ocorrer quarenta dias depois do falecimento. Para Adam, parecia muito pouco tempo para convocar os amigos. Mas ele não queria contrariar a viúva.

— Se é o que você deseja, posso sugerir a eles.

— E você, voltará também?

— Voltaremos a falar disso.

— Você não está querendo!

— Não, Tania, não é que não queira. Mas não vamos decidir tudo agora. Primeiro vou escrever aos amigos, para sondar. Depois, veremos.

— Você não está querendo! — repetiu ela. — Amanhã vai embora, e o projeto será esquecido. Seu amigo teria gostado tanto...

Ela ficou com a voz embargada.

— Se você quiser, passo aí esta noite e conversaremos tranquilamente sobre esse reencontro, para que eu possa fazer sugestões exatas aos amigos. Você quer?

Para Adam, não era apenas uma maneira de abreviar uma conversa que o deixava desconfortável. Ele realmente queria voltar a vê-la antes de partir. Tinha o sentimento de ter permanecido por muito pouco tempo ao seu lado. Afinal, a pedido de Tania é que ele fizera a viagem, e quase não falara com ela. Apenas aquela visita furtiva à clínica, o beijo quase mudo. Ele pensou que precisava pelo menos passar algum tempo em sua companhia, especialmente considerando que pretendia desaparecer antes do funeral.

— Diga a que horas estará sozinha à noite. Vou encontrá-la.

Silêncio muito longo. Não fossem os ruídos de fundo, pareceria que a linha tinha caído.

Quando a viúva de Mourad finalmente respondeu, ele percebeu em sua voz uma espécie de rouquidão sardônica.

— Meu pobre Adam, você realmente se transformou num emigrante. Está me perguntando em que momento estarei sozinha? Sozinha neste país, num dia como este? Fique sabendo que estou na aldeia, na velha casa, e que deve haver ao meu redor uma centena de pessoas, talvez até duzentas. Vizinhos, primos, vagos conhecidos e também pessoas que eu nunca vi. Eles estão em toda parte, nos salões, na cozinha, nos corredores, nos quartos e no grande terraço,
e continuarão por aí a noite toda e nos próximos dias. Sozinha? Você achava que eu ficaria sozinha? Vá embora, vá, sem remorsos, tome o avião, volte para casa em Paris, voltaremos a nos ver mais tarde, em outras circunstâncias.

Adam não podia responder no mesmo tom, no exato dia em que Tania

acabava de perder o marido. Apesar de exasperado com tanta agressividade, teve de se limitar a dizer:

— Sim! Voltaremos a nos ver mais tarde. Cuide-se!

E desligou.

Eu realmente não merecia tanta agressividade! Estava tentando mostrar-me amistoso, atencioso. Procurava atender às suas expectativas. Nada justificava que me agredisse daquela maneira.

Talvez eu tenha errado ao perguntar se ficaria sozinha. Tania pode ter visto aí um sinal de desprezo ou piedade. Mas eu quis apenas dizer que antes de ir à sua casa esperaria que as visitas se tivessem ido, e que ela estivesse sozinha com os parentes. Mas o que eu disse serviu-lhe apenas de pretexto. O verdadeiro motivo da sua raiva foi minha recusa de tomar a palavra no enterro de Mourad. E talvez, antes de tudo isso, meu longo desentendimento com ele, no qual poderia ter posto um ponto final, justamente, se concordasse em fazer seu elogio fúnebre. Mas isso ninguém me obrigará a fazer. Nem com lisonjas, nem com exortações, nem muito menos com tanta agressividade.

Por mais que eu encontre argumentos, não consigo me acalmar! Estou indignado!

O que mais me magoou no ataque de Tania foi o fato de me ter pedido que "voltasse para casa". Talvez eu de fato considere agora Paris como "minha casa". Mas será que isto me impede de me considerar igualmente em casa na minha cidade natal? De qualquer maneira, ninguém tem o direito, seja amigo ou não, esteja ou não de luto, de me jogar na cara assim minha condição de estrangeiro.

Como querem me tocar daqui, agora mesmo é que não vou! Eu é que vou escolher, segundo minha conveniência, o momento de partir.

3

Para dizer a verdade, Adam não estava com a menor vontade de deixar o país tão rapidamente.

Ao invocar o pretexto dos compromissos universitários para não participar do velório de elogios fúnebres, ele se sentira numa armadilha. Nada o obrigava a pegar o avião já no dia seguinte, nem nos subsequentes. Ele mal começava a encontrar novamente suas referências, e ainda não sentia cansaço algum.

Em certo sentido, a agressividade de Tania acabava de liberá-lo. Se ela tivesse assumido uma atitude amistosa, ele provavelmente teria sentido escrúpulos de ficar no país sem comparecer ao funeral, e teria partido. Contra a vontade, é verdade, mas não poderia ter feito de outra maneira.

Agora, estava decidido a ficar.

Um plano delineou-se em sua mente, e ele imediatamente telefonou a Dolorès, sua companheira, para deixá-la a par. Ficaria por mais tempo no país, mas sem deixar pistas.

Decidido isso, ele começou a tomar providências. Chamou a recepção para pedir a conta, e aproveitou para se informar do tempo necessário para chegar ao aeroporto. Queria se certificar de que, se alguém o procurasse, respondessem que já tinha embarcado.

Pelo mesmo motivo, ao deixar o hotel, ele evitou tomar um dos muitos táxis estacionados no ponto. Quando o primeiro da fila abriu-lhe a porta, ele fingiu

que precisava fazer algumas compras nas lojas do bairro e se afastou a pé, puxando a mala.

Caminhou por alguns minutos, virou numa esquina, depois em outra e fez sinal para um táxi que passava. Deu ao motorista o nome de uma aldeia, Bertayel, e de um hotel, Pousada Sémiramis.

Só quando o carro se desvencilhou dos engarrafamentos urbanos, para pegar uma estrada na montanha, é que Adam telefonou à proprietária. Chamada justamente Sémiramis, ela fizera parte de seu círculo de amigos na época da universidade. Ele a perdera de vista no período que se seguiu a sua partida para a França. Mas desde então tinham restabelecido contato; nos últimos anos, ela fora duas vezes a Paris e jantara em sua casa; ele a havia apresentado a Dolorès,
e "a bela Sémi" o fizera prometer que a procuraria quando voltasse ao país.

Ele então digitou seu número e disse, sem mesmo se identificar:

— Estou num táxi. Estarei aí daqui a meia hora.

— Adam! — Era quase um grito. — Eu nem sabia que você estava no país.

— Cheguei ontem. Você tem um quarto para mim?

— Fique sabendo que pode chegar aqui em casa a qualquer momento, mesmo em pleno verão, e sempre haverá um quarto para você. Mas, para ser sincera, não lhe faço nenhum favor ao recebê-lo hoje, o hotel está quase vazio.

— Tanto melhor!

— Você acha? Meu contador não é da mesma opinião.

Ela riu, e Adam sentiu vontade de se desculpar, rindo também.

— Eu quis dizer apenas que tranquilidade é exatamente o que estou procurando. Não disse a ninguém que estava vindo, nem encontrei ninguém. Só Tania, mas ela pensa que estou tomando um avião de volta. Imagino que você saiba...

— De Mourad? Sim, claro que sei.

— Você o via ultimamente?

— Às vezes. E você? Sei que estava brigado com ele. Chegaram a se reconciliar?

— Sim e não... Vou-lhe contar. Pretende ir ao enterro?

— Sim, claro. Você não?

— Não creio.

— É um erro. Ninguém falta a um enterro.

— Tenho meus motivos. Vou-lhe explicar. Prefiro que não saibam que eu estou no país. Quero me esconder por alguns dias. Realmente estou precisando. Além de você, não quero encontrar ninguém.

— Não encontrará ninguém, fique tranquilo! E ninguém saberá que você está no hotel. Vou trancá-lo em seu quarto e esconder a chave.

— Não precisa tanto!

Dois breves risos. Um silêncio. E então ela perguntou, por simples cortesia:

— Dolorès não está com você?

— Ela não pôde vir. Foi uma decisão de última hora. Está trabalhando. Você me receberá mesmo assim?

— Mal posso esperar...

Quando o táxi tomou o estreito caminho arborizado que levava ao hotel, Sémiramis já esperava perto da grade aberta, acompanhada de três empregados, um velho guarda, um recepcionista uniformizado e um porteiro bem jovem, que no exato momento em que o carro parou abriu o porta-malas para vigorosamente cuidar da bagagem.

— Quarto 8 — ordenou a patroa.

Adam pegara a carteira para pagar a corrida, mas o motorista recusou seu dinheiro, aceitando a cédula que a dona do hotel lhe entregava pela janela aberta.

— Você está no exterior há muito tempo, não conhece mais os hábitos aqui — comentou ela com convicção, para cortar pela raiz qualquer protesto do visitante.

Mas era realmente assim que as coisas deviam acontecer em seu país natal? Adam não estava lá muito certo, mas o argumento não lhe deixava alternativa.

Todo emigrante receia cometer algum erro ou mancada, e para os que ficaram é fácil provocar nele o medo do ridículo e a vergonha de ter se transformado num turista vulgar. Ele botou o dinheiro novamente no bolso.

Pelo mesmo motivo, ao pôr os pés no chão, hesitou em tomar a amiga pelo braço, como naturalmente teria feito na França. Diante do motorista e dos empregados do hotel, não seria melhor apertar-lhe a mão? Foi então ela que o envolveu nos braços e o apertou num breve abraço, para em seguida conduzi-lo na direção da porta de entrada, por baixo de um alpendre de vidros coloridos em estilo Belle Époque.

Uma hora depois, estavam os dois, Sémiramis e ele, sentados no último andar do hotel, numa varanda cercada por três vidraças que espelhavam à noite seus reflexos e os das velas.

Trouxeram-lhes uma dezena de pratinhos, e depois mais dez, e outros dez ou quinze ainda, *mezzés* frios e quentes que facilmente teriam saciado uma horda de turistas.

— Tem certeza de que isto será suficiente para nós dois?

— É apenas para você; eu já jantei — disse ela, sem sorrir.

— Eu estava sendo irônico — apressou-se Adam a esclarecer, temendo que seu comentário fosse malcompreendido.

— E eu estava sendo sarcástica — retrucou a anfitriã com um sorriso de pirata, acrescentando: — Você costumava dizer que eu tinha senso de humor, não lembra? Nós nos entendíamos apenas com meias palavras, trocávamos piscadelas. Não se sinta obrigado a esclarecer em que momento da piada eu devo rir.

— Não me leve a mal, Sémi! Não é fácil voltar ao país depois de tantos anos. Preciso ser prudente, contido, circunspecto. Porque provavelmente não tenho mais meus referenciais. Estou constantemente com medo de ferir suscetibilidades nos meus interlocutores. Mesmo em se tratando de amigos de muito tempo. Não sei mais se posso falar com eles no mesmo tom de outros tempos. Sabe como é, as pessoas mudam.

— Pois eu não mudei, Adam. Estou menos jovem, um pouco menos esbelta, mas, por dentro, não mudei. Não sou uma senhora qualquer, e para mim você nunca será um senhor qualquer. Meu Deus, como eu detesto o tempo que passa e nos transforma em
pinguins patéticos! Eu tendo de bancar a dona de hotel e você precisando bancar o professor respeitado! Mas não esta noite — disse ela, erguendo a taça de champanhe.

— Não esta noite — repetiu Adam, como se fizesse um juramento.

Eles trincaram suas taças e as levaram lentamente aos lábios.

A "bela Sémi" realmente mudara pouco — menos ainda do que admitia. A pele bronzeada não fora traída por nenhuma ruga aparente, e seus olhos cor de esmeralda preservavam a mesma profundidade marinha; talvez não estivesse esbelta, como reconhecia, mas na lembrança do amigo nunca o fora realmente. Ela era maior que a maioria das mulheres do país, mais para "saudável" e até "cheia", o que em nada comprometia seu encanto, nem no passado, nem agora.

O gerente do hotel aproximou-se da mesa sem fazer ruído, uma garrafa na mão, apanhada num guardanapo. Encheu as taças e perguntou à patroa:

— Um pouco mais de luz?

— Não, Francis, as velas bastam.

O homem assentiu com a cabeça e voltou ao seu lugar.

— Sinto falta daquela época — recomeçou Sémiramis. — Provavelmente mais que você. Não me diga que é de uma grande banalidade, uma mulher de 48 anos saudosa da época em que tinha 18... Mas neste país, nesta região do mundo, há uma outra coisa. Tenho a impressão de estar num caminho, e toda vez que avanço um passo o lugar onde eu me encontrava se desintegra. Às vezes, inclusive, o caminho começa a desmoronar sob meus pés, e tenho de apressar o passo para não ser levada de roldão.

Terceiro dia

1

Ao acordar, Adam anotou em seu caderno, com data de 22 de abril:

Naquela manhã de domingo eu entendi, num estalo, a falta que sentira todos aqueles anos da minha montanha, e o quanto tenho vontade de nela me deixar acalentar.

Sémi, bendita seja, reservou-me um quarto dando para o vale. Tenho uma mesinha bem perto da janela; para onde quer que olhe, vejo apenas os pinheiros de Alepo, a brisa que os acariciou, e gostaria de não mais sair daqui até o fim dos tempos. Lendo, escrevendo, devaneando, suspenso entre os picos arredondados e a extensão marítima.

Uma voz na minha cabeça não para de sussurrar que logo vou-me cansar. Que amanhã minha arrogância determinará que eu me vá, assim como hoje ordena que fique. E que então terei urgência de escapar daqui, exatamente como hoje tenho a de mergulhar fundo. Mas preciso calar essa minha Cassandra íntima.

Saindo lentamente de seu doce torpor, ele começou a folhear seu caderno em busca do relato iniciado na véspera, antes de ter sido interrompido pelos telefonemas de Tania e seu sobrinho, que o obrigaram a fugir da capital para encontrar refúgio na casa de Sémiramis.

A última frase dizia: "*Seis meses depois da morte de Bilal, haveria em nossas*

fileiras mais uma deserção: a minha."

Ele copiou essas palavras em outra página, como se quisesse mais facilmente retomar nos dedos o fio das reminiscências.

Meus amigos sempre acharam que eu me fora por um capricho súbito. Nada poderia ser mais falso. Eu mesmo dei crédito a essa tese durante muito tempo, para não precisar me explicar. Quando me enchiam de perguntas, eu contava que certa noite tinha tranquilamente anunciado a minha avó, em cuja casa vivia na época, que tomaria o barco para a ilha de Pafos no dia seguinte, e lá pegaria um avião para Paris. Dizendo isso, eu não estava mentindo, não declarava nada que não fosse verdadeiro, mas omitia o essencial. A saber, que a decisão anunciada naquele dia fora amadurecida durante muito tempo. E que às vezes eu me fechava no meu quarto durante horas com um livro, até que o deixava de lado, deitava-me na cama com os olhos bem arregalados e tentava imaginar o que seria do nosso país e de sua região depois dos anos de guerra, projetando-me mentalmente até a linha de chegada na qual Bilal gostaria de ter se posicionado para conhecer "o sentido da História".

Esse "sentido" não me encantava nem um pouco. Por mais que virasse e revirasse a coisa na cabeça, só via ao meu redor violência e regressão. Nesse universo levantino cada vez mais sombrio, eu já não tinha um lugar, nem fazia mais questão de encontrá-lo.

No fim de vários meses de meditação muda, prospecção fria e sonhos acordados é que minha decisão foi tomada. Certo dia, ela surgiu, mas havia se formado lentamente. E, por sinal, minha avó não ficou surpresa nem triste. Ela só tinha a mim no mundo, mas me amava por mim, e não por ela, e me queria ver em segurança, e não apenas entocado. Deu-me sua bênção para que eu me fosse tranquilo, sem remorsos.

Ao desembarcar na ilha, fui ao consulado francês, que solicitara uma recomendação do meu próprio consulado para me conceder visto. Exatamente, ainda era uma época civilizada! Não precisei sujar o polegar de tinta para deixar uma assinatura de paquiderme no registro, bastou a carta do meu cônsul. Ele a tinha redigido com sua mais bela pena enquanto eu bebericava um café num canto do seu escritório; e eu logo a havia levado à casa do cônsul da França, onde me ofereceram outro café.

Talvez eu esteja embelezando as coisas, não me lembro mais dos detalhes; mas me lembro dos sentimentos que eu tinha, e da impressão que esse episódio me deixou. Nenhuma amargura. Deixar o próprio país faz parte das coisas; às vezes, os acontecimentos o impõem; caso contrário, é preciso inventar um pretexto. Eu nasci num planeta, e não num país. É claro que também nasci num país, numa cidade, numa comunidade, numa família, numa maternidade, num leito... Mas a única coisa importante, para mim e para todos os seres humanos, é ter vindo ao mundo. Ao mundo! Nascer é vir ao mundo, e não a este ou aquele país, a esta ou aquela casa.

Isso, Mourad nunca foi capaz de entender. Ele até admitia que fosse necessário afastar-se por algum tempo da terra natal para se proteger no auge dos combates. Mas se alguém quisesse viver ano após ano num país estrangeiro, no anonimato de uma vasta metrópole, não era para ele apenas um abandono da pátria mãe, mas um insulto aos antepassados, e de certa forma uma mutilação da alma.

Embora continuasse acompanhando de perto o que acontecia no país, não pensei mais em voltar. Nunca dizia: "Eu não voltarei"; dizia: "Mais tarde", "Não neste verão", "Talvez no ano que vem". Prometia a mim mesmo, com um certo orgulho, voltar a me estabelecer no país apenas quando ele voltasse a ser aquele que eu conhecera. Eu sabia que era impossível, mas essa exigência não era passível de negociação. E ainda não é.

É a minha maneira de ser fiel, e eu nunca quis outra.

Aos poucos meus amigos entenderam que eu não voltaria.

E alguns me escreveram. Uns para me dar razão, outros para me passar sermão.

2

Adam levantou-se da mesa para apanhar na mala uma grossa pasta azul-celeste que trouxera de Paris. Nela havia a inscrição "Correspondência amigos", escrita com caneta pilot preta espessa. Ele a depositou na cama, deitou-se ao lado, abriu o elástico, tirou uma pilha de envelopes e começou a ler.

Só depois de uma hora ele se levantou, com algumas folhas na mão, para copiar certos trechos no caderno.

"Estão dizendo por aqui que você se foi para nunca mais voltar..."

Trecho de uma carta de Mourad com data de 30 de julho de 1978, e que me chegou a Paris por cortesia de um viajante.

"Toda vez que dizem isso na minha presença, eu faço cara de raiva. O que me dispensa de argumentar. Já que, de mim para você, não sei mais o que dizer. No ano passado, lhe esperamos o verão inteiro, e você não veio. Ao que parece, estava trabalhando. Eu achava que na França as pessoas tiravam férias no verão. Seja em agosto ou em julho. Ou então em setembro. Mas você, não! Estava trabalhando! Eu passava sermão nos nossos amigos: 'Vocês estavam pensando que ele se tornaria como as pessoas de lá, que o ano inteiro fingem estar trabalhando quando, na
verdade, não param de olhar o calendário das férias? Podem ficar tranquilos,

Adam não mudou, nunca vai mudar! Se esfalfa como um bom emigrante, dia e noite, como um verdadeiro emigrante daqui, debaixo de sol, debaixo de chuva, em qualquer tempo...'

Mas mentira tem perna curta, como diz o provérbio. Esta manhã, sua avó anunciou para todo mundo que você tirou um mês de férias e alugou uma casa nos Alpes. Ela parecia orgulhosa, que Deus a perdoe, e me mostrou a carta que recebera de você.

O que imediatamente me levou à decisão lhe escrever.

Não estou querendo pressionar você, mas se é verdade que não quer mais pôr os pés aqui, pelo menos me diga, seu animal, para que eu não fique mais me ridicularizando na tentativa de lhe defender! Se prefere os Alpes à montanha daqui, pelo menos tenha a coragem de me dizer!

Nossa montanha já era cantada na Bíblia quando os seus Alpes ainda não passavam de um acidente geográfico, de um vulgar "relevo". Os Alpes só entraram para a História quando nosso antepassado Aníbal os atravessou com seus elefantes para atacar Roma. E, por sinal, é o que ele deveria ter feito: investir diretamente contra a cidade e ocupá-la antes que ela nos viesse ocupar. Mas nada disso lhe interessa, imagino, você nem mesmo deve saber mais quem era Aníbal.

Uma casa nos Alpes, seu traidor? Quando tantas casas aqui estão à sua espera, a começar pela minha? Você deveria se envergonhar! (...)

Tania está mandando um beijo. Ela, talvez, mas não eu! Não conheço mais você!"

No mesmo envelope, havia uma segunda carta.

De início, ao dar com essa folha rosada, quase transparente, dobrada em quatro, identificando a caligrafia fina de Tania, achei que talvez ela pudesse tê-la introduzido sem o conhecimento de Mourad. Mas logo percebi que evidentemente ele tinha concordado em que a mulher juntasse suas palavras às dele. Pois, na verdade, mesmo parecendo retificar o tiro, ela é que me

dirigia as recriminações mais duras.

"Meu tão querido Adam,

Tenho certeza de que você será capaz de ver na carta de Mourad um gesto de afeição dissimulado, por pudor masculino, sob a rude repreensão.

Será que preciso dizer que você deixou na vida dos amigos um vazio que não foi preenchido por nada nem ninguém? E que sua ausência é ainda mais duramente sentida nesses anos de desvario? Se estivesse à minha frente, estaria fingindo espanto, mas eu não acreditaria. Eu sempre vi na sua aparente modéstia antes um sinal de boa educação que uma verdadeira humildade. Sob a aparência afável, cortês e tímida, você é a criatura mais orgulhosa que eu conheço.

Não proteste! Você sabe que é verdade, e sabe que o digo como uma irmã amorosa. Você é a criatura mais orgulhosa, sim, e também — vai protestar ainda mais enfaticamente — a mais intolerante. Um amigo o decepciona? Deixa de ser seu amigo.

O país o decepciona? Deixa de ser seu país. E como você se decepciona com facilidade, vai acabar sem amigos e sem pátria.

Eu gostaria tanto que minhas palavras lhe fizessem algum efeito. Que pudessem convencê-lo a se mostrar tolerante com este país, a aceitá-lo como é. Ele será sempre um país de facções, de desordem, privilégios, nepotismo e corrupção. Mas é também o país da vida amena, do calor humano, da generosidade. E dos seus amigos mais autênticos.

Uma outra qualidade da nossa pátria é que podemos encontrar nela um oásis de despreocupação. Mesmo quando todos os bairros da cidade estão em chamas, nossa aldeia, nossa velha casa e seu grande terraço continuam exatamente como você os conheceu. É aonde alguns amigos vêm ao nosso encontro de vez em quando, como antigamente. Outros não vêm mais; continuaremos a sentir falta deles, e eu tenho a fraqueza de acreditar que nós também fazemos falta a eles.

Mourad está sempre me repetindo que você não significa mais nada para ele, o que quer dizer exatamente o contrário. Diz também que você se transformou num estrangeiro e que no futuro haverá de sê-lo ainda mais, no que provavelmente tem razão. Mas ainda assim te mando um beijo, com todo o meu afeto...”

Guardei essas cartas com todo o cuidado, mas não me lembro de ter respondido.

Se na época era complicado receber correspondência do país, era ainda mais arriscado conseguir que chegasse lá. Como os correios não funcionavam mais, era preciso pedir ajuda a algum viajante, para entrega em caráter pessoal. Missão que podia revelar-se perigosa. O portador precisava às vezes entrar em zona de combate; e se não quisesse correr riscos e pedisse ao destinatário que fosse buscar seu envelope, este último é que podia então enfrentar perigo de morte.

Por este motivo, não escrevíamos mais aos que haviam ficado. Telefonávamos. Ou pelo menos tentávamos. Sem êxito, em noventa por cento das ocasiões, mas às vezes a chamada se completava. Tratávamos então de rapidamente dizer o essencial nos primeiros segundos, pois a linha podia cair a qualquer momento. Pedíamos informações sobre a saúde dos parentes; tomávamos nota de algum pedido urgente (com prioridade para remédios que não eram encontrados localmente); comentávamos as cartas recebidas ou enviadas; mencionávamos os parentes e conhecidos que tinham partido ou se preparavam para fazê-lo. E então, se as Parcas do telefone se mostrassem clementes e a linha não fosse cortada, nos permitíamos o luxo de falar de alguma outra coisa.

Mourad alegava que numa de nossas conversas eu lhe teria dito, respondendo a suas críticas: “Eu não fui para lugar nenhum, o país é que se foi.” É possível que o tenha dito. Na época, eu costumava dizê-lo, essa tirada me agradava. Mas não passava de um gracejo. Claro que fui eu que parti.

Tomei a decisão de ir embora como poderia ter tomado a decisão de ficar.

O que não quer dizer que seja culpa minha, se é que existe culpa. Todo homem tem o direito de partir, o seu país é que deve convencê-lo a ficar, não importando o que digam os políticos grandiloquentes. "Não pergunte o que seu país pode fazer por você, mas o que você pode fazer pelo seu país." É fácil dizer quando se é milionário e se acaba de ser eleito presidente dos Estados Unidos da América aos 43 anos! Mas, quando você não pode trabalhar na sua nação, nem se tratar, nem ter onde morar, nem se instruir, nem votar livremente, nem manifestar sua opinião ou mesmo circular como bem quiser pelas ruas, de que vale a exortação de John F. Kennedy? Certamente de quase nada!

É ao seu país que cabe, em primeiro lugar, assumir certos compromissos com você. Que nele você seja considerado um cidadão de pleno direito, não sendo submetido a opressão, discriminação nem privações indevidas. O seu país e seus dirigentes têm a obrigação de garanti-lo; caso contrário, você não lhes deve nada. Nem

vínculo ao solo, nem saudação à bandeira. Ao país onde você pode viver de cabeça erguida, você dará tudo. Em nome dele, tudo poderá sacrificar, até a própria vida. Àquele onde seja obrigado a viver de cabeça baixa, não deve nada. Seja o seu país de origem ou aquele onde foi recebido. Magnanimidade gera magnanimidade, indiferença gera indiferença, desprezo gera desprezo. É a carta dos seres livres, e quanto a mim, não reconheço nenhuma outra.

Portanto fui eu que parti, por livre e espontânea vontade, ou quase. Mas não estava errado ao dizer a Mourad que o país é que se fora, igualmente, e para muito mais longe que eu. Em Paris, afinal, estou a apenas cinco horas de avião da minha cidade natal. O que eu fiz anteontem, poderia ter feito em qualquer dia nos últimos anos: tomar pela manhã a decisão de voltar ao país e me encontrar aqui na noite do mesmo dia. O antigo apartamento da minha avó ficou durante muito tempo à minha disposição; eu poderia ter voltado a morar nele, para nunca mais sair. Nem no dia seguinte, nem no mês seguinte, nem mesmo no ano seguinte.

Por que então nunca dei esse passo? Porque a paisagem da minha infância se transformou? Não, não se trata disso, em absoluto. O fato de o mundo de ontem desaparecer está na ordem das coisas. Assim como o fato de sentirmos uma certa saudade dele.

É fácil se consolar do desaparecimento do passado; é do desaparecimento do futuro que não conseguimos nos recuperar. O país cuja ausência me entristece e obceca não é o que eu conheci na juventude, mas aquele com o qual sonhei, e que nunca chegou a ver a luz do dia.

Estão sempre me dizendo que o nosso Levante é assim mesmo, que não vai mudar nunca, que sempre haverá facções, privilégios, suborno, nepotismo obsceno, e que não temos outra escolha senão aceitar. Como eu não aceito nada disso, sou tachado de orgulhoso e até de intolerante. Mas será que é orgulho querer que seu país seja menos arcaico, menos corrompido e menos violento? Será que é orgulho ou intolerância não querer se contentar com uma democracia mais ou menos e uma paz civil intermitente? Se for, assumo plenamente meu pecado de orgulho e amaldiçoo a virtuosa resignação dos outros.

Mas esta manhã, na casa de Sémi, eu redescubro a alegria carnal de me sentir na minha terra natal.

Escrevo estas palavras como se precisasse voltar a aprendê-las. Minha terra natal. Meu país. Minha pátria. Conheço perfeitamente seus problemas, mas nesses dias de reencontro não tenho vontade de lembrar a todo momento que estou apenas de passagem e que trago no bolso a passagem aérea de volta. Preciso acreditar que resido aqui por um período indeterminado, que meu horizonte não está cheio de datas e obrigações e que vou permanecer neste quarto, nesta pensão na montanha, pelo tempo que for necessário.

Sei que chegará o momento — daqui a dois dias, duas semanas, dois meses — em que mais uma vez me sentirei compelido para a porta de saída; seja pelo comportamento dos outros, seja por minha própria impaciência. Por

enquanto, contudo, proíbo-me de pensar isso. Vivo, respiro, recordo-me.

3

Adam despejou na cama o conteúdo de sua pasta azul-celeste, espantado com tanta coisa que ali acumulara ao longo dos anos. Não apenas cartas, como anunciava a inscrição na capa, mas também recortes de imprensa, fotos de identidade, fotos de grupo e também seu primeiro documento de identidade no exterior.

Qual a lógica que o levara a incluir tal documento numa pasta com a inscrição "Correspondência amigos"? Ele não tinha a menor ideia; era como se descobrisse uma outra identidade sua cujos motivos agora lhe pareciam difíceis de entender.

Cabe supor que, para o emigrante que eu era então, tornar-se residente de um outro país não era uma simples questão burocrática, mas uma escolha existencial; e que as palavras dos meus amigos não eram para mim simples opiniões, mas vozes internas. Hoje, por mais que me esforce, não consigo resgatar meus sentimentos da época, nem entrar de novo na pele do jovem emigrante de então.

Um historiador deve saber que a racionalidade é uma questão de datas. Limito-me, assim, a lembrá-lo, sem insistir. Para então voltar a minhas lembranças.

Tantas vezes Tania me escreveu dizendo que era para mim "uma irmã",

"uma irmã mais velha" ou "uma irmã amorosa"! Era o seu jeito de me demonstrar ternura, ao mesmo tempo evitando qualquer ambiguidade. Estou falando, é claro, do passado distante. Desde a briga entre mim e seu marido, nós nos falamos muito raramente, e sem grande afeto. Sobretudo nos últimos dias...

Era inevitável, mas eu o lamento um pouco. Ela e eu, desde nosso primeiro encontro, na cantina da universidade, sentimos amizade. Mais que amizade? Talvez, não sei... Para mim, é difícil dizê-lo, tantos anos depois. Eu sempre poderia escavar na memória para tentar lembrar se, aos 17 anos, também havia outra coisa no olhar que a ela eu dirigia. Mas não vejo utilidade nesse tipo de introspecção. O amor não é um fio vermelho que precise ser separado dos fios brancos, ou negros, ou dourados, ou rosados, levando os nomes de "amizade", "desejo", "paixão" ou sabe Deus o que mais. Certamente havia mil sentimentos indeslindáveis no coração do adolescente que eu era. Mas eu sempre conheci Tania com Mourad, nunca me vi "com ela" nem nunca guardei disso o menor ressentimento.

Dito isso, na época eu tinha por ela um afeto profundo que não quis questionar, não obstante o que aconteceu com seu marido. Porque a considero inocente? Não realmente. Nunca somos completamente inocentes dos atos daqueles que amamos. Mas será que por isso devemos renegá-los? Será que Tania devia ter-se afastado de Mourad quando ele começou a se comportar de forma indigna? Não creio. Ela tinha de ficar ao seu lado. Mas o fato é que essa cumplicidade com seu homem a tornou necessariamente cúmplice. Isso mesmo, os fios da consciência são tão difíceis de deslindar quanto os dos sentimentos.

Seria muito fácil se, nos caminhos da vida, tivéssemos apenas de escolher entre a traição e a fidelidade. Muitas vezes somos obrigados a escolher, isso sim, entre duas fidelidades inconciliáveis;
ou, o que dá no mesmo, entre duas traições. No meu caso, um belo dia, no calor dos acontecimentos, tive de fazer minha escolha, Mourad teve de fazer a

sua, e assim também Tania. Balanço de nossas traições: um exilado, um culpado, uma cúmplice. Mas também é, claro, o balanço de nossas fidelidades.

Ficando ao lado de Mourad, Tania tornou-se sua cúmplice, mas seria desprezível se o tivesse largado. É assim. Às vezes, os compromissos que assumimos aos 20 anos não podem mais ser renegados, e o mais honroso ainda é assumi-los plenamente. Eu não a condeno, como tampouco a absolvo. De qualquer maneira, não sou um tribunal.

Não julgo? Sim, eu julgo, passo o tempo todo julgando. Fico profundamente irritado com essas pessoas que perguntam, deixando transparecer no olhar um falso horror: "Mas você não estaria me julgando?" Sim, é claro, estou julgando, não me canso de julgá-lo. Toda criatura dotada de consciência tem obrigação de julgar. Mas as sentenças que determino não afetam a vida dos "réus". Eu concedo minha estima ou a retiro, doso minha afabilidade, suspendo minha amizade à espera de provas adicionais, afasto-me, volto a me aproximar, desvio-me, concedo sursis, passo a borracha — ou finjo. Na maioria dos casos, os interessados nem se dão conta. Eu não divulgo meus julgamentos, não gosto de dar lições, a observação do mundo gera em mim apenas um diálogo interior, um interminável diálogo comigo mesmo.

No caso de Tania, eu a teria julgado com severidade muito maior se sua escolha inicial tivesse sido feita por maus motivos. Isto é, como se, aos 20 anos, ela estivesse apaixonada por um homem detestável — conquistada por sua fortuna, seu nome de família, ou, pior ainda, seu pulso forte, seu temperamento "másculo". Confesso que não tenho muita condescendência com esse tipo de desvario. Mas não foi esse o caso. O Mourad que eu conheci na juventude, entendo perfeitamente que ela o tenha amado. Era um homem caloroso, sua casa estava constantemente de portas abertas, e ele alegrava-se em receber os amigos e fazê-los sentir-se em casa.

Tinha, portanto, generosidade, além de senso de humor e uma inteligência sutil, embora isso não pudesse ser percebido à primeira vista. Mourad gostava

de bancar o montanhês meio bruto, mas era apenas um jogo que lhe permitia dizer sempre o que
pensava. Quantas vezes não saíram de sua boca verdades
cruas que, se tivessem partido de alguém mais — de mim, por exemplo —, teriam parecido brutais ou perniciosas, capazes de acabar com anos de amizade. Partindo dele, eram aceitas, ninguém o censurava, todos pensavam "É o Mourad!", e dois terços da falta eram perdoados.

Assim, graças ao personagem que construiu, ele gozava de grande liberdade. Dizendo "construiu", pareço estar insinuando que seu comportamento resultava de um cálculo habilidoso. Sim e não. Era o seu comportamento natural, mas ele jogava com ele com muito talento. Como esses grandes atores que se valem de seu temperamento real para dar consistência ao personagem que encarnam no palco.

Entendo que Tania tenha se deixado levar por seu encanto, era o que acontecia a todos nós, e talvez até um pouco mais comigo do que com os outros.

O que me fascinava em Mourad quando o conheci na universidade era que ele dava a sensação de já ter vivido muito. Em nosso grupinho, havia alguns mais jovens que eles, outros mais velhos, mas para todos nós ele era o irmão mais velho. Era ele que tomava por nós as decisões cotidianas. Um líder? Não, nós não queríamos saber de líder, recusávamos autoridades e hierarquias. Mas ele tinha uma certa primazia.

Muito cedo ele teve de assumir responsabilidades de homem,
o que lhe conferira maturidade. Seu pai morrera aos 44 anos de um ataque cardíaco. Mourad tinha sete anos, era filho único, sua mãe tinha 28 e nunca voltou a se casar. Vivia até então à sombra do marido, e a partir dali optou por viver à sombra do filho.

Ela o consultava sobre tudo, dependendo dele para todas as decisões. Fosse na escolha da escola, na compra de um carro, no salário do jardineiro, na

venda de um terreno, na reforma de um telhado ou de um muro, ela expunha ao filho vantagens e desvantagens, promovia seu encontro com as pessoas envolvidas e depois lhe pedia que tomasse a decisão por conta própria.

Ele era como aqueles filhos de reis que subiam ao trono ainda na infância e eram obrigados a se comportar como adultos. De certa forma, sua mãe era a regente.

Quando conheci Mourad ele tinha 19 anos, e a consideração que merecia da mãe podia ser vista como uma manifestação de modernidade. Acabávamos de sair da década de 1960, e certos pais queriam bancar ser amigos dos filhos. Mas logo eu entendi que, no caso da mãe de Mourad, não era o que acontecia. Era, inclusive, o contrário: um arcaísmo persistente, mais que uma modernidade precoce. Se ela tivesse uma filha única, creio que a teria tiranizado. Diante do filho, aquele pedacinho de homem, ela se prostrava em adoração. Não o tratava como "amigo", mas como senhor, e estava convencida de desempenhar o papel que lhe fora destinado por toda a eternidade.

Comportando-se assim, desde muito cedo ela lhe dera auto-confiança, orgulho de ser o que era e do que possuía, e um inegável senso do dever, pelo menos em relação aos seus. Sem sabê-lo, também contribuiu para sua infelicidade.

Ela se chamava Aída. Vestia-se constantemente de preto, como se o marido tivesse acabado de morrer. Mas era uma mulher afável, muitas vezes até jovial, e não destituída de senso de humor. Creio que gostava de mim, pelo menos enquanto fui o melhor amigo do seu filho.

Mourad disse-me um dia que, quando se desentendia com alguém, evitava dizê-lo à mãe, pois imediatamente ela ficava de tal maneira indignada com a outra pessoa que impossibilitava
qualquer reconciliação. Tenho para mim que ela me detestou ao longo dos últimos anos.

Ainda estaria viva? Não sei. Provavelmente não. Caso contrário, eu a teria visto ontem na clínica.

4

Sémiramis bateu na porta de Adam e lhe deu um prato de frutas, com cerejas muito vermelhas, damascos, ameixas brancas e uma manga do Egito. Ele agradeceu e lhe retribuiu com um beijo no rosto, sem tentar retê-la.

Para deixar claro que respeitava seu desejo de não ser incomodado, ela se limitou a sussurrar:

— Quando quiser jantar, é só dizer.

Ele aquiesceu com a cabeça e os olhos; depois, sem esperar que ela fechasse a porta ao sair, voltou a mergulhar em seus velhos papéis.

Em agosto de 1978, poucos dias depois da dupla carta de Mourad e da mulher, recebi uma outra de um amigo, Albert, igualmente trazida a Paris por um viajante de passagem, e em contradição com a anterior. Eu as guardava juntas desde essa época, presas por um grande clipe. Mas ele enferrujou; sua marca sépia agora está impressa na frente de uma e no verso da outra.

"Meu caríssimo Adam,

O maluco do Mourad está alardeando que lhe escreveu ontem 'coisas que você precisava ouvir antes de ficar completamente surdo'. Não sei o que foi que ele lhe contou, mas de certa maneira posso adivinhar, e me sinto no dever de lhe mostrar o outro lado da moeda.

Em primeiro lugar, peço que não queira mal a nosso amigo em comum, o

que quer que ele lhe tenha escrito. Nem eu nem você jamais o cultivamos por sua sutileza, não é mesmo? Tampouco por sua cultura, pois as coisas que ele sabe foram apreendidas de maneira enviesada, se entende o que quero dizer. Nós gostávamos dele por ser caipira brutamontes que fala sem pensar muito, e porque suas grosserias têm no fundo uma grande bondade. E também gostávamos dele por causa de Tania... Dito isso, se decidir responder, não o poupe!

Vou agora contar a verdade sobre nossa vida cotidiana. Verdade que nosso amigo em comum tratou de lhe esconder.

Escrevo-lhe estas poucas linhas à luz de vela. Aqui temos direito à eletricidade apenas duas horas por dia, e esta noite não devo mais contar com ela. De qualquer maneira, ainda não sei como lhe enviar a carta quando a tiver terminado. Um vizinho meu, Khalil, deve viajar para a França dentro de alguns dias. Talvez lhe entregue estas páginas, a menos que ele mude de ideia, e neste caso eu teria de buscar outro viajante...

Num país normal, você escreve, cola um selo, coloca o envelope numa caixa postal. Aqui, esta situação banal, que se repete milhões de vezes por dia em todos os recantos do planeta, tornou-se impensável.

A que ponto chegamos! Nos correios, na eletricidade, em tudo mais. O tráfego aéreo funciona aos trancos, quando não há algum sequestro a caminho do aeroporto. Os prédios são barricadas; as ruas são corredores de tiro; os arranha-céus
são mirantes de concreto armado. O parlamento não é mais um parlamento; o governo não é mais um governo; o exército não é mais um exército; as religiões não são mais religiões, mas
facções, partidos, milícias...

Há pessoas que ficam espantadas diante de um país tão diferente. De minha parte, não vejo nada de admirável nisso, nada de divertido, nada que me deixe orgulhoso. Sonho tolamente com um país como qualquer outro. A gente pressiona um interruptor e, clique, a luz se acende! Abrimos a torneira

azul, e sai água fria; abrimos a torneira vermelha, e temos água quente. Tiramos o telefone do gancho e, surpresa!, ouvimos o sinal. Meus vizinhos dizem que se eu fosse mais paciente, se grudasse o telefone na orelha e suspendesse a respiração, acabaria ouvindo um débil clique, sinal de que a linha está chegando.

Nunca serei tão paciente assim... É verdade que meus antepassados viveram durante séculos sem correios, sem telefone, sem água corrente, sem eletricidade, e que, teoricamente, nada me impede de fazer o mesmo. Só que eles não tinham elevadores, nem moravam, como eu, no sexto andar, com uma vista inigualável para os fogos de artifício!

Em suma, você fez muito bem em ir embora, e está com toda a razão em passar as férias nos Alpes. Naturalmente, seus amigos gostariam de voltar a vê-lo, mas a única pessoa que realmente está preocupada com a sua situação é a sua avó. E toda vez que vou visitá-la ela me diz que está feliz por saber que você está longe, em segurança, embora não possa mais vê-lo.

De minha parte, digo-lhe exatamente a mesma coisa: fique onde está! Cuide-se! Aproveite a vida! E de vez em quando beba à saúde do seu fiel amigo,

Albert"

Adam pôs de novo a carta no envelope, e o depositou na mesa. Ele trazia seu nome, em cuidadosa caligrafia, e seu endereço da época.

Em seguida, apanhou na cama um outro envelope que já havia retirado da pasta e o colocou ao lado do primeiro. A mesma letra, o mesmo destinatário, o mesmo endereço. Idênticas, com apenas uma diferença: a primeira não tinha selo, a segunda trazia um com a imagem de Marianne,* carimbado no aeroporto parisiense de Orly, onde tinha sido feita a postagem em dezembro de 1979.

Entre as duas cartas, apenas dezesseis meses. Mas um universo de diferença. O que tinha a primeira de animada, revoltada, combativa, a segunda tinha de muda e resignada; continha apenas um cartão de um branco gélido, tendo no centro, em cinco pequenas linhas:

"Albert N. Kithar
deixou-nos ontem
por sua própria vontade.
Que seus amigos o perdoem,
e se lembrem dele ainda vivo."

Ao copiar em seu caderno estas palavras escritas e impressas vinte anos antes, Adam tomou o cuidado de dispô-las da mesma maneira. Voltou a lê-las, e as leu ainda uma vez. Depois, espreguiçou-se, mas se interrompeu no meio e assim ficou, com o gesto suspenso, como um pássaro paralisado que não consegue mais bater asas e voar.

Passou-se um longo minuto até que ele repousasse de novo os cotovelos na mesa para voltar a escrever.

Ter nas mãos uma carta informando que um ente querido acaba de pôr fim aos seus dias é uma das piores provações pela qual um homem pode passar. Eu já o tinha lido nos livros, já
o vira no cinema, mas é muito diferente vivenciar pessoalmente essa provação. Lembro que minhas mãos não paravam de tremer.
Eu tentava acalmá-las, mas não conseguia. Tentava chamar minha companheira, que na época era Patricia. Ela estava bem perto, no banheiro, mas minha voz não chegava a ela. No fim, eu mal conseguira dar um pio sufocado. Ela veio ao meu encontro, afobada, achando que eu estava passando mal. Eu simplesmente lhe estendi o comunicado. E só quando ela o tirou das minhas mãos é que elas pararam de tremer.

A outra lembrança que me ficou desse terrível episódio é de uma extrema impotência. Não só a impotência invariavelmente vinculada ao ato irreparável e ao afastamento. Também havia nesse dia uma impotência a mais, ligada aos acontecimentos pelos quais o país passava.

Eu tentara entrar em contato com Tania e Mourad, e depois com outros amigos e minha avó, mas sem êxito. Os telefonemas não se completavam. Durante horas, o dia inteiro e até o anoitecer, eu e Patricia tínhamos nos alternado. Simplesmente não havia mais linha telefônica. Na melhor das hipóteses, ouvíamos um clique ao longe, seguido de um silêncio chiado, ao qual se seguia o "tuu tuu tuu" característico de linha ocupada; ou então era a voz feminina gravada afirmando que a chamada não podia ser completada, e convidando a tentar mais tarde, mais tarde, mais tarde...

Quando finalmente a linha foi restabelecida, por algum motivo misterioso, e pudemos ouvir a voz de Tania, já passava da meia-noite.

— Espero não tê-la acordado. Tentei ligar mais cedo...

— Não precisa se desculpar, nós nunca vamos dormir antes das duas horas da manhã. Estou feliz por falar com você. Vou passar para o Mourad.

As primeiras palavras de seu marido eram de sarcasmo:

— Deixe-me adivinhar, Adam. Você está telefonando para dizer que voltará a viver entre nós, é isso?

Normalmente eu respondia no mesmo tom. Mas nesse dia fiquei sério, e um pouco frio.

— Não é para já, Mourad... Queria apenas saber se você está bem.

— Aqui na aldeia as coisas vão indo. Na cidade, à noite, ainda há alguns tiros, algumas explosões. Confrontos de menor importância entre este ou aquele bairro. O de sempre, em suma. Nada grave...

— Tem notícias de Albert?

— Não, nem quero ter.

Eu estava para lhe falar do comunicado, mas ao ouvir sua reação contive-me. Era evidente que ele não recebera a mesma correspondência que eu.

Preferi então deixar que ele falasse, antes de lhe dar a notícia.

— Se bem entendo, vocês brigaram...

— Ele estava ficando insuportável! Não parava de se queixar: "Minha eletricidade foi cortada", "Meu telefone não funciona", "Não tenho água quente", "Não consigo mais dormir por causa das explosões". Como se ele fosse o único, como se a guerra fosse travada pessoalmente contra ele... Toda vez que vinha a nossa casa, começava a gemer: "Por que ficamos aqui?", "Como é possível viver num país assim?" Já estava ficando desagradável. Quando ele estava conosco, Tania não parava de chorar. A situação já é suficientemente deprimente. Os amigos deveriam servir para reconfortar e distrair, e não para deprimir ainda mais. Outro dia, me cansei e disse-lhe que não queria mais vê-lo aqui!

— Você errou, Mourad! Nunca deveria ter feito isto!

— Ele mereceu!

Li então para ele o texto do comunicado. Ele murmurou três, quatro vezes seguidas: "Meu Deus! Meu Deus!" Sua voz não era mais a mesma. Ele devia estar lívido. Eu ouvia Tania a seu lado, perguntando o que tinha acontecido. Mourad passou o telefone para ela. Eu li as cinco linhas fatídicas. E ela por sua vez murmurou: "Meu Deus!", e depois: "Deus nos perdoe!"

Querendo atenuar um pouco o efeito do que acabava de lhes apresentar no meio da noite, eu disse, acreditando apenas parcialmente:

— Talvez nem tudo esteja perdido. Quando Albert me mandou esta mensagem, ainda estava vivo, e não é certo que tenha cumprido a ameaça. Não é fácil se matar, é um gesto brutal, um homem pode vacilar no último momento. Eu estava telefonando para lhes apresentar meus pêsames, pensava que já estariam a par de sua morte, e que estariam arrasados. O fato de não terem sido informados até agora me deixa mais tranquilo. Talvez nada tenha acontecido ainda, talvez ele tenha mudado de ideia.

— Sim, talvez — disse-me Tania, tampouco parecendo acreditar muito.

Mourad telefonou-me na manhã seguinte para dizer que tinha arrombado a porta do apartamento de Albert, e que ele não se encontrava. Nem vivo nem morto. Há dias os vizinhos não o viam, e ninguém sabia onde ele estava.

Minha avó tampouco tinha notícias suas. Eu a sondara com todas as precauções, evitando qualquer menção do seu desaparecimento, alegando que tinha uma mensagem para ele, que não conseguia encontrá-lo. Esperava que ela respondesse que, justamente, ele tinha ido procurá-la. Sabia que desde a minha partida Albert a visitava regularmente. De todos os meus amigos, ele era o mais atencioso com ela, e também o seu preferido. Quando ela o via chegar em minha companhia, seu rosto sempre se iluminava;
e quando se passavam duas semanas sem que ele aparecesse, ela me perguntava por que não o víamos mais.

— Esse rapaz é sozinho no mundo — dizia-me às vezes, como se quisesse se desculpar por essa ternura maternal com um estrangeiro.

Com efeito, Albert não tinha família. Até onde vão minhas lembranças — e nós nos conhecemos desde a infância! —, ele sempre foi sozinho. Seu pai trabalhava na África, e sua mãe vivia internada num sanatório na Suíça; depois, eles morreram, ela da sua tuberculose, segundo se dizia, e ele, assassinado. Se quisesse ser rigoroso, eu deveria pontuar cada frase com "pelo que se diz" ou "pelo que se dizia", pois Albert nunca falava dos seus, salvo em vagas alusões. Mesmo quando nos tornamos amigos próximos, eu nunca senti que pudesse tratar dessa questão livremente com ele.

O que eu sabia, ou julgava saber, se originava dos cochichos da escola. Nós sempre estudamos juntos, com os jesuítas. Devo tê-lo encontrado pela primeira vez quando tinha 6 anos, e ele, 7. O que não significa que fôssemos amigos desde pequenos. Ele era interno, e eu, externo, e essas duas "tribos" se cruzavam muito pouco. No fim do período letivo, nós entrávamos nos ônibus que nos levavam cada um para sua família. Mas eles, os internos, ficavam lá mesmo, juntos.

Em certo sentido, o caso de Albert era perfeitamente comum. Quando um

aluno vivia na escola, era porque os pais estavam ausentes. Mas é claro que havia diversos tipos de ausência, e os boatos não eram sempre iguais. Nem todas as mães ausentes eram consideradas tuberculosas, nem todos os pais ausentes acabavam assassinados. Um traficante? Na escola, era o boato que corria. Talvez fosse um honesto comerciante, um intermediário imprudente, um construtor de estradas ou até um funcionário da administração colonial. Mas nos cochichos dos alunos voltava sempre a palavra levantina "meharrebji"*, meio árabe, meio turca, que significa contrabandista. De minha parte, nunca quis embaraçar o filho com perguntas. Pensando bem, acho que foi a minha discrição que acabou nos aproximando, e que depois reforçou nossa amizade. Comigo, ele não precisava estar sempre na defensiva.*

O certo é que Albert nunca viveu com os pais, e que seu pai teve morte violenta na época em que estávamos no quinto ano.

Normalmente, quando morria um parente próximo de um aluno, ele ia ficar alguns dias com a família. Albert não fora a lugar nenhum. Aparentemente ele não tinha ninguém no país. Ficara na escola, sendo apenas dispensado de assistir às aulas durante um ou dois dias.

Uma missa foi rezada em memória do pai morto.

— Pensem em favor do colega de vocês, Albert, que acaba de perder o papai! — dissera o padre, exortando o aluno a não permitir que seu coração fosse tomado pelo ódio, confiando à justiça de Deus e à dos homens a punição dos culpados. Foi assim que ficamos sabendo que houvera um assassinato.

Naturalmente, todos os olhares se voltaram para o interessado, que não estava em prantos, como eu esperava vê-lo. É verdade que ele não acabava de perder o pai, mas o havia perdido há muito tempo — poderíamos mesmo dizer desde sempre.

Nossa amizade cresceu junto conosco, lentamente. No início, Albert era para mim apenas um colega entre centenas de outros. Inclusive, quando estivemos em certos anos na mesma turma, nunca nos sentávamos lado a lado.

Lembro-me da primeira vez que ele me chamou a atenção. Um jovem professor inexperiente acabava de anunciar que promoveria uma excursão, imprudentemente convidando os alunos a se inscreverem numa folha que se encontrava em sua mesa e esclarecendo que só poderiam participar os dez primeiros. Todos os nossos colegas haviam acorrido ao mesmo tempo, o que imediatamente provocou tumulto, atropelo, disputas, gritos. Eu fiquei no meu lugar, e claramente ouvi alguém murmurar atrás de mim:

— Que bárbaros!

Voltei-me, nossos olhares se cruzaram e nós sorrimos. Foi nesse momento que nasceu nossa amizade.

Creio que Albert disse a mesma coisa no dia em que foi informado da morte violenta do pai; e também, bem mais tarde, quando teve de contemplar os "fogos de artifício" da guerra da janela do seu apartamento no sexto andar.

— Que bárbaros!

Já era noite, naquele domingo, quando Sémiramis foi bater à porta de Adam, menos discreta que durante o dia.

— Posso trazer alguma coisa para comer, se quiser, mas sinceramente acho que você devia parar um pouco. Está trabalhando desde o alvorecer. Não quer juntar-se a mim na sala de jantar?

— Como ontem?

— Como ontem. Os mesmos *mezzés*, o mesmo champanhe, a mesma temperatura. E a mesma anfitriã, naturalmente...

Suas palavras vinham acompanhadas de um sorriso tentador, ao qual seria inútil tentar resistir.

Dez minutos depois, os dois estavam sentados no mesmo lugar da véspera. A hoteleira poderia ter acrescentado: mesmo garçom, mesmas velas.

Ela deixou que o amigo desse algumas garfadas, tomasse alguns goles, para então dizer, com ar distraído:

— Suponho que não seria adequado à dona da hospedagem perguntar ao cliente a que trabalho se dedica no momento. Você nunca sai, mal fala, e se não tivesse sido obrigado, nem teria vindo comer. Além do mais, está todo despenteado e parece cansado, como se estivesse saindo de uma briga...

Adam limitou-se a dirigir-lhe um sorriso, acompanhado de um tapinha benevolente no braço. Depois, passou os dedos nos cabelos, como um pente grosseiro. Ela esperou. O silêncio prolongou-se. Passados dois intermináveis minutos, quando a "proprietária", perdendo as esperanças de conseguir uma resposta, já se preparava para mudar de assunto, seu "cliente" disse, em tom falsamente contrito:

— Tenho um defeito muito comum entre os historiadores: interesso-me mais pelos séculos passados do que pela minha época,
e muito mais pela vida dos meus personagens do que pela minha. Pergunte-me sobre as guerras púnicas, sobre a guerra da Gália ou as invasões bárbaras, e eu não paro de falar. Fale das guerras que eu
mesmo vivi, no meu país, na minha região, dos combates de que fui às vezes testemunha ocular, nos quais perdi amigos, dos quais quase cheguei a ser uma das vítimas, e não conseguirá tirar de mim mais de duas ou três frases. Pergunte-me sobre Cícero ou Átila, e verá minha loquacidade. Fale-me da minha própria vida, da vida dos meus amigos, e eu fico mudo.

— Por quê?

— O primeiro motivo tem a ver com minha profissão, como já disse. Quando um historiador diz "minha época", a época em que pensa espontaneamente não é aquela em que nasceu, e que não escolheu, mas aquela a que decidiu dedicar a vida. No meu caso,
a época romana. Dito isso, não me iludo, e não pretendo "bancar o avestruz", como se diz. O historiador não é obrigado por nenhum "juramento de Heródoto" a se fechar nos limites de sua especialidade. A verdade é que sempre me senti desconfortável, de uma maneira doentia, toda vez que me arrisquei a falar de mim, do meu país, dos meus amigos, das minhas guerras. Mas há dois

dias, desde que cheguei aqui, tento superar essa dificuldade, para não dizer essa enfermidade.

— E está conseguindo?

— Não completamente. Às vezes, consigo reunir as lembranças para contar um episódio. Mas quase sempre me perco em devaneios, lembranças, remorsos...

Como se quisesse ilustrar o que acabava de dizer, ele se calou,
e seu olhar perdeu-se ao longe. Sua amiga deixou-o à deriva por longos segundos, para em seguida trazê-lo de volta à Terra, fazendo-lhe outra pergunta:

— E está pensando nisso há muito tempo?

— Nessa enfermidade mental? Sim, há anos. Mas eu convivia com ela, não tentava superá-la. Tinha projetos muito bem-definidos para o meu ano sabático. Mas aí os fantasmas da juventude voltaram a surgir na minha vida. De repente! Há 72 horas, eu nem pensava em fazer esta viagem. E mesmo ontem, ao chegar aqui...

Mais uma vez ele se calou, e de novo seu olhar perdeu-se ao longe. Era evidente que ele ainda tentava entender, mas só interiormente,
e sua interlocutora tinha a sensação de que ele nem se dava conta de que não lhe dirigia mais a palavra.

Adam só se voltou de novo para ela para dizer, com ar prostrado:

— Eu deveria estar avançando na minha grande biografia de Átila, que o meu editor espera há quinze anos.

Foi então a vez de Sémiramis pousar no braço do amigo uma mão protetora.

— Você parece cansado de novo. Não diga mais nada! Voltaremos a falar disso mais tarde, mais tarde!

Nota:

* Figura feminina que simboliza a França. (N. T.)

Quarto dia

1

No exato momento em que abriu os olhos, Adam voltou a escrever.

O garçom que lhe trazia o café da manhã já o encontrou sentado à mesa, debruçado sobre seu caderno de anotações. A cama estava desfeita, mas, a julgar por sua expressão, ele não tinha dormido muito.

Segunda-feira, 23 de abril

Durante toda a noite, nomes, vozes, sombras, rostos esvoaçavam em minha cabeça como pirilampos irritantes.

No estado de semivigília em que me encontrava, verdadeiras lembranças se misturavam a fantasmas e sonhos. De tal maneira que ao me levantar eu tinha a mente confusa e o discernimento frágil.

Não devia começar a escrever imediatamente, mas não consigo resistir. Conto com um café forte para recobrar a medida das coisas.

Como pano de fundo de sua agitação noturna, o drama vivenciado vinte anos antes, e que ele tentara relatar na véspera.

Para reconstituí-lo de maneira fiel e coerente seria necessário um grande esforço de memória, além de uma certa perspectiva. Pois embora a morte do seu amigo de infância fosse evidentemente um dos episódios da guerra em que o país estava mergulhado, o destino de Albert não podia ser completamente identificado ao dos infelizes degolados por milicianos sanguinários, retalhados

por bombardeios sérvios ou abatidos à distância por atiradores de elite emboscados nos telhados dos prédios. Como ele deixara bem clara sua intenção de pôr fim aos próprios dias, seu gesto se revestia de um sentido muito diferente — o de uma rebelião contra a loucura assassina.

Mas nós, seus amigos, estávamos preocupados sobretudo em saber o que lhe acontecera, e se realmente tinha se suicidado, como dava a entender aquele estranho comunicado. Os que ainda se encontravam no país, especialmente Mourad e Tania, desempenhavam papel ativo nas investigações. Cabe lembrar que não se podia mais contar com os poderes públicos, que haviam perdido toda autoridade no território; nem, é claro, com a família do "falecido", pois não existia.

Apesar de todos os esforços, a cada dia parecia aumentar o mistério. Não o tendo encontrado em seu apartamento, depois de consultar os vizinhos sem conseguir qualquer informação útil, não tínhamos como dizer onde ele podia ter cometido seu ato de desespero, de que maneira havia procedido e por qual motivo ainda não se tinha qualquer traço do corpo.

Era a época das festas de fim de ano, e intermináveis consultas haviam sido feitas entre todos que conheciam Albert, especialmente seus colegas de escola e universidade. Cada um tinha sua interpretação do que acontecera, em geral refletindo suas próprias preocupações e angústias, mais que a realidade das coisas. Eu mesmo recebi vários telefonemas, além de vasta correspondência, que tomei o cuidado de guardar. Inclusive esta carta de um dos nossos antigos professores de história, o padre François-Xavier, que na época dirigia um estabelecimento de ensino em Mulhouse, na Alsácia.

"Caríssimo Adam,

Espero que estas linhas o encontrem com boa saúde, assim como os seus.

As notícias do seu país continuam dolorosas para aqueles que, como eu, o conheceram e amaram. E esta manhã chegam a mim os ecos de um drama de

outra ordem, a morte de meu ex-aluno Albert Kithar, que segundo me afirmam nada tem a ver, pelo menos diretamente, com a violência política. (...)

Na época em que eu ensinava no Colégio, Albert era um rapaz difícil, mas querido. Não creio que tenha dado muita atenção ao que eu tentava explicar a seus colegas. Posso vê-lo ainda, no fundo da sala, os olhos baixos, mergulhado num livro — geralmente um romance de ficção científica, se não me falha a memória. Mas, na verdade, ele era menos indiferente, menos ausente do que parecia. Quando eu tratava de um tema que lhe interessava, imediatamente voltava ao seu campo visual.

Lembro-me de uma aula em que falava de Benjamin Franklin. Eu tratara longamente de suas ideias, do seu papel na
luta pela independência dos Estados Unidos, de sua estada
na França às vésperas da Revolução. O tempo todo, era evidente que Albert pensava em outra coisa. Constantemente eu o vigiava de esguelha, como um pastor de olho nas ovelhas fujonas. Em dado momento, comecei a falar sobre a descoberta da eletricidade.
Foi então que ele se empertigou. Seu olhar, em geral fugidio, tornou-se direto e intenso. Eu pretendia passar rapidamente por esse aspecto da atividade de Benjamin Franklin. Entretanto, animado por ter finalmente conseguido capturar a atenção de Albert, acabei dedicando vários minutos ao relato detalhado da experiência do raio e da invenção do para-raios. Creio até ter improvisado ali mesmo, no meu entusiasmo, uma teoria sobre o vínculo entre as descobertas de Franklin no terreno da eletricidade e sua adesão à filosofia do Iluminismo.

Como vê, ainda tenho uma lembrança comovida dessa época já distante. Nunca mais ficarei indiferente ao destino do seu país, nem sobretudo ao destino dos jovens promissores que conheci.

Ficaria muito grato se você pudesse me manter informado dos desdobramentos desse caso preocupante que, ainda ouso esperar, talvez não

tenha de terminar na dor. (...)

Fielmente seu,

François-Xavier W., s. j.”

Uma semana depois, a verdade finalmente foi conhecida.

Os fatos teriam ocorrido mais ou menos como se segue. Na terça-feira, 11 de dezembro, à tarde, Albert foi a pé à casa de um antigo colega de classe que no dia seguinte viajaria para a França. Entregou-lhe três envelopes, provavelmente contendo os famosos “comunicados” — entre os quais o que me era dirigido —, pedindo que os colocasse no correio ao chegar a Orly. Apesar de convidado a entrar, ele ficou na porta e se foi depois de um minuto, dizendo que precisava voltar para casa antes de escurecer. O outro não insistiu. A situação na capital estava muito tensa. Houvera alguns combates na véspera, e de vez em quando ainda eram ouvidos tiros esparsos. As raras pessoas que se aventuravam na rua evitavam demorar-se.

Albert pretendia fechar-se em seu apartamento, arrumá-lo um pouco, talvez acrescentar um post-scriptum à carta de despedida que escrevera para os amigos que haveriam de encontrá-lo, ingerir uma dose maciça de barbitúricos e, então, deitar-se na cama com um terno escuro e os braços ao longo do corpo. Não estava muito preocupado com a segurança nas ruas, empenhado sobretudo em pôr em prática seu plano, constantemente repetindo na cabeça os gestos que faria.

Quando, na esquina de duas ruas desertas, um grupo de jovens armados saiu bruscamente de um carro que acabara de frear, ele nem lhes dirigiu o olhar, limitando-se a afastar-se para a esquerda para caminhar um pouco mais perto da parede. Absorto em seus pensamentos, ele não entendeu que era ele mesmo que os milicianos queriam. Não ele, Albert Kithar, em pessoa, mas o transeunte anônimo que era naquele momento. Os homens armados queriam apoderar-se de um morador do bairro, qualquer um, e não havia nas ruas nenhum outro pedestre a ser capturado.

Os sequestradores o agarraram então pelos braços e o arrastaram para o carro, que saiu a toda velocidade. Tentaram assustá-lo, ordenando para que não gritasse, se debatesse ou tentasse fugir. Do contrário, meteriam-lhe uma bala na cabeça.

Como ele reagiu às ameaças com um muxoxo zombeteiro, como se acabasse de ouvir uma boa piada, eles acreditaram que haviam se deparado ou com um homem simplório demais ou então com o homem mais corajoso do país.

Chegando a seu antro, eles trancafiaram a presa numa garagem, com as mãos atadas nas costas e os olhos vendados. Albert continuava sorrindo como um parvo. Um homem atarracado sentou-se diante dele, para dizer, em tom aparentemente raivoso, mas que soou como um pedido de desculpas:

— Eles sequestraram meu filho.

O prisioneiro parou de sorrir. Respondeu simplesmente, com voz neutra:

— Espero que ele volte são e salvo!

— E é melhor mesmo — disse o outro. — Se meu filho não voltar, acabarei com a sua vida!

Albert respondeu que não estava mais preocupado com sua vida. Para dizê-lo, usou uma expressão coloquial:

— Não estou nem aí!

— Como assim, não está nem aí? Para sua própria vida? Não venha bancar o valentão! Pare de sorrir para os passarinhos como um retardado! É melhor começar a rezar para que o meu filho volte, se quiser salvar sua pele!

— Eu não quero salvar minha pele! — insistiu o refém.

Pediu então ao carcereiro que enfiasse a mão no bolso interno do seu paletó, onde estavam sua carteira de identidade, um comunicado idêntico ao que me fora enviado e o mais recente esboço de sua carta de despedida, contendo frases explícitas: "Quando encontrar esta mensagem, já terei feito o que decidi fazer...

Que nenhum de vocês se sinta responsável pela minha morte, que ninguém

fique pensando que se tivesse interferido um pouco antes poderia tê-la impedido. Minha decisão não é de ontem. Já é tarde demais há muito tempo...

O homem leu, releu, às vezes movendo os lábios. E afinal constatou, incrédulo:

— Você estava voltando para casa para... se matar, é isto?

Albert confirmou com a cabeça.

— E nós é que o impedimos?

Albert confirmou de novo.

Breve silêncio. E então o homem caiu numa gargalhada interminável, e o refém, depois de alguns segundos, e não obstante as cordas que o prendiam e a venda nos olhos, também começou a rir, a cabeça inclinada para trás.

O carcereiro voltou a ficar sério primeiro, perguntando, em tom inquisitivo, mas sem hostilidade:

— Por quê?

Ele, que um minuto antes ameaçava abater o refém sem pestanejar, parecia agora abalado pela ideia de que aquele jovem bem-vestido, aparentemente em plena posse de suas faculdades, estivesse a ponto de se matar.

— Por quê?

Albert não era homem de confidências. Muito menos ao pé do ouvido de um perfeito desconhecido. Mas nesse dia — talvez porque na hora em que foi sequestrado estivesse repassando na cabeça as frases de sua carta de despedida; talvez porque, depois de ter preparado tudo, encenado tudo, regulado tudo num mecanismo infalível, subitamente tivesse perdido o controle do seu destino, sentindo-se desestabilizado; talvez por ter como derradeiro interlocutor um carcereiro infeliz, num epílogo perfeitamente de acordo com o absurdo das coisas neste mundo —, ele começou a falar.

Não, não foi propriamente uma torrente verbal, nem uma confissão. E, por sinal, Albert seria incapaz de explicar com palavras as ondas opacas que o tinham levado à beira do suicídio; ele disse ao improvável confessor apenas as

coisas perfeitamente previsíveis que se costumam dizer em tais circunstâncias, a saber: que a vida tinha perdido o sabor, que se sentia exilado neste mundo, sufocado pela guerra ao redor... Mas o homem não desistiu. Num tom firme, repousando as duas mãos nos ombros do prisioneiro, mas sem desatá-lo nem liberar-lhe os olhos, começou a tentar convencê-lo com uma fala pré-fabricada de pai choroso.

— Pense nos seus pais, que o alimentaram, que o viram crescer, que sonharam vê-lo diplomado, vê-lo casado! Agora que se tornou um belo rapaz, em vez de encontrar uma bela noiva, está pensando em se destruir? Que vergonha! Que desperdício! Que abominação! Quando ainda tem a vida inteira pela frente!

— A vida inteira pela frente? É mesmo?

O tom de Albert não chegou a ser irônico, mas foi acompanhado de um estrebuchar burlesco de seus membros atados e de sua cabeça vendada, o que bastou para que seu sequestrador, primeiro, e depois ele mesmo caíssem de novo na gargalhada.

2

Mais de uma vez aconteceu, naqueles anos, que famílias que tivessem um de seus membros sequestrado reagissem por sua vez capturando uma ou várias pessoas supostamente pertencentes ao outro campo, para usá-las como moeda de troca.

Mas o procedimento mais comum em casos de rapto não era este. Normalmente, quando um homem não voltava para casa, havendo suspeita de sequestro, os parentes recorriam a uma notabilidade local, que por sua vez se entendia com um mediador. Este tentava então descobrir quem eram os sequestradores, quais seus motivos e suas exigências e quem poderia chamá-los à razão; certificava-se de que o refém estava vivo e era corretamente tratado; e depois se empenhava em negociar sua libertação. Esses mediadores, sempre agindo como voluntários, eram em geral imparciais e muito eficientes, quando não eram mobilizados tarde demais.

De longe, todos os sequestros podiam parecer semelhantes; de perto, para um olhar experiente, nenhum era igual aos outros. Às vezes, o motivo era dinheiro, o que era raro. Sequestrava-se uma pessoa abastada para exigir resgate da família. Crime que passou a ser chamado de "hediondo", adjetivo razoavelmente perverso, pois dá a entender que os outros crimes têm certa nobreza. Assim, o massacre de inocentes por motivos políticos ou religiosos não seria hediondo, a pretexto de que não visa extorquir dinheiro? Da mesma forma, o crime que consiste em sequestrar um homem, torturá-lo, matá-lo e depois jogar o cadáver

na rua não mereceria ser chamado de "hediondo" se fizer parte de uma estratégia de escalada ou intimidação? Semelhante condescendência não seria intolerável e degradante? Todo homem que sequestre outro, que o torture e humilhe, merece ser considerado hediondo, seja um assaltante, um militante, um representante da lei ou o dirigente de um Estado.

Mas o sequestro do amigo de Adam não era motivado por cinismo político, ao que parece, nem por fanatismo ou desejo de ganho.

O indivíduo que retinha Albert em sua oficina nada tinha, a priori, de um sequestrador. Em tempos de paz, não teria cometido crime algum; poderia inclusive ser considerado um cidadão-modelo. Era um mecânico de automóveis que passara a vida dando duro, com as mãos cheias de graxa, sonhando apenas em ver o filho com um diploma de engenheiro. Sonho que tinha se realizado três anos antes. Para comemorar, ele presenteara o jovem diplomado com um carro zero quilômetro para que pudesse estacioná-lo orgulhosamente em frente à empresa onde fora contratado, do outro lado da cidade; o próprio pai tivera na vida apenas latas-velhas remendadas com suas próprias mãos.

O belo automóvel tinha sido encontrado vazio certa manhã de dezembro, numa rua próxima daquela onde morava Albert. Antes que se soubesse a identidade dos sequestradores, milicianos da parentela do mecânico tinham realizado a um sequestro no bairro em questão, capturando o primeiro transeunte que encontram. Pelas regras desse jogo abjeto, os parentes do nosso amigo deveriam convocar intermediários, para que tudo acabasse numa permuta e cada refém voltasse ao convívio dos seus.

Mas dessa vez o refém não tinha família, e só poucos amigos. Estes, por sinal, não imaginariam qualquer motivo para entrar no jogo. Por que pensariam num sequestro, quando possuíam a prova escrita de que Albert decidira acabar com a vida?

Só três semanas após o desaparecimento do amigo é que Tania e Mourad, apesar de tudo intrigados com o fato de seu corpo não ter sido encontrado, entraram em contato com um mediador potencial, um ex-deputado. Deram-lhe o nome do infeliz, suas características e a data após a qual não fora mais visto.

Dois dias depois, o telefone tocou em minha casa, em Paris, para me informar simplesmente:

— Ele está vivo.

Mourad disse-me isso sem o menor entusiasmo, de modo algum como deveria ser dada uma notícia tão inesperada. Nem mesmo senti que pudesse manifestar qualquer alívio. E então retruquei, em tom desconfiado, só para abrir espaço para a segunda frase:

— Mas...?

— Mas foi tomado como refém por um mecânico cujo filho foi sequestrado.

— Para uma troca?

— Sim, é isso. Só que o filho está morto.

— Deus do céu!

— Por enquanto, o pai ainda acredita que o filho possa estar vivo. Ainda considera uma troca.

Dos dois lados da linha, longo silêncio, longos suspiros ruidosos, enquanto tentávamos imaginar, Mourad e eu, como o sujeito poderia reagir se soubesse a verdade.

E então eu disse, chovendo no molhado:

— Nosso amigo precisa ser libertado antes.

— Estão ocorrendo negociações. Vamos esperar que deem resultado a tempo.

Mais uma vez, um longo período de silêncio.

— E como é possível que eu e você saibamos que o filho está morto, mas não o pai?

— Tenho para mim — disse-me Mourad — que o sujeito deve ter ouvido

boatos contraditórios nos últimos dias, mas ainda se agarra à ideia de que o filho está vivo e vai voltar. Espero que os mediadores saibam lidar com isso. Caso contrário, no dia em que descobrir a verdade, ele vai enlouquecer e descontar no prisioneiro.

— Pobre Albert! Você se dá conta do ridículo da situação? Ele decide desaparecer discretamente, de uma maneira bem limpa, sem fazer marola, sem excessivo sofrimento, mas em vez disso é sequestrado, corre o risco de ser torturado, mutilado, de ter seu cadáver atirado num vão de esgoto. Foi roubado de sua própria morte!

Pausa. E então, prossegui:

— Quando penso que, de todos os nossos antigos colegas, Albert é o único que nunca se interessou por esta guerra!

Mourad confirmou:

— Quando entrei em seu apartamento, não encontrei um único jornal, nem recente nem antigo. Apenas livros de ficção científica, cuidadosamente dispostos por ordem alfabética de autores em paredes inteiras. Além disso, vitrines de caixas de música. Você sabia que ele as colecionava?

— Sim, mostrou-as a mim certo dia. Ele as comprava em ferros-velhos, pintava-as e consertava os mecanismos. Bastava-lhe ver uma delas para saber quem fabricou, e em que época.

— Ele tem dezenas. Algumas devem valer muito, suponho, se quisesse revendê-las.

— Não era seu objetivo. Além do mais, a quem poderia vendê-las? Que outra pessoa seria capaz de pensar em comprar caixas de música em plena guerra?

Nós dois achamos graça. Depois paramos de rir. Mourad tinha um sentimento de culpa.

— Dizer que o expulsei de casa! Não paro de pensar nisso! Tenho a sensação de tê-lo empurrado no vazio. Não me perdoo!

— Tampouco eu me perdoo por ter partido sem me preocupar com os que

ficaram — acrescentei, querendo atenuar seu remorso.

— Se ele sair vivo dessa, vou estimulá-lo a ir embora também. Este país não é para ele...

— E você, Mourad? Ainda acredita que ele é realmente para você?

— Eu não tenho outro lugar — respondeu, num tom que punha fim à discussão.

Silêncio novamente. Depois, ele me perguntou:

— Não foi você que me disse um dia: "Mesmo que você não se meta em política, a política vem atrás de você"?

— A frase não é minha. Devo tê-la lido em algum lugar. Não me lembro mais do autor...

Em matéria de citações, eu sempre levei muito a sério as pesquisas de paternidade. Meus amigos de juventude o sabiam, e às vezes se divertiam em lançar, como se fosse a um galgo, a bola atrás da qual eu não conseguia me impedir de correr: "Você não saberia por acaso quem foi que disse..." Na época não havia esses fantásticos "mecanismos de busca" que fornecem o resultado num piscar de olhos. Eu não tinha escolha senão fuçar, e fuçar mais, especialmente nas incontáveis coletâneas de citações que ocupavam — e ainda ocupam — várias prateleiras da minha biblioteca. Acabava encontrando uma resposta, que no entanto raramente era concludente. Via de regra, nenhuma frase célebre foi dita exatamente da mesma forma pela pessoa à qual é atribuída. Júlio César nunca disse ao filho: "Até tu, Brutus?"; Henrique IV nunca disse: "Paris vale uma missa!", embora inegavelmente o tenha pensado; seu neto Luís XIV nunca disse: "O Estado sou eu!"

No caso da citação mencionada por Mourad, não demorei a descobrir que se formulava da seguinte maneira: "Cuidado: se não cuidar da política, a política cuidará de você." Como se sabe, era atribuída, em função das fontes, a dois autores diferentes, contemporâneos da Revolução Francesa: Royer-Collard e o abade Sieyès.

E, por sinal, a formulação original é muito mais pertinente que a

mencionada por Mourad. Ela diz: "Se não cuidar da política", e não "Mesmo que...". Em outras palavras, não se trata de constatar que a política diz respeito a todos, mesmo os que não se interessam por ela, o que seria banal; o que diz o autor é que as turbulências políticas afetam sobretudo aqueles que não se preocupam com elas.

Nada mais justo! Albert não fora sequestrado apesar de não se interessar por essa maldita guerra, mas exatamente por isto. Paradoxo? Só aparentemente.

Quando havia algum acerto de contas entre duas milícias, entre dois bairros, entre duas comunidades, todos os militantes desapareciam. Os que tinham participado de combates ou massacres não se arriscavam mais fora de "sua" zona; se ela pudesse ser invadida, se esconderiam ainda mais longe.

Em compensação, quem não sentia em absoluto a necessidade de se esconder, de se refugiar? Quem continuava a atravessar candidamente as linhas de demarcação? Quem se recusava a deixar seu bairro ou sua aldeia apesar da incursão dos "outros"? Só mesmo aqueles que nada tivessem a se recriminar, que não tivessem participado de nenhum combate, nenhum sequestro, nenhuma matança. E afinal era justamente contra esses inocentes que se acabava por investir!

Sim, era no vasto rebanho dos apolíticos que os Minotauros da guerra civil escolhiam diariamente suas presas! O sequestro de Albert não era resultado de um infeliz concurso de circunstâncias, mas a ilustração tragicômica de um paradoxo bem conhecido.

Vieram em seguida penosas semanas de tratativas. Graças aos relatos diários de Mourad, eu acompanhava de perto essas peripécias.

— Chegamos a um impasse — disse-me ele um dia. — Não ouso mais avançar um só passo, por medo de provocar um desastre.

Em seguida, ele me expõe seus dilemas:

— A esta altura, o sequestrador já sabe com certeza que seu filho não

voltará. Continua a afirmar que pretende executar nosso amigo, mas não cumpriu, e me parece que quanto mais tempo passa, mais será difícil para ele matá-lo a sangue-frio. Ele o mantém constantemente amarrado, mas não o tortura, nem o faz passar fome. Certas pessoas me aconselharam a oferecer o pagamento de um resgate. Mas eu não o fiz. É possível que venha a fazê-lo em dado momento, mas por enquanto não creio que seja a boa solução. Receio que o mecânico reaja mal. O mediador me deu o número de telefone desse pobre homem. A cada dois ou três dias eu telefono, levo-o a falar, ouço pacientemente, demonstro simpatia e consideração. Estabeleci com ele uma relação de confiança, e não quero comprometê-la com um passo em falso. Mas tampouco podemos correr o risco de deixar Albert indefinidamente à mercê desse indivíduo e dos seus parentes. Tenho a sensação de estar entre dois precipícios, sem poder avançar nem recuar. Quanto tempo ainda vai durar isso? Não tenho a menor ideia.

Enquanto eu escarafuncho a cabeça em busca de uma solução, Mourad me apresenta um segundo problema, ainda mais espinhoso.

— E, para não lhe esconder nada, tem uma outra coisa que me preocupa. Vou-lhe falar porque você deve ter a mesma sensação que eu. O episódio do sequestro não me fez esquecer o episódio do suicídio. Sendo nosso amigo como é, algo me diz que sua vida estaria ainda mais ameaçada se estivesse livre do que se ficasse no cativeiro. Tratando-se de qualquer outra pessoa, minha única preocupação seria conseguir sua libertação, levando-a tranquilamente de volta à casa. Tratando-se de Albert, já não estou tão certo. Não consigo tirar da cabeça o desdobramento lógico: ele é levado para casa e, no dia seguinte, o encontraremos morto na cama, com uma nova carta de despedida na mesa.

Esgotado com esse esforço de memória, Adam sentiu necessidade de uma pausa. Para repousar a cabeça e os olhos, e também para organizar as ideias.

Ele estava trabalhando desde a manhã, sem qualquer interrupção, e não estava mais em condições de escrever. Mas também não conseguia parar, de tal

maneira mergulhara em suas lembranças. Acabou por ir deitar-se na cama, prometendo a si mesmo que se levantaria cinco minutos depois.

O sol estava baixo, mas como seu quarto se voltava para o mar, vale dizer, para o poente, ainda estava banhado numa luz rosada, suave, mas intensa. Ele começou a ser tomado pelo desejo de adormecer, e não teve mais forças para resistir.

Foi despertado horas depois por uma mão amiga repousando docemente em seu ombro, no seu rosto, na sua testa. Ao abrir os olhos, constatou que já era noite.

— Puro espírito, sou a sua consciência carnal — dizia a voz risonha de Sémiramis.

Ele sorriu e voltou a fechar os olhos.

— O jantar está pronto — avisou ela.

— Não, obrigado, estou com muito sono, acho que vou continuar a dormir.

Mas a visitante não se deu por perdida.

— Não, Adam. Você não comeu nada no almoço, passou o dia escrevendo, não quero que caia doente debaixo do meu teto. Vai se levantar, sim. Já está vestido, vá lavar esse rosto e descer.

Com toda evidência não valia a pena argumentar.

— Bom, está bem, castelã, já estou indo. Dê-me apenas dez minutos!

Por mais que achasse graça do título que seu amigo acabava de lhe conferir, ainda meio adormecido, ela em nada cedeu em sua determinação. Saiu e fechou a porta, mas não sem ter acendido todas as luzes do teto.

3

A mesa já estava posta, e os pratos, cobertos de guardanapos dobrados, para evitar que esfriassem.

Ainda mal acordado, Adam comia pouco e falava ainda menos. Depois de alguns minutos, sentiu-se obrigado a dizer:

— Nunca fui de falar muito, mas esta noite estou à beira da grosseria... Peço perdão! Minha única desculpa é que o ambiente em que me encontro há dois dias é propício à concentração. Quando paro de escrever numa folha, continuo na cabeça.

— O silêncio, a montanha, a luz, o mar no horizonte, o ar purificado pelos pinheiros...

— ... e a sensação de ser prisioneiro de uma divindade benevolente.

Ela pousou a mão na sua.

— Você não imagina o bem que me faz dizendo isso!

— Que me sinto prisioneiro?

— Sim, isso também! Eu fiz tudo para que este lugar fosse uma ilha de serenidade e água fresca, e você está me dizendo que consegui.

— Em matéria de água fresca, é mais de champanhe que estamos falando.

— É a minha concepção de água fresca.

Os dois ergueram as taças, que se tocaram perto da borda, sendo esvaziadas num só gesto. Assim que voltaram a ser depositadas na mesa, o garçom encheu-as de novo. Sémiramis consultou o relógio.

— Francis, pode ir, já é meia-noite, eu apago as luzes. Mas deixe o champanhe aqui conosco!

O homem aproximou a garrafa com seu balde de pé, cumprimentou a patroa e o convidado com uma mesura e desapareceu.

— Minha primeira lembrança de você — disse a anfitriã assim que ficaram sozinhos — é de quando se ofereceu para me acompanhar até em casa, no fim de uma famosa noitada. Ainda se lembra?

— Como se fosse ontem.

Naquela noite, seu grupo de amigos tinha jantado num pequeno restaurante de estudantes, bem perto da faculdade de direito, muito apropriadamente batizado de *Código Civil*. No fim da refeição, Sémiramis perguntou se alguém podia acompanhá-la até em casa. Imediatamente Adam se ofereceu. Os dois saíram juntos para a rua. E depois caminharam, caminharam.

— Nos cinco primeiros minutos, eu estava convencida de que caminhávamos em direção ao seu carro. Só não entendia por que o havia estacionado tão longe. Levei algum tempo para entender que você queria me acompanhar a pé.

— Durante todo o jantar, eu a observava, encantado. E quando você perguntou se alguém se dispunha a acompanhá-la, não hesitei um segundo, não pensei no carro nem em nada mais, imediatamente me ofereci, como essas crianças que ao ouvirem "Quem é que quer..." logo saem gritando antes dos outros: "Eu!", sem sequer saber do que se trata. No caso, eu sabia do que se tratava, e temia que alguém se oferecesse antes de mim.

— No início, fiquei furiosa. Mourad certamente tinha seu carro, Tania tinha o dela, e certamente outros também. Poderiam ter-me levado em cinco minutos. Já era tarde, meus pais me esperavam,
e por sua culpa eu ia levar uma bronca. Mas aos poucos passei a sentir prazer na caminhada. A noite tinha um agradável frescor, eu descobria a cidade sob um novo ângulo, e o que você contava me divertia. Mais tarde, vim a descobrir que você falava pouco, mas naquela noite estava muito falante. Devia estar nervoso...

— Estava com vergonha! Lembro-me ainda desse sentimento como se fosse ontem. Quando saímos do restaurante, dei-me conta de que tinha havido um mal-entendido. Era evidente que você achava que eu a conduzia para o meu carro, mas não havia um carro, eu ainda não tinha. Mas o que poderia fazer? Pedir desculpas e sair correndo para tentar encontrar alguém "motorizado"? Eu me sentiria humilhado. Resolvi então fazer como se desde o início quisesse acompanhá-la a pé.

— Em Paris, teria parecido natural, me parece. Mas aqui não fazia o menor sentido. Ninguém se deslocava a pé de um bairro a outro...

— Especialmente à noite! Quase não havia calçadas, e mesmo quando ainda não havia milicianos armados, barreiras de controle
e carros-bomba, a pavimentação simplesmente era cheia de crateras, e
qualquer um podia quebrar uma perna.

— Eu estava certa de que, ao chegar ao prédio de meus pais, quando estivéssemos num recanto mal-iluminado que antecede as escadas, você se despediria e me beijaria.

— Era exatamente o que eu tinha vontade de fazer! Mas não tive coragem. Tinha na cabeça uma voz desgraçada que sussurrava: "Não vá estragar este belo momento com um gesto inadequado! Esta jovem confiou em você, não se aproveite! Comporte-se como um cavalheiro!" Todos os argumentos da minha suposta boa educação tinham convergido para me paralisar. Mas em dado momento eu tinha decidido ir mais longe. Havia um buraco enorme no calçamento
e eu a tomei pela mão para ajudá-la a contorná-lo. E depois "esqueci" de largá-la. Demos alguns passos de mãos dadas, e foi você que largou a minha mão.

— Disso eu não me lembrava mais!

— Mas eu ainda me lembro, pois durante muito tempo fiquei pensando nisso. Quando você largou a minha mão, cheguei à conclusão de que estava dizendo que eu não devia me precipitar. Você o fez discretamente, sem rispidez, sem me magoar, mas para mim foi claro.

— Se imaginou semelhante coisa, estava enganado. Não me lembro em absoluto desses detalhes, mas uma coisa eu sei: de modo algum eu tentava desencorajá-lo. Pelo contrário, queria que você me beijasse na entrada do prédio, estava convencida de que o faria, e fiquei decepcionada quando não aconteceu. Disso eu não esqueci.

— Sinto no peito a pontada do arrependimento. Você se dá conta? Quantos anos não se passaram?

— Não vamos fazer contas! Não houve apenas o passar dos anos, houve vidas, vida sucessivas...

O que os dois amigos não comentavam, mas estava presente para ambos, é que aquela oportunidade de um beijo nunca mais se havia apresentado. E no entanto eles estavam no primeiro ano da universidade, frequentavam as mesmas classes e pertenciam ao mesmo círculo estudantil. Adam devia ter tido dezenas de vezes a oportunidade de acompanhar Sémiramis até em casa e despedir-se dela no exato lugar onde não a beijara da primeira vez. Mas aquela primeira vez fora a última.

Dias depois, quando o grupo voltou a se reunir, Sémiramis chegara com um amigo comum. Em cada gesto eles pareciam proclamar que estavam "juntos". Adam não conseguia tirar os olhos das mãos entrelaçadas. Para não sofrer, tentou convencer-se na hora de que ela estava com "o outro" havia algum tempo, e que portanto agira bem ao se eximir de beijá-la, pois certamente teria sido rechaçado. Mas não era o caso. A verdade é que "o outro" tivera coragem de tomá-la nos braços, ao passo que ele não ousara.

Mesmo passados tantos anos, tantas "vidas sucessivas", Adam ainda sentia remorso e vergonha. O que o levou a dizer, um pouco para se desculpar com a "castelã", mas também para se consolar:

— Eu sempre fui de uma timidez paralisante. E embora tenha conseguido mascarar a coisa, com a idade, com os anos de ensino,
o fato é que nunca a eliminei completamente. Nos congressos de historiadores, por exemplo, raramente tomo a palavra. Peço-a sem insistência e fico tolamente

aliviado quando não se lembram de mim.

Se estiver acompanhado de um tagarela, posso ficar horas inteiras sem abrir a boca. Na juventude era pior ainda. O tempo todo me sentia paralisado pelo pavor de ser humilhado, de me desmoralizar. E tentava me convencer de que essa falta de autoconfiança era uma postura de extremo orgulho: se nada pedia era porque não suportava que me dissessem não; em vez de assumir o risco, preferia abster-me.

— E assim, se absteve de me beijar — completou Sémiramis com um sorriso triste.

— Pois é — disse Adam, com o mesmo sorriso. — E sentirei remorso até meu último dia.

Os dois acharam muita graça, mas sem alarde. E então ela compartilhou entre as duas taças o resto da garrafa de champanhe, que voltou a mergulhar no balde, com o gargalo para baixo.

— Vamos caminhar um pouco ao ar livre? — propôs ela.

— Parece uma boa ideia. Depois, eu a acompanho.

— A pé, como da outra vez?

— Sim, como da outra vez — repetiu Adam, encantado com a abolição dos anos e das décadas.

4

Sémiramis não morava na pousada que levava seu nome. Pelo menos não no prédio principal, mas a alguns passos, numa casa anexa cercada de árvores frondosas.

— Esses poucos metros me protegem. Caso contrário, viriam bater à minha porta toda vez que houvesse uma reserva, um cancelamento ou um vazamento de água. Na minha casinha, eu posso ler, como vê — disse ela, introduzindo o convidado em sua casa e acendendo as luzes, o que revelou paredes inteiras de livros.

— Não é tão pequena assim, a sua casinha.

— Nada mais há além do que você está vendo. Aqui, minha biblioteca. No andar de cima, meu quarto, o banheiro e uma varanda.

— Onde você toma seus banhos de sol no verão, coberta com uma folha de parreira...

— Em matéria de fantasias, fiz algo ainda melhor. Mandei instalar um elevador elétrico. Toda manhã, meu desjejum é depositado num nicho, eu aperto um botão e o prato aparece na varanda. É um prazer de que nunca me cansarei.

Houve um silêncio. Eles ainda estavam de pé na entrada, a anfitriã não o convidara a se sentar. Ele olhou o relógio e deu um passo na direção da porta, que não tinha sido fechada.

— Se você me beijar antes de sair, não pedirei socorro.

Ele retornou. Sémiramis tinha os olhos fechados, os braços ao longo do

corpo, e nos lábios entreabertos um sorriso maroto. Adam voltou na sua direção e deu-lhe um beijo na bochecha direita, outro na esquerda e então, após alguns instantes de hesitação, um terceiro, mais furtivo, nos lábios. Nada nela se mexeu, nem os braços, nem as pálpebras, nem qualquer músculo do rosto. Adam deu um passo atrás, pronto para partir. Entretanto, vendo-a imóvel, voltou na sua direção, envolveu-a nos braços e a apertou suavemente, num abraço fraterno. Ela continuava sem se mexer. Ele a apertou um pouco mais forte, e ela se aninhou nele, ou se deixou aninhar.

Ficaram assim unidos, corpo a corpo, sem dizer palavra, sem aparente ardor, cada um se limitando a respirar o calor do outro e o seu cheiro. Até que Sémiramis afastou-se dele para dizer, em tom neutro:

— Não deixe de verificar se a porta ficou bem-fechada.

Dito isso, abaixou-se, tirou os sapatos, tomou-os nas mãos e começou a subir a escada para o quarto, sem olhar para trás.

Chegando à porta, Adam foi tomado pela dúvida, "como da outra vez". Deveria fechar a porta por dentro ou por fora? Ficou perplexo,
e um pouco envergonhado. Mas também achando divertido constatar que em sua idade ainda tinha os mesmos receios da adolescência, as mesmas dúvidas. Sua amiga ficaria espantada de vê-lo subir até o quarto? Ou, pelo contrário, decepcionada e irritada ao não vê-lo chegar?

Finalmente, ele fechou a porta, passou a tranca, apagou a luz e se encaminhou para a escada, deixando-se guiar pela luz do primeiro andar.

Chegando à entrada do quarto da bela Sémi, não conseguiu se eximir de informar, em voz hesitante:

— Eu não fui...

Como resposta, teve apenas o barulho de uma ducha.

Três minutos depois, sua amiga ressurgia, envolta numa ampla toalha branca.

— Não conte comigo para expulsá-lo — disse-lhe ela.

Seus olhares se cruzaram, e cada um percebeu no outro a faísca da expectativa.

— Tem uma outra toalha?

— Uma pilha! Deixei também um pouco de água quente para você.

Quando Adam voltou do banheiro, as luzes estavam apagadas, mas havia no quarto uma claridade vinda de fora. Ele desenrolou sua toalha e a jogou na direção da silhueta negra de uma poltrona. E tratou de se enfiar rapidamente debaixo das cobertas. Sémiramis tiritou ao primeiro contato com a pele fria do "intruso", mas em vez de se afastar, apertou-o com força contra o peito para compartilhar seu calor.

Eles ficaram longo tempo colados, imóveis, como se esperassem que seus corpos se aquecessem e secassem, e que se familiarizassem. E então, afastando as cobertas, o homem sustentou-se no braço esquerdo para passar lentamente a palma da mão direita na pele da mulher. Primeiro nos ombros, depois no rosto, depois novamente nos ombros, nos quadris, nos seios, suavemente, pacientemente, minuciosamente, como se procedesse a um levantamento topográfico.

Empenhado nessa ação, ele ao mesmo tempo murmurava, em voz muito baixa:

— Percorrer calmamente as paisagens do seu corpo. Colinas, planícies, bosques, desfiladeiros...

Sémiramis não se mexia. De olhos fechados, parecia acompanhar com toda a atenção e os sentidos a mão amiga que descobria sua pele, que a redesenhava e lhe prestava homenagem.

Adam debruçou-se então sobre ela para posar os lábios nas superfícies que acabavam de ser alisadas por sua palma. No rosto, nos ombros, nos seios e também nas bochechas, nos lábios, nas pálpebras, mas sem insistir, sem forçar, sem dar muito a impressão de que se tratava de preliminares eróticas. Como se ainda estivesse procedendo a um levantamento. Com cuidado, com gravidade, concentradamente, produzindo na própria respiração palavras sussurradas que sua amiga não ouvia com clareza, mas que entendia.

E então foi ela que se ergueu enquanto ele se estendia, imóvel. Ela repetiu os mesmos gestos que ele, como se sua pele os tivesse memorizado. Primeiro com a palma da mão, depois com os lábios.

Aos poucos ela se enroscou nele com todos os membros, fazendo-o virar para um lado, para o outro, ficando em cima dele, embaixo, até fazê-lo perder completamente a noção espacial. A cama, sem cobertas nem travesseiros, já não passava de uma extensão branca e nua onde seus corpos se reviravam em todas as direções, como ponteiros de um relógio descontrolado.

Nenhum dos dois tinha a menor vontade de uma noite breve, de pronto arrebatamento e rápida conclusão. Queriam, pelo contrário, que sua noite de amor se prolongasse e durasse, como numa revanche por todo o tempo transcorrido, como se o futuro fosse um engodo e eles tivessem apenas uma noite, em toda a sua vida uma noite, apenas uma, aquela noite. Cabia a eles fazer com que o sol nascesse o mais tarde possível. Cabia a eles encontrar a justa medida entre o arrebatamento e a persistência.

No meio da noite, ele não conseguiu deixar de perguntar à amante, ao mesmo tempo que lhe acariciava o rosto e os ombros:

— Quando a beijei, lá embaixo, você nem me enlaçou em seus braços. Estava tão rígida, tão imóvel, que me perguntei se não seria melhor ir-me.

— Era exatamente o que eu queria.

— Que eu me fosse?

— Não, seu bobo — respondeu Sémiramis. — Eu queria que você se fizesse a pergunta, e que tomasse a decisão por si mesmo.

— Mesmo correndo o risco de que eu me fosse?

— Sim, correndo o risco de que se fosse. Eu o teria detestado se tivesse partido, e ficaria com raiva de mim mesma. Mas já fora longe demais...

— Longe demais?

— Eu o trouxera a minha casa, em plena noite. Dissera que não pediria socorro. Não ia, ainda por cima, puxá-lo pela mão até a minha cama. A bola

estava com você; cabia a você decidir se queria ter-me nos seus braços, beijar-me e depois subir alguns degraus até o meu quarto. Ou se preferia fugir, como da outra vez.

— Como da outra vez — repetiu ele, sorrindo e tentando imitar a voz da amante.

E eles se enlaçaram de novo, com ternura ainda maior, e movidos por um novo ardor.

Quando finalmente adormeceram, aplacados, esgotados, o céu começava a clarear.

A noite fora deles, só deles, até o alvorecer.

Quinto dia

1

No despertar dos amantes, já se ouvia nas árvores da vizinhança uma alegre sinfonia de pássaros. Mas também vinham de mais longe as buzinas dos automóveis e, da pousada, o tilintar dos pratos.

— O prato já deve estar no nicho. Vamos tomar café ou voltar a dormir?

— Café — balbuciou o homem, não parecendo ainda em condições de construir uma frase.

Alguns minutos depois, ele estava sentado na varanda, envolto numa toalha de banho. Bem desperto e já faminto. Sémiramis metera-se num vestido leve. A luz era violenta, e Adam pediu emprestados óculos escuros.

— Paris é uma cidade maravilhosa — disse de repente sua amiga, sem motivo aparente.

Ele voltou-se para ela, intrigado. Ela concluiu sua frase:

— ... mas não dá para tomar café da manhã na varanda.

Adam assentiu com a cabeça. Ela insistiu:

— E nunca temos esse sol aberto.

Ele assentiu de novo. Mas a simples menção de sua cidade adotiva trazia o aperto do remorso.

— Esta noite, desliguei covardemente o telefone. Dolorès certamente tentou falar comigo.

Um silêncio. E então ele acrescentou, como se falasse consigo mesmo:

— Não me encontrando, ela deve ter telefonado para a recepção.

— Não, não creio — disse Sémiramis, sorvendo um gole de café com leite.

— Ah, é? O recepcionista lhe manda um relatório sobre os telefonemas dos clientes, é isto?

— Em absoluto, os clientes fazem o que querem. Mas eu sei que Dolorès não tinha a intenção de telefonar para você esta noite.

— E como é que sabe, cara Miss Marple?

— Não é uma dedução, foi o que ela me disse ontem, quando lhe telefonei.

— Quando lhe telefonou — repetiu Adam, sem imprimir a suas palavras qualquer entonação interrogativa.

— Ontem eu lhe telefonei para perguntar se podíamos dormir juntos.

— Sim, é isso.

O homem tentou rir, mas só conseguiu dar um risinho.

— Você sempre acorda assim, espirituosa? Meu senso de humor só acorda duas horas depois de mim.

— Quando ele acordar, me avise, para eu lhe contar...

— Contar o quê?

— Minha conversa com sua companheira.

Ele pousou a xícara de café para perscrutar o rosto de Sémiramis. Seu sorriso era difícil de ler. Ele não teve escolha senão perguntar explicitamente se era verdade que ela tinha telefonado a Dolorès. Ela assentiu com a cabeça.

— Nós fizemos amizade, como você sabe, quando fui jantar com vocês. Desde então, conversamos às vezes por telefone. Gosto muito dela. Não queria que houvesse uma sombra entre nós.

Ele a observava com desconfiança, esperando que explodisse num riso incontrolável. Mas, depois de uma pausa, ela prosseguiu, em tom repentinamente muito sério:

— Pensei que se tivéssemos uma aventura, você acabaria por lhe confessar, ela ia querer me matar e você nunca mais teria coragem de falar comigo. Eu não queria perder dois amigos valiosos por uma noite de amor. E então dei o telefonema.

Agora o amante estava lívido. Tinha a respiração pesada e não conseguia mais engolir a saliva. Enquanto Sémiramis continuava, no mesmo tom, e sem voltar-se para ele.

— Dolorès conhecia a história daquele passeio noturno, quando éramos garotos. Eu lhe disse: "Naquela noite, eu esperava que Adam me beijasse, o que não aconteceu. Quando voltei a vê-lo, veio-me de repente o desejo de que me acompanhasse até em casa, a pé, e dessa vez tivesse coragem de me beijar." Ela achou graça, e me disse: "Vocês dois estão debaixo do mesmo teto, enquanto eu estou a cinco mil quilômetros de distância, de modo que podem fazer o que bem quiserem, e eu não poderei impedir." Eu respondi: "Isto é apenas a aparência das coisas. A realidade, tal como a sinto, é que estou na sua casa, diante do seu armário, e tem um conjunto que me agrada. Ou o tomo para mim, como uma ladra, ou então lhe telefono para perguntar se pode emprestá-lo." Dolorès ficou um momento calada. Depois, perguntou: "E o meu *conjunto* vai bem?" Eu respondi: "Maravilhosamente! Mas é claro que não sabe que lhe telefonei, nem imagina o que estou tramando. Se você me disser para esquecer, ele nunca ficará sabendo de tudo isso." Outra vez houve do outro lado da linha um risinho tenso, seguido de longo silêncio. E então eu disse: "Dolorès, vamos esquecer tudo isto! Foi apenas um desejo passageiro. Desde que ele chegou, estou cuidando dele, ele parecia perdido sem você, como um passarinho que caiu do ninho e morreria de fome se ninguém viesse socorrê-lo. O que despertou em mim uma ternura materna e alguns antigos desejos... No fim das contas, é complicado demais, vamos deixar para lá, está bem?" Novo silêncio, e então Dolorès me disse: "Se eu o emprestar, você devolve?" Eu respondi: "Prometo, sobre o túmulo do meu pai! Vou devolvê-lo no estado em que o encontrei." Aí está, Adam, agora você sabe tudo!

Ao concluir seu relato, Sémiramis olhou de soslaio para o amigo. Ele ficaria escandalizado, incrédulo, acharia graça? Antes mesmo da primeira palavra, ela entendeu que ele estava sobretudo irritado.

— E tudo isso pelas minhas costas, como se não me dissesse respeito! Você

não acha que devia ter perguntado minha opinião antes de telefonar para minha companheira?

— É claro que não! Se Dolorès tivesse dito não, eu nem mesmo teria lhe mostrado minha casa. Depois do jantar, teria apenas lhe beijado o rosto, como na véspera, e o teria deixado voltar para seu quarto.

— Muito bem! Vocês duas dispõem de mim, e eu nem preciso ser consultado!

— Mas claro que sim, você deve ser consultado! Não fiquei com a impressão de tê-lo obrigado. Eu me ofereci discretamente, deixei-lhe literalmente uma porta de saída honrosa, para que tivesse liberdade de sair, mesmo no último momento. Mas você decidiu ficar comigo...

Não era uma inverdade. Adam pousou uma mão conciliadora no joelho de sua amiga.

— Neste sentido, sim! Eu decidi livremente subir ao seu quarto, assumo plenamente, e haveria de me culpar até meu último dia se não o tivesse feito. Mas essas maquinações femininas me causam mal-estar. "Você me empresta, depois eu devolvo..." Tenho a sensação de ser um brinquedo, ou, para usar sua comparação, um conjunto suspenso num cabide.

— Eu quis apenas ser honesta. Com Dolorès e com você. Ou acha que seria honesto me aproveitar da presença do homem dela em minha casa para satisfazer um velho desejo de adolescente? Acha que eu poderia continuar convivendo com ela, beijando-a como uma irmã, se tivesse introduzido a mentira e a falsidade entre nós? E você, teria sido honesto que o chamasse para minha cama para depois deixá-lo entregue ao sentimento de culpa? Que o deixasse carregar o peso de nossa noite de amor como se fosse o pecado original? Que introduzisse a desconfiança e a trapaça por anos a fio entre sua companheira e você? Não, eu não sou assim. Sou a amante com coração de amiga, faço questão de que esse momento de prazer intenso seja para sempre uma pequena luz em nossas vidas, e não uma sombra. E espero que você dê valor a isso.

Adam manteve-se calado, a mão ainda pousada no joelho de Sémiramis,

como se a tivesse esquecido. E nos lábios um sorriso perplexo. Sua amante continuou:

— Se meus argumentos não o convencem, você ainda pode dizer a Dolorès que eu tentei me insinuar, mas que você me rechaçou valorosamente. Eu não o desmentirei.

Ele voltou-se para ela, parecendo pesar os prós e os contras. E concluiu:

— Não creio que ela acreditasse.

— Não, ela não acreditaria. E, por sinal, se acreditasse, eu ficaria muito danada.

Um momento de silêncio passou-se entre eles. Mas não era o mesmo silêncio. O de Sémiramis era sereno e maroto, ao passo que o de Adam parecia pesado e confuso.

— E sobretudo — disse-lhe a amiga —, não se sinta na obrigação de telefonar imediatamente a Dolorès para falar da sua noite de amor. Seria de muito mau gosto. Nenhuma pessoa sadia tem vontade de ouvir uma coisa assim. O que eu fiz não foi para obrigá-lo a falar, mas, pelo contrário, para poupá-lo. Ela sabe, você sabe que ela sabe, e ela sabe que você sabe que ela sabe... Não há a menor necessidade de contar, explicar, justificar ou qualquer outra coisa. Muito menos por telefone. Mais tarde, daqui a algumas semanas, alguns meses, vocês podem sentir necessidade de falar a respeito, no meio da noite, com as luzes apagadas. E cada uma dirá ao outro por que decidiu dizer-me sim... Mas posso desde já lhe garantir que, nessa noite, a explicação de Dolorès é que será a mais longa e mais laboriosa. Já você terá uma desculpa perfeita: eu.

Ao dizer essas últimas palavras, ela fechou os olhos e entreabriu o vestido. E então estendeu os lábios para Adam, para que ele depositasse o beijo de sua reconciliação e de sua tardia conivência.

2

Ao voltar para o quarto, apesar de tudo, Adam sentiu a tentação de telefonar à companheira. Não para falar da noite passada, o que de fato teria sido de um terrível mau gosto, mas porque tinha o hábito de falar com ela toda manhã, e não tinha motivo algum para deixar de fazê-lo.

Digitou então o número, não sem certa apreensão.

— Já está no escritório?

— Acabei de chegar, nem sentei ainda.

— Então não está numa reunião...

— Ainda não, podemos conversar. Mas espere alguns segundos para eu largar as coisas!

Ela deixou por um momento o telefone, e voltou a pegá-lo.

— Pronto, sou toda sua. Sémi me disse que você estava conseguindo trabalhar. Talvez um pouco demais.

— É verdade, estou conseguindo.

— Na biografia?

— Não, deixei Átila de lado, estou trabalhando em outra coisa.

— Se ficar o tempo todo trabalhando em outra coisa, nunca mais vai acabar essa biografia.

— Ao voltar a mergulhar no clima do país, tive vontade de fazer outra coisa, entende?

— Também tive algumas notícias disso...

Ela riu, e Adam ficou com raiva de ter usado sem pensar uma expressão tão ambígua. Mas se apressou a esclarecer:

— Com a morte de Mourad, senti vontade de contar a história dos meus amigos, da minha juventude, do que o momento presente fez conosco.

— Entendo, é normal que venham recordações num momento assim. Mas acho que você está perdendo o rumo... Eu o conheço, Adam. Você vai encher centenas de páginas sobre os amigos, e tudo isso vai ficar indefinidamente na gaveta... Entenda bem, não estou dizendo que não o faça. É uma catarse, útil para a sua saúde mental. A morte do seu "antigo amigo" o afeta mais do que você admite. Mas não se iluda, você nunca vai publicar isso. No mínimo por causa dos seus colegas...

— Meus colegas?

O espanto de Adam não era sincero. Dolorès dizia-lhe a exata verdade. Ele tinha uma reputação a preservar na comunidade dos historiadores, construída ao longo de várias décadas. Era valorizado por seu rigor na argumentação, a minúcia crítica em relação às fontes, a objetividade do seu tom, a permanente preocupação de ser inatacável, mesmo diante dos colegas mais rabugentos... Como poderia conciliar tais qualidades, que o tornavam um historiador respeitável, com o desejo de contar as peripécias existenciais de um bando de estudantes? Como reagiriam seus veneráveis colegas? Já podia vê-los zombando...

— Você acha então que eu devo parar e voltar a meter a cara no meu bom e velho Átila?

— Não, honestamente, não aconselho. Onde você está agora, nas circunstâncias em que se encontra, não poderia continuar trabalhando na biografia de um conquistador do século V, como se nada tivesse acontecido. Escreva o que sente que deve escrever, com sinceridade, como se fosse um diário íntimo. Mas saiba que é um parêntese. E ao voltar a Paris, mergulhe novamente no seu Átila, trate de acabá-lo e de publicá-lo, para poder passar para outra coisa. Em outras palavras, perca-se um pouco, mas não muito, sem perder de vista o

essencial...

Adam estava a ponto de dizer que concordava plenamente com ela, mas sua companheira não lhe deu tempo.

— Estão batendo na porta — disse, a meia-voz. — Eles estão chegando.

E imediatamente desligou. Ele consultou o relógio, eram exatamente onze e meia, ou seja, nove e meia em Paris. A hora em que diariamente sua companheira se reunia com os colaboradores.

Contratada por um grupo europeu de comunicação para dirigir uma revista científica de publicação mensal, Dolorès fizera a aposta arriscada de transformá-la em edições semanais. Tinha-se mostrado tão convincente que os patrões concordaram, pondo a sua disposição recursos consideráveis. Mas estava claro, tanto para ela quanto para eles, que se o projeto não desse os resultados esperados, a responsabilidade recairia sobre seus ombros. Desde então, ela passava quase todo o seu tempo na revista; e quando não estava lá, não deixava de pensar nela constantemente e de falar a respeito com o companheiro. Que por sua vez não ficava incomodado, muito pelo contrário; ele gostava de fazer para ela o papel de Candide, ou seja, de um conselheiro amistoso, sem segundas intenções, alheio à revista e ao universo científico.

Depois da conversa pelo telefone, Adam abriu seu caderno de anotações para refletir, com um lápis entre os dedos, sobre a estranha situação em que se metera.

Terça-feira, 24 de abril

Meu mal-estar persiste, embora Dolorès tenha se revelado incrível e exemplar, por sua elegância moral e sua sutileza.

Nem uma só palavra sobre o que aconteceu na última noite, mas tampouco nem uma só palavra completamente alheia a isto. Não sei se cada subentendido foi previamente amadurecido; e talvez eu tenha visto alusões onde não havia. Mas nem por isso a mensagem deixa de ser absolutamente clara: o parêntese é aceitável enquanto permanecer apenas como um parêntese.

Esse código de comportamento me convém, e eu deveria ficar tranquilo com o fato de ter sido estabelecido por Dolorès. Mas minha apreensão tem outra origem: nessa sabedoria vulgar, tirânica, que me obriga a acreditar que cometi uma transgressão, que ela terá um preço, inevitavelmente, por razões ligadas à natureza humana e às leis celestes.

Minha geração, a geração das mulheres e dos homens que tinham 20 anos na década de 1970, tinha no centro de suas preocupações a liberação do corpo. Nos Estados Unidos, na França e em muitos outros países, entre eles o meu. Retrospectivamente, estou convencido de que estávamos com toda a razão. É pelas amarras impostas ao corpo que as tiranias morais nos amarram o espírito. Não é seu único instrumento de controle e dominação, mas se revelou um dos mais eficazes ao longo da história. Por isso, a emancipação do corpo vem a ser, globalmente, um ato libertador. Desde que não seja usada para justificar todas as vulgaridades de comportamento.

O que acabo de viver com Sémi tem um sentido porque representa uma rebelião tardia contra a minha timidez de adolescente. Por esse motivo, nossa intimidade foi legítima. Mas não demoraria a se tornar patética se, em vez de encará-la como uma piscadela para os adolescentes que fomos um dia, começássemos a vivê-la, eu e minha cúmplice, como uma aventura banal por baixo dos edredons.

Um parêntese, então, a minha noite com Sémi? Certamente. Ela própria não encara as coisas de outra maneira. A palavra de Dolorès, portanto, não é ofensiva nem indigna.

Parêntese, também, tudo que sinto necessidade de contar sobre minha juventude, meus amigos? Sim, sem dúvida, é a palavra que cabe. Mas eu não tenho a intenção de fechar imediatamente esse parêntese. Ainda que acabem numa gaveta, esquecidas, estas páginas que dedico à memória dos meus amigos dispersos ainda têm para mim uma razão de ser. Minha vida, assim como a vida das pessoas que conheci, talvez não represente grande coisa em comparação com a de um conquistador famoso. Mas é a minha vida, e se eu

considerar que ela não merece nada além do esquecimento, então eu não mereci viver.

3

Quando Sémi veio me "sequestrar" ontem à noite, eu estava justamente relatando o sequestro de Albert e a angústia dos que estavam empenhados em libertá-lo.

Por acaso esse sequestro e o cativeiro representariam um choque salutar para o nosso amigo? Teriam devolvido a ele a vontade de viver? Não havia como afirmá-lo.

— Será que não seria melhor deixá-lo por mais algum tempo nesse buraco? — questionava-se Mourad no telefone. — Para dizer a verdade, se não for maltratado, não tenho a menor pressa de vê-lo livre de novo.

Eu entendia perfeitamente sua apreensão. E, a propósito, era o que eu mesmo tinha pensado, no exato momento em que fui informado de que Albert era mantido como refém. Não caberia temer que, ao libertá-lo, o estivéssemos entregando à morte, assim como ele fora salvo ao ser sequestrado? O absurdo da situação podia ser risível, mas para nós a angústia era muito concreta.

Enquanto conversávamos, uma solução me veio à mente, e logo a sugeri a Mourad.

— Se você conseguir libertá-lo, deve sobretudo evitar que seja levado para casa. Deixe-o por dois ou três dias com você na montanha. Depois mande-o para cá, para Paris. Eu então cuidarei dele. Acha que ele aceitaria?

— Ele terá de aceitar! É a única solução razoável. Se não aceitar, eu é que o sequestrarei. Trato de amarrá-lo e o mando para você.

— Combinado, vou recebê-lo.

Creio ter lembrança de que nossa conversa terminou numa gargalhada descontrolada, muito pouco sintonizada com o trágico da situação.

A se dar crédito às anotações de Adam e às reminiscências de Tania, esse roteiro teria sido aplicado em linhas gerais, mas não sem alguns imprevistos de última hora.

Ao ser libertado por seu infeliz sequestrador, Albert foi deixado na entrada do seu bairro. Mourad e sua esposa, que o esperavam em seu carro a poucos metros dali, logo trataram de acomodá-lo e levá-lo diretamente à sua casa, na aldeia. O sobrevivente parecia tranquilo, como se nunca tivesse pensado em suicídio nem sido feito refém. Estava lacônico, mas sorridente.

Nos dias seguintes, Mourad levou-o para tirar fotos de identidade, conseguiu para ele um passaporte na Secretaria de Segurança e um visto no consulado da França. E comprou-lhe uma passagem aérea para Paris, sem volta.

Houve, contudo, dois momentos delicados. O primeiro, no dia seguinte à sua libertação, quando o antigo refém manifestou o desejo de ir ao seu apartamento. Os amigos temiam que ele ainda pretendesse acabar com a vida, mas não podiam dizer-lhe não. Mourad entregou-lhe as novas chaves, pois a fechadura tivera de ser mudada, depois de arrombada. Tania o acompanhou até a cidade e manifestou o desejo de subir com ele. Albert respondeu com firmeza que preferia ir sozinho, e ela não insistiu; a ideia de subir a pé os seis andares não a encantava propriamente; e de qualquer maneira, pensou, se Albert estivesse decidido a se matar, não seria possível impedi-lo indefinidamente. Ela então o esperou em frente ao prédio durante 45 minutos, desfiando um rosário e imaginando o pior. Mas ele acabou voltando, com ar abatido, tendo na mão uma pequena mala.

O outro momento de susto ocorreu no dia em que o antigo refém tinha de pegar o avião, segundo Adam relata em seu caderno.

Albert comunicou calmamente que antes de ir para o aeroporto fazia

questão de se despedir do seu sequestrador. Era o que lhe prometera, e estava fora de cogitação não cumprir a promessa. Não conseguindo dissuadi-lo, Mourad e Tania decidiram acompanhá-lo.

A casa do mecânico ficava no fundo de um beco sem saída; chegava-se por um caminho de terra batida coberto de lama desde a chuva da véspera. As paredes eram de concreto aparente, como se nunca alguém houvesse cogitado pintá-las. O pequeno pátio estava tomado por velhos pneus.

— O homem e sua esposa nos esperavam. São pessoas de bem cuja vida evidentemente gira em torno da oficina. E também, é claro, do filho único, cujas fotos estão em toda parte, algumas emolduradas, outras em cartazes recentes usados para tentar encontrá-lo quando ainda havia esperança. A sala parece um santuário em memória do filho perdido.

"Eu e Tania apresentamos nossos pêsames. Eles responderam polidamente, com dignidade, como convém a pessoas enlutadas. E então o pai murmurou, com voz trêmula: 'Vocês não têm nada a ver com isso!' E quando Albert se aproximou... Só mesmo vendo! O homem o pegou pelo braço, a mulher pelo outro, e os dois o apertaram contra o peito. 'Cuide-se bem!', 'Prometa que não fará nenhuma besteira!', 'A vida é valiosa!' E começaram a chorar. Albert desfez-se em soluços. E depois Tania e eu, também.

"Quando nos levantamos para nos despedir, eles recomeçaram: 'Não demore a voltar para nos ver de novo!' E outra vez 'Cuide-se bem!' Albert prometia e jurava. Era o mais emocionado, e no carro, a caminho do aeroporto, continuou a enxugar suas lágrimas."

— E ele se foi?

— Sim, foi-se, graças a Deus! Ficamos no aeroporto até o avião decolar. E então voltamos para te telefonar. Ele devia chegar a Paris por volta das três e meia.

— Perfeito. Vou almoçar depressa para ir recebê-lo.

Lembro-me de ter ouvido, na extremidade levantina da linha, um longo, um longuíssimo suspiro de alívio.

— Muito bom poder empurrá-lo para você. Boa sorte!

Recordando a fala de Mourad, sua voz, seu riso, seu empenho em salvar Albert, a força da nossa conivência, não posso deixar de pensar que neste exato momento ele está no seu caixão, esperando para descer à terra. Registrar por escrito essa nossa conversa parece-me de repente uma homenagem ao amigo perdido.

Essa discreta homenagem, na intimidade destas páginas, poderá atenuar meu sentimento de culpa ou, pelo contrário, intensificá-lo, quem sabe até levando-me a mudar de atitude em relação ao funeral?

Não, não tenho a menor vontade de ir. Se tiver de haver uma reconciliação póstuma entre mim e ele, não será em público, com um microfone no nariz, mas no recolhimento e no sussurro das almas.

4

Renovada a decisão de não comparecer no dia seguinte ao enterro do antigo amigo, Adam tratou de retomar o fio da narrativa.

O "pacote" chegou em perfeito estado. Em vão eu tentava encontrar em seus olhos e em suas palavras marcas do sequestro e da tentativa de suicídio. Nada. Albert voltara a ser plenamente ele mesmo. É pelo menos essa a impressão que guardo de sua estada em Paris, em fevereiro de 1980.

No início, bem no início, nas primeiras horas, eu me sentia desconfortável. Ele ficou hospedado em minha casa, no quarto dos amigos, e eu o vigiava o tempo todo de rabo de olho, abstendo-me de dizer certas coisas. Até que relaxei, cada vez mais, a ponto de brincar com tudo, começando pela coincidência absurda do sequestro no exato momento em que ele se preparava para tirar a própria vida. De vez em quando, minha companheira na época, Patricia, que era psicanalista, me censurava: "Cuidado, ele está frágil, não se engane com seu aparente bom humor!" Eu não concordava com ela; instintivamente, sentia que a melhor atitude não era poupá-lo, nem tratá-lo como um sobrevivente, ou mesmo um convalescente, mas como o amigo sutil que sempre fora, capaz de rir de tudo, inclusive dos próprios problemas. E não me enganei. Dois dias após da sua chegada, eu sabia que a batalha fora vencida.

Era um sábado. Tínhamos levantado muito cedo, por volta de cinco horas

da manhã, e, para não despertar minha companheira, nos refugiamos na cozinha, na outra extremidade do apartamento. Eu começara a preparar um café, mas meu convidado desejava outra coisa.

— Ande, vá se vestir, vamos sair — disse-me. — Há muito tempo sonho em tomar o café da manhã num bistrô parisiense. É esta a oportunidade, vamos lá, sou eu que convido. Além do mais, preciso dizer-lhe umas coisas.

Lá fora, chovia, fazia frio e ainda parecia que era noite. Mas estávamos tão felizes de poder perambular juntos por Paris!

Fomos atraídos por uma brasserie e escolhemos uma mesa em meio aos comerciantes do mercado, pedindo um banquete matinal: chocolate quente, bolos, geleias, queijos, ovos, sucos, frutas, cereais e até panquecas com xarope de bordo...

— Preciso comunicar-lhe algo — disse-me Albert. — Um comunicado em quatro pontos...

O tom era solene, quase oficial, apesar de atenuado por um sorriso irônico e, entre os dedos, um croissant mordido.

— Primeiro, o que eu pretendia fazer há algumas semanas, não voltarei a fazer, a página foi definitivamente virada. Não chegaria a dizer que me arrependo do que quer que seja. Digamos apenas que não lamento que as coisas tenham acontecido como aconteceram. Nem que eu tenha saído ileso.

Eu me limitava a sacudir várias vezes a cabeça, sem interrompê-lo. Uma sombra passava pelos seus olhos.

— Segundo, não voltarei mais para o nosso país. Pensando bem, e você vai achar que é uma estupidez, mas não é obrigado a me dizer!, não era a vida que me pesava. Acho que eu apenas estava buscando uma porta de saída. Eu não podia mais viver naquele país, mas também não conseguia deixá-lo. Não encontrava em mim forças para sair do meu apartamento, e começava a achar que o melhor seria adormecer uma última vez entre meus móveis, cercado dos meus livros e das minhas caixas de música, para não mais despertar, ou para despertar... em outro lugar. O destino decidiu de outra maneira, eu engulo e

aceito.

Havia um tremor na sua voz, que ele logo tratou de dissimular com uma tosse, para em seguida engatar:

— Enquanto ainda estava lá, eu não me sentia capaz de partir. Agora que estou longe, sinto-me totalmente incapaz de voltar. Sou como o sobrevivente de um naufrágio. Resistia a pular do navio que afundava, mas, agora que não estou mais nele, não me passaria pela cabeça voltar a subir a bordo. Para mim, esta página também está definitivamente virada. E, por sinal, não só para mim... Nem preciso dizer a você que o nosso Levante está perdido, irremediavelmente.

De fato, eu não estava em posição de argumentar, tendo deixado a terra natal antes dele. Mas a sentença de Albert era por demais brutal, definitiva; senti-me na obrigação de manifestar uma vaga objeção, mas tomando o cuidado de não desviar a conversa, para que meu amigo pudesse continuar.

— Terceiro, também não ficarei na França. Vou para os Estados Unidos. Mas o fato é que gosto de Paris, e aqui me sinto bem. Graças aos anos que passei com os jesuítas, nada do que existe na França me é completamente estranho. Nem tampouco a você, imagino... Mas para o que pretendo fazer, é lá, na América, que preciso estar. Só hesito entre Nova York e a Califórnia. Vou decidir quando estiver lá...

Ele fez um silêncio, como numa deliberação interior, que eu mesmo acabei interrompendo.

— E o número quatro?

— Quarto, acho que sei, justamente, pela primeira vez desde que nasci, o que quero fazer da minha vida. Foi necessário... tudo isso.

Fiquei esperando. Ele não disse mais nada. Perguntei-lhe então, como quando éramos adolescentes:

— E o que é? O que pretende fazer da sua vida?

— Isso não vou lhe dizer hoje. Você ficará sabendo quando eu fizer.

Eu quase cheguei a insistir, mas achei melhor não. Não queria que Albert

se comprometesse diante de mim a realizar coisas extraordinárias, para depois ficar com a sensação de não ter se mostrado à altura. Era melhor deixá-lo subir de novo a ladeira tranquilamente, sem pressão, no seu ritmo.

Adam fechou o caderno e consultou o relógio. Sete da noite já, faltando dois minutos. Decidiu ligar para Sémiramis. Ela lhe dissera que estaria na cidade o dia inteiro e que telefonaria para ele ao retornar, mas ele queria se antecipar.

Ligando para o seu celular, perguntou-lhe então se ela já estava em casa.

— Ainda não. Estou a caminho. Mas podemos falar, não estou dirigindo. Conseguiu trabalhar bem?

— Não tão bem quanto nos dias anteriores, estava menos concentrado...

— A culpa é minha, eu o dispersei.

Provavelmente era verdade, mas teria sido indelicado reconhecê-lo.

— Não, de modo algum — protestou ele.

Mas ela acrescentou, como se não o tivesse ouvido:

— Você estava trabalhando tão bem, e eu tinha de vir perturbá-lo. Deve estar com raiva de mim.

— Mortal!

Ele riu, dando tempo para que a amante também risse, e então acrescentou:

— Tivemos um momento esplêndido, que nunca vamos esquecer. É a única coisa que importa.

— Apesar do remorso?

— Sim, apesar do remorso...

— Então vamos jantar de novo esta noite?

— De novo esta noite.

— E logo depois nos separamos?

— Não. Depois, não nos separamos.

— Teremos outra reunião?

Evidentemente ela usara esta palavra porque não estava sozinha no carro e não queria dizer "outra noite juntos". Adam, por sua vez, não precisava de iguais

precauções, pois estava sozinho no quarto, longe de ouvidos indiscretos; mas optou também pela linguagem cifrada.

— Não, não será outra reunião, vamos reconvocar a primeira. A sessão não foi suspensa, que eu saiba...

Sexto dia

1

Pela manhã, os dois amantes estavam na varanda, como na véspera.

Adam levantou-se primeiro, mas esperou que Sémiramis fosse ao seu encontro e que ela mesma apertasse o botão do elevador que levava ao segundo andar o prato do desjejum.

— É hoje o enterro de Mourad — observou ela, pretendendo insistir mais uma vez para que ele não deixasse de ir à cerimônia. Pelo seu olhar, contudo, ela entendeu que de nada adiantaria. Preferiu perguntar se já escrevera aos amigos de outros tempos para comunicar a triste notícia.

— É o que eu pretendia fazer hoje. Enquanto você estiver no enterro, vou redigir uma espécie de comunicado para nossos conhecidos comuns, além de cartas mais pessoais para dois ou três amigos próximos, nas quais falarei da reunião proposta por Tania.

A mão da amante pressionou a sua com ternura.

— Está bem. Assim, pelo menos, você estará de alguma maneira presente ao enterro, mesmo que distante.

Momento de silêncio.

— E já sabe por quem vai começar?

Adam fechou os olhos, sacudindo ligeiramente a cabeça, e retomando assim o gestual levantino, depois de tantos anos de afastamento.

— Sim, sei.

Sémiramis claramente esperava um nome, mas obteve apenas um sorriso

enigmático. Boa moça, ergueu a xícara de café para brindar com ele, como se já tivesse chegado a noite e estivessem de novo bebendo champanhe.

— À saúde de nossos amigos dispersos! — disse-lhe ela.

— À saúde dos sobreviventes! — respondeu Adam.

A frase não era feliz. Um véu passou pelo olhar da amiga. Mas ela logo se recompôs, e de novo ergueu a xícara para dizer, numa mistura de petulância e ternura:

— Aos que partiram!

De volta ao quarto, Adam escancarou a janela dando para o vale. Calmamente respirou o ar aromático do pinheiral, e depois sentou-se à mesa e abriu o computador para iniciar sua primeira carta.

"Meu caro Albert,

É uma notícia ruim que venho trazer-lhe. Trata-se de Mourad. Ele faleceu no sábado, "das consequências de uma longa doença", como se costuma dizer. Tinha apenas 49 anos. O enterro será hoje.

Das últimas vezes que falamos dele, não foi para dizer boas coisas. Sua morte não nos fará mudar de opinião, creio eu; mas nos obriga a mudar de atitude. (...)

Tania ficaria feliz de receber uma palavra sua. Gostaria também que os amigos de outras épocas se reunissem daqui a algum tempo para evocar suas lembranças. Parece-me que uma cerimônia com discursos em homenagem ao falecido seria inadequada e embaraçosa; por outro lado, a ideia de reunir nosso velho círculo de amigos depois de tantos anos não me desagrada. Pense nisso! Voltaremos a falar a respeito...

Com apreço,

Adam"

Depois de enviar essa mensagem, ele começou a percorrer sua agenda

eletrônica, deparando-se com algumas pessoas com as quais estivera em contato nos últimos anos, esses mesmos "conhecidos comuns" de que acabava de falar a Sémiramis. Eram todos "emigrantes", como diziam laconicamente os que tinham ficado no país.

Ele levou algum tempo para redigir a participação. Buscava o tom adequado, a meio caminho entre o murmúrio íntimo e o comunicado. Finalmente, por cansaço e preguiça, limitou-se a reproduzir literalmente o primeiro parágrafo da mensagem a Albert, e depois a primeira frase do terceiro parágrafo, "*Tania ficaria feliz de receber uma palavra sua*". E concluiu: "*Espero que voltemos em breve a nos comunicar em circunstâncias menos tristes.*" Nada mais. Enviar!

Ele olhou o relógio, eram onze horas em ponto, a hora marcada para o enterro. Observou alguns segundos de introspecção. Em seguida, para não dar asas ao sentimento de culpa, voltou ao e-mail. Para sua grande surpresa, constatou que Albert já havia respondido. E no entanto deviam ser três horas da manhã, ou algo parecido, em Indiana.

"Meu querido Adam,

Tendo saído da cama com insônia, acabo de ler sua mensagem.

A notícia me entristece, e ainda hoje vou enviar uma carta a Tania.

Por ela, sempre tive apenas afeto e amizade; quanto a Mourad, embora tenha a mesma opinião que você sobre seu comportamento público, jamais esquecerei o que fez por mim naquela provação que você sabe. Se ele não tivesse agido com tato, eu não teria saído vivo. Ainda que fosse apenas por esse motivo, seria adequado que eu me inclinasse — em pensamento, evidentemente — diante do seu corpo. De qualquer maneira, no meu coração, não tenho ressentimentos em relação a ele. Lamento apenas seu deslize moral, cujas consequências veio, afinal, a sofrer muito mais que eu ou você.

Quanto à ideia de reunir os amigos de outros tempos, fico simplesmente encantado. Pouco importam as circunstâncias ou o pretexto. A propósito, me

pergunto por que nunca pensamos nisso antes... Enquanto lhe escrevo estas palavras, a resposta me salta aos olhos. Foi por causa de Mourad. Reunir-se com ele tornara-se impensável, reunir-se sem ele não teria o menor sentido. Prosseguindo nesse raciocínio, fico pensando que sua morte é a circunstância ideal que finalmente nos permitirá um reencontro. Fique tranquilo, nada direi nesse sentido a Tania. Se ela precisa acreditar que é a lembrança de Mourad que voltará a nos reunir, podemos deixá-la com suas ilusões e consolações...

Estou de acordo, portanto, com esse reencontro, e com entusiasmo. Mas não poderá ser no nosso 'velho país'. Como cidadão americano, não posso viajar para lá, como você sabe. Além do mais, como meu instituto tem ligações com o Pentágono, uma visita em caráter privado não me é apenas desaconselhada, mas estritamente proibida. Sinto muito! Se quiser que eu participe, a reunião terá de ocorrer em outro país. A melhor escolha me parece ser Paris, mas estou aberto a outras sugestões.

Quanto à data, no entanto, tenho bastante flexibilidade. Aceitarei a que você escolher, desde que seja avisado com algumas semanas de antecedência.

Tome logo as providências, tenho pressa de reencontrar os amigos daquela época. Há muitos anos não tenho mais contato com a maioria deles...

Sempre seu,

A."

Adam respondeu imediatamente, num parágrafo lapidar:

"Obrigado, Albert, por responder tão rapidamente! Entendo suas limitações. E como não teria cabimento que nos encontrássemos sem você, será portanto em Paris! Uma solução que me convém perfeitamente, como pode imaginar. Falarei com os outros, sugerindo algumas datas... Melhores votos, A."

Mandou a mensagem, fechou o computador e abriu seu caderno de anotações na página onde havia parado na véspera.

Eu sempre soube que o instituto no qual Albert trabalha é, há décadas, um importante "think tank" dos militares americanos, muito embora ele mesmo nunca tivesse me falado tão francamente a respeito até agora. Tratando-se da pessoa apolítica que sempre foi o meu amigo, temos aí inegavelmente um paradoxo, para não dizer uma extravagância. Ele precisou passar por um desvio para chegar nesse ponto, mas era um desvio lógico.

Quando me disse, em Paris, há mais de vinte anos, naquele nosso café da manhã pantagruélico, que agora sabia o que faria da vida, ele acabava de tomar conhecimento da existência de uma nova disciplina, com a qual sempre sonhara: a futurologia. Não clarividência, astrologia ou quiromancia, pelas quais nunca se interessou; nem apenas ficção científica, que apreciava como leitor, e pela qual, a propósito, não excluía a hipótese de enveredar um dia como escritor; mas uma autêntica disciplina, exercida por "pesquisadores que têm ao mesmo tempo a cabeça nas estrelas e os pés na terra", como me escreveria ele próprio.

Nos primeiros tempos de sua vida nos Estados Unidos, poucas notícias recebi dele. Ao chegar, ele me mandou um bilhete; eu lhe telefonei no número nova-iorquino que me havia fornecido; depois, silêncio. Retomei o curso da minha vida, e ele estava ocupado em construir a sua.

Só em 1987 eu soube o que ele se tornara. Estava lendo um artigo sobre "o futuro do petróleo" numa importante revista política internacional e dei com uma referência elogiosa, numa nota de rodapé, aos "trabalhos inovadores de Albert N. Kithar sobre o conceito de 'blind spot'". Felizmente, a nota mencionava a instituição que havia publicado esses trabalhos, sediada em Indiana. Tratei então de enviar uma carta ao meu amigo no endereço indicado, sem ter certeza de que chegaria a ele. Mas ele a recebeu muito

rapidamente, pois o fato é que sua resposta me chegou duas semanas depois.

"Meu caríssimo Adam,

Você não pode imaginar a pressa com que abri sua carta, e a emoção que senti ao saber que tivera notícia das minhas pesquisas.

Não se iluda, não sou o criador de nenhuma teoria importante, nem me tornei uma celebridade. O conceito de 'ponto cego', ou 'blind spot', é simplesmente um instrumento de reflexão. Refiro-me a ele em nosso jargão como 'a digging tool', uma ferramenta de escavação. Apenas isso, e nada tem de misterioso, como você verá.

A ideia me ocorreu quando ainda estávamos no colégio. A aula era sobre a 'Declaração dos direitos do homem e do cidadão' proclamada na época da Revolução Francesa. Um aluno perguntou se as mulheres estavam incluídas; e, caso estivessem, como explicar que só tivessem conquistado o direito de voto na França depois da Segunda Guerra Mundial? O professor respondeu que, na verdade, elas não estavam incluídas nessa afirmação da igualdade diante da lei, mas que não se podia concluir daí que se decidira deliberadamente excluí-las. Esse aspecto da realidade, acrescentara, era simplesmente inconcebível, 'invisível' para os homens nessa época.

Essa questão me deixara intrigado, e quando eu comecei a me interessar mais de perto pelas investigações prospectivas e pela futurologia, entendi o quanto era fundamental ter sempre em mente que em cada época os homens se revelam incapazes de ver certas coisas. Inclusive, é claro, na nossa época. Nós vemos coisas que nossos antepassados não viam; mas existem coisas que eles viam e que nós não vemos mais; e existem sobretudo inúmeras coisas que nossos descendentes verão e que nós ainda não vemos, considerando-se que também temos nossos 'pontos cegos'.

Um exemplo entre tantos outros, para ilustrar minha ideia: a poluição. Desde o início da revolução industrial, temos sido completamente incapazes de perceber que a presença de fábricas nas proximidades de regiões urbanas

podia representar um risco grave para a saúde; tínhamos outras preocupações, outras prioridades. Só há cerca de quarenta anos essa questão entrou no nosso campo de visão. Outro exemplo, no mesmo terreno, é a ideia de que os recursos do mar não são infinitos, podem esgotar-se, sendo portanto necessário preservá-los. Há poucos anos, semelhante ideia era 'invisível', exceto para uma ínfima minoria de 'visionários', justamente, e que exatamente por isso eram inaudíveis para os contemporâneos.

Apresso-me a acrescentar que não fui eu que inventei esse conceito de 'blind spot'. Historiadores, psicólogos e sociólogos tratam da questão há muito tempo. A contribuição do seu amigo Albert é extremamente pontual e modesta. Há quatro anos, quando nosso instituto ainda não havia se mudado para Indianápolis, uma universidade do estado de Nova York convidou-me a organizar um seminário de introdução à futurologia. No fim do semestre, apresentei aos alunos uma única questão, que devia ser o tema da sua dissertação. Formulei-a mais ou menos da seguinte maneira: Todas as épocas têm seus pontos cegos, e a nossa não é exceção. Existem aspectos da realidade que não somos capazes de ver, e é inevitável que cada um de nós, dentro de alguns anos, pergunte a si mesmo: 'Como é que não vimos isto antes?' Justamente, vou pedir-lhes que se projetem no futuro e me falem de um 'blind spot' que nos seja extremamente difícil ver hoje, e que daqui a trinta anos nos parecerá evidente.

As respostas dos alunos não eram interessantes. Recordo-me de uma que dizia que as próximas gerações certamente ficarão escandalizadas de saber que em nossa época milhões de animais eram massacrados nos abatedouros e a maioria das pessoas achava tal prática perfeitamente normal. A meu ver, uma visão por demais otimista do futuro de nossa espécie...

Mas o fato é que o método despertou forte interesse em alguns dirigentes do nosso instituto. Tornou-se até tema obrigatório das entrevistas de recrutamento de novos pesquisadores. 'Diga-me, Kim! Estou convencido de que temos aqui bem debaixo do meu nariz algo essencial para o futuro da

Ásia, ou da Europa, do petróleo, da energia nuclear etc., e que eu não consigo ver. Poderia dizer-me o que é?' Impossível responder sem hesitar. É preciso escavar na cabeça para se projetar além do que somos capazes de ver ao primeiro golpe de vista. Donde vem a expressão 'digging tool', ferramenta de escavação.

É portanto com isso que eu me divirto há alguns anos, enquanto todo mundo acha que eu estou trabalhando!

E você, que tem feito? Não me contou grande coisa sobre sua vida, seu trabalho, seus projetos etc. O que vai obrigá-lo a me escrever uma segunda carta.

Afetuosamente,

Albert"

Desde essa troca de correspondência, não perdemos mais contato. Na época dos envelopes timbrados, nós nos escrevíamos pelo menos uma vez por ano; depois, com o advento do correio eletrônico, o ritmo se acelerou consideravelmente. Hoje em dia, raramente se passam várias semanas sem circulação de mensagens entre nossos computadores. Às vezes, é tudo muito lapidar, apenas um artigo que um de nós acaba de ler e quer mostrar ao outro. Acompanhado de uma palavra — sim, um simples "fascinante", ou "preocupante", ou apenas "abraços" — e assinado apenas com uma letra, "A", nossa inicial comum.

Eu tenho guardada nossa correspondência em papel; de maneira sistemática no caso das cartas que recebi, menos rigorosamente no das minhas próprias cartas, que nem sempre tive o cuidado de fotocopiar antes de colocá-las no correio. No caso das mensagens por e-mail, a conservação é mais aleatória. Em princípio, as trocas são sistematicamente salvas; na realidade, toda vez que um dos meus computadores sofreu uma pane, e toda vez que precisei mudar de "provedor de correio", muitos documentos se perderam.

Mas nada disso me angustia. Por outro lado, como historiador da

Antiguidade, constantemente obrigado a trabalhar com fragmentos, vestígios? Em comparação, os elementos de que disponho para reconstituir meu próprio passado são de incrível abundância, tanto minhas lembranças pessoais quanto os documentos conservados. Meu drama é outro: essa enfermidade mental que afasta meu universo íntimo da minha escrita pública, como se só pudesse desacreditá-la.

2

Tendo devidamente copiado em seu caderno extensos trechos da velha carta do amigo, Adam voltou a deitar na cama para mergulhar de novo em sua correspondência de outros tempos, passando de um envelope a outro. Ele se deleitava com essa leitura, tentado a afundar nela e esquecer o passar do tempo. Mas com ele o sentimento de culpa sempre acabava levando a melhor. Bastava que se afastasse um pouco do trabalho que devia realizar, e começava a se censurar.

Nesse dia, ele se desvencilhou do delicioso entorpecimento rapidamente para voltar a se sentar diante da tela e escrever a outra carta importante, pois prometera a si mesmo que faria isso naquele momento de luto.

"Meu querido Naïm,

Escrevo para lhe dar uma notícia bem triste: Mourad acaba de morrer de câncer. O enterro será hoje. (...)

Não sei se vocês ainda mantinham contato. De minha parte, não falava mais com ele há vários anos, como já lhe expliquei; mas, na última sexta-feira, sua mulher e ele me telefonaram para me informar que ele estava morrendo e desejava me ver. Fui ao seu encontro na mesma noite, mas ele faleceu sem que pudéssemos ter uma conversa.

Creio que Tania ficaria feliz de receber uma palavra sua. Ela também gostaria que os amigos de outros tempos voltassem a se reunir nessa

oportunidade. O que é uma excelente ideia, independentemente das circunstâncias. O que acha? Teria alguma proposta de local e data? Minha preferência é Paris, mas estou aberto a qualquer sugestão.

Afetuosamente,

Adam"

Como no caso de Albert, meus contatos com Naïm tinham sido retomados certo dia de maneira imprevista. Durante alguns anos, nos havíamos comunicado esporadicamente; depois, graças ao correio eletrônico, o fluxo tornou-se contínuo.

Mas no seu caso a coisa aconteceu mais tardiamente, há apenas dez anos; mais ou menos da mesma maneira, só que não fui eu que o encontrei, ele é que me encontrou.

Eu havia acabado de publicar um artigo sobre Átila numa pequena publicação de história mensal que dedicara um número especial às "Invasões bárbaras", e não esperava ser lido fora da França. Fiquei assim agradavelmente surpreso quando o editor da revista me fez chegar uma carta de leitor com selo brasileiro. No verso do envelope havia apenas as iniciais do remetente, e o início da carta tampouco deixava transparecer alguma coisa.

"Senhor Professor,

Escrevo em primeiro lugar para agradecer pelo que pude aprender no seu artigo sobre o personagem de Átila. Julgamos conhecer uma figura histórica, temos duas ou três ideias preconcebidas a seu respeito e até nos sentimos no direito às vezes de usar seu exemplo para ilustrar nossas próprias opiniões. Mas de repente, numa leitura, descobrimos que não sabíamos grande coisa do huno nem de sua época. Pior ainda, nos damos conta de que o pouco que sabíamos era tão vago, tão nebuloso, que só poderia ser considerado um equívoco, pura e simplesmente.

Nunca pensou, Senhor Professor, em escrever uma biografia sobre esse

personagem? Como leitor, é o que o exorto enfaticamente a fazer. Se minha humilde sugestão lhe agradar e o senhor resolver escrever esse livro, ficaria grato se pudesse enviar-me um exemplar com dedicatória para o seguinte endereço:

Naïm E., Avenida Ipiranga (...), São Paulo, Brasil.

N.B. — Não, não se trata de um homônimo."

Claro que eu tive vontade de dar pulos de alegria e dizer-lhe o quanto ficara feliz de tê-lo reencontrado, e perguntar o que andava fazendo. Mas me contive. Para seguir o espírito de nosso antigo círculo de amigos, eu devia responder no mesmo tom adotado por ele. Quando um de nós enveredava por uma farsa dessas, tinha de manter a cara de pau pelo maior tempo possível, cultivando pacientemente o equívoco, dando espaço para a ambiguidade, e sobretudo sem cair na gargalhada antes da hora. Nessa brincadeira, saía ganhando aquele que risse por último.

Minha resposta, então, foi assim redigida:

"Amigo leitor,

Sua carta me deu grande prazer. Átila é provavelmente uma das figuras históricas mais desconhecidas. E quando eu digo num seminário — um pouco por provocação, devo confessar — que ele é o avô da Europa moderna, alguns ouvintes ficam achando que o levantino em mim os está querendo ofender.

Estranho que você tenha sugerido que eu escreva sua biografia! Falei recentemente a respeito com um editor parisiense, uma semana antes de receber sua carta, e ele concordou. Já disponho de toda a documentação necessária, tenho tudo planejado, e poderei redigir o livro em alguns meses. Faço questão de lhe enviar um exemplar assim que for publicado.

Uma outra solução seria que viesse pessoalmente buscá-lo em minha casa, no seguinte endereço:

Adam W., (...) Rue du Cherche-Midi, Paris, VIe.

N.B. — Em sua visita, mesmo que o livro ainda não tenha sido publicado, lhe será oferecida uma refeição, acompanhada de café turco."

Ao optar por restabelecer contato dessa maneira, depois de dezesseis anos de afastamento, estávamos prontamente reatando nossa cumplicidade no nível em que se encontrava na época da universidade, antes das quatro ou cinco últimas guerras locais, antes da nossa maldita dispersão.

Posteriormente, muito pouco nos escrevemos em papel. Com a troca de endereços, também tínhamos fornecido nossos números de telefone, e nos falamos algumas vezes. O telefone é insidioso e enganador. Estabelece uma falsa proximidade entre os interlocutores; favorece o imediato e superficial; e, o que é mais grave para um historiador como eu, não deixa qualquer traço.

Felizmente, nos três últimos anos, Naïm e eu adotamos o correio eletrônico. E, como no caso de Albert, escrevemos regularmente um ao outro.

Uma ou duas vezes, ele me perguntou onde estava minha biografia de Átila. Tive de responder que estava no mesmo ponto de sempre: em preparo, ou seja, parada.

Seria desde o início uma má ideia? Não creio. Ao escrever o artigo mencionado por Naïm, eu realmente tinha o sentimento de ter o livro pronto para o forno. Sentia-me capaz de contar a vida de Átila do nascimento à morte sem sequer consultar minhas anotações. Sabia o nome de suas esposas e conhecia a trajetória de seus diferentes conselheiros. E, por sinal, nem deveria escrever no passado, pois não esqueci nada disso. Mas a passagem do texto curto para o longo revelou-se complicada.

Para um artigo, basta ter algumas ideias fortes; para uma biografia, é preciso ser exaustivo e não abrir o flanco a críticas dos especialistas. Quando eu digo, por exemplo, que o principal adversário de Átila, o comandante das tropas romanas, Flavius Aetius, não era um desconhecido para ele, mas um amigo de infância, e isto pelo simples motivo de que o "flagelo de Deus" passara a adolescência na própria Itália, na corte imperial, e não nas estepes

da Ásia Central; ou quando afirmo que sua hesitação em atacar Roma se devia ao fato de que seu sonho não era destruir a cidade nem saqueá-la, mas nela ser coroado imperador, como aconteceria, quatrocentos anos depois, a um outro chefe das invasões bárbaras: Carlos Magno —, tudo isso pode surtir grande efeito num artigo ou numa conferência. Mas, para escrever uma biografia digna deste nome, seria necessário escorar cada uma dessas afirmações em documentos, numa argumentação convincente, e em depoimentos de contemporâneos, o que não é fácil um milênio e meio depois dos fatos.

Dito isso, não abro mão dessa biografia e ainda pretendo escrevê-la!

3

Como Albert, Naïm logo tratou de responder ao comunicado anunciando a morte de Mourad. Vivendo nas Américas, um nos Estados Unidos, o outro no Brasil, eles receberam a mensagem cedo pela manhã, antes de ir para o trabalho; mas é verdade que já não existem ao longo do dia muitas horas em que não tenhamos o e-mail diante dos olhos, ou nos bolsos.

"Meu caro Adam,

Sua mensagem mergulhou-me numa tristeza inesperada. Não imaginava que pudesse ser tão afetado pela morte de um homem no qual já não pensava há muitos anos. Mas quero crer que não se trata tanto dele quanto da época à qual me leva a menção do seu nome, uma das épocas mais felizes da minha vida.

Ainda guardo na memória minha última noite no país — todos aqueles amigos reunidos em torno do braseiro na velha casa de Mourad, e que prometiam nunca se separar, embora seus caminhos já tivessem divergido e os acontecimentos já começassem a dispersá-los pelos quatro cantos do mundo... Ao escrever estas palavras, parece que estou vendo seus rostos, um a um. E também revivo meu próprio dilema naquela noite: devia dizer-lhes que estaria de partida no dia seguinte, para não voltar mais, embora tivesse prometido a meus pais não revelar seus planos? Mas já lhe contei tudo isso...

Escreverei a Tania hoje mesmo. Você fez bem de me enviar seu endereço.

Desde que deixei o país, não tive mais contato com ela, nem com Mourad. Mas não houve conflito nem briga. O contato simplesmente foi interrompido, de um dia para outro. A gente costuma dizer que a vida separou nossos caminhos. Na ausência de uma explicação melhor, é o que eu digo...

Para você, era diferente, eu sei. Você me disse um dia que não tinha mais notícias deles, que não pretendia voltar a vê-los, e naturalmente eu concluí que tinham se desentendido. Mas você não me disse mais nada... Ou melhor, agora me lembro que se referiu uma ou duas vezes a 'certos comportamentos' de Mourad, sem maiores detalhes. Eu bem que gostaria que me explicasse um dia o que aconteceu entre vocês, por que o censurou. Não há a menor pressa, mas fico curioso de saber; na minha lembrança, vocês eram inseparáveis! É verdade que isso foi há... estou fazendo as contas... 27 anos. Meu Deus, que deprimente! Mas que diabos, ainda estamos vivos, ainda somos capazes de nos lembrar, de nos emocionar. (...)

Um abraço fraterno,

Naïm"

Depois de ler e reler a mensagem, Adam imediatamente tratou de responder, com uma certa excitação.

"Mil vezes obrigado, Naïm, por sua resposta imediata! O que você diz da velha casa também revolve muitas coisas em mim. O braseiro, o vinho quente e também o terraço, lembre só!, sim, especialmente o terraço, onde tínhamos a sensação de dominar o planeta, de controlar o futuro. Vou portanto responder logo a suas perguntas, perfeitamente legítimas a respeito de Mourad, sobre minha atitude em relação a ele e dos motivos do nosso desentendimento.

Há muito tempo eu me acostumei a falar de 'certos comportamentos' seus, de seus 'atos', de seus 'erros imperdoáveis', sem nunca me dar ao trabalho de fazer o que teria feito, como historiador, caso se tratasse de um personagem da

‘minha’ época romana, ou seja: formular minhas eventuais acusações com equidade, com serenidade, muito embora, no meu coração, já tenha opinião formada.

Começarei então pelo começo, e peço desculpas antecipadamente se me detiver em coisas que você já saiba.

Pois bem... Você não ignora, suponho, que essa grande e velha residência de família de que continuamos ambos a falar com lágrimas nos olhos sempre foi objeto de litígio, às vezes desde a época otomana. O bisavô de Mourad, e depois seu avô e também seu pai passaram a vida de processo em processo. Não vou aqui entrar em detalhes, seria cansativo, e de qualquer maneira eu não teria como. Limito-me portanto a dizer o seguinte: ao longo dos anos e das gerações, eles compraram imensos terrenos na aldeia e ao redor; e mais de uma vez haviam descoberto mais adiante que a pessoa com a qual tinham feito negócio não estava em condições de vender, que a parcela pertencia, na verdade, a um vizinho ou que o vendedor não era o único proprietário, que tinha irmãos, irmãs, primos, às vezes muitos, que deveriam receber sua parte do produto da transação, e alguns dos quais não tinham a menor intenção de vender. Seguiam-se então intermináveis processos...

De todos os litígios herdados por nosso amigo, um o afetava mais: exatamente o que envolvia a velha casa. Vou poupá-lo dos detalhes para ir direto ao essencial, ao que envenenava sua vida desde que o conheci: uma família da aldeia afirmava que uma ala da residência — exatamente aquela onde se encontrava o ‘nosso’ terraço — fora construída ilegalmente em suas terras, e chegara inclusive a obter uma sentença judicial nesse sentido.

Você se lembra, Naïm, daquela horrível construção espalhafatosa na entrada da aldeia, com ferro forjado em verde-pistache e guirlandas de lâmpadas de todas as cores, cercada de crianças de olhar desconfiado que jogavam bola no meio da rua e faziam corpo mole para se afastar quando nossos carros passavam? Eram eles, os inimigos jurados que cobiçavam a velha casa!

No papel, eles tinham o mesmo nome de família de Mourad, mas seu clã tinha um apelido, eram os 'Znoud', os 'braços' — referência, suponho, a sua força física. Nosso amigo gostava de chamá-los, em francês, de 'valentões'.

E, por sinal, tinha em relação a eles uma atitude de desprezo, que não podemos deixar de considerar como um sentimento de casta. Na aldeia, todo mundo era mais ou menos primo, mas o ramo a que pertencia Mourad se considerava superior. A coisa sempre me chocara. Mesmo na época em que se dizia de esquerda e falava de igualdade, nosso amigo não tinha o menor problema em manifestar seu desprezo com relação a esses parentes pobres.

Não, 'pobres' provavelmente não é o adjetivo certo. Alguns dos Znoud tinham ganhado dinheiro, mas nem por isso sua situação fora radicalmente alterada — porque não haviam se estabelecido na cidade grande; porque no seu ramo os pais não eram advogados, nem médicos, nem engenheiros, nem banqueiros; porque seus filhos não frequentavam a universidade etc. Mas Mourad jamais seria capaz de reconhecer que era esta a principal diferença. Justificava sua aversão a eles pelo fato de que casavam as filhas com 16 anos; de que nas eleições vendiam seus votos a quem oferecesse mais; e de que viviam de roubos e mutretas.

Relendo o que acabo de escrever, eu sorrio. Achei-me no direito de debochar de nosso amigo e do seu espírito de casta, e na minha própria descrição dessas pessoas dou livre curso a preconceitos semelhantes. Como tive um pai arquiteto e uma mãe decoradora, manifesto meu desdém por essas pessoas em termos estéticos, criticando sua moradia cafona e seu ferro forjado em verde-pistache para dissimular uma realidade que sempre me deixou desconfortável: a saber, que, não importando o que eu diga, também tenho meu próprio espírito de casta. Sempre tive aversão, ao mesmo tempo, a ricos e pobres. Minha pátria social fica em cima do muro. Nem os que têm nem os que reivindicam. Faço parte dessa camada intermediária que, não tendo a miopia dos abastados nem a cegueira dos esfaimados, pode dar-se ao luxo de

dirigir ao mundo um olhar lúcido."

Provavelmente desestabilizado por sua própria digressão, Adam parou de escrever e fechou os olhos, para se transportar em pensamento à aldeia de Mourad nesse dia de funeral, imaginando o caixão, as coroas de flores, a multidão, o cemitério, o sol a pino, o atropelo, as mulheres de negro. Mas então descartou essas imagens para se lembrar das cenas mais antigas, no grande terraço ou no pequeno salão, ao redor do braseiro, numa outra época, numa vida anterior, que ficou para trás.

O que o conduziu de volta à tela do computador, à mensagem que estava escrevendo.

"Mas vou interromper aqui minhas confissões envergonhadas para voltar a nosso infeliz amigo, e a esse litígio que nunca deixava completamente seu horizonte.

De minha parte, eu me abstinha de lhe perguntar em que ponto estava. Sabia que, se fizesse qualquer pergunta, ele passaria o resto do dia ruminando. E também sabia que qualquer conversa sobre o assunto era inútil, e quase cruel. Em que ponto estava? Em lugar nenhum, evidentemente. Em nosso país, como bem sabe, em casos assim, nunca se resolve realmente coisa alguma; tudo está sempre se complicando, proliferam documentos contraditórios, os arquivos se acumulam, e se acumulam mais. E depois as pessoas morrem, deixando o litígio para os herdeiros...

Mourad estava convencido de que, se o coração de seu pai não tinha resistido aos 44 anos, era por causa desse peso constante no seu peito. Um peso que ele mesmo também fora obrigado a carregar desde a infância. E ainda que quisesse livrar-se dele, não teria sabido como fazer. A velha casa era, para ele, muito mais que uma propriedade; ela representava seu status, seu prestígio, sua honra e sua fidelidade aos seus — em suma, sua razão de ser. Não podia conformar-se em perdê-la. Mas o preço para preservá-la era um combate

exaustivo.

Com toda a evidência, e desde sempre, esse litígio era a falha na sua couraça. E por essa falha, com efeito, é que viriam insinuar-se a infelicidade e a vergonha.

É verdade que, nesse intervalo, houve a guerra. Se não fosse ela, o tempo teria continuado a correr com a mesma lentidão otomana, e a disputa na aldeia teria permanecido como uma disputa de aldeia.

Em vez disso, desde o início do conflito, o litígio local se sobrepôs, se assim posso dizer, a litígios mais amplos. Os adversários de Mourad se armaram, filiaram-se a um movimento político que ia de vento em popa, e, um belo dia, aproveitando-se do caos que reinava no país, ocuparam a velha casa.

O líder do clã era um jovem de 25 anos, cabeça quente, brigão, apesar de formado em direito. Seu nome era Chamel, se não me falha a memória, mas ele gostava de ser chamado de 'Jaguar', não em referência ao animal selvagem, mas ao automóvel que tinha comprado — ou quem sabe 'requisitado'.

Como pode facilmente imaginar, Mourad enlouqueceu. Começou a dizer para quem quisesse ouvir que ia matar esse imbecil com suas próprias mãos. Para ele, era simplesmente o fim do mundo. Estava fora de questão esfriar a cabeça, relativizar ou contemporizar. Falei com ele ao telefone algumas vezes nessa época, para tentar acalmá-lo, dissuadi-lo de cometer uma loucura, mas em vão. Quando viu que eu insistia, ele me disse simplesmente, com a grosseria de que era capaz, que eu não tinha nada a ver com aquilo tudo, que estava em jogo a casa dele, sua herança, a sua propriedade de família, e que eu não passava de um emigrante, desligado das realidades locais. Parei de discutir. Disse-lhe que não o incomodaria mais.

O que Mourad pretendia fazer para recuperar sua casa, eu vim a saber —
"

Adam foi interrompido pela campainha do seu celular. Era Sémiramis, telefonando justamente da velha casa.

— O enterro acabou, mas ainda tem muita gente aqui. Tania não para de apertar mãos, e eu também. As pessoas me veem ao lado dela e ficam pensando que eu sou da família. Só agora consegui me afastar um pouco, para lhe telefonar. Neste momento, estou apoiada na balaustrada, no canto do terraço onde costumávamos nos sentar.

— No fim das contas, talvez eu devesse tê-la acompanhado...

— Não sinta remorso, Adam! Você não teria suportado tudo isto. O cortejo, a cerimônia, os discursos, as mentiras, a fila interminável dos que querem dar pêsames, o enterro no cemitério debaixo do sol de meio-dia... Um calvário! Cheguei há mais de cinco horas, e ainda não acabou o sofrimento. No caminho para cá, eu pensava: darei um beijo em Tania e, na primeira oportunidade, desapareço. Mas, assim que me viu, ela me tomou pelo braço e não me largou mais. Acho que eu lhe lembro a época mais feliz da sua vida. Quando ela acabara de conhecer Mourad, quando o nosso bando era entusiástico, ingênuo e solidário. Quando íamos jantar e debater no *Código Civil*. Quando todos os sonhos eram permitidos... Naturalmente, ela só se agarrou a mim porque você e todos os outros não estavam aqui. E, por sinal, é por isto que estou telefonando. Você teve razão de fugir do enterro, mas seria bom que fizesse uma breve aparição.

— Agora?

— Não, não imediatamente, a casa ainda está cheia. Venha por volta das oito e meia, não haverá mais quase ninguém. Tania ficará feliz de vê-lo.

— Mas não acha que ela estará exausta, depois de um dia assim?

— Sim, estará exausta, quebrada. Já está. Mas se sentiria reconfortada se pudesse vê-lo.

— Vou pensar.

— Não, não pense. O irmão de Francis, o meu maître, tem um carro. Ele trabalha como taxista nas horas vagas, quando um de nossos clientes precisa deslocar-se. Vou telefonar para ele e pedirei para que apanhe você. Ele se chama Kiwan. Digamos por volta de oito horas, está bem?

Já não era realmente uma pergunta. Adam reagiu com um longo suspiro, mas era um suspiro de capitulação.

Voltou então a se sentar diante da tela.

"Enquanto lhe escrevia, meu caro Naïm, esta carta tão longa, Sémi, que está no enterro de Mourad, me telefonou — do terraço, sim, do 'nosso' terraço! — para pedir que eu vá passar alguns minutos esta noite com Tania. Um carro virá me buscar.

Sinto-me estranho ao lhe contar a história desse litígio em torno da velha casa no exato momento em que me preparo para botar os pés nela pela primeira vez em um quarto de século, e quando nosso pobre amigo acaba de ser enterrado... Mas vou me abstrair das tristes circunstâncias para voltar ao relato e enviá-lo antes de sair.

O que Mourad pretendia fazer para recuperar sua casa, só vim a saber quando já era tarde demais.

Na época, o país praticamente não tinha mais uma autoridade central. Surgiram nos bairros da capital e nos distritos de montanha líderes locais, muitas vezes com os pseudônimos mais ridículos; além do já mencionado Jaguar, lembro-me de ter ouvido falar de um 'Rambo', de um 'Zorro', de um 'Killer', de um 'Terminator' e também de um 'Klashenn' — diminutivo afetuoso de 'Kalashnikov'... Havia na época dezenas desses líderes, mas quase nenhum tinha qualquer influência fora do seu bairro, do seu clã ou do seu povoado natal. De outro calibre era o personagem meio equívoco conhecido como 'alto comissário'. Talvez você tenha ouvido falar dele, pois teve os seus quinze minutos de fama (...)

Essa designação, herdada da época colonial, subentendia um vínculo orgânico com uma potência estrangeira, e esse homem de fato conseguira fazer-se útil e mesmo eventualmente indispensável às potências regionais que, neste ou naquele momento, enviaram suas tropas a nosso desgraçado país.

Não lhe estarei dizendo nenhuma novidade ao lembrar que, toda vez que nosso território era invadido, havia entre nossos compatriotas quem se dispusesse a correr à frente do invasor para abrir caminho, colocar-se ao seu serviço e tentar usá-lo contra seus próprios adversários locais. Você dirá que em qualquer país desintegrado existem sempre traidores e colaboradores. Certamente. Mas me parece que aqui estão sempre muito prontos a compactuar com o vencedor do momento, como se não tivesse absolutamente nada de condenável.

A desculpa sempre foi que 'o olho não pode resistir a uma broca', como diz o provérbio. As diferentes comunidades do país sempre tiveram como maior preocupação a sobrevivência, a sobrevivência a qualquer custo, o que serviu de desculpa para todo tipo de compromisso. Tendo optado por me afastar, por me proteger, não estou em condições de dar lições aos que ficaram. O que não me impede de ficar indignado, e às vezes enojado. Você também, suponho...

Mas o fato é que, nessa arte da colaboração, o tal 'alto comissário' era um virtuose. Conseguiu prestar serviços a três ocupantes sucessivos, convencendo cada um deles de que era um aliado confiável e obtendo de todos autoridade e influência.

Como sua formação intelectual é semelhante à minha, pode adivinhar facilmente que palavras me vêm à mente quando falamos de tais personagens... E vai entender minha raiva, minha indignação, no dia em que fiquei sabendo que Mourad fizera uma visita ao nosso 'Quisling' local para pedir que interviesse contra os que tinham ocupado sua casa.

O outro, naturalmente, ficou encantado. Ele passava o tempo todo provocando conflitos entre as facções para bancar o árbitro, e eis que um notável respeitado, herdeiro de uma grande família da montanha, o procurava por iniciativa própria para pedir que lhe devolvesse o seu bem. Ele se declarou feliz e lisonjeado por receber Mourad, prometendo atendê-lo prontamente. 'Diga se por minha vez também posso fazer algo!', ofereceu-se desajeitadamente nosso amigo, sem saber se o outro queria dinheiro como

pagamento por sua intervenção. O respeitável patife ficou melindrado. Mas como? Receber dinheiro para fazer justiça? Para ajudar um cidadão respeitável a recobrar sua propriedade? Fora de questão.

A velha sabedoria levantina diz que se um homem que nos presta serviço não aceita nosso dinheiro, é porque espera ser compensado de outra maneira. Mourad não o ignorava, mas a situação de sua casa o deixava cego a ponto de privá-lo de todo discernimento.

No dia seguinte ao encontro, um destacamento do exército de ocupação invadia a velha casa, atirando em todas as direções. Apanhados de surpresa, os milicianos da aldeia capitularam sem oferecer combate. Mas os atacantes não se limitaram a desarmá-los e desalojá-los. Encostaram o tal Jaguar num muro e o fuzilaram 'exemplarmente'. Depois, o 'colaborador chefe' chamou Mourad para lhe anunciar triunfalmente que sua casa fora liberada, que ele podia voltar a se instalar nela com a família e que a partir dali não haveria mais nada a temer, pois seus adversários tinham recebido uma lição de que não se esqueceriam.

Nosso amigo jurou-me que nem por um só momento imaginou que haveria mortes, e de bom grado lhe concedo o benefício da dúvida, muito embora devesse supor, ao solicitar a intervenção de um tal personagem, que poderia haver derramamento de sangue. Ele também me garantiu que só veio a saber mais tarde em que circunstâncias morrera Jaguar. No início, achava que ele tinha tombado de arma em punho, durante o ataque; o que já teria sido grave o bastante para despertar um forte desejo de graça entre os 'Znoud'. Mas o fato de ele ter sido executado a sangue-frio, diante dos irmãos e primos, era uma tragédia de ordem bem diferente. O combate homem a homem implica um certo grau de estima recíproca, mesmo no momento de matar; numa execução, em compensação, ao mesmo tempo se mata e se humilha.

No enterro de Jaguar, as mulheres do seu clã vestiram-se de vermelho, querendo dizer com isso que só vestiriam luto quando seu herói fosse vingado.

Assim foi que Mourad voltou a se instalar em sua grande e velha

residência, mas algo havia definitivamente se degradado no clima da aldeia e em seu próprio estado de espírito. Por mais que dissesse que não era o primeiro a recorrer à violência, e que se limitara a retomar pelas armas o que lhe fora tomado pelas armas, ele se sentia culpado, e de fato o era. Culpado por ter recorrido a uma força armada estranha à aldeia — e também, por sinal, estranha ao país, o que no entanto quase poderia ser considerado menos grave; e responsável pela abominável execução, embora não a tivesse ordenado nem desejado. Ele me garantiu que recriminou veementemente o 'alto comissário', que, por sua vez, teria jogado a culpa em subordinados, prometendo puni-los e ao mesmo tempo comprometendo-se a garantir pessoalmente a proteção de Mourad e de sua propriedade, dia e noite.

Esse gesto de 'reparação' é que provavelmente motivou a execução de Jaguar, e a expedição como um todo. O objetivo do 'Quisling' local era que nosso amigo dependesse dele para sua segurança, e por isso continuasse sob seu controle. Quero crer que Mourad deu-se conta disso, mas um pouco tarde demais. A vendeta do clã adversário não se aplacaria tão cedo, e ele não podia mais correr o risco de se desentender com seu protetor.

Já agora tributário do referido 'alto comissário' para sua segurança, e mesmo para sua sobrevivência, Mourad surgiu cada vez mais como seu homem de confiança, e até seu vassalo. Em vista das circunstâncias que acabo de descrever, você dirá que nosso amigo não tinha escolha. Talvez. Muito embora, do meu ponto de vista, tivesse feito melhor optando pelo exílio, em vez de viver no país com as mãos sujas. Mas este é um outro debate... Na época em que ainda nos falávamos, Mourad não me dizia: 'Não tenho escolha.' Elogiava seu protetor, gabava sua inteligência, sua 'sinceridade', garantindo-me que ele pensava 'exatamente como nós' e insistindo para que eu fosse conhecê-lo. Minhas respostas impertinentes — O que significaria 'como nós'? E que sinceridade seria essa? — acabaram por exasperá-lo, e nossas relações ficaram tensas, até que cessaram completamente.

Quando se decidiu um belo dia pela formação de um governo de reconciliação, com representantes dos principais chefes de guerra, foi nosso amigo o escolhido pelo 'alto comissário' para representá-lo. Sim, dessa gloriosa maneira é que Mourad foi nomeado ministro. Permaneceu no cargo por vários anos, sobrevivendo de um governo a outro e mudando várias vezes de área: Obras Públicas, Saúde, Telecomunicações, Defesa...

As leis da sociedade não são as mesmas da gravidade, e muitas vezes se cai para cima, e não para baixo. A ascensão política do nosso amigo foi consequência direta do grave erro que havia cometido. Desde então, cometeu muitos outros, por força das coisas... Os princípios são vínculos, amarras; ao rompê-los, nos liberamos, mas à maneira de um grande balão cheio de hélio, e que vai subindo, subindo, subindo, dando a impressão de se elevar em direção ao céu, quando na verdade se eleva para o vazio. Nosso amigo, portanto, subiu, subiu; tornou-se poderoso, famoso e sobretudo rico, escandalosamente rico.

Embora viva há várias décadas na França, um dos últimos países bastiões da moral igualitária, não alimento, tenha certeza, nenhuma hostilidade em relação aos ricos. Vários amigos meus fizeram fortuna nos últimos anos, como sabe, e minha atitude em relação a eles não foi afetada — nem num sentido nem noutro. Mas, no dia em que soube que Mourad tinha comprado um banco em dificuldade por várias centenas de milhões de dólares, fiquei profundamente chocado. Pois sei perfeitamente qual era sua situação financeira antes de se tornar ministro. Nós éramos muito próximos, ele não era de segredos, e eu tinha uma ideia muito precisa do que ele possuía. Ele não era pobre, mas tinha dificuldade para manter sua propriedade, e precisou inclusive vender terrenos para consertar o telhado, pois as telhas estavam em mau estado. Por que milagre conseguira, depois de alguns anos no governo, acumular uma reserva suficiente para comprar um banco? Não é preciso nenhuma investigação profunda para saber que se tratava de dinheiro sujo. Que vinha, na melhor das hipóteses, de subornos, de comissões ilegítimas. E

esta seria a hipótese menos degradante. Para dizer o que realmente penso, desconfio que nosso antigo amigo serviu de fachada apresentável para o sinistro 'alto comissário' nos negócios e na política, embolsando uma parte dos rendimentos de suas diversas atividades ilícitas: extorsão, pilhagem, drogas, lavagem... E sabe-se lá o que mais.

Infelizmente, nossos compatriotas são muito benevolentes, absurdamente complacentes com essas práticas. Alegam que sempre foi assim. E têm mesmo enorme admiração pela habilidade dos que 'conseguem', não importando os meios empregados. O lema local parece ser, parafraseando um provérbio inglês sobre Roma: 'Quando estiver na selva, faça como as selvagens!'

Em nossa língua materna, não usamos a expressão 'os ricos da guerra' para nos referir aos 'novos ricos'? Por extensão, deveríamos falar dos 'notáveis da guerra', dos 'políticos da guerra' e das 'celebridades da guerra'. As guerras não se limitam a revelar nossos piores instintos, elas os fabricam, os modelam. Tantas pessoas se transformam em traficantes, saqueadores, sequestradores, assassinos, massacradores que teriam sido as melhores criaturas do mundo se a sociedade não tivesse implodido...

A ideia de que um de nossos amigos mais próximos tenha entrado por um tal desvio me é insuportável. Às vezes, há quem diga, em sua defesa: ele não fez nada além do que fizeram todos aqueles que prosperaram nos anos de guerra. Talvez de fato tenha feito como os outros, mas ele era um dos nossos. Tínhamos sonhado juntos com um país diferente, um mundo diferente. Nele eu não perdoo nada. O fato de ter sido meu amigo de modo algum representa, a meu ver, uma circunstância atenuante. Pelo contrário, é uma circunstância agravante. As infrações de um amigo nos conspurcam e nos insultam; temos o dever de julgá-las impiedosamente.

Nunca mais voltei a dirigir a palavra a Mourad, até a véspera de sua morte.

Eu acaso aboli de uma vez por todas nossos anos de amizade? Sim, foi

exatamente o que eu fiz. Aboli definitivamente nossos anos de amizade. Quando seu nome era mencionado na minha presença, eu dizia, em tom distante: 'É um antigo amigo.' Nunca mais voltei a falar com ele, nem pensei muito nele. Até que ele me telefonasse, na última sexta-feira, para dizer que estava morrendo.

Mas já falei demais, basta. Vou ficar por aqui. Neste dia do seu funeral, não vou criticá-lo mais. Direi apenas: Que ele repouse em paz! E que Deus o receba, em Sua misericórdia!

Aí está, meu caro Naïm... Espero ter respondido adequadamente a sua pergunta. Gostaria apenas de acrescentar o que tantas vezes me disse ao pensar em nosso antigo amigo: eu e você tivemos de nos afastar do Levante para tentar manter as mãos limpas. Não temos do que nos envergonhar, mas seria absurdo preconizar o exílio como solução única para nossos dilemas morais. Mais cedo ou mais tarde, será necessário encontrar uma solução aqui mesmo, se é que ela existe, o que já não me parece tão certo assim...

Mas está ficando tarde, vou deixá-lo!

Com um forte abraço,

Adam"

Ele pressionou a tecla "enviar". No seu relógio já eram oito e quarenta da noite. Às pressas, ele atou no pescoço uma gravata escura e correu em direção ao carro que o esperava.

4

Foi por volta de nove e meia que Adam chegou à residência do falecido. Sémiramis o esperava perto da porta aberta, sentada em meio a uma infinidade de cadeiras vazias. Ela se levantou, beijou-o nas duas bochechas, agradeceu-lhe por ter seguido seu conselho e o tomou pelo braço para levá-lo a Tania.

A viúva de Mourad estava no primeiro andar, num compartimento minúsculo ao lado do quarto de dormir. Sozinha, num vestido negro, estava deitada e descalça, com os pés pousados numa poltrona. Era evidente que não fora avisada de sua chegada. Fez menção de se levantar, mas ele pousou a mão no seu ombro para impedi-la de se mexer, inclinando-se por sua vez para beijá-la no rosto. Ela o tomou nos braços, e suas lágrimas, que acabavam de secar, começaram a rolar de novo.

Ao se recompor, ela lhe disse:

— Eu achava que você já tinha voltado para a França.

— Mudei de ideia na última hora.

— E não pretendia vir aqui no dia do enterro, mas à última hora mudou de ideia.

Em seu rosto, um leve sorriso tinha surgido em meio às lágrimas.

— Adam sempre se atrasa um pouco — continuou, voltando-se para Sémiramis.

Mas logo acrescentou, voltando-se para o visitante, como se quisesse atenuar as recriminações:

— Estou contente que tenha vindo. E se o seu amigo o visse aqui em sua casa, como em outros tempos...

Ela olhou ao redor e para o alto, como se Mourad pudesse estar ali, invisível, acima de suas cabeças.

— Ele queria tanto falar com você, poder lhe explicar, dissipar os mal-entendidos. Estava convencido de que se viesse sentar-se ao seu lado e o ouvisse, não poderia deixar de lhe dar razão. Eu não estava tão certa assim. Vocês distanciaram tanto um do outro...

Ela se calou de repente, parecendo mergulhar em recordações. Passados alguns segundos, acrescentou:

— Agora posso dizer: a cada dia de sua vida, ele sofreu com o desentendimento entre vocês dois.

Olhou então intensamente para Adam, como se quisesse adivinhar seus sentimentos. Ele sentiu-se obrigado a dizer:

— Em tudo isso que nos aconteceu, só há uma verdadeira culpada: a guerra.

Mas o olhar de Tania fez-se mais insistente e inquisidor.

— Sim, tem razão. A verdadeira culpada é a guerra, mas nem todo mundo reagiu da mesma maneira. Não é verdade?

A essa altura da conversa, Adam ainda se perguntava se a viúva de seu antigo amigo estava tentando provocá-lo ou se queria apenas ouvir dele as palavras de reconforto que o marido quisera ouvir antes de se ir. Decidiu então ficar no desfocado, longe de qualquer polêmica.

— Nem todos estávamos na mesma situação. Se eu tivesse ficado no país...

— ... Teria se comportado como ele.

Não era exatamente o que Adam ia dizer. Ele tinha em mente algo mais nuançado, do tipo “Se eu tivesse ficado no país, teria enfrentado escolhas tão difíceis quanto ele”, ou algo assim. Mas abriu mão de corrigir, esperando assim pôr fim a uma discussão que lhe parecia inoportuna sob o teto de Mourad, no dia do seu enterro. Assentiu então com a cabeça, esboçou um sorriso triste e nada mais disse.

Mas Tania não largava mais do seu pé.

— Quer dizer então que, se tivesse ficado no país, teria se comportado como ele. Tem a honestidade de reconhecê-lo. Mas por acaso já se perguntou o que teria acontecido se o seu amigo tivesse se comportado como você? Se também tivesse decidido ir embora? Alguma vez já se perguntou o que teria acontecido se o seu amigo, e eu, e Sémi e todos os nossos parentes e amigos tivéssemos considerado que a guerra era realmente suja demais, e que mais valia ir embora para ficar com as mãos limpas?

Ela se calou por alguns instantes, o que levou o visitante a esperar que tivesse concluído. Mas logo retomou, no mesmo tom.

— A questão não é saber o que você teria feito se tivesse ficado. A questão é saber o que teria acontecido ao país se todo mundo tivesse ido embora, como você. Teríamos todos ficado com as mãos limpas, mas em Paris, Montreal, Estocolmo ou São Francisco. Os que ficaram sujaram as mãos para preservar um país para você, para que pudesse voltar um dia, ou pelo menos visitá-lo de vez em quando.

Ela se calou por breve momento, e então recomeçou, como num bordão.

— Os mais espertos são os que se foram. Você vai para lugares lindos, vive, trabalha, se diverte, descobre o mundo. E depois volta, passada a guerra. Seu velho país o espera. Você não precisou dar nem um único tiro, nem derramar uma única gota de sangue. E pode até dar-se o luxo de não apertar as mãos que se sujaram. Não é mesmo, Adam? Responda! Se estou errada, diga!

— Hoje você tem razão em tudo, Tania. O que quer que diga, não vou discutir, não é o dia nem o lugar. Que Deus conceda sua misericórdia a Mourad e a todos nós.

Dizendo isso, ele se levantou, consultando ostensivamente o relógio.

— Já é tarde, e você deve estar cansada. Vou voltar para o hotel. Voltaremos a nos ver mais tarde, em outras circunstâncias.

Tania empertigou-se num movimento brusco, mas não para cumprimentá-lo, nem para acompanhá-lo.

— Você não vai sair assim, sem ter feito a refeição conosco! — disse-lhe.

Parecia tão sinceramente indignada que Adam se perguntou se não tinha entendido tudo errado. Teria interpretado como uma agressão verbal o que não passava de uma meditação em voz alta entre amigos de longa data? Voltou-se para Sémiramis para tentar saber. Ela fez sinal para que se acalmasse, para que voltasse a se sentar, e acrescentou, no tom mais factual e definitivo:

— Eu dispensei o motorista, você voltará comigo. Vamos comer alguma coisa com Tania e depois a deixaremos dormir.

Ele não podia deixar de obedecer. Tomou então o seu lugar. Não, é claro, não se deixa a casa de um morto batendo a porta, ainda que a viúva tenha dito palavras inconvenientes. Num dia como este, ele devia aceitar, tolerar alguns excessos, decorrentes do cansaço, da tristeza; e também da necessidade de se justificar que havia sido manifestada por Mourad no fim da vida, e da qual Tania agora se achava depositária. De qualquer maneira, a conversa ocorrera num ambiente de intimidade, entre três amigos de longa data.

E por sinal o comportamento da viúva mudou no instante em que eles se deslocaram do pequeno compartimento para a sala de jantar. Ela tomou Adam pelo braço e o apresentou a todos como o melhor amigo de seu marido, afirmando que viera expressamente de Paris para essa dolorosa circunstância. O que o interessado confirmou assentindo com a cabeça, afinal, que mais poderia fazer?

Ainda havia cerca de trinta pessoas. Provavelmente membros da família maior, habitantes da aldeia, alguns correligionários políticos — Adam não reconhecia rosto algum. Ao chegar, tivera a impressão de que a casa estava quase deserta. Por toda parte cadeiras vazias alinhadas ao longo das paredes, nos salões, nos corredores e terraços, centenas de cadeiras, nas quais os visitantes deviam ter-se alternado ao longo de todo o dia, e que também serviriam no dia seguinte e no outro. Mas ainda havia pessoas pelos cantos, em número suficiente para encher a sala de jantar. Na qual uma refeição abundante era oferecida, em nada

distinguível das refeições festivas, senão pelo tom contido dos convivas, a ausência de risos e esta frase que constantemente se repetia nos lábios de cada um, "*Allah yerhamo!*", cada vez que alguém se servia, e depois ao se levantar da mesa, "*Allah yerhamo!*", para invocar a misericórdia divina para o falecido.

Tania acomodou Adam ao seu lado, fazendo questão de servi-lo pessoalmente. A conversa girava em torno das personalidades que tinham comparecido ao enterro e das que não tinham sido vistas, e que talvez aparecessem no dia seguinte, ou no outro. O visitante "chegado de Paris" ouvia, não sem um certo interesse, embora nada dissesse.

Em dado momento, a viúva aproximou-se do seu ouvido:

— Perdoe-me pelo que disse há pouco! As palavras saíram da minha boca sem pensar. É o cansaço, creio, como você disse...

— Não se preocupe, estávamos entre amigos!

— Sim, claro. Se eu não o considerasse como um irmão, não lhe teria falado dessa maneira.

— Eu sei... Mas não se preocupe mais com isso, trate de repousar e se poupe, ainda tem pela frente dias bem difíceis!

— Você virá me ver de novo, não é mesmo? Gostaria de voltar a conversar com você sobre essa reunião dos amigos. Se pudéssemos nos reunir de novo todos no terraço, como naquele tempo... O seu amigo...

Ela parecia ter dificuldade de se referir de outra maneira ao marido. Enquanto falava, Adam deu-se conta de repente de que nem uma só vez desde o sábado ela dissera "Mourad". Provavelmente temia ficar com a voz embargada se tentasse pronunciar seu nome.

— Seu amigo disse-me um dia, já quase no fim, quando mal dava para ouvir sua voz: "Como a vida teria sido bela se continuássemos a nos encontrar aqui no terraço, com todos os nossos amigos, como na época da universidade! Se nada tivesse mudado!" E suas lágrimas tinham começado a rolar.

Ao dizer estas palavras, a viúva começou a chorar de novo.

O convidado limitou-se a repetir:

— Se nada tivesse mudado!

5

Só no caminho de volta, ao se ver sozinho com Sémiramis em seu carro, é que Adam expressou em voz alta o que gostaria de ter respondido ao amigo morto:

— Sim, Mourad, a vida teria sido bela se não tivesse havido uma guerra, se ainda tivéssemos 20 anos, e não 50, se nenhum de nós tivesse morrido, se nenhum de nós tivesse traído, se nenhum de nós se tivesse exilado, se nosso país ainda fosse a pérola do Oriente, se não nos tivéssemos transformado em motivo de chacota do mundo inteiro, em sua obsessão, seu espantalho, seu saco de pancadas, se, se, se, se...

Sémi manifestou sua concordância com um longo suspiro. E então deixou passarem alguns quilômetros de caminhos escuros, até dizer:

— Tania quer muito essa reunião de reencontro. Falou-me a respeito umas dez vezes desde esta manhã.

— Também me falou disso à mesa. Eu voltei a dizer que em minha opinião era uma boa ideia, e que farei o possível, de minha parte, para que se concretize. Não tentei desanimá-la. É evidente que ela precisa se agarrar a essa ideia para fugir um pouco do luto. Mas também não quero dar-lhe esperanças vãs.

— Você acha que não será possível? Tenho certeza de que a maioria de nossos amigos vai querer reencontrar-se, pelo menos uma vez, antes de irmos todos ao encontro de Mourad... Eu, pelo menos, ficaria muito feliz se fosse possível.

— Eu também, ficaria encantado. E tenho certeza de que o mesmo desejo existe na maioria deles, como em nós. Mas eles estão dispersos pelos quatro cantos do mundo, cada um com seu trabalho, sua família, suas obrigações...

— Você conseguiu hoje cuidar disso?

— Sim, já escrevi a Albert e Naïm, e ambos me responderam em questão de minutos. Albert está de acordo com o reencontro, mas prefere que seja em Paris. Como cidadão americano, não pode vir aqui...

— Bobagem! No verão, a metade dos clientes do hotel tem passaporte americano. Quando são originários daqui, basta usar seu outro passaporte.

— Para Albert, é mais complicado. Sua instituição às vezes presta serviços para o Pentágono, o que o obriga a observar essa proibição.

— É apenas um pretexto! Desde que deixou o país, ele nunca quis voltar. Muito antes de as autoridades americanas terem decidido qualquer coisa. Ele sofreu um trauma, e não consegue superá-lo. E fica se escondendo por trás de proibições. Se realmente tivesse vontade de voltar, voltaria.

— Acredito. Mas não posso forçá-lo. Se ele ficou tão traumatizado com o sequestro, para que obrigá-lo a viver um outro pesadelo?

Ela deu de ombros.

— E Naïm?

— Para ele, é o contrário.

— Como assim?

— Ele imediatamente respondeu que viria. Mas depois, pensando bem, eu é que estou hesitando.

— Porque ele é judeu?

— Você não acha que ele correria risco?

— Que risco? Isto aqui não é a selva! Pessoas de todas as origens vêm ao país, e há quinze anos ninguém mais foi sequestrado! Você por acaso se sente em perigo desde que chegou?

— Certamente que não.

— Nem você, nem ninguém mais. Pense bem, estamos circulando à noite,

pela montanha, por estradas desertas e mal-iluminadas. Por acaso tem a sensação de que seremos degolados ou assaltados?

Ele teve de reconhecer que não. Sentia-se razoavelmente seguro, muito mais que na maioria dos outros países.

Os dois continuaram por alguns minutos sem dizer nada. Até que Sémiramis, mais calma, informou a seu passageiro que ocorrera um incidente durante o enterro.

— Acho que alguém ia comentar durante o jantar, mas Tania não disse nada, e os outros preferiram guardar silêncio, em consideração a ela. Você talvez saiba que havia na entrada da aldeia uma família com a qual Mourad não se entendia bem.

Adam não conseguiu deixar de sorrir.

— É o eufemismo do ano, Sémi! Eu conheço bem a história. Nosso amigo e essa gente se odiavam mortalmente. Eles o acusavam de ter mandado fuzilar seu filho.

— O cortejo fúnebre tinha de passar diante da casa deles para chegar ao cemitério. No momento em que nos aproximávamos, saíram da casa mulheres de todas as idades, cheguei a contar onze. Suponho que lá estava a mãe do que foi morto, e sua viúva, as irmãs, cunhadas, sobrinhas... Estavam todas vestidas de negro, mas todas, sem exceção, traziam no pescoço echarpes vermelho-vivo, vermelhosangue. Como se as tivessem tricotado no inverno para aquele momento.

"O cortejo passou diante delas. Estávamos todos terrivelmente constrangidos. Tania apertou-me tanto o braço que ainda deve haver marcas. Havia exatamente o que se costuma chamar de um silêncio mortal. As mulheres estavam alinhadas contra a parede, mudas, o rosto impassível. Talvez uma ou outra com um leve sorriso zombeteiro. Tinham a cabeça e o rosto descobertos, de tal maneira que era como se só víssemos as echarpes vermelhas, ainda mais destacadas pelos vestidos negros.

"No cortejo tampouco se dizia nada. Nem uma só palavra. Mal respirávamos.

Inconscientemente, apressamos o passo. Mas aqueles poucos metros pareciam intermináveis.

"Depois do enterro, o cortejo voltou a passar pelo mesmo caminho. As mulheres não estavam mais lá. Mas os olhares se voltaram para o lugar onde elas tinham estado, e novamente nos sentimos muito mal, até mesmo pelo fato de terem desaparecido.

"Estranhamente, depois da cerimônia, ninguém comentou o incidente. Não, pelo menos, na minha presença. Suponho que deve ter havido muitos cochichos, mas diante de mim, por ser estranha à aldeia, ninguém comentou. Quanto a nossa amiga, fez como se nada tivesse acontecido. Mas tenho certeza de que voltará a ver aquelas mulheres em sonho, e não apenas esta noite.

"Eu precisava contar-lhe isso, mas não comente nada com Tania! E mesmo que ela venha a comentar com você, faça como se não soubesse de nada!"

Adam fez que sim com a cabeça e perguntou como Sémi interpretava o gesto das mulheres.

— A encenação foi sinistra, mas a mensagem era clara: o homem que tinha mandado matar o seu "mártir" também tinha morrido; elas se solidarizavam com o luto de Tania vestindo-se de negro, mas não esqueciam seu próprio luto.

Em seu foro íntimo, Sémiramis tinha o sentimento de que a atitude das mulheres em protesto representava uma advertência para a viúva, e de que seria prelúdio a uma nova queda de braço entre as duas famílias pela posse da velha casa. Mas não tinha a menor vontade de ficar falando daquele incidente.

— Um pouco de música? — perguntou de repente, com uma alegria algo forçada.

Sua pergunta era mera formalidade, pois no mesmo momento seu dedo apertou um botão, dando início a um velho lamento iraquiano:

Ela deixou a casa do pai
Para ir à casa dos vizinhos.
E passou sem me cumprimentar,

Deve estar com raiva de mim...

E ela imediatamente começou a cantar com Nazem el-Ghazali, cuja voz muitas vezes acompanhava as noitadas de ambos em outros tempos.

Depois de alguns minutos, ela baixou o volume para perguntar ao passageiro:

— Você já fez uma lista definitiva de todos que terão de ser convidados para a reunião de amigos?

— Já listei uma dezena de nomes, mas em certos casos ainda hesito. Por exemplo, esta tarde, pensei em Nidal.

— Nidal...? — repetiu Sémiramis espantada, como se não soubesse de quem se tratava.

— O irmão de Bilal... — respondeu Adam sem pensar.

— O irmão de Bilal — fez ela de novo.

E sua voz ficou embargada na última sílaba.

No exato momento em que esse nome chegou aos meus lábios, registraria Adam um pouco depois em seu caderno, *dei-me conta de que não devia tê-lo pronunciado. O rosto da minha amiga ficou corado. Ela não disse mais uma única palavra, limitando-se a cantarolar meio ausente sua música iraquiana. Bilal é a sua ferida, que os anos e as décadas não foram capazes de cicatrizar. Eu não tenho qualquer desculpa, pois o sabia. Se há um nome que eu não devia pronunciar diante dela, era esse. Mas eu mesmo não parava de pensar nele, e era inevitável que num momento ou noutro ele me escapulisse.*

Na época da universidade, no dia seguinte ao meu passeio noturno com Sémi, durante o qual quase chegáramos a trocar um beijo, o jovem que surgiu entre nós, e que por sua vez teve coragem de tomá-la nos braços, não era outro senão Bilal.

Esse episódio deixou em mim uma mágoa cuja persistência bem pude avaliar desde que voltei ao país. Mas ela não representa nada, realmente nada, em comparação com o traumatismo tenaz sofrido por Sémi com a morte

brutal de seu primeiro amante.

Quando nosso grupo de amigos se reuniu dois ou três dias depois do risível episódio do passeio noturno, e eu vi o rapaz e a moça chegando juntos, de braços dados, é claro que me senti afetado. Mas não me achava no direito de reagir nem de ficar com raiva deles. Afinal, Bilal não tinha "roubado minha amiga", eu é que não soubera conquistá-la.

Na minha cabeça de adolescente, eu tinha construído todo um roteiro galante ao redor da bela Sémi. Via-me caminhando com ela de mãos dadas e descalços numa praia. Imaginava mil situações em que a protegia, em que a consolava ou maravilhava. Mas eu apenas imaginava tudo aquilo, justamente, e me convencera, por causa de um mero sorriso, de que ela podia ter sonhos semelhantes. Sémi não tinha nada a ver com aquilo, nem Bilal. Se havia um responsável pelo meu fracasso, só podia ser minha educação, pela qual eu me transformara naquele sujeito excessivamente educado, preocupado em nunca desagradar, com a cara enfiada em seus livros e seus sonhos — um indivíduo tímido!

Com o tempo e a prática do ensino, eu acabaria superando minhas inibições mais graves, embora ainda hoje guarde um resto de timidez. Mas naquela época não podia deixar de contemplar com inveja os dois casais que tinham se formado no nosso grupinho de amigos — e que eram, por sinal, os mais diferentes que se poderia imaginar. De um lado, Tania e Mourad — um veleiro em mar de almirante; de outro, Sémi e Bilal — um barco numa torrente.

Os dois primeiros participavam de todas as nossas noitadas, sem exceção; era inclusive ao seu redor, sobretudo, que se aglutinava o nosso bando. Os dois outros apareciam ou não; um dia, separavam-se chorando; no dia seguinte, estavam abraçados. Não era preciso ser adivinho para prever qual tripulação duraria, e qual logo naufragaria.

Eu sempre me perguntei se a decisão de Bilal de se engajar num grupo armado fora motivada pelos acontecimentos políticos ou por sua tempestuosa

relação com Sémi. Nunca soube tampouco se quando ele morreu os dois ainda estavam juntos ou numa fase de distanciamento, de rompimento. Nessa época, teria sido impróprio especular a respeito, pois a jovem poderia aparecer como responsável pelo drama ocorrido. E apesar de todo o tempo transcorrido desde então, é evidente que um tal assunto ainda não pode ser abordado com ela sem infinitas precauções.

E hoje eu tenho a prova disso. Ao ver sua reação, imediatamente me calei, nada mais disse sobre esse assunto nem nenhum outro. Sentia que não podia me desculpar nem dar prosseguimento à conversa ou mudar de assunto. Podia apenas esperar. E, em silêncio, evocar certas lembranças que explicam a atitude da minha amiga.

Lembrei-me, por exemplo, de que, quando Bilal morreu, Sémi ficou de luto. Durante vários meses, vestiu-se apenas de negro, como se fosse sua viúva legítima. Depois, mergulhou num abismo de depressão.

Os dois seguiam novamente em silêncio há longos minutos, perdidos em suas lembranças de Bilal e em seus remorsos, quando de repente Sémiramis perguntou ao amigo:

— Você voltou a vê-lo ultimamente?

Adam teve uma reação de sobressalto. Olhou-a fixamente, como se ela tivesse enlouquecido. Mas ela logo esclareceu, sem sorrir, e com um suspiro de impaciência:

— Eu estava falando do irmão.

— Nidal? Não, não voltei a vê-lo. Há anos. E você?

— Eu sim, estive com ele algumas vezes. Ele mudou muito. Você não o reconheceria mais. Está usando barba agora.

— Apenas isto?

— Eu não disse *uma* barba, mas *a* barba.

— Eu entendi, Sémi. Dezenas de milhões de homens atualmente usam *a* barba, como você diz. Não é propriamente uma raridade. Mas infelizmente é

Nidal que está de acordo com o espírito da época, e nós é que nos tornamos anacrônicos!

— A barba — repetiu ela, como se não o tivesse ouvido — e todo o discurso que acompanha... Se você o convidar para a reunião de reencontro, certos amigos nossos podem não ficar à vontade.

— Isto não me assusta. Ele por acaso é capaz de conversar sem sacar uma arma?

— Sim. Ele inclusive é relativamente cortês. Mas o conteúdo...

— Retrógrado?

— Mais retrógrado que um talibã e mais radical que um khmer vermelho! Ao mesmo tempo!

— Tanto assim?

— Não, estou exagerando um pouco, mas é quase isso. Ele é um conservador doentio; recusa-se, por exemplo, a apertar a mão de uma mulher. E quando fala da América, parece um maoísta da década de 1960...

— Conheço o tipo. Mas isso também está de acordo com o espírito da época. Continuo achando que não nos faria mal algum ouvi-lo.

— Ainda que alguns de nossos amigos se sentissem agredidos?

Adam refletiu apenas por um momento.

— Sim. Ainda que alguns de nós nos sentíssemos agredidos. Somos todos adultos, já perdemos as ilusões da juventude, por que precisaríamos de um ambiente totalmente asséptico? Se o irmão de Bilal tem um discurso coerente, se permite que os outros se expressem, de minha parte tenho vontade de ouvi-lo, para então responder-lhe.

— Faça o que quiser, é você o mestre de cerimônias. De minha parte, já avisei. Se o reencontro ficar comprometido, você terá sido o único culpado...

— Entendi. Eu assumo.

Eles acabavam de entrar pelo caminho privado que conduzia ao hotel. Adam estava certo de que Sémiramis estacionaria diante de sua casinha. Mas ela se deteve diante da porta principal.

Iria então submetê-lo a um novo teste, para que ele manifestasse claramente seu desejo de passar uma terceira noite com ela?

Não. Ela estava longe, ainda mergulhada nas lembranças imprudentemente reavivadas por seu passageiro. Adam tentou desculpar-se, mas desistiu, provavelmente considerando que seria mais elegante não explicitar demais as coisas.

Ele abriu a porteira; depois, tendo-se certificado de que não havia ninguém por perto, inclinou-se para lhe dar um beijo furtivo no rosto. Ela não reagiu. Nem para rechaçá-lo nem para se inclinar para ele. Ele não insistiu. Desceu do carro para deixar que ela se fosse. E subiu para seu quarto.

Nessa noite, eles não dormiriam juntos.

Sétimo dia

1

Esta noite, tive um sonho ao mesmo tempo previsível e desconcertante, registraria Adam em seu caderno com a data de quinta-feira, 26 de abril.

Eu estava na casa de Mourad, cheia de gente, como devia estar ontem. Mas eu me limitara a atravessar a multidão para me refugiar numa sala onde era esperado pelos amigos. Lá estavam Mourad, justamente, e Tania, e Sémi, além de Bilal, majestosamente envolto numa túnica dourada, como um Júpiter no Olimpo e tendo no rosto uma barba abundante e ruiva. Uma voz feminina me sussurrou no ouvido: "Como ele mudou!" Eu respondi, cheio de bazófia: "Ele já tinha me avisado!" Depois, proclamei aos meus companheiros, rindo: "Essa gente toda lá fora acha que estamos mortos!"

Naturalmente, meu sonho era infinitamente mais caótico. Ao contá-lo, introduzi uma certa ordem, racionalizei-o. De certa maneira, tratei de reconstituí-lo com os elementos que nele identifiquei: lugares, rostos, palavras e cores. Todos eles provêm de cenas que vivenciei e que impregnaram minha memória: minha visita tardia à casa do morto; minha conversa com Sémi na volta; e além disso uma outra conversa, ocorrida há um quarto de século, com Bilal, na época em que éramos muito próximos, pouco antes de ele pegar em armas e morrer.

Já falei aqui dos longos passeios que fazíamos conversando muito, especialmente um deles, o último, se não me falha a memória, que terminou debaixo de uma chuva torrencial, e no qual Bilal acabou exclamando,

referindo-se a Deus: "É uma bela profissão!"

Pouco antes em nossa conversa viera à baila o nome de uma jovem. Ao mencioná-lo, dias atrás, eu escrevi apenas "uma amiga comum". Não especifiquei que se tratava de Sémi. Se o tivesse feito, precisaria explicar quem ela era e por que tínhamos falado dela, contar meu passeio noturno em sua companhia e minhas risíveis inibições — o que naquele momento me parecia uma digressão dispensável. No momento em que eu escrevia essas linhas sobre nosso círculo de amigos, não pensava particularmente em Sémi nem pretendia voltar a vê-la tão cedo. Estava convencido de que rapidamente tomaria um avião para Paris, na segunda ou mais tardar na quarta-feira, já que o moribundo de quem viera ouvir as últimas palavras não me havia esperado.

Parece-me agora que o exato momento em que eu contava por escrito esses episódios da minha juventude, alguma coisa em mim mudou. Duas horas depois, eu tinha adiado minha viagem e deixado a capital para vir me hospedar aqui na Pousada Sémiramis.

Quando escrevemos um texto, as linhas se seguem, com os mesmos intervalos, e aqueles que o leem não se dão conta de que em certos momentos a mão que as traçou correu sobre a folha, e em outros momentos, se imobilizou. Na página impressa, e mesmo na página manuscrita, os silêncios são abolidos, os espaços são aparados.

Se falo aqui disto, é porque no sábado passado, depois de rapidamente mencionar a referida "amiga comum", eu me interrompi, justamente, por um longo momento. Senti-me tentado a dizer mais, a mencionar seu nome, a explicar por que essa conversa a seu respeito me afetara por tanto tempo. Mas acabei desistindo, para não me desviar do relato.

Pois agora volto ao assunto. A "jovem" não é mais anônima, meu novo encontro com ela lança uma nova luz sobre o que Bilal e eu havíamos dito na época, e sobre o contexto em que tínhamos falado de Deus.

A memória das palavras se perde, mas não a das emoções. O que eu me recordo da conversa com o amigo morto será necessariamente impreciso, mas

não duvido nem por um momento do seu teor afetivo nem do seu significado.

Bilal surpreendeu-me ao dizer, a respeito de Sémi:

— Você também a cortejou em certa época... Foi o que ela me disse.

— É verdade que ela me agradava, mas não aconteceu nada entre nós.

— Quer dizer então que, quando a conheci, vocês não estavam juntos...

— Nunca estivemos juntos. Ela lhe disse o contrário?

— Não, mas estou contente que você o confirme. Quero estar certo de não ter roubado a noiva de um amigo.

— Fique tranquilo, não havia nada entre nós, ela não era minha noiva e portanto você não a "roubou". Mas só agora você o está perguntando?

A coisa remontava a quase quatro anos!

— Antes, você era apenas um conhecido, mas agora é um amigo próximo, e eu queria estar certo de que não o ferira sem saber.

— Não, posso lhe garantir, você não me feriu.

— Você nunca ficou com raiva de mim? Nunca me amaldiçoou? Nem mesmo quando nos viu juntos pela primeira vez?

Eu me sentia constrangido, e ele se deu conta. O que serviu apenas para torná-lo ainda mais insistente.

— Você não está querendo falar disso... Mas se equivoca! Devemos falar dos nossos amores! Temos de ter a coragem de falar livremente disso com os amigos próximos! As mulheres costumam às vezes falar entre elas, mas os homens nunca falam, ou só quando querem se vangloriar. Como se seus momentos de ternura não fossem dignos deles. Pois eu gostaria de viver numa época em que pudesse contar aos meus amigos minha última noite de amor, sem que parecesse fanfarrão nem indecente.

Com Bilal, eu muitas vezes me via desempenhando um papel muito ingrato, o papel de porta-voz de ideias convencionais. Por mais que tentasse me livrar, sempre caía na mesma coisa.

Nesse dia, eu lhe respondi:

— E você não acha que a emoção seria perdida se pudéssemos tratar dessas

questões íntimas sem nenhuma vergonha?

Meu amigo dera de ombros.

— Este é o eterno pretexto para nos calarem. Numa sociedade como a nossa, a vergonha é um instrumento da tirania. O sentimento de culpa e a vergonha são invenção das religiões para nos trazer em rédea curta! E para nos impedir de viver! Se os homens e as mulheres pudessem falar abertamente de suas relações, de seus sentimentos, de seus corpos, a humanidade inteira seria mais feliz, mais criativa. Estou convencido de que um dia isto chegará!

Estávamos em meados da década de 1970, e o que Bilal dizia estava no ar. Mas havia no que ele dizia uma tal intensidade, uma tal urgência! De minha parte, fiquei calado. Aquele extremo pudor denunciado pelo meu amigo estava tão enraizado em mim que nenhuma argumentação, por mais arrebatada, poderia desalojá-lo. Uma carapaça protetora é igualmente pesada, não podemos nos livrar dela sem desnudar nossa carne. Ele próprio, na verdade, falava como um esfolado vivo. E quando começou a me contar seu encontro com Sémi, suas primeiras palavras, seu primeiro beijo, o primeiro botão desabotoado, o primeiro enlace — era ao mesmo tempo terno, tumultuado e embaraçoso.

Estranhamente, não pensei um só momento que Bilal estivesse curtindo com a minha cara. Mas poderia. Afinal, aquele jovem tinha feito o que eu sonhara fazer, mas não tivera coragem. Por outro lado, eu percebia muito bem qual era o seu estado de espírito. Não havia em relação a mim zombaria, nem arrogância, nem vaidade. Apenas desejo de uma amizade cúmplice, capaz de sacudir formalidades e rigidez. Se eu me sentia sacudido, era por uma mão amiga.

Em dado momento de nossa conversa, ele dissera:

— Fico feliz que tenhamos cortejado a mesma garota.

— Sim — disse eu, mais para concordar do que por realmente pensá-lo. — É uma bela coincidência...

— Não — corrigira ele, num tom de repente grave —, não uma coincidência, uma comunhão. É como se viéssemos da mesma aldeia e tivéssemos bebido na mesma fonte.

Tínhamos sentado numa frisa de pedra, na entrada de um prédio, numa galeria coberta. Chovia ainda mais forte, mas eu só tinha ouvidos para as palavras do meu amigo.

— Você não acha, Adam, que eu e você nascemos na época errada?

— Quando é que você gostaria de ter nascido?

— Daqui a cem, duzentos anos. A humanidade está se transformando, tenho vontade de saber em que vai se transformar.

E eu respondera:

— Você então acredita que existe uma linha de chegada onde poderá ficar nos esperando? Não se iluda! Ninguém pode abarcar tudo num mesmo olhar. Só se for Deus...

Foi então que ele gritou, de pé, com os braços estendidos para a chuva:

— Deus! Deus! Mas que bela profissão!

2

Tendo chegado a este ponto de suas recordações, Adam sentiu vontade de telefonar para Sémiramis. Ao se separarem na véspera, ele a percebera aborrecida.

— Não, estava apenas pensativa — garantiu-lhe ela.

— Perdão, foi falta de tato da minha parte.

— Por falar de Bilal? Não se preocupe, é história antiga.

Não era exatamente o caso, pois suas palavras foram seguidas de um pesado silêncio. E, por sinal, ela não tardou a reconhecê-lo:

— Não, não é verdade, estou mentindo. Bilal nunca será história antiga, eu nunca serei insensível, nunca serei indiferente quando disserem seu nome na minha presença. Mas não é motivo para não falar dele. Não quero que você fique preocupado em me poupar, não quero que cole em mim a etiqueta "frágil". A única coisa que me magoaria seria justamente sentir que um amigo como você se sente na obrigação de evitar os assuntos que possam me afetar. Mesmo se achar que eu poderia ficar magoada, peço que não me trate como uma eterna convalescente. Promete?

Como se quisesse deixar bem claro que estava entendido, Adam disse-lhe:

— Uma dúvida me persegue há muito tempo. Você algum dia entendeu por que Bilal pegou em armas? Ele não tinha paixão pela política, amaldiçoava a guerra e não tinha em grande estima as diferentes facções.

Do outro lado da linha, houve um longo suspiro, seguido de novo silêncio, de

tal maneira que Adam se perguntou se não fizera mal em levar ao pé da letra os protestos da amiga. Mas ela acabou por dizer:

— Você tem razão de me fazer esta pergunta. Mas a resposta não é simples...

— Você prefere falar disso em outra hora?

— Não. Você está no seu quarto? Não saia daí, estou chegando!

Quando ela bateu à sua porta, minutos depois, estava com os olhos vermelhos, e Adam sentiu remorso e vergonha.

— Perdoe-me, Sémi! Eu não queria...

Ela fez um gesto para que se calasse e foi sentar-se numa poltrona de junco. E então disse, sem olhar para ele:

— Sabe, nós nos amávamos muito.

— Sim, é claro, eu sei.

— De todos que caíram durante a guerra, nem um único morreu pelos mesmos motivos que Bilal. No caso dele, foi a literatura que o matou. Seus heróis se chamavam Orwell, Hemingway, Malraux, os escritores combatentes da Guerra Civil Espanhola. Eram eles suas referências, seus modelos. Tinham pegado em armas durante algum tempo, para que seus corações batessem no mesmo ritmo que o coração do século. Depois, cumprido o dever, tinham voltado para casa, para escrever. *Homenagem à Catalunha, Por quem os sinos dobram, A esperança* — nós tínhamos lido juntos. Tenho certeza de que, montando guarda nas barreiras, de metralhadora no ombro, Bilal não pensava nos combates que poderiam vir pela frente, mas no livro que escreveria.

"Já eu tinha medo. Desde o início. Mas isso também faz parte da imagem do herói. A esposa, ou a mãe, ou a noiva implorando que ele não se vá, e ele dando ouvidos apenas ao seu dever... Eu, a amante moderna, me achava mais esperta que as outras. Lia os mesmos livros que ele, participava dos seus sonhos, o que me permitia dizer: 'Aqui não é a Espanha da década de 1930. Lá, os homens lutavam por ideais. Aqui, os que pegam em armas são apenas os bandidos do bairro. Se pavoneiam, sequestram, saqueiam, traficam...' Às vezes ele me dava razão, mas às vezes dizia: 'A gente sempre despreza nossa própria época e tende a

idealizar épocas passadas. Para mim é fácil me imaginar como um republicano em Barcelona, em 1937, ou um *maquisard* na França, em 1942, ou um companheiro do Che. Mas minha vida é aqui e agora, e é aqui e agora que eu devo escolher: ou tenho a coragem de me engajar ou fico de lado.'

"Ele tinha medo de ficar à margem do seu tempo e de assim perder o direito de escrever. Tinha medo de não viver intensa e apaixonadamente, e nosso amor não lhe bastava."

Ela se calou, e com o lenço amassado numa bola enxugou os olhos e depois limpou os cantos da boca. Adam deixou passarem alguns segundos até dizer-lhe:

— Você acaba de responder a uma outra pergunta que eu sempre me fiz: não foi então por causa de uma briga entre vocês dois que ele pegou em armas.

Para grande surpresa do interlocutor, esta observação provocou um amplo sorriso em Sémiramis.

— Nossas relações eram tempestuosas, é verdade. Nós nos separávamos, depois voltávamos, mas nenhum dos dois pensaria em abrir mão do outro.

"Nunca era culpa minha... Sim, eu sei, é fácil para mim dizê-lo, quando ele não está mais aí para se defender. Mas acho que ele de bom grado haveria de reconhecer isso. Era sempre ele que provocava as brigas, ele que promovia as reconciliações. E a culpa mais uma vez é da literatura. Existe esse mito imbecil de que um escritor deve experimentar paixões tempestuosas para poder falar de amor. A felicidade tranquila embota as paixões e adormece a imaginação. Mentira! Povo feliz não tem história, casal feliz não tem literatura. Grande besteira! No fim das contas, não tivemos casal feliz nem literatura."

Ela recobrou fôlego, para então acrescentar:

— Nossa relação era como aquela dança endiabrada na qual os pares se afastam violentamente um do outro para em seguida se chocarem não menos violentamente, e então se afastarem de novo. Mas em momento algum um larga a mão do outro.

Mais uma pausa, um sorriso vindo dos anos que haviam ficado para trás. E então ela prosseguiu:

— Ele me mostrou a arma que acabara de comprar, orgulhoso como um garoto, e a estendeu para que eu a segurasse, pensando que talvez ficaria impressionada. O metal frio e o cheiro de graxa imediatamente me causaram repulsa, eu joguei a coisa num sofá; ela quicou e quase caiu no chão; ele a apanhou a tempo e me lançou um olhar de raiva e desprezo. Em tom de desafio, eu lhe disse: "Eu achava que você ia começar a escrever!" E ele respondeu: "Primeiro tenho de combater, depois escreverei!" Nunca mais voltei a vê-lo. Não voltamos a nos falar. Ele morreu quatro dias depois. Sem ter escrito e sem ter realmente combatido. A primeira granada arremessada do outro bairro explodiu a poucos passos dele. Parece que estava encostado num muro, sonhando de olhos abertos. Tenho certeza de que nem chegou a usar sua arma.

— Pelo menos, não sujou as mãos. Não matou ninguém.

— Não, ninguém. Além de nós dois, ele não matou ninguém.

Sémi estava evidentemente abalada com aquelas recordações, anotou Adam assim que a amiga deixou seu quarto. *Mas, pensando bem, não lamento ter-lhe falado desse episódio do seu passado — do nosso passado comum, deveria dizer, muito embora, para mim e para os outros amigos, o trauma tenha sido infinitamente menos devastador que para ela. Era importante dar-lhe a oportunidade de me dizer, com palavras claras e altivas, que tinha feito de tudo para impedir Bilal de sair correndo atrás da morte.*

Bem sei que nada disso a livrará da tristeza, nem do inevitável sentimento de culpa decorrente da morte daqueles que amamos. Mas me parece que ao transformá-lo de certa maneira num mártir da literatura, em vez de uma vítima de uma vulgar escaramuça, ela tornou sua morte mais nobre e um pouco menos absurda.

O que ela disse sobre o fascínio de Bilal pela Guerra Civil Espanhola me deixou intrigado. É verdade que eu e ele costumávamos falar a respeito. Mas também falávamos do Vietnã, do Chile ou da Longa Marcha. Eu não sabia

que esse episódio o obcecava dessa maneira, nem que ele sonhava se tornar um outro Hemingway. Em nossos passeios juntos, falávamos mais, ao comentar o conflito espanhol, de García Lorca, que fora, é verdade, uma de suas primeiras vítimas, mas sem ter nunca pegado em armas.

A derradeira conversa entre Sémi e seu bem-amado não deixava de ter relação com certos debates em nosso grupo de amigos em torno do mesmo tema. A saber: os conflitos que sacudiam nosso país eram simplesmente confrontos entre tribos, entre clãs, para não dizer entre diferentes quadrilhas de bandidos, ou de fato teriam uma dimensão mais ampla, um alcance moral? Em outras palavras: valeria a pena engajar-se neles, correndo o risco de perder a vida?

Para nós, nessa etapa de nossas vidas, era evidente que a Guerra Civil Espanhola, apesar dos desmandos cometidos, era o próprio exemplo do conflito que tinha autenticamente uma causa, uma autêntica dimensão ética, e que portanto merecia o sacrifício. Hoje, com meu olhar de historiador daqui a pouco quinquagenário, tenho lá minhas dúvidas. Na época, elas não existiam, como tampouco para meus amigos. O único outro combate que para nós merecia o sacrifício era a resistência ao nazismo. Fosse francesa, italiana, soviética ou alemã; nós cantávamos a plenos pulmões "Bella ciao" e o "Affiche rouge" de Aragon, queríamos ser Stauffenberg ou, melhor ainda, Missak Manouchian, o marceneiro armênio de Junieh, que assumiu a chefia de uma rede da Resistência na França.

Nossa tristeza, nossa tragédia era que achávamos que os combates que poderíamos conduzir em nossa época e no nosso país não tinham a mesma pureza nem a mesma nobreza.

Não acho que estaríamos todos dispostos a morrer por uma boa causa, nem mesmo aos 18 anos. Mas esse dilema nunca estava distante do nosso pensamento, dos nossos debates. Será que passaríamos a vida inteira, ou pelo menos nossa juventude, sem ter oportunidade de nos engajar perdidamente num combate que valesse a pena? Haveria ao nosso redor uma causa justa,

defendida por homens puros, ou pelo menos dignos de confiança? De minha parte, eu tinha lá minhas dúvidas.

Tenho certeza de que Bilal tinha as mesmas dúvidas que eu, embora um dia, por pura impaciência, tenha decidido calá-las. Ele se equivocou, mas eu respeito sua decisão, e nunca me cansarei de dizer, toda vez que pensar nele: "Era um homem puro!"

3

Depois de traçar estas últimas palavras pela segunda ou terceira vez, Adam fechou o caderno e abriu o computador portátil para escrever uma mensagem sobre um assunto completamente diferente, ligado ao futuro imediato, e que também lhe tinha sido inspirado pela conversa da véspera com Sémiramis.

"Meu querido Naïm,

Eis-me aqui a lhe escrever outra vez, como se minha última carta não fosse suficientemente longa! Mas você vai entender por que tão prontamente me volto outra vez em sua direção.

Fui ontem à noite à aldeia de Mourad, como lhe havia dito, para dar meus pêsames a Tania. Ela está evidentemente triste, esgotada, com os nervos à flor da pele e também particularmente afetada pelo afastamento dos amigos, como devia estar seu marido no fim da vida. Voltou a me falar do reencontro que tínhamos planejado. Acho que ficaria profundamente magoada se o projeto não vingasse. Falou a respeito com tanta animação que eu quase lhe disse que você já tinha concordado, e que gostaria até de que nos reuníssemos na casa dela, na velha casa. Mas me contive, não disse nada, não queria gerar uma expectativa que viesse a ser frustrada. Queria antes certificar-me de que esse reencontro de fato ocorreria.

Até agora, escrevi a apenas uma outra pessoa além de você: Albert. Ele me lembrou que nosso país continua na lista dos que não podem ser visitados por

cidadãos americanos, proibição que sua situação profissional o obriga a respeitar. Seu desejo é que esse reencontro aconteça, mas em outro lugar; em Paris, por exemplo.

Você imediatamente concordou com a ideia e o lugar, sem qualquer reserva, e Tania ficaria encantada de sabê-lo. Mas eu gostaria de ter absoluta certeza de que você pensou nas implicações — especialmente em matéria de segurança. E é para esclarecer este ponto que volto a escrever-lhe.

Segundo Sémi — já lhe disse que estou sendo hospedado por ela, em sua sublime Pousada Sémiramis? —, eu estou preocupado sem motivo, e Albert também. Ela afirma que constantemente cidadãos americanos nascidos no nosso país contornam essa proibição, e que nunca são incomodados, nem aqui, nem ao retornar aos Estados Unidos. Da mesma forma, no seu caso, ela considera que não há rigorosamente risco algum.

Talvez Sémi tenha razão. Inclino-me a acreditar... É bem possível que nem o passaporte de Albert nem a sua confissão representem qualquer problema. Mas prefiro comunicar-lhe minha apreensão, para que você se informe, reflita e tome sua decisão em perfeito conhecimento de causa. (...)"

Quarenta minutos depois, chegava do Brasil — onde ainda nem eram seis horas da manhã — esta resposta de Naïm:

"Meu querido Adam,

Entendo sua preocupação, mas ela não me parece realmente justificada. Eu não corro risco algum, absolutamente. Viajarei com meu passaporte brasileiro, vou-me misturar à multidão de emigrantes que voltam para respirar o ar da terra natal, e ninguém precisa saber qual é a minha religião.

Meu único problema será minha mãe. Ela acaba de completar 86 anos e teria uma parada cardíaca se eu dissesse aonde estou indo. Terei portanto de lhe mentir. Direi que estou viajando para a Grécia, e ela me pedirá que use um chapéu, para não pegar insolação...

Não, sinceramente, não vejo por que haveria de me privar dessa viagem. Há anos espero uma oportunidade como esta, e não a deixarei escapar. Rever os amigos, é claro, mas também a cidade, nossa velha casa — se ainda estiver de pé —, e a casa que tínhamos na montanha, onde passávamos o verão, e aonde eu levava minhas namoradas quando precisava de um quarto tranquilo. Hoje o namorado da minha filha, que estuda numa universidade do Rio, vem passar os finais de semana conosco, em São Paulo; ele dorme aqui em casa e de manhã toma o café em nossa mesa. A coisa entrou de tal maneira para os costumes que até minha mãe acha normal, perfeitamente na ordem das coisas, como se sempre tivesse sido assim — logo ela, que teria passado uma descompostura na minha irmã por um simples cochicho na orelha de um rapaz. Nós, homens, éramos muito menos vigiados, mas precisávamos o tempo todo trapacear e constantemente nos esconder, lembra? Essa casa na montanha era o meu refúgio íntimo.

Eu ficaria tão feliz de reencontrar os lugares da minha juventude, ainda que tenham ficado irreconhecíveis; e também, mais genericamente, de reencontrar o país, que deixei contra minha vontade, prometendo a mim mesmo que o visitaria regularmente, mas no qual no fim das contas acabei por não botar os pés de novo.

No início, havia a guerra, a insegurança, os atiradores emboscados, o medo dos sequestros; e quando passou a haver períodos mais calmos, eu é que estava ocupado demais. Quanto mais o tempo passava, mais aumentava minha angústia, e eu não conseguia mais me imaginar desembarcando no aeroporto, tomando um táxi, me aventurando pelos bairros. Chegara a me convencer de que não devia mais pensar no assunto, de que era preciso saber virar a página e que, de qualquer maneira, quase todas as pessoas que me eram mais caras tinham partido, para outros países ou para o outro mundo.

Mas o desejo persistia. E quando você propôs essa reunião dos amigos de outros tempos, eu imediatamente senti que era a oportunidade ideal para romper essa longa virgindade da ausência. Daí o vivo interesse da minha

reação, o entusiasmo que você percebeu.

De minha parte, portanto, a decisão está tomada. E como sou praticamente dono do meu tempo, deixo que você marque a data, desejando que seja próxima. Estou para ir em breve à Europa, e talvez pudesse combinar as duas viagens...

Quanto a Albert, gostaria muito de voltar a vê-lo, mas o aconselho a não pressioná-lo demais. É verdade que, se quisesse, ele poderia contornar a proibição, destinada sobretudo a eximir as autoridades americanas de qualquer responsabilidade em caso de problema. Mas cabe a ele avaliar os riscos. Transmita-lhe as diferentes opiniões, sem argumentar, e deixe-o refletir. Não é impossível que ele mude de opinião. (...)"

Para não "pressionar" o amigo norte-americano nem deixá-lo embaraçado, Adam redigiu a seguinte mensagem:

"Meu querido Albert,

Acabo de escrever a Naïm para dizer... mais ou menos o inverso do que vou lhe dizer agora.

Quando falei dias atrás da reunião de reencontro proposta por Tania, e que estou tentando organizar, ele logo sugeriu que voltássemos a nos ver como antigamente, na 'velha casa'. Eu então lhe escrevi para perguntar se estava levando em conta os riscos em que poderia incorrer, e ele acaba de responder que em sua opinião esses riscos são desprezíveis, confirmando seu desejo de voltar a visitar o país.

A você, então, eu peço o contrário. Você disse que preferia que a reunião ocorresse em Paris, e eu gostaria de lhe pedir que voltasse a pensar no assunto. Sua resposta é definitiva? Não haveria nenhuma maneira de contornar a proibição?

De qualquer maneira, fique sabendo que entenderei perfeitamente sua decisão, qualquer que seja."

4

Adam ainda estava relendo sua mensagem, antes de apertar a tecla enviar, quando Sémiramis bateu à porta. Ele a convidou a entrar e leu o texto em voz alta para ela. Sémi não o considerou suficientemente firme; preferia que ele dissesse com mais clareza que não havia nenhum risco. Adam hesitou um momento, mas acabou por enviar a mensagem tal como estava, depois de uma retificação formal de menor importância. E então fechou o notebook, dizendo à visitante:

— Sou todo ouvidos.

— Imagino que você não esteja pensando em almoçar...

Ele consultou o relógio. Era meio-dia e quinze.

— Não, ainda é muito cedo, não estou com fome. Vou continuar trabalhando...

— Então vou mandar subir duas ou três coisas para você beliscar sem parar de escrever.

Mas Sémiramis viera por outro motivo. Prosseguiu então:

— Mais à frente, esta tarde, tenho planos para você. Uma visita. Sei que não está com vontade de ver ninguém, mas me parece que talvez se disponha a abrir uma exceção para o Irmão Basile.

Adam estava a ponto de perguntar quem era esse personagem quando, vendo o sorriso maroto da amiga, lembrou-se.

— Ramzi!

— Ele mesmo!

— Eu sabia que ao entrar para a ordem ele tinha adotado um pseudônimo... Não, não é a palavra mais adequada. Como é que se diz mesmo? Me deu um branco...

— Nem pseudônimo, nem vulgo, nem nome de guerra. Diz-se apenas "na religião". Ramzi, vírgula, na religião Irmão Basile.

— Sim, claro. Estou com a cabeça longe... Você então encontrou sua pista?

— Eu sempre soube onde ele estava.

— E já foi vê-lo?

— Não, não tive coragem. Uma bela pecadora visitando os monges... Imaginei que não seria muito bem-recebida.

— Quer dizer então que nunca mais voltou a vê-lo depois dessa... virada? E o que a leva a crer que ele vai concordar em nos receber?

— Nada. Não sei de nada. Mas me parece que se batermos à sua porta, eu e você juntos, ele vai abrir.

— Ele está longe daqui?

— São duas horas de viagem, pouco menos. Uma hora e meia de carro, mais vinte minutos a pé.

Adam evidentemente hesitava. Sémiramis deu de novo sua risada de garota travessa.

— Confie em mim! Sinto que vai correr tudo bem.

Mas seu amigo não estava convencido.

— Não se pode aparecer assim na porta de um amigo que decidiu se afastar do mundo. É preciso se preparar um pouco, para não dar passos em falso. Primeiro eu gostaria de conversar com alguém...

— Com Ramez, suponho...

Ela sorriu, e ele também. De fato, Adam estava pensando nesse amigo. Na época da universidade, Ramez e Ramzi eram inseparáveis. Embora pertencessem ambos ao chamado "círculo dos bizantinos", formavam nele um segmento à parte. Eram estudantes de engenharia, enquanto a maioria dos outros estudavam

letras, história ou sociologia; e eram de cultura inglesa, ao passo que todos os outros tinham frequentado escolas francesas.

Depois de se formar, "os Ramz" abriram juntos um escritório de engenharia que tinha seus dois nomes.

— Resta saber se o monge e o engenheiro continuam em bons termos — observou Sémiramis, evidentemente cética.

— Ainda que não estejam, Ramez sempre poderá nos dar esclarecimentos valiosos. Por que seu amigo se retirou do mundo? Em que estado de espírito se encontra hoje? Ele recebe visitas? Pode sentir-se agredido se formos bater à porta do mosteiro? Só Ramez poderá dizer. Você manteve contato com ele?

— Não, mas sei que está vivendo em Amã.

— Então não tem seu número de telefone?

— Posso encontrar quem tenha. Espere dez minutos e vou consegui-lo.

Assim que Sémiramis deixou meu quarto, abri a pasta "Correspondência amigos" para encontrar uma velha carta, uma das primeiras que recebi após chegar a Paris, escrita em inglês, mas cheia de palavras árabes, e com pequenos desenhos nas margens.

"Caro Adam,

Estamos lhe escrevendo esta carta juntos, Ramez e eu..."

Não pude evitar um sorriso ao copiar estas linhas, como havia sorrido ao lê-las da primeira vez, há um quarto de século. Mas o que os dois amigos me contavam era triste.

"Nós tínhamos alugado um escritório no último andar de um esplêndido prédio moderno, com janelas envidraçadas dando para o mar. Tínhamos passado a ocupá-lo no início do mês passado, e recebemos nossos móveis na semana seguinte. Pretendíamos dar uma festinha no sábado, dia 12, à noite. No início da tarde, começou uma fuzilaria no bairro. As ruas foram fechadas,

nenhum convidado conseguiu chegar. Nós havíamos levado pratos inteiros de salgados e doces, e todas as bebidas que você pode imaginar. Estavam contratados dois garçons, que também não conseguiram chegar.

Por volta das sete horas, os tiros se intensificaram, granadas explodiram bem perto de nós e as vidraças do escritório voaram em pedacinhos. Tivemos de nos refugiar no subsolo, esperando que a loucura se acalmasse. E foi lá, no abrigo, que passamos a noite, sem luz, deitados no chão, em meio a vizinhos que deveriam estar participando da inauguração. Por cortesia, nós tínhamos convidado todos eles para a festa, mas ninguém achou de bom alvitre se aventurar até o oitavo andar, o mais exposto.

Ao amanhecer, subimos de novo para o escritório — pelas escadas, claro, pois a eletricidade fora cortada. Estava simplesmente uma ruína. Por toda parte havia estilhaços de granada, vidro quebrado. O teto rebaixado tinha caído em cima dos pratos de comida, e o carpete estava encharcado de cerveja e refrigerante. Não conseguíamos dizer nada. Desmoronamos nas poltronas de couro, naquela que seria nossa sala de reunião, e choramos, sem parar. Depois, adormecemos de tristeza, de cansaço e simplesmente de sono, pois à noite, no abrigo, tínhamos apenas fingido dormir.

Fomos despertados pelos combates, quando recomeçaram pela manhã. Eu fui o primeiro a abrir os olhos; Ramez ainda estava em sua poltrona. Tinha os olhos fechados, mas não demorou a abri-los. Nós nos olhamos fixamente, sem nos mover dos assentos. E então caímos na gargalhada. Não era um risinho, mas um riso descontrolado, que não tinha mais fim.

Quando finalmente nos recompusemos, perguntei: ‘E agora, que vamos fazer?’ Ramez respondeu imediatamente, sem nem pensar: ‘Agora, vamos emigrar!’ ‘E este escritório?’ ‘Vamos sair dele dentro de exatamente sessenta segundos, e nunca mais voltaremos a botar os pés aqui. Vamos nos instalar em Londres.’ De minha parte, eu teria preferido Paris, mas o francês do meu sócio é tão execrável que teria sido cruel obrigá-lo a viver e trabalhar nesse idioma. O meu não é excelente, mas dá para o gasto, e poderia melhorar com

o tempo. O de Ramez é impossível de ser melhorado.

Escrevo-lhe portanto para anunciar que dentro de pouco tempo seremos quase vizinhos. Em princípio, já no mês que vem, e o mais tardar em janeiro. Pessoalmente, já sei que irei a Paris toda vez que houver uma exposição que me interesse — o que significa com muita frequência. Ficarei encantado de poder encontrá-lo. E você também terá de ir nos visitar em Londres...

Seu amigo que não o esquece,

Ramzi"

A carta terminava com algumas linhas em outra caligrafia.

"Cuide-se, e não acredite em tudo que meu sócio diz! Meu francês é perfeito; se evito usá-lo, é apenas para não estragá-lo.

Seu outro irmão que não o esquece,

Ramez"

Não sei mais em que circunstâncias Ramzi e Ramez entraram para o nosso grupo de amigos. Mas, até onde remontam minhas lembranças, eles sempre estiveram presentes, juntos, lado a lado. A gente usava o singular para se dirigir a eles, como se fossem uma só pessoa. Era pretexto infindável para gracejos amistosos. "Ramez tropeçou numa pedra e Ramzi caiu"; "Ramzi entornou três cervejas seguidas, Ramez está com a cabeça rodando"... Em todo encontro tinha de haver alguma referência aos "gêmeos", era uma espécie de ritual, e os dois eram os primeiros a achar graça.

E, a propósito, faziam de tudo para que o mito se perpetuasse. Assim foi que nos revelaram um belo dia que, quando ainda estavam no primeiro ano de engenharia, decidiram se associar. Uma promessa de adolescentes, mas que foi cumprida. E quando seu primeiro escritório comum foi devastado, eles abriram outro. Não em Londres, como haviam decidido, mas em Jeddah, na Arábia Saudita. Pois quando se preparavam para partir para a Inglaterra,

foram convidados a participar de um projeto, um enorme projeto no qual trabalhariam três anos e meio, e que garantiria sua fortuna. Acabariam abrindo um escritório em Londres, mas seria apenas uma sucursal, a exemplo de outras em Lagos, Amã, Dubai e Kuala Lumpur.

Adam telefonou a Ramez assim que Sémiramis encontrou seu número. Uma voz feminina atendeu e se apressou a tranquilizá-lo: não, não se enganara, era de fato o "celular" de Ramez, de quem ela era assistente. Seu patrão lhe entregara o aparelho porque estava num hospital, em visita a um primo que se submetera a uma operação. Adam apresentou-se, e a colaboradora, chamada Lina, se disse encantada de falar com ele; seu patrão com frequência comentava a seu respeito.

No início da conversa, ela pensou que ele telefonava de Paris. Quando soube onde se encontrava, quase deu um grito. Por feliz coincidência, Ramez também se encontrava lá nesse dia.

— Tenho certeza de que ele não irá embora sem encontrá-lo. Ele pretendia pegar o avião para Amã por volta de três horas, mas certamente adiará a partida. O senhor ainda não almoçou, espero...

— Não, ainda não.

— Se estiver livre, eu lhe mandarei agora mesmo um carro, para que possam passar alguns momentos juntos.

Adam foi apanhado de surpresa.

— Tem certeza? Não prefere perguntar-lhe antes?

— Não é necessário! Tenho certeza de que ele ficará encantado com a surpresa. E que me agradecerá por ter organizado esse almoço inesperado. Basta me dar o endereço onde se encontra, e eu cuido do resto.

5

Adam foi conduzido numa Mercedes metálica a uma velha casa otomana à beira-mar, transformada em restaurante italiano com o nome de *Nessun Dorma*. O portão foi aberto por um empregado cheio de mesuras que o acompanhou ao segundo andar sem sequer perguntar em qual mesa era esperado.

Ramez levantou-se ao ver aproximar-se o amigo e deu-lhe um generoso abraço, para em seguida dizer, em inglês:

— Vamos esquecer a parte do diálogo que deveríamos dizer: Você não mudou!

Adam respondeu na mesma língua:

— Tem razão, não vamos começar logo mentindo!

Sentaram-se entre risos numa mesa redonda já oferecendo um imenso prato de *crudités*, e começaram por se observar em silêncio. Se ambos tinham mudado, não era da mesma maneira. Adam estava grisalho, embora continuasse esbelto; não haveria qualquer dificuldade para identificá-lo numa foto dos anos de juventude. Ramez engordara e deixara crescer um bigode de coronel britânico, espesso, grande e elegantemente basto. Curiosamente, ainda era negro, embora os cabelos fossem cinza claro. Se seu amigo tivesse cruzado com ele por acaso na rua, ele teria levado um tempo para reconhecê-lo.

— Sua secretária é encantadora, e incrivelmente eficiente.

— Lina tem todas as qualidades, tenho muita sorte com ela.

— Uma hora atrás, eu ainda me perguntava como encontrar uma pista sua

para trocar algumas palavras com você, e aqui estamos agora almoçando juntos. É quase um milagre.

— Você não imagina que alegria é revê-lo! Mas de certa forma foi o infeliz do Mourad que nos aproximou. Esta manhã mesmo eu fui apresentar meus pêsames. Ontem, tive uma reunião em Atenas, não pude vir ao enterro. Disseram-me que havia milhares de pessoas.

— Eu também não fui ao enterro. E no entanto de certa maneira viera para isso...

Ele relatou em poucas palavras seu desentendimento com Mourad, o telefonema do moribundo ao alvorecer da sexta-feira, sua decisão de viajar para não magoar o antigo amigo na hora da morte. E afinal sua hesitação em comparecer ao funeral... Ramez o tranquilizou:

— Você fez o principal. Quando ele lhe telefonou, você deixou de lado a disputa para vir ao seu encontro. E foi dar um beijo em Tania depois do enterro. Pode ficar em paz com sua consciência.

Ele se calou por um momento, e então prosseguiu, desta vez em árabe:

— De certa forma, eu acompanhei o percurso de Mourad, e entendo que você tenha decidido romper com ele. Eu não reagi da mesma maneira, pois na minha profissão tenho de lidar constantemente com pessoas de fortuna adquirida de maneira suspeita; mas tinha dele a mesma opinião que você. Embora sua atitude durante a guerra tenha sido a mesma de muita gente, dificilmente poderia ser aceita por um dos nossos. Toda vez que eu ouvia alguém se referir a Mourad como um político corrupto, ou como braço direito de um crápula, sentia vergonha, sentia-me pessoalmente humilhado.

"Estou convencido de que, no fundo, nosso amigo era um homem honesto, e esta é que foi sua tragédia. Os vigaristas que se comportam como vigaristas ficam em paz consigo mesmos; os homens honestos que são levados pelas circunstâncias a se comportar como vigaristas são internamente minados pela consciência pesada. Essa doença que matou Mourad, tenho certeza de que ele mesmo a produziu com seu sentimento de culpa, sua vergonha e seu remorso.

“Mas eu não devia estar falando assim, quando ele acaba de ser enterrado... Deus tenha misericórdia dele! *Allah yerhamo!* Vamos falar de outra coisa!”

A mesa era cercada de plantas altas e frondosas, especialmente bambus, que serviam de biombo e criavam uma sensação de intimidade propícia às confidências. Também havia em determinados pontos do amplo salão algumas palmeiras envasadas. Junto a uma delas aguardava o maître, com seu bloco de notas. Ramez fez sinal para que se aproximasse.

— Queremos primeiro dois grandes pratos de entradas, o meu sem presunto. E como prato principal, Adam, já escolheu?

— Estou tentado pelo “salmonete ao creme de risoto”.

— Excelente pedida. Quero o mesmo. Vinho branco para acompanhar?

— Para mim não, obrigado. No almoço, não bebo.

— Você está certo. Em princípio, é melhor não beber durante o dia. Mas hoje é especial, então vamos tomar um *prosecco* da casa para comemorar nosso reencontro.

O maître aprovou a escolha e foi fazer o pedido. Os dois amigos logo retomaram a conversa, as recordações, pontuadas com risos — os de Ramez particularmente sonoros. Até que, em dado momento, Adam mencionou o nome de Ramzi.

O efeito foi imediato. O olhar do engenheiro escureceu, sua voz fraquejou. Um minuto antes tão tonitruante, de repente ele não encontrava mais palavras.

Adam o observou por um momento, e então pousou o garfo, para afinal perguntar-lhe:

— Você sabe por que ele se foi?

Vários segundos se passaram.

— Se eu sei por que ele se foi?

Ramez repetiu a pergunta fechando os olhos, como se estivesse falando consigo mesmo.

— Quando um homem decide retirar-se do mundo, é como um suicídio, sem a violência física. Existem razões manifestas e outras que são ocultas, mesmo

para os mais próximos, e das quais nem mesmo ele tem necessariamente consciência.

Ele se calou, talvez esperando que Adam se contentasse com essa resposta sinuosa. Mas seu interlocutor continuou a fixá-lo. Ele então recomeçou:

— Se tivesse de resumir numa frase, eu diria que ele tinha a sensação de que tudo que fazia, tudo a que dedicava a vida era inútil e fútil.

"Às vezes, no meio de uma conversa, ele parava de repente e me dizia: 'Por que estamos fazendo tudo isto?' Da primeira vez, acabávamos de conseguir um grande projeto de construção de um palácio. Num momento em que estávamos debruçados sobre as plantas, ele me perguntou: 'Por que esse sujeito precisa de um novo palácio de dois mil metros quadrados? Que eu saiba, já tem três outros.' Ele sorria, e eu também sorri ao lhe responder: 'Concordo com você, mas é um cliente, tem mais dinheiro do que precisa realmente. De qualquer maneira, vai desperdiçá-lo, e eu prefiro que seja conosco!' Ele então me disse: 'Talvez você tenha razão!', e as coisas ficaram por isso mesmo. Mas ele fazia comentários desse tipo com frequência cada vez maior."

Ramez calou-se, como se quisesse ordenar as ideias, e depois retomou:

— Ramzi não conseguia deixar de se questionar permanentemente sobre a finalidade dos projetos que nos eram encomendados. Uma empresa como a nossa, atuando em cerca de vinte países, necessariamente constrói mil coisas diferentes. Um porto, um aeroporto, um centro comercial, um complexo turístico, um museu, uma prisão, uma base militar, um palácio, uma universidade etc. Nem todos os projetos têm a mesma utilidade, nem as mesmas implicações morais, mas não cabe a nós julgar, não é mesmo? Não sou um cínico, e compartilho os mesmos valores que Ramzi, mas considero que não é o nosso papel. A prisão que construímos para um déspota pode ser usada por ele hoje para encarcerar seus adversários. Mas amanhã o déspota e seu bando é que poderão estar nela. Em princípio, não podemos nos recusar a construir uma prisão. Todos os países do mundo têm prisões, é uma questão apenas de saber o uso que delas será feito. Nosso papel, o papel dos que constroem, é tentar tornar

as prisões um pouco mais humanas — é tudo que podemos fazer. Quando se tem 1.837 empregados, 1.837 famílias dependendo da gente, temos de encontrar todo mês maneiras de remunerá-los, e não podemos nos dar ao luxo de bancar o justiceiro. Não acha?

Do bom humor manifestado por Ramez com a chegada de Adam não restava grande coisa. Ele parecia agora assoberbado por mil pensamentos que se atropelavam em sua cabeça. Engoliu algumas colheradas, rápido demais. E recomeçou:

— O que acabo de dizer é apenas um aspecto das coisas. Há também as mulheres, nossas mulheres.

"A coisa começa como um conto de fadas. Um dia, eu conheço uma garota, Dunia, e me apaixono instantaneamente. Logo trato de apresentá-la a Ramzi. Ela o acha inteligente, divertido, cultivado; e ele, no fim do primeiro encontro, me sussurra no ouvido: 'Segure-a pela mão e não a largue mais!'

"Quatro meses depois, Ramzi me comunica que também conheceu sua alma gêmea. Coincidência perturbadora: ela também se chama Dunia. Como se o destino nos estivesse dando uma piscadela. Já pensou? Ramzi e eu temos praticamente o mesmo nome, somos inseparáveis desde o primeiro dia da faculdade, passamos os dias e as noites juntos e de repente nos deparamos com duas garotas com o mesmo nome!

"Ele então a apresentou a nós, a Dunia e a mim. Ela era muito bonita, parecia amável, era evidente que ele estava apaixonado por ela e nós decidimos nos casar no mesmo dia. Não podíamos fazer a mesma cerimônia, pois a minha Dunia e eu tínhamos de nos apresentar ao xeque, enquanto ele e sua Dunia deviam se casar na igreja — perante o bispo da Montanha, que era ninguém mais, ninguém menos que seu tio materno. Mas decidimos promover uma só festa de casamento. Você já estava na França, mas vários de nossos amigos comuns compareceram, entre eles Tania e Mourad, e Albert, e Sémiramis.

"Infelizmente, nossas mulheres só se pareciam no nome. A minha logo entendeu o quanto Ramzi era importante para mim. A dele revelou-se ciumenta

da nossa amizade já no dia seguinte ao casamento. Quando eu tinha alguma preocupação, a minha Dunia me perguntava antes de mais nada: 'O que o Ramzi acha?', e me estimulava a seguir seus conselhos. Nunca perdia uma oportunidade de me lembrar que ele era um autêntico amigo, e que eu tinha sorte de ter como sócio um homem tão íntegro, inteligente e dedicado. Segundo ela, Ramzi só tinha qualidades. Eu é que devia sentir ciúmes ao ouvir minha mulher falar tão bem de um outro homem, não é mesmo?

"Em compensação, a mulher de Ramzi não parava de dizer que ele devia desconfiar de mim e tomar distância. Bastava que eu telefonasse, que ficássemos alguns minutos conversando e ela o ouvisse rir de algo que eu tivesse dito para que começasse a fazer uma cena, fosse diretamente a meu respeito, fosse sob algum outro pretexto. Era ridículo, e chegava mesmo a ser patológico. Ela queria que ele examinasse as contas com mais atenção. Estava convencida de que eu não lhe entregava toda a parte que lhe cabia."

— E Ramzi acabou por acreditar nela?

— Nem por um momento! No início, ele nada me dizia, ficava triste e envergonhado. Depois, um belo dia, houve um incidente trivial, que nem vale a pena relatar, mas que revelou a minha mulher e a mim o quanto essa pessoa nos detestava. No dia seguinte, Ramzi foi ao meu escritório, pediu desculpas e relatou as cenas que ela fazia por minha causa. Tentando explicar o comportamento da mulher, ele falou de sua história familiar: um pai que tinha sido depenado pelos próprios irmãos, um tio que havia extorquido as sobrinhas; em suma, uma série de traições que tinham deixado sua mulher desconfiada de modo doentio. Ramzi se dizia convencido de que, com o tempo, ela passaria a confiar, mudando de atitude. Eu lhe disse: "Sim, claro." Mas não acreditava, e ele tampouco, certamente.

— Suponho que ele sofria com isso.

— Terrivelmente! Para mim, era uma contrariedade; para ele, uma tortura cotidiana. Um dia ele me disse, quase chorando, que aquele casamento tinha sido a pior decisão da sua vida. Ele se culpava por não ter percebido a tempo os

defeitos daquela pessoa. O nome igual lhe parecera na época um sinal divino, mas era na verdade uma armadilha infernal.

"Eu tentava consolá-lo, dizendo que, em matéria de casamento, a perspicácia não é de grande valia, que é uma loteria às cegas, e que só depois vamos descobrir se tiramos a sorte grande ou não. E não o dizia apenas para consolá-lo, é o que sinceramente acho. Nos meios tradicionais, não existe convívio antes do casamento, os dois sequer têm direito de conversar sozinhos antes de se unir para a vida inteira, o casamento é como esses biscoitos chineses que a gente ganha no fim de uma refeição. Pegamos um ao acaso, abrimos, desdobramos o papel que está lá dentro, e ele nos anuncia o nosso futuro.

"Nos meios mais evoluídos, existe um convívio; teoricamente, existe a oportunidade de se avaliar. Mas na prática nos enganamos quase tanto quanto. Pois o casamento é uma instituição desastrosa.

"Eu não deveria estar dizendo isto, pois vivo há um quarto de século com uma mulher que amo, e que me ama. Mas continuo achando que o casamento é uma instituição desastrosa. Antes do casamento, todos os homens são atenciosos, cuidadosos; a jovem por eles cobiçada é tratada como uma princesa, até que se transforme em 'sua' mulher; a partir daí, rapidamente eles se tornam uns tiranos, tratando-a como criada, mudando completamente, e a sociedade os estimula nesse sentido. Antes do casamento, era a temporada do jogo; depois, começam as coisas sérias, e sórdidas, e tristes.

"Do lado das mulheres, é a mesma coisa. Enquanto querem se casar, elas são uns docinhos. Meigas, conciliadoras, de convívio agradável — tudo para tranquilizar o pretendente. Até que ele se case. Só então elas liberam sua verdadeira natureza, que antes tratavam de dissimular.

"A seu crédito, eu diria que nelas a transformação não é tão brutal nem tão sistemática quanto nos homens. O apaixonado e o marido são criaturas diferentes, como cão e lobo. Antes do casamento, somos todos um pouco cães, e depois, somos todos um pouco lobos; em graus diversos, mas é uma metamorfose à qual é muito difícil escapar. Em certos meios, parece tão normal

quanto a passagem da adolescência para a idade adulta.

"Nas mulheres, a coisa é menos clara. Muitas não mudam radicalmente, por serem profundamente afetuosas ou por não serem boas atrizes, acabando por revelar sua verdadeira natureza antes que o homem se comprometa. A mulher de Ramzi certamente não pertencia a esta última categoria. Foi capaz de esconder o jogo até o casamento, mostrando-se meiga, dócil, cuidadosa, tratando-me como irmão e tratando a minha Dunia como irmã. Até que, já no dia seguinte, não aguentando mais, começou a expelir seu veneno. Quando nosso amigo se deu conta, era muito tarde."

— Ele poderia ter-se divorciado.

— É o que deveria ter feito, e certamente é o que eu teria feito se tivesse o mesmo azar. Mas para vocês, cristãos, o divórcio é muito mais complicado que para nós. E além do mais, Ramzi se opunha por questões de princípio. Conversamos sobre isso mais de uma vez... Ele preferia se agarrar à ideia de que sua mulher mudaria. Não parava de me dizer que ela precisava sentir-se segura, confiante, e que era seu dever propiciar-lhe um ambiente que a ajudasse a se melhorar.

"Depois vieram os filhos, dois meninos e uma menina. O nascimento de uma criança supostamente deve ser uma grande alegria. Ramzi tentava se convencer de que estava feliz. E se agarrava à ideia de que a maternidade faria desabrochar em sua mulher toda a ternura que percebera quando a conheceu. Eu evitava contradizê-lo. Afinal, de que serviria? Mas só esperava daquela pessoa aborrecimentos e golpes baixos.

"E não me enganei. O trabalho sujo prosseguiu com afinco ainda maior. As mentiras que o marido não queria ouvir, ela enfiava garganta abaixo dos filhos. 'Seu pai é um ingênuo, que se deixa manipular pelo sócio.' O veneno instilado dia após dia, ano após ano, acabou por surtir o efeito desejado. Era o que eu percebia toda vez que as duas famílias se encontravam. Ramzi continuava afetuoso como sempre, enquanto sua mulher agia dissimuladamente, mas os filhos não conseguiam disfarçar. Pelo comportamento deles, eu entendia o que

ela não lhes devia dizer a meu respeito. Quando eu tentava tomá-los nos braços, eles recuavam. Fosse com 10 ou com 4 anos. Era ao mesmo tempo triste e ridículo.

"Mas o mais grave são as mentiras que essa mulher inculcou na mente deles com respeito à empresa fundada pelo pai e por mim. Nós construímos um império, e nossos filhos deveriam ser seus herdeiros. Mas ela martelou tanto que o pai era manipulado, que se deixava explorar e roubar, que eles cresceram com um ódio inabalável por tudo que fazíamos. Resultado: nenhum deles quis estudar engenharia ou arquitetura, e nenhum quis trabalhar conosco.

"O que contribuiu para piorar ainda mais as coisas foi quando, um dia, a mãe caiu gravemente doente. Um câncer particularmente virulento, que acabou por levá-la em um ano e meio. A doença a tornou ainda mais venenosa, ainda mais raivosa. Por mais que Ramzi se dedicasse a ela com abnegação, ela não parava de insultá-lo. Segundo ela, ele nunca a amara, sempre dera prioridade à empresa e a mim, seu sócio, em prejuízo da mulher e dos filhos.

"Como ela estava muito doente e sofria terrivelmente, o marido, é claro, não a desmentia. Para acalmá-la, prometia cuidar um pouco menos dos negócios e se dedicar mais à família. Os filhos, que na época tinham 13, 16 e 17 anos, ouviam tudo isto e viam na mãe uma mártir, e no pai, um monstro.

"Depois a infeliz morreu. Tinha apenas 40 ou 41 anos. Os filhos transformaram toda a sua dor em ódio pelo pai, como se fosse a expressão mais natural de sua fidelidade à memória da mãe. Acabaram por deixar a casa, todos eles. Vivem hoje nos Estados Unidos, a moça em Nova Jersey, um dos rapazes na Carolina do Norte e o outro, não sei mais onde. Há anos não têm qualquer contato com o pai. Duvido até que lhe tenham dado o endereço.

"Você queria saber por que Ramzi se desligou do mundo? Aí está minha explicação. É possível que ele tenha passado por uma crise mística, mas já havia o suficiente em sua tragédia familiar para que um homem de bem abandonasse tudo e se encerrasse num mosteiro."

— Já faz muito tempo que ele se foi?

— Ele veio ao escritório pela última vez em fevereiro do ano passado.

— Quatorze meses, portanto.

— Para mim, é como se fossem quatorze anos.

— E voltou a vê-lo?

— Só uma vez. Foi...

Ramez calou-se repentinamente, e olhou para o relógio.

— Já são três e meia! Nem vi o tempo passar. Como eu falo, quando se trata dele!

— A que horas é o seu voo?

— À hora que quisermos. O avião é meu, a tripulação fica de sobreaviso, esperando o meu telefonema.

De repente, seu rosto se abriu num amplo sorriso.

— Acabo de ter uma excelente ideia. Você vai comigo para Amã!

— Obrigado pelo convite, mas não é possível.

— Adam, não vamos bancar os empresários ocupados! Pela primeira vez em vinte anos estamos juntos, eu e você, e conversamos como na juventude. É um momento abençoado, não vamos deixar escapar. Você ainda tem mil coisas a me dizer, e eu também. Façamos como naquela época! Nem precisávamos marcar encontro, consultar a agenda. Você passava debaixo da minha varanda, buzinava, eu descia e íamos tomar um café, ao cinema ou à casa de Mourad... Pelo menos uma vez, vamos esquecer as convenções e a nossa idade. Vamos fazer como naquela época! Estamos almoçando. No fim do almoço, eu digo: "Venha à minha casa, vamos passar umas horas juntos, eu lhe apresento a minha mulher e amanhã o trago de volta." Eu me levanto, você se levanta, e lá vamos nós! Está com o seu passaporte?

— É um hábito, está sempre no meu bolso.

— E tem remédios para tomar à noite?

Adam verificou. Estava com eles.

— Perfeito, o resto não tem importância — concluiu Ramez. — Podemos ir.

— Mas eu nem tenho uma camisa para trocar, nem minha nécessaire.

— Quanto a isto, não se preocupe. Eu cuido. Vamos.

Ele então apoiou as duas mãos na mesa para se levantar, e Adam fez o mesmo três segundos depois.

6

De longe, a aeronave de Ramez podia passar por um avião de linha. A Mercedes metálica percorreu todos os controles do aeroporto até chegar ao pé da escada. Na fuselagem, o logotipo da empresa com duas luas crescentes paralelas, uma representação estilizada da letra árabe com que começavam os prenomes dos dois fundadores da *Ramzi Ramez Works*, uma das maiores empresas de obras públicas dessa região do mundo.

Lá dentro, não fossem as janelinhas, ninguém se lembraria de estar dentro de um avião. Havia um escritório, um quarto de dormir e um salão que facilmente podia ser transformado em sala de jantar. A parte reservada a eventuais passageiros continha poltronas para cerca de vinte pessoas, num espaço que, num avião de carreira, teria sido reservado a umas sessenta.

Assim que os dois amigos se instalaram, subiu a bordo um funcionário do controle. Verificou seus passaportes com uma rápida olhada, assentiu com a cabeça e desejou boa viagem. Em seguida desceu, e a porta se fechou. Um comissário de bordo veio verificar se os passageiros tinham apertado os cintos. E então, a um sinal do patrão, trouxe-lhes dois cafés turcos acompanhados de doces orientais.

— Açúcar?

Adam fixou insistentemente o prato de doces, e respondeu:

— Não, sem açúcar.

Os dois trocaram um sorriso de falsa culpa. Cada um escolheu uma iguaria e

a pousou delicadamente na língua, para em seguida afundar na poltrona e degustá-la lentamente.

— Sem açúcar... — repetiu Ramez, rindo muito.

Ao engolir a última porção, Adam perguntou ao amigo:

— Qual a sensação quando a gente fica rico?

— Que eu saiba, você não é pobre!

— Não, não sou pobre. Mas meu salário mensal de professor daria apenas para comprar uma passagem aérea Paris-Amã na classe econômica. Não me queixo, veja bem, não passo necessidade e não desejo mais nada. Mas em vista da profissão que escolhi, nunca serei rico.

Até ali, Ramez limitara-se a sorrir, talvez com uma ponta de embaraço. De repente, sua expressão entristeceu. Ele começou por repetir a pergunta do amigo, sem a entonação interrogativa.

— Qual a sensação quando a gente fica rico... No dia em que eu entendi que nossa empresa estava fazendo sucesso, que estava ganhando cada vez mais dinheiro e que eu de fato ficara rico, tive a sensação...

Ele parecia hesitar na escolha das palavras.

— Tive a sensação de ter recuperado metade da minha dignidade.

A frase era obscura e inesperada. Adam já ia pedir que esclarecesse o que dizia, mas notou que o amigo de repente se emocionava, e decidiu dar-lhe tempo para se recompor.

Ramez sorveu alguns goles de café e disse:

— Há anos eu me levanto toda manhã com dois sentimentos opostos, de alegria e tristeza. Alegria por ter tido sucesso na profissão, por ter ganhado muito dinheiro, ter uma bela casa e uma família feliz. Mas também tristeza por constatar que meu povo está no fundo do abismo. Os que falam minha língua, os que seguem minha religião são desconsiderados e muitas vezes detestados. Pertenço pelo nascimento a uma civilização vencida, e se não quiser me renegar, estou condenado a viver com essa mancha no rosto.

Silêncio. Adam continuava calado, seu amigo foi em frente:

— Não é apenas uma questão de solidariedade com os meus, ou de empatia. Eu me sinto humilhado, pessoalmente humilhado.

"Quando viajo à Europa, sou tratado com respeito, como qualquer rico. As pessoas sorriem, abrem-me as portas com mesuras, vendem-me tudo que eu queira comprar. Mas no fundo me detestam e me desprezam. Para eles, não passo de um bárbaro que enriqueceu. Mesmo quando uso o mais belo terno italiano, continuo sendo para eles, moralmente, um zé-ninguém. Por quê? Porque sou de um povo vencido, de uma civilização vencida. Sinto isso muito menos na Ásia, na África ou na América Latina, que também foram maltratadas pela História. Mas na Europa percebo essa distinção. Você não?

Adam foi apanhado de surpresa.

— Talvez, às vezes — disse, sem querer se comprometer.

— Em Paris, quando fala árabe em público, você não tende espontaneamente a abaixar a voz?

— Com certeza.

— Observe os outros estrangeiros! Italianos, espanhóis, russos, para não falar dos ingleses e americanos. Eles não temem receber um olhar hostil ou desaprovador. É possível que eu esteja inventando coisas. Mas é o que eu sinto. E ainda que me tornasse o homem mais rico do mundo, não mudaria nada.

Outro longo silêncio. Ramez contemplava as nuvens pela janela. Adam começou a fazer o mesmo. O comissário aproximou-se. A um sinal do patrão, levou o prato de guloseimas e retornou alguns segundos depois com uma bandeja de frutas.

— Você conhece esses damascos brancos? — perguntou Ramez, com uma ponta de orgulho.

Escolheu um deles, particularmente carnudo, e de um amarelo tão claro que de fato parecia branco. Estendeu-o a Adam, que mordeu lentamente, fechando os olhos.

— Uma delícia! Nunca tinha comido.

— A produção é tão reduzida que eles nunca são comercializados. Mando trazer especialmente de uma aldeia perto de Damasco.

— Eu nem sabia que existia um gosto assim.

— Fico feliz que tenha gostado. É a minha fruta favorita. Ramzi também gostava muito. Eu costumava mandar-lhe duas caixas todo ano. Pois agora vou mandar para você.

Eles degustaram religiosamente uma outra fruta suculenta. E mais outra. Mas agora seu prazer estava alterado pela lembrança do amigo perdido.

Passado um momento, Adam disse simplesmente:

— Você foi vê-lo então...

A reação de Ramez foi um longo suspiro, e em seguida ele assentiu várias vezes com a cabeça.

— Sim, fui vê-lo. Estava convencido de que, apresentando argumentos sólidos, poderia convencê-lo a voltar. Nossa amizade nunca se baseou, como tantas outras, no silêncio, na mentira ou na cegueira. Nós sempre discutimos muito, argumentamos muito, sempre respeitando a opinião do outro. Achei que nesse dia seria o mesmo. Que ele me falaria de suas preocupações, que eu tentaria tranquilizá-lo, acalmá-lo, e que no fim teria dele uma data para sua volta, ou pelo menos uma promessa.

— Mas logo me dei conta de que tinha me enganado. No momento em que o vi em seu traje de monge, fiquei desarmado. Que argumentos poderia encontrar, eu, um engenheiro muçulmano, para convencer um monge cristão a voltar à vida civil. Não entendo nada de teologia, e achava ridículo falar-lhe das dificuldades de nossa empresa. Ou de qualquer outra coisa. Eu tive um branco, como um ator que de repente esquecesse o texto. E então comecei desajeitadamente a dizer banalidades. "Você está bem, Ramzi?" "Sim, obrigado, vou bem." "Não está precisando de nada?" "Não, tenho tudo que quero." "Está sendo bem-tratado?" "Ramez, não estou numa prisão, estou num mosteiro, por livre e espontânea vontade." Eu me desculpei. Realmente tinha a sensação de estar no locutório de uma prisão. Tentei então corrigir o tiro. "Eu quis dizer: a vida que está levando

aqui, entre os monges, é o que você esperava?" Ele respondeu: "Sim! Eu queria uma vida simples, na qual tivesse tempo para meditar, orar e refletir. E é exatamente o que encontrei." Perguntei-lhe se queria que eu o informasse do que estava acontecendo em nossa empresa, e ele disse que não. Perguntei então se tinha notícias dos filhos, e ele disse que não. Perguntei se ficava incomodado que eu o estivesse visitando, e ele disse que não — mas depois de hesitar dois segundos. Eu então entendi que não era realmente bem-vindo. Levantei-me. Ele se levantou. Apertei-lhe a mão, como se fosse um estranho. Ele disse que rezaria por mim.

"Eu saí, fui em direção ao carro, sentei-me no banco traseiro e comecei a chorar como não chorava desde a morte do meu pai. Meu motorista me olhava pelo retrovisor, mas eu não estava nem aí para o que ele pudesse pensar, nem me contive, deixei que as lágrimas corressem. Ramzi era para mim mais que um irmão, e de repente, sem motivo algum, tornara-se um estranho. Eis a triste história daqueles que eram conhecidos como os 'inseparáveis'!"

— E desaconselha uma visita minha?

— Não, certamente que não. É preciso manter contato. Comigo ele estava na defensiva, tinha medo de que eu o pressionasse a voltar à vida anterior. Além do mais, foi logo depois da sua... da sua transformação, cedo demais, eu devia ter esperado. Agora, passou-se um ano, talvez ele tenha vontade de rever um amigo.

— Tentarei ir nos próximos dias. Na verdade, tenho um projeto em mente. Gostaria de lhe falar a respeito, justamente, mas nossa conversa tomou outro rumo. Estou tentando organizar um reencontro dos nossos amigos daquela época.

Ramez quase deu um salto da cadeira.

— Que ideia maravilhosa! Sonho com isto há muito tempo. Eu me sentia tão bem nas nossas noitadas! Ainda lembro das nossas discussões, das risadas! Nunca me conformei com a dispersão do grupo. Não há nada como o calor dos amigos. Nada, nem o trabalho, nem o dinheiro, nem a vida em família. Nada se compara aos momentos de encontro dos amigos, compartilhando ideias, sonhos,

refeições! Eu, pelo menos, preciso. Talvez seja um saudosista incurável, com alma de adolescente, que nunca aceitou o mundo dos adultos, mas eu sou assim. Era o que eu e Ramzi buscávamos: uma amizade de juventude que se perpetuasse pelo resto da vida, e que estivesse presente na atividade profissional como na esfera privada. Nós a tivemos durante anos, e foi perfeito para nós. Mas depois a perdemos...

Sua expressão começou a escurecer, mas ele logo se recompôs.

— Nem é preciso dizer que você pode contar comigo, basta dizer local e data da reunião, e eu irei. Mesmo se estiver do outro lado do mundo, irei. Mas se tiver a expectativa de convencer Ramzi a deixar seu mosteiro para se juntar a nós, terá uma decepção. A não ser que ele tenha mudado radicalmente nos últimos meses.

— Se eu me pautar pelo que você acaba de dizer, é uma causa perdida. Mas ainda assim vou visitá-lo. E farei o convite, veremos qual será sua reação.

— Quem mais pretende convidar?

— Já escrevi a Albert, que está nos Estados Unidos, e a Naïm, que está no Brasil. Também estaremos você e eu, é claro, e Tania e Sémi. À parte Ramzi, eu pensava também em Nidal, o irmão de Bilal.

Adam esperava uma reação do outro, mas ele se limitou a assentir ambiguamente com a cabeça. Fez-lhe então uma pergunta mais direta:

— Você acha que é uma boa ideia convidar Nidal?

Ramez pareceu hesitar antes de responder, com uma expressão de resignação.

— Sim, por que não? Convide-o.

— Não parece entusiasmado.

— Entusiasmado, não. Mas tampouco hostil.

Ele refletiu por alguns momentos.

— Vou dizer o que penso realmente. Os militantes radicais como ele necessariamente se transformarão um dia em opressores. Mas hoje são perseguidos na maioria dos nossos países, e no Ocidente são demonizados. Você por acaso teria vontade de defender um oprimido, sabendo que daqui a pouco ele irá se comportar, por sua vez, como um tirano? Não sei como resolver este

dilema... Então, se pretende convidá-lo, convide, por que não?

Ele deu de ombros e fez uma pausa, acrescentando então:

— Em quem mais pensou?

— Gostaria que nossos amigos trouxessem suas esposas. Talvez elas fiquem entediadas ouvindo nossos discursos de ex-combatentes, mas vai contribuir para tecer vínculos. De qualquer maneira, espero que sua mulher possa vir.

— Deixo a você a oportunidade de convidá-la quando estivermos em Amã. Tenho certeza de que ela ficará encantada.

— Já não estou tão certo de que minha companheira, Dolorès, possa juntar-se a nós. Ela trabalha de manhã à noite.

— Ela é francesa?

— Não, argentina. Mas vive na França há vinte anos.

— Naïm casou-se com uma brasileira, suponho.

— Não tenho a menor ideia. Sei que ele é casado, e que tem filhos em idade de entrar para a universidade. Mas não sei quem é sua mulher. Se alguma vez ele mencionou seu nome, não guardei.

— Você se dá conta do que acaba de dizer? Você e Naïm eram como dois irmãos, e hoje você sequer sabe o nome da mulher dele. Como tampouco conhecia, ainda esta manhã, o nome da minha, nem eu o da sua. Esse tipo de coisa me deixa triste e incomodado. Tenho a sensação de que todos nós traímos uns aos outros.

— Tem razão. Mas nós temos a desculpa da guerra e da dispersão.

— Sempre podemos encontrar desculpas. Mas se déssemos alguma importância à amizade, teríamos dado um jeito, em um quarto de século, de criar algumas oportunidades para nos reunir. E não estou botando a culpa nos outros, é a mim mesmo que culpo em primeiro lugar. Estou constantemente percorrendo o mundo, poderia até espetar num globo terrestre bandeirolas com os nomes dos meus amigos, e assim voltaria a encontrá-los a cada passagem. Veja só, é o que eu vou fazer agora, nunca é tarde demais. Você em Paris, Naïm no Brasil. São Paulo ou Rio?

— São Paulo.

— E Albert?

— Em Indianápolis, ele trabalha para um *think tank*.

— Agora que você o menciona, recordo-me de que alguém me havia dito. Parece que ele é influente.

— É possível. De qualquer maneira, é muito respeitado no meio acadêmico.

— O que não me surpreende. Na época da universidade, já era um homem culto, sutil e cheio de imaginação. A maioria das pessoas não se dava conta, pois ele era calado e fechado. Ele precisou ir para os Estados Unidos para desabrochar. Está em contato com ele?

— Sim, nos escrevemos de vez em quando. Ele de fato diz muitas vezes coisas inteligentes e surpreendentes. Em compensação, não sei absolutamente nada de sua vida privada. Nem mesmo sei se tem mulher e filhos.

— Isto eu duvido.

— Por que diz isto?

Ramez pareceu hesitar. Ante o olhar insistente e perplexo de Adam, contudo, acabou falando.

— Um dia, estávamos os três sozinhos, Albert, Ramzi e eu. Como sempre, ele estava calado, com seu nariz pontudo e seu ar irônico. Estávamos falando de uma garota. Eu a achava sedutora, e Ramzi a achava pretensiosa, ou o contrário. Conversa de homens... De repente, Albert disse: "Tem gente que acha que vocês dois formam um casal, mais de mim ninguém desconfia. Estranho, não?" Nós levamos alguns segundos para entender que nosso amigo acabava de nos confidenciar seu segredo mais íntimo. Nós nos entreolhamos com um sorriso de cumplicidade. Depois, Albert disse, em francês: "Não repitam isto para os bárbaros!" Nós o tranquilizamos com um sinal da cabeça.

"Quando ficamos sozinhos, Ramzi e eu nos prometemos que não diríamos a ninguém, 'bárbaro' ou não. Você é a primeira pessoa a quem falo disto. Sei que não tem preconceitos nessa questão, e mesmo que tivesse, certamente os terá perdido desde que passou a viver na Europa. E ele, suponho que, depois de

tantos anos na América, não precisa mais se esconder como antes. De qualquer maneira, recomendo que não tome a iniciativa de puxar o assunto, deixe que ele se sinta livre para falar ou não."

— Estranho que ele nunca se abrisse comigo — disse Adam, talvez espantado e certamente contrariado. — Você acha que ele me incluía entre os "bárbaros"?

— Não, com certeza não, ele gostava muito de você. Você era provavelmente seu amigo mais próximo. Acho simplesmente que ele não revelava seu segredo a ninguém, e que naquele momento, em nossa companhia, a frase lhe tinha escapado. Como já a tinha pronunciado, não podia retirá-la, e então simulou desenvoltura. Sorria, mas era um sorriso forçado. Devia estar arrependido de ter deixado escapar. Mas não precisava se preocupar tanto. Nós nunca o traímos, e nossa amizade com ele se tornou ainda mais próxima.

Adam olhou pela janela. Via-se apenas a noite. Apenas um resto de claridade difusa. Ele consultou o relógio.

— Quase oito horas.

— Vamos aterrissar em Amã daqui a uma meia hora. Uísque?

— Não, obrigado. Prefiro um último café.

O comissário aproximou-se e anotou o pedido. Depois, voltou com uma xícara fumegante, um copo cheio de pedras de gelo e uma garrafa de uísque com forte cheiro de turfa.

— Nesse encontro, então, seremos uma dezena — constatou Ramez, evidentemente entusiasmado com o projeto. — E o que teremos? Um banquete? Uma cerimônia? Um seminário?

— Ainda não pensei como será. Até agora, limitei-me a propor a ideia de um encontro, para ver se os amigos realmente tinham vontade e se significava alguma coisa para eles, depois de todos esses anos. Até agora, as reações são positivas, mas ainda está tudo por fazer.

— Você não vai mobilizar gente nos quatro cantos do mundo para um jantar de reencontro e um café sem açúcar. Precisa haver mais alguma coisa.

— Tem razão. Mas o quê? Pessoalmente, não tenho nenhum talento como

organizador.

— Seu papel não é organizar, Adam. Você é um professor universitário, um intelectual. Seu papel é refletir e nos ajudar também a refletir. Esqueça a logística! Esqueça a morte de Mourad! Esqueça até o reencontro!

— Mas o nosso reencontro é o ponto de partida do projeto.

— Esqueça o ponto de partida! É necessário sempre ter um pretexto para começar, mas não devemos nos apegar muito tempo ao pretexto, senão esquecemos o essencial.

— E para você o essencial é o quê?

— O essencial é que um século catastrófico acaba de chegar ao fim. Está começando um novo século, que se anuncia ainda mais catastrófico, e eu gostaria muito de saber em que molho vamos ser cozidos.

— E acha que nossos amigos de outros tempos serão capazes de dizê-lo?

— Talvez sim, talvez não, mas preciso falar com alguém sobre isso. De preferência, pessoas com as quais eu tenha afinidade, que tenham empatia e uma certa capacidade de reflexão. Era o que me atraía no nosso círculo estudantil. Nem tanto as ideias políticas. Na época, todos nós nos dizíamos marxistas, porque estava na moda. Mas eu nunca entendi nada de materialismo dialético, luta de classes ou centralismo democrático. Repetia feito papagaio as coisas que lia ou que ouvia dos que tinham lido. Se me dizia de esquerda, era por não ser insensível à situação dos pobres e oprimidos. Apenas isso. E se frequentava nosso grupo, era porque seus integrantes se interessavam pelo vasto mundo, e não apenas por sua vidinha pessoal. Falavam do Vietnã, do Chile, da Grécia e da Indonésia. Eram apaixonados por literatura, música, filosofia e o debate de ideias. Na época, podia até parecer que essas preocupações eram amplamente compartilhadas pelas pessoas em geral. Mas na nossa juventude esse tipo de círculo era raro, e hoje, mais ainda. Há mais de vinte anos eu só participo de reuniões de negócios ou mundanas. A maioria das pessoas passa pela vida, do berço ao túmulo, sem jamais se perguntar para onde caminha o mundo e como será o futuro.

“O que estou lhe dizendo é praticamente, palavra por palavra, o que Ramzi me disse certo dia. Na época, eu concordei, sem saber que decisão ele estava amadurecendo. Eu jamais seria capaz de me afastar do mundo por livre e espontânea vontade, as grandes reviravoltas me fascinam mais do que assustam. Mas pelo menos num ponto estou inteiramente de acordo com ele: às vezes é preciso elevar-se acima da vida cotidiana para encarar questões essenciais. Não espero que nossos amigos me revelem verdades inesperadas, mas tenho sede de ouvi-los relatar seu percurso, refletir em voz alta, expressar suas esperanças e angústias. Estamos na fronteira de dois séculos e de dois milênios. Dois mil e um! Sei que a numeração dos anos não passa de uma convenção humana, mas um ano com um número tão simbólico representa uma boa oportunidade de parar um pouco e meditar. Não acha?”

O rosto de Adam iluminou-se num largo sorriso. O amigo olhou para ele desconfiado.

— O que lhe parece tão divertido no que acabo de dizer?

— Desde esta manhã, não paro de me perguntar o que direi a Ramzi quando for visitá-lo. E você acaba de me dar a resposta. Vou desfiar diante dele exatamente o discurso que acabo de ouvir da sua boca. Se convidá-lo para um banquete entre amigos, ele certamente não virá. Mas o convite é para um retiro de meditação...

Ramez também sorriu.

— Vale tentar, mas não creio muito.

— De qualquer maneira, é a única carta que temos.

— Se conseguir convencê-lo, dou-lhe de presente um avião como este.

— Não, obrigado, eu não teria como usá-lo.

— Um carro, então...

— Parece mais razoável!

— Que marca?

— Não, Ramez, eu estava brincando, não preciso de avião particular nem de carro. Em Paris, só ando a pé ou de metrô, de táxi ou ônibus. Às vezes até de

bicicleta. Em compensação...

— Sim, diga!

— Em compensação, se estiver de pé sua promessa de me mandar todo ano duas caixas de damascos brancos...

— Já está prometido.

— E se acrescentar uma caixa de mangas do Egito, da variedade conhecida como hindi, comprida, com a carne cor de ferrugem...

— Combinado!

— E uma caixa de anonas, e outra de laranjas *moghrabi*...

— E tâmaras, suponho.

— Não, tâmaras agora eu encontro em Paris.

— Não como as que eu enviarei.

Ainda havia dois damascos no prato. Cada um deles pegou um, passando a degustá-lo com extrema lentidão.

7

O avião aterrissou suavemente em Amã. Um utilitário apanhou o empresário e seu convidado ao pé do veículo, levando-os em alta velocidade para uma das vinte colinas ao redor da região da antiga Filadélfia.

Como Adam já devia esperar, a residência de Ramez era uma suntuosa construção de pedra branca, com três andares, plantada no meio de um jardim luxuriante que contrastava com a aridez ambiente. O portão se abriu ao se aproximar o carro, que nem precisou diminuir a velocidade para entrar na propriedade.

Quando os dois amigos puseram o pé no chão, uma nuvem de guardas, jardineiros e domésticos acorreu solicitamente. As portas lhes eram abertas com cumprimentos e boas-vindas.

Logo a mulher de Ramez, Dunia, viria ao seu encontro, trajando uma longa túnica caseira, cinzenta e bordada de amarelo.

Assim que cumprimentou o convidado e beijou o marido, ela perguntou, com uma ponta de preocupação:

— Lina não voltou com vocês?

— Não, ficou lá, tinha um jantar. Quando eu voltar com nosso amigo, vou trazê-la.

Dunia voltou-se para Adam.

— Nesta família as pessoas tomam avião como se fosse um carro. Parece até que estamos no Texas!

Mas outra coisa chamava a atenção do convidado.

— Se bem entendi, a encantadora jovem que me atendeu ao telefone e que se apresentou como sua assistente na verdade é sua filha, a filha de vocês...

Os dois pais sorriram.

— Ela sempre faz assim — disse Dunia. — Quando está na função de secretária, nunca diz que é filha dele.

— E eu, para não denunciá-la, digo simplesmente Lina.

— E acrescenta que ela tem todas as qualidades.

— É o que acho, como patrão — disse Ramez, evidentemente feliz de poder falar dela.

— É o que você acha, com toda a objetividade — provocou o amigo.

— Lina é o amor da sua vida — disse Dunia, enternecida.

— Quem se casar com ela, é melhor que a trate como uma rainha. Caso contrário...

A ameaça ficou em suspenso.

Adam foi acompanhado pelos anfitriões até "seu quarto", como disseram, e que na verdade era um magnífico apartamento, com jacuzzi no banheiro, uma sala mais ampla que a sua em Paris, um bar generosamente fornido, um aparelho de televisão, um computador e uma varanda dando para a cidade iluminada.

Sobre a cama, ainda nas embalagens, um pijama, três camisas, três pares de meias, roupa íntima, um roupão de banho bordado e diferentes chinelos.

— Acho que não vou mais sair daqui — disse-lhes Adam em agradecimento. — Não haveria um lugar vago na universidade jordaniana?

— Podemos dar um jeito — respondeu Ramez com um riso sonoro. — O reitor é muito amigo nosso.

E acrescentou:

— Estamos esperando lá embaixo para o jantar. Mas não se apresse, costumamos jantar muito tarde. Telefone para sua mulher e diga onde está! E telefone também para o hotel, para que não fiquem esperando!

— Bem pensado — disse Dunia. — Eu bem que gostaria que Ramez me

telefonasse de vez em quando para dizer se vai dormir em Cingapura, Dubai ou Kuala Lumpur.

O marido tomou-a pelo braço, um pouco para interrompê-la, um pouco para se desculpar.

— Que diferença faz? A partir de um certo número de viagens, a gente não sabe mais em que cidade está, todas as salas de reunião são iguais, e também todos os quartos de hotel.

— Venha! Vamos deixar Adam descansar um pouco.

Com efeito, o convidado de repente se sentia extenuado. Ao se afastarem os amigos, despiu-se, tomou uma longa ducha muito quente, meteu-se num roupão de banho e se enfiou debaixo das cobertas na cama.

Teve então uma sensação de bem-estar que, somada ao cansaço da viagem, levou-o a fechar os olhos por alguns momentos.

Oitavo dia

1

Quando Adam abriu os olhos, o quarto estava escuro. Ele apanhou seu relógio na cômoda. Marcava seis horas e quinze. Levantou então as persianas e recebeu o sol em pleno rosto.

Ele ainda estava de roupão de banho. O pijama novo ficara na caixa, mas não estava mais em cima da cama; alguém o havia depositado numa mesa, com as camisas e todas as outras roupas embaladas.

Adam então havia passado ali a noite inteira. E no entanto devia ter descido para jantar com os amigos. Eles certamente o tinham vindo buscar. Vendo-o em sono profundo, deviam ter decidido não despertá-lo.

Ele voltou a tomar uma ducha, barbeou-se, passou água de colônia no rosto; depois, vestiu-se e saiu do apartamento. Uma jovem de avental branco esperava atrás da porta para levá-lo até a varanda banhada em luz onde os amigos tomavam o café da manhã.

— Felizmente não o esperamos para jantar! — disse Ramez, achando muita graça.

Adam confundiu-se em desculpas, enquanto Dunia tratava de defendê-lo do sarcasmo do marido:

— Isto é jeito de receber nosso convidado já de manhã? Por que não pergunta se ele dormiu bem?

— Não preciso perguntar, estou vendo com os olhos — disse o marido, continuando a dar risada. — Ele roncava como um motor diesel.

— Que grosseirão, esse meu marido, não é?

Ela riu, e o marido também. Adam aproveitou:

— Se tivesse perguntado minha opinião, eu teria avisado. Ele teve uma educação horrível. Agora, é tarde. Você não teve mesmo sorte!

Ramez parecia encantado de ser assim criticado.

— No nosso grupo era assim, na época. O tempo todo nos chamávamos de analfabeto, desmiolado, animal. Mas era apenas um ritual de cumplicidade. Nós nos gostávamos muito, nos estimávamos. Não é?

Adam confirmou com a cabeça. E então a jovem de avental que o havia acompanhado voltou com uma cafeteira fumegante e passou a servi-los um a um. Quando se afastou, Ramez disse à mulher:

— No avião, conversamos sobre Ramzi. Adam pretende ir visitá-lo.

Desde sua chegada na véspera, o convidado só vira Dunia sorridente. Um sorriso suave, natural, de modo algum afetado. Mas ao ser mencionado o amigo perdido, o sorriso desapareceu instantaneamente.

— Nós ainda não nos recuperamos do seu afastamento. Eu devia até dizer da sua "deserção". É meio perturbador um homem que decide, da noite para o dia, abandonar o trabalho, a casa, os amigos, para se fechar com desconhecidos numa cabana na montanha.

"Para Ramez, e também para mim, ele era como um irmão. Quando se foi, ficamos ambos pasmos. Você tem um amigo, encontra-o todo dia, conta a ele seus segredos, acha que o conhece como a si mesmo e um dia descobre que não o conhecia. Descobre que havia nele um outro personagem, do qual nunca tinha desconfiado. Ramez ainda tenta encontrar desculpas para ele, mas eu sinto raiva. Um homem não tem o direito de ir embora assim, por um capricho."

— Certamente não foi por um capricho — observou Ramez pensativo.

— Se não foi por um capricho, pior ainda. Quer dizer que amadureceu sua decisão secretamente, sem falar com ninguém, sem discuti-la conosco. Quer dizer que dez, vinte vezes estivemos sentados com ele nesta mesa, como aqui estamos esta manhã, conversando de coração aberto, enquanto ele já amadurecia

a decisão de nos deixar e nunca mais voltar a nos ver.

"Querem que eu o desculpe, por ter sido tomado pela fé. Mas que fé é essa que leva um homem a deixar os amigos mais chegados, mais sinceros, para ir na direção de Deus? Quer dizer então que Deus está lá no alto da montanha, e não aqui, na cidade? Deus está no mosteiro e não nos canteiros de obra nem nos escritórios? Se alguém acredita em Deus, deve acreditar que ele está em toda parte!

"Desculpe, Adam. Não é a religião que eu critico. Não sei quais são suas convicções, e não quero magoá-lo."

— Fique à vontade, Dunia — disse o convidado. — Comigo você pode criticar todas as religiões do mundo. A minha e a dos outros. Não pense que vou ficar ofendido!

— De qualquer maneira, não são os seus companheiros de fé que eu critico, os meus são piores. Quando vão para a montanha, não é só para rezar e meditar... O que me irrita é essa mania que têm hoje em dia de meter a religião em tudo, de tudo querer justificar através dela. Se me visto assim, é pela minha religião. Se como isto ou aquilo, é pela minha religião. Vou deixar meus amigos, e nem preciso dar explicações, é a minha religião que me chama. Ela é servida de todas as maneiras, acreditamos que está sendo atendida, quando na verdade está sendo posta a serviço de ambições pessoais, dos próprios caprichos.

"A religião é importante, mas não mais que a família, nem que a amizade, nem que a lealdade. É cada vez maior o número de pessoas para as quais a religião toma o lugar da moral. Elas falam do que é lícito e ilícito, do que é puro e impuro, valendo-se de citações. Mas eu preferiria que se preocupassem mais com o que é honesto e o que é decente. Por terem uma religião, essas pessoas se julgam isentas de ter uma moral.

"De minha parte, venho de uma família religiosa e devota. Meu bisavô era *cheikh-el-islam* na época dos sultãos otomanos. Na minha família, sempre fizemos jejum no ramadã. Era natural, ninguém questionava, não representava um problema. Hoje em dia, não basta mais jejuar, também é preciso mostrar a

todo mundo que estamos jejuando e fiscalizar de perto os que não jejuam.

"Um dia, as pessoas vão ficar fartas de uma religião muito invasiva, e vão descartar tudo, o melhor junto com o pior."

Dunia tinha se exaltado. Ramez pousou a mão na sua.

— Acalme-se, querida. Não foi a religião que ordenou a Ramzi que se retirasse do mundo. Nem foram os monges que vieram sequestrá-lo. Ele passou por uma crise, e talvez coubesse a nós, seus amigos, percebê-la e prever as consequências.

— Não, Ramez! Pare de se culpar! Pare de se acusar! Não cabia a você adivinhar o que estava acontecendo com Ramzi. Você era seu melhor amigo, ele é que tinha de se abrir com você, falar das suas preocupações, para que pudessem conversar a respeito. Você e eu não temos de nos culpar por nada. E tampouco é culpa dos monges, você tem razão. Se alguém agiu mal, foi Ramzi. E aquela mulher... Não se deve amaldiçoar uma pessoa morta, mas se ela ainda estivesse neste mundo, eu não teria problema de amaldiçoá-la.

Dunia se interrompeu, como se buscasse as palavras, ou então para se acalmar, ou quem sabe para relembrar alguma cena. Os dois amigos limitaram-se a esperá-la em silêncio.

— Quando alguém entra em nossa casa — recomeçou ela —, eu sempre observo os olhos. E tento adivinhar os pensamentos. Na maioria dos casos, creio eu, as pessoas ficam pensando que gostariam de ter uma casa como a nossa. Mas nem todos o fazem no mesmo espírito. Para uns, é com admiração; para outros, com inveja. Algumas das pessoas que nos visitam são mais ricas que nós; a maioria, muito menos rica; e algumas são pobres. Mas a admiração ou a inveja não dependem da riqueza ou da pobreza. É uma atitude em relação à vida. Haroun el-Rachid era califa, seu império se estendia do Magreb às Índias, mas ele invejava seu vizir Jaafar por sua prosperidade, e não sossegou enquanto não o arruinou. Há pessoas que ficam felizes com a felicidade dos outros, ainda que só a compartilhem por pouco tempo, de maneira muito parcial, e externamente. E há outras que se sentem agredidas com a felicidade dos outros.

“Você, Adam, ao chegar aqui, deve ter pensado: ‘Meu amigo Ramez enriqueceu, mandou construir uma bela casa, sua mulher é acolhedora, vou passar momentos agradáveis na companhia dos dois.’ Ela, a mulher de Ramzi, assim que botava o pé em nossa casa, eu podia ver a inveja nos seus olhos e nos seus lábios cerrados. Quando havia algum novo objeto, ela imediatamente o detectava. Aqui em casa, quando compro um tapete novo, Ramez é capaz de passar por cima cinquenta vezes sem notá-lo. Toda vez preciso dizer ‘Olhe!’ para que ele preste atenção. Aquela mulher, no instante em que entrava, detectava o novo objeto, e eu a via calculando mentalmente o preço que eu devia ter pago.

“Quando nos mudamos para cá, enfrentamos em três ocasiões vazamentos de água, e eu manifestei na presença da mulher de Ramzi o temor de que um belo dia acordássemos com a casa inundada, as paredes, os móveis, os tapetes, as tapeçarias... Olhei para ela, e só vi no seu rosto alegria, uma alegria transbordante, descontrolada, como se eu lhe tivesse falado do mais feliz dos acontecimentos.

“Lembro-me de ter tido medo dela, nesse dia, e pensado: ‘Ela vai lançar um feitiço contra o meu marido!’ Normalmente, não sou supersticiosa, mas estava constantemente com medo, sobretudo quando Ramez viajava de avião. Obriguei-o até a jurar que nunca mais mencionaria a aeronave diante dela.”

Ramez confirmou com um sorriso, ao mesmo tempo erguendo os ombros e as sobrancelhas para deixar bem claro que não acreditava nessas histórias de mau-olhado. Mas Dunia continuou, sem se preocupar com sua reação:

— Ramez e Ramzi subiram os degraus juntos, de mãos dadas, nenhum dos dois é menos rico que o outro. Só que no caso de Ramzi a fortuna era menos visível; ele sempre foi discreto e reservado. O que, em si mesmo, é uma qualidade. Mas sua mulher enxergava isso como uma punição. Ramez é mais gastador, mais demonstrativo, mais exibido...

Ele arregalou os olhos.

— Eu, exibido?

Dunia passou a mão nos cabelos do marido, com ternura materna.

— Sim, querido, você gosta muito de mostrar sua casa, seu avião particular, sua Mercedes.

— Você faz ideia do que as pessoas diriam se um homem rico como eu se vestisse como um mendigo e andasse por aí num calhambeque?

— Não estou lhe criticando, querido, gosto de você como é, e ficaria infeliz se tivesse casado com um avarento. Mas é verdade que você não esconde sua fortuna, ao passo que o seu sócio preferia que dissessem: "Ele ficou rico, mas não mudou em nada seu estilo de vida!" Por acaso estou enganada?

— O que Dunia está dizendo é verdade — reconheceu o marido. — Ramzi gostava que se dissesse que ele tinha trabalhado muito para ter sucesso, mas ficava tímido quando diziam que era rico. Quase chegava a ter vergonha do seu dinheiro. E, por sinal, era talvez por isso que sua mulher se comportava da maneira como se comportava. Ela devia ter vontade de gastar, e ele a impedia.

— No fim das contas, os chamados "inseparáveis" eram muito diferentes um do outro — observou Adam em voz baixa, como se estivesse falando a si mesmo. — Vocês dois fizeram fortuna, mas não tiraram disso os mesmos ensinamentos. Você considerou que o Céu o tinha recompensado; ele, que o Céu queria testá-lo.

O anfitrião apressou-se a corroborar.

— Exatamente! Era exatamente assim que ele pensava. Inclusive, dizia que o Céu não tinha mandado o petróleo para os árabes para recompensá-los, mas para testá-los, e talvez até para puni-los. E nisso tinha perfeitamente razão, devo dizer. O petróleo é uma maldição.

— Mas foi graças ao dinheiro do petróleo que vocês dois ganharam uma fortuna — lembrou Adam.

— Sim, é verdade. Para Ramzi e para mim, foi a sorte grande, mas para os árabes, em geral, o petróleo foi uma maldição. E nem só para os árabes, por sinal. Você por acaso sabe de um único país que tenha se tornado feliz por causa do petróleo? Analise um por um. Em qualquer lugar, o dinheiro do petróleo provocou guerras civis, reviravoltas sangrentas, contribuiu para o surgimento de dirigentes megalomaníacos e delirantes.

— E por que, na sua opinião?

— Porque de um dia para o outro as pessoas se viram com muito dinheiro, e sem precisar trabalhar para ganhá-lo. Resultado: disseminou-se uma cultura da preguiça. Para que nos cansarmos se é possível pagar a alguém para que se canse por nós? São então populações inteiras vivendo de renda, e, a serviço delas, populações inteiras de empregados, para não dizer escravos. Você acha que é possível construir nações desta maneira?

— Você alguma vez se sentiu escravo? — perguntou Dunia, um pouco ofendida.

— Sim, toda vez que estou diante de um emir, sinto-me um pouco escravo. Um escravo de luxo, um escravo rico e bem alimentado, mas ainda assim escravo.

Ele se calou, como se evocasse cenas precisas. Depois, prosseguiu:

— O fundador da Opep, um venezuelano, dizia que os hidrocarbonetos eram os "excrementos do diabo"... E tinha razão. Estou convencido de que aqueles que escreverem a história, daqui a cem anos, dirão que o petróleo só enriqueceu os árabes para melhor arruiná-los!

Pássaros tinham começado a chilrear no jardim. Os anfitriões e o convidado calaram-se para melhor ouvi-los, para se impregnar da sua despreocupação, de sua aparente alegria.

Depois, Ramez disse ao amigo:

— Conte a Dunia sobre seu projeto de reencontro!

Adam falou da origem do projeto. Enumerou as pessoas que pretendia chamar e disse algumas palavras sobre cada uma delas. Depois evocou brevemente o círculo de amigos de então, recordando as disputas, os ideais e as vãs promessas de nunca se perderem de vista. Para então acrescentar:

— No avião, estava dizendo a Ramez que gostaria muito que nossas esposas fossem conosco, mas que temia que se entediassem ouvindo-nos contar nossas lembranças de antigos militantes. Depois da nossa conversa esta manhã, tenho certeza de que pelo menos duas das nossas mulheres não podem deixar de se

juntar a nós: a minha, Dolorès, e você, Dunia, se quiser.

— Será um prazer. Ramez me fala muito dessa época que eu não conheci, e eu ficaria encantada de ouvir as histórias de vocês, de modo algum entediada. Quando será?

— A data ainda não foi escolhida. Estou pensando...

— Não importa, eu sou uma esposa oriental submissa, não tenho compromisso nenhum sem o meu marido; se ele estiver livre nesse dia, eu estarei.

O marido olhou para o céu e depois beijou a mão de Dunia, dizendo então:

— Antes que eu esqueça, Sémiramis telefonou ontem à noite. Ficou preocupada por não encontrá-lo no hotel, e quando informei que você viera comigo para Amã, disse palavras pesadas que não vou repetir aqui.

— A culpa é minha — reconheceu Adam. — Eu pretendia telefonar, mas caí no sono. Ela deve estar furiosa...

— Quando voltar ao hotel, você vai ver. Na minha opinião, melhor faria se ficasse em Amã. Posso conceder abrigo para você.

O convidado sorriu.

— Não, preciso ir receber o castigo que mereço. A que horas acha que podemos partir?

— Disse à tripulação que estivesse pronta para decolar por volta de onze horas. Está bom?

Adam consultou o relógio. Eram oito e trinta.

— Perfeito. Temos tempo para nos preparar calmamente.

— Minha esposa submissa decidiu levar-me para visitar a mãe. Passaremos o dia na casa dela na montanha, depois voltaremos à noite para Amã com nossa filha.

2

De volta à Pousada Sémiramis, Adam subiu discretamente para o seu quarto. Porém, quando ia abrir a porta, ouviu o telefone tocar. Sua "castelã" evidentemente tinha pedido que a informassem da sua chegada. Mas sem censuras nem recriminações. Queria apenas dizer-lhe que estaria ausente até a noite, e que telefonaria para que jantassem juntos quando voltasse.

Ele começou tomando algumas notas sobre as conversas com Ramez e a mulher, especialmente o que haviam dito sobre Ramzi, e que poderia lhe ser útil quando fosse visitá-lo no mosteiro. Depois abriu o laptop para ver os e-mails. Em sua ausência, chegara uma longa mensagem de Naïm.

"Meu querido Adam,

Lendo seu último e-mail e relendo o que eu lhe havia mandado, parece-me que houve um pequeno mal-entendido que preciso esclarecer.

De fato, eu disse que tinha deixado o país "a contragosto", e você deduziu que eu tinha sido forçado pelos meus pais. Mas em memória do meu pai devo esclarecer: ele não me forçou, apenas me convenceu, numa longa conversa "entre homens" da qual nunca me esquecerei.

Nas semanas anteriores, havíamos tido várias discussões exaltadas. Toda vez que se falava da viagem, eu me dizia contra, ele me censurava, eu respondia com irritação, o tom subia e minha mãe começava a chorar. O clima em casa estava horrível para todo mundo. Um dia, ele me chamou ao

pequeno quarto que lhe servia de escritório. Convidou-me a sentar numa poltrona, fechou a porta e então, fugindo totalmente aos seus hábitos, tirou do bolso seu maço de Yenindji e me ofereceu um. Era de certa forma o equivalente moral do cachimbo da paz. Ele acendeu o meu cigarro, depois o dele, e deslocou o cinzeiro para que ficasse a igual distância de nós dois.

Lembro-me da cena como se fosse na semana passada, quando faz mais de um quarto de século! O compartimento não era grande, como você sabe; havia lugar apenas para as duas poltronas onde estávamos sentados. As paredes eram cobertas de livros em diversas línguas, e havia uma escrivaninha de madeira, com incrustações de madrepérola e muitas gavetas. A luz entrava por uma janela que dava para o jardim do prédio. Fazia frio nesse dia, mas meu pai a havia entreaberto por causa da fumaça.

Lembro-me das palavras com que ele começara seu discurso: 'Quando eu tinha a sua idade, também tinha bons amigos, jovens honestos, educados, talentosos, de todas as comunidades e com as ambições mais elevadas. Para mim, eles eram mais importantes ainda que minha família. Todos nós sonhávamos com um país em que os cidadãos não fossem mais definidos sobretudo pela fé religiosa. Queríamos sacudir as mentalidades e abalar os velhos hábitos.'

Um dos cavalos de batalha do seu grupo, disse-me ele, eram os nomes. Por que era necessário que os cristãos tivessem sistematicamente nomes cristãos; os muçulmanos, nomes muçulmanos; e os judeus, nomes judeus? Por que todo mundo tinha de carregar no nome a bandeira da sua religião? Em vez de dar a uns nomes como Michel ou Georges, a outros, Mahmoud ou Abderrahman, e a nós Salomon ou Moïse, todos teríamos nomes 'neutros' — Sélim, Fouad, Amin, Sami, Ramzi ou Naïm.

'É daí que vem o seu nome', explicou-me o meu pai. 'Vários amigos meus tiveram brigas sérias com a família por causa desse assunto. Alguns tiveram de ceder; eu finquei pé. O seu avô queria que eu me chamasse Ezra, como ele. Para me justificar, expliquei que durante séculos os judeus foram obrigados a

usar roupas diferentes, para que os *goyim* os reconhecessem à primeira vista e pudessem evitá-los ou ficar de sobreaviso; e que os nomes diferentes cumpriam uma função semelhante. Não tenho certeza de tê-lo convencido, mas ele não contestou.

'Se estou contando isto, é para dizer que na juventude eu tive os mesmos ideais que você, os mesmos sonhos de convivência entre todas as comunidades, e que certamente não é de coração leve que hoje levo minha família para longe de um país onde os meus antepassados viveram durante quinhentos anos. Mas para nós, viver aqui tornou-se impossível, e tudo me leva a crer que amanhã será pior ainda.

'Não se iluda, dentro de pouco tempo não haverá mais nenhuma comunidade judaica em todo o mundo árabe. Nenhuma! Algumas já estão em vias de extinção, no Cairo, em Alexandria, Bagdá, Argel, Trípoli... E agora a nossa. Daqui a pouco não haverá mais nesta cidade dez homens para rezar juntos a oração! É profundamente triste, profundamente deprimente. Mas nada podemos fazer, Naïm, nem você, nem eu.

'De quem é a culpa? Da criação do Estado de Israel? Sei que é o que você acha, você e seus amigos. E em parte é verdade. Mas só em parte. Pois as discriminações, as humilhações de todo tipo existem há séculos, muito antes do Estado de Israel, muito antes desse litígio territorial entre judeus e árabes. Será que houve um único momento na história do mundo árabe em que tenhamos sido tratados como cidadãos de pleno direito?

'Você me dirá: nem em outros lugares. Sim, é verdade. Na Europa houve pior ainda, mil vezes pior. Não tenho a menor dúvida. Foi necessária toda a abominação nazista para que as mentalidades começassem a mudar radicalmente, para que o antissemitismo passasse a ser considerado uma prática degradante e uma doença vergonhosa.

'Estou convencido de que essa mudança poderia ter-se estendido ao mundo árabe. Se depois do horror nazista não tivesse ocorrido esse conflito em torno da Palestina, a situação dos judeus nas sociedades árabes não teria

melhorado, em vez de se deteriorar? Creio que sim, estou mesmo convencido. Mas não foi o que ocorreu. O que ocorreu foi o inverso. Em toda parte a situação dos judeus melhora, e só para nós ela se agrava. Nos outros países, os pogroms foram jogados na lixeira da História, e entre nós estão começando de novo. Em outros países, os Protocolos dos Sábios de Sião desaparecem das bibliotecas respeitáveis, e aqui são constantemente reimpressos.

'Outro dia, quando conversamos sobre a Guerra dos Seis Dias, você comparou o ataque da aviação israelense contra os aeroportos militares árabes ao ataque surpresa dos japoneses em Pearl Harbor. A comparação me parece exagerada, mas tem certo elemento de verdade — senão nos fatos históricos, pelo menos na percepção desses fatos. É verdade que muitos dos nossos compatriotas hoje nos veem como cidadãos de uma potência inimiga, mais ou menos como os americanos de origem japonesa que foram encarcerados em campos de prisioneiros depois de Pearl Harbor, sendo libertados só depois da vitória. O que teria acontecido se o Japão tivesse vencido a guerra, se conservasse todas as suas conquistas na Ásia e no Pacífico — China, Coreia, Filipinas, Cingapura e tudo mais —, se tivesse imposto um armistício humilhante aos Estados Unidos, obrigando-os a abrir mão do Havaí, por exemplo, e a pagar pesadas indenizações?

'Desse ponto de vista, de fato, poderíamos dizer que a Guerra dos Seis Dias foi como um Pearl Harbor que deu magnificamente certo. Enquanto os israelenses comemoram, os árabes estão loucos de raiva, e nós somos os seus bodes expiatórios. É horrível atacar populações civis indefesas, mas não se pode esperar que multidões humilhadas se comportem de maneira magnânima e cavalheiresca. Mas somos considerados inimigos, e como tais seremos tratados; até mesmo você, Naïm, e quaisquer que sejam as suas opiniões. A isto chegamos! Seja ou não da nossa conveniência, não há escapatória.'

Pela primeira vez estou registrando por escrito o que dizia meu pai. Graças a você, Adam. Graças às perguntas que me fez, às recordações que provocou em mim. E também às explicações detalhadas que me deu ontem sobre o comportamento de Mourad. Lendo-as, fiquei pensando que a história dos nossos entes queridos, de nossas famílias e do nosso grupo de amigos, a história de nossas ilusões e desvarios não deixa de ter interesse, pois também é, de certa maneira, a história da nossa época, de suas ilusões, justamente, assim como dos seus desvarios.

Mas fecho aqui o parêntese para voltar àquela conversa crepuscular com meu pai, na véspera da nossa partida, do nosso pequeno êxodo — minha mãe prefere dizer nossa 'saída'. Não era de fato uma conversa, por sinal, mas um discurso, como disse no início desta carta, um discurso que ele vinha preparando havia muito tempo, não só para me convencer, mas antes de mais nada para convencer a si mesmo, e poder assim tomar sua decisão.

Eu o deixei falar. Ele parecia tão comovido, tão sincero, tão cuidadoso com as ideias que eu alimentava, que não tive vontade de entrar em polêmica com ele. É verdade que, apesar das discussões violentas que tínhamos nessa época, eu o admirava, o amava profundamente, em momento algum duvidava da sua integridade moral e da sua acuidade intelectual.

E eu não era o único a admirá-lo. Toda a comunidade ouvia suas opiniões com respeito e observava seu comportamento. Aliás, foi por isso que nossa família foi uma das últimas a deixar o país. Meu pai sabia que sua partida seria um sinal, e não queria dá-lo de maneira irresponsável. Enquanto houvesse uma esperança, ele queria dar-lhe uma chance.

Em dado momento, nessa conversa, perguntei-lhe se teríamos sido obrigados a nos exilar mesmo se Israel tivesse perdido a guerra. Ele depositou no meu braço uma mão consoladora. 'Não fique buscando, Naïm, não adianta nada, não há solução alguma, já revirei a coisa mil vezes na cabeça. Nosso destino está selado há muito tempo, muito antes do seu nascimento e até antes do meu. Se Israel tivesse perdido a última guerra, teria

sido ainda pior, estaríamos sendo ao mesmo tempo perseguidos e desprezados.

'De qualquer maneira, jamais sairá da minha boca um desejo de derrota de Israel, que significa sua destruição. Para nossa pequena comunidade, a criação do Estado revelou-se desastrosa; para o povo judeu de maneira geral, é uma empreitada de risco; cada um pode ser favorável ou desfavorável, mas não podemos mais achar que se trata apenas de um vago projeto do senhor Herzl. Agora é uma realidade, e todos embarcamos nessa aventura, quer a aprovemos ou não. É como se você, Naïm, tivesse tomado o meu dinheiro, sim, todo o dinheiro da nossa família, até o último centavo, e o tivesse jogado num cavalo de corrida; eu o teria xingado de todos os nomes, acusando-o de ter nos arruinado, talvez tivesse até chegado a amaldiçoar a hora em que nasceu. Mas acha que teria rezado para que o seu cavalo perdesse a corrida? Não, é claro que não. Teria rezado para que o cavalo vencesse. Se Israel for derrotado na próxima guerra, será para todos os judeus uma tragédia de proporções catastróficas. E já tivemos suficientes tragédias desse tipo, não acha?'

Nesse ponto da conversa, eu lhe perguntei se, para ele, o destino final da nossa família seria Israel. Ele levou alguns segundos para responder: 'Não, será o Brasil.' Sua voz tremeu ligeiramente, o que me levou a crer que sua opinião não era muito firme. Mas o fato é que era, e ele se aferraria a ela até o fim da vida. Várias vezes foi a Israel, sem nunca pensar em se estabelecer lá. Minha mãe pensava diferente. Tinha duas irmãs em Tel Aviv e gostaria de viver perto delas. Mas ela é da velha escola, aquela em que as mulheres não questionam as decisões dos maridos. Quando tinha lá suas dúvidas, guardava-as para si. De qualquer maneira, eram apenas questionamentos, baseados em vínculos sentimentais, e que não podiam competir com os raciocínios bem arquitetados do meu pai. Quando o ouvia criticar Israel, ela não ficava satisfeita, mas reagia com suspiros ou tentava desviar a conversa, para não responder na bucha.

Um dia, vários anos depois da nossa partida, uma das minhas tias maternas, Colette, veio nos visitar em São Paulo. Era baixinha, esperta, divertida, e meu pai gostava muito dela. Por causa disso, ela se achou no direito de interpelá-lo numa refeição em família: 'E então, Moïse, quando é que finalmente vai levar sua familiazinha para Israel, para que possamos viver juntos?' Meu pai limitou-se a sorrir. E então minha tia insistiu: 'O Brasil é muito bom, mas lá continua sendo a nossa casa, não acha?' Meu pai não respondeu, e nada mais disse até o fim da refeição. Minha mãe logo tratou de mudar de assunto. Mas ao mesmo tempo continuava a vigiar o marido com o canto do olho, pois sabia muito bem como ele era. Por mais que fosse instigado e mesmo provocado, ele nunca reagia impulsivamente. Sempre esperava, refletia, avaliava.

Então nós nos levantamos da mesa para sentar na varanda. E enquanto era servido o café, meu pai finalmente decidiu responder à minha tia. Sem olhar para ela, fixando o fundo da xícara, como se nela houvesse um teleprompter. 'Nós temos o direito de chamar a Palestina de *eretz yisrael*, e temos o direito de viver lá, tanto quanto os outros, e até um pouco mais. Mas nada nos dá o direito de dizer aos árabes: Vamos, xô, saiam daqui, esta terra sempre nos pertenceu, e vocês não têm nada que estar aqui! Para mim, isto é inadmissível, qualquer que seja nossa interpretação dos textos, por maior que tenha sido nosso sofrimento.'

Ele se calou, sorveu um gole de café e acrescentou, sóbrio: 'Mas também é verdade que se tivéssemos chegado timidamente, pedindo desculpas pela intrusão, perguntando aos árabes se poderiam fazer o favor de abrir um pouco de espaço para nós, não teríamos conseguido nada e seríamos postos para correr.'

Ele se calou por mais alguns momentos, e então, pela primeira vez, olhou bem nos olhos da cunhada favorita. 'Para perguntas assim, Colette, não existe nenhuma resposta satisfatória. Como deixar de ser um cordeiro sem se tornar um lobo? O caminho seguido pelos israelenses não me convence, mas

eu não tenho uma alternativa a oferecer. E então me afasto, calo-me e oro.'

Ele se calou, como se realmente estivesse orando. E então acrescentou, em tom mais alegre: 'As pessoas aqui costumam dizer: Deus é brasileiro! No início, eu achava graça, mas agora acho que têm razão, muito mais até do que eles mesmos imaginam. Quando o Eterno contempla o mundo, qual a região que O deixa mais orgulhoso de Sua criação e das Suas criaturas? Por que região se sente glorificado, e por qual se sente insultado? Estou convencido de que é esta terra aqui, a terra do Brasil, que Ele contempla com alegria, com orgulho, e a nossa, lá, no Levante, que contempla com tristeza e indignação. Sim, meus novos compatriotas têm razão, Deus é brasileiro. A terra santa é aqui, é aqui a terra prometida, e este humilde Moïse aqui não se arrepende de ter trazido os seus para cá.'

Perdão, caro Adam, por uma resposta tão longa a sua pequena frase. Mas era preciso. Para honrar a memória do meu pai e também para lhe expor minhas próprias ideias. Pois essas palavras, tais como acabo de reproduzi-las de cor, representam basicamente o que eu mesmo penso hoje. Ele me transmitiu sua visão exatamente como me transmitiu seus velhos livros, e eu tenho o sentimento de ser o legatário de uma sabedoria superada da qual nossos contemporâneos não querem mais saber. Vivemos na era da má-fé e das facções isoladas. Sejamos judeus ou árabes, só podemos agora escolher entre o ódio do outro e o ódio de nós mesmos. E se você teve a infelicidade, como eu, de nascer ao mesmo tempo árabe e judeu, então mesmo é que nem existe, nem tem o direito de existir; não passa de um mal-entendido, de uma confusão, de um equívoco, de um boato falso que a História já se encarregou de desmentir. E sobretudo não vá lembrar a ninguém que foi em árabe que Maimônides escreveu o 'Guia dos perplexos'!

Você acha que em nosso círculo de amigos, ou no que resta dele, ainda podemos falar dessas questões com serenidade? Será que eu, como judeu, poderei expressar as sutilezas do meu pensamento sem precisar logo de

entrada me declarar anti-israelense e antissionista?

Faço estas perguntas, a mim mesmo e a você, mas não é uma condição para que eu compareça. Tenho vontade de rever o país, de reencontrar os amigos, e se não for possível discutir serenamente, não discutirei. Eu jamais seria capaz de me rebaixar a dizer o que não penso, mas posso perfeitamente abster-me de dizer tudo que penso. Vou visitar o país, encher-me de coisas boas e contar minhas lembranças de infância, evitando as questões incômodas.

Fraternalmente,

Naïm”

3

Assim que acabou de ler o longo trecho do amigo, e antes mesmo de imaginar o que poderia responder, Adam abriu seu caderno para registrar algumas reminiscências.

Eu não conheci muito bem o pai de Naïm. Algumas vezes o cumprimentei, troquei com ele dois ou três cumprimentos, mas nunca conversei com ele. Na minha lembrança, ele era alto, com óculos de tartaruga e cabelos castanhos curtos. Lembro que usava sapatos de duas cores, branco e marrom, que na época deviam estar na moda. A impressão que me deixou é de uma figura severa, provavelmente porque o filho falava em voz mais baixa quando sabia que ele estava em casa.

Também me lembro muito bem do pequeno escritório onde eles tiveram sua longa conversa. Pensando bem, chego à conclusão de que o sujeito não devia ser assim tão severo, afinal, pois Naïm nunca hesitava em me levar a esse escritório. Algumas vezes chegamos a jogar xadrez lá, sentados nas duas grandes poltronas. Ao redor havia de fato muitos livros em diversas línguas, alguns parecendo muito antigos. Mas eu via apenas a lombada, nunca abri um único deles.

Ele fechou o caderno, releu a carta do começo ao fim e redigiu uma resposta.

"Meu querido Naïm,

Obrigado por ter me contado esse episódio da sua vida. Li o seu relato com emoção, e o tempo todo com uma mistura de tristeza e orgulho.

Orgulho pelos meus amigos. Pelo menos a maioria deles. Desde que voltei ao país nas circunstâncias que você sabe, tenho me empenhado em encontrá-los, redescobri-los, muitas vezes depois de longos anos de afastamento, e me dou conta de que alimentávamos os sonhos mais nobres. Se tivesse a menor dúvida a esse respeito, a carta que acaba de me mandar a teria dissipado.

Tristeza pelo que nos tornamos. Como explicar que tenhamos exercido tão pouca influência na marcha do nosso país, da nossa região, para não falar da marcha do mundo? Como explicar que estejamos atualmente no campo dos derrotados, dos vencidos? Que nos tenhamos espalhado dessa maneira pelo mundo? E que nossa voz de sabedoria se tenha tornado tão inaudível?

Mas retorno sem mais demora a sua carta tão bela, e ao tema grave de que trata com tanta sinceridade.

Esse conflito que transtornou nossas vidas não é uma disputa regional como outra qualquer, nem tampouco um confronto entre duas 'tribos primas' maltratadas pela História. É infinitamente mais que isto. É esse conflito, mais que qualquer outro, que impede que o mundo árabe melhore, é ele que impede o Ocidente e o Islã de se reconciliarem, ele que puxa a humanidade contemporânea para trás, para conflitos comunitários, para o fanatismo religioso, para o que hoje em dia se costuma chamar de 'choque de civilizações'. Sim, Naïm, estou convencido de que esse conflito que estragou a sua vida e a minha constitui o núcleo doloroso de uma tragédia que vai muito além de nós e de nossa geração, muito além do nosso país natal e sua região. E peso bem minhas palavras: esse conflito, antes de mais nada, é a causa de a humanidade ter entrado numa fase de regressão moral, em vez de progresso.

Estaria eu cedendo a essa mania tão disseminada entre nós de dar excessiva importância a tudo que nos diga respeito de perto? Basta lembrar como costumávamos zombar antigamente daqueles que, a cada disputa entre

duas aldeias da Montanha, começavam a especular o que os americanos fariam, o que os franceses diriam e a maneira como os russos haveriam de reagir, como se o resto do mundo não tivesse mais o que fazer. Com meu agudo senso da relatividade das coisas, como historiador, sempre me abstive de dizer ou mesmo de pensar que esse conflito do Oriente Médio teria desviado toda a caravana humana para um outro rumo.

Mas de tanto evitar essa mania ridícula, corremos o risco de cair no extremo oposto, a banalização, bem resumida nesse nosso provérbio tão característico: 'Ma sar chi, ma sar metlo.' Eu às vezes o cito para os meus alunos, traduzindo-o à minha maneira: 'Tudo que acontece se assemelha necessariamente com algo que já aconteceu.' E o refuto vigorosamente, pois as realidades de hoje nunca reproduzem as de ontem, e as semelhanças são mais enganosas que esclarecedoras.

No caso, poderíamos dizer, sem risco de erro, que três ou quatro vezes na história milenar do povo judeu os anos 1940 do século XX, tendo assistido a uma tentativa de extermínio, depois à derrota do nazismo e à fundação do Estado de Israel, constitui a década mais dramática e mais significativa de todas.

Foi o que lhe disse seu pai, à sua maneira, e eu concordo plenamente com ele: quando nascemos, você e eu, acabava de acontecer um cataclismo que teria consequências ao mesmo tempo regionais e planetárias, inevitavelmente desintegrando nossas vidas, e nós não podíamos fazer rigorosamente nada.

Num mundo ideal, as coisas poderiam ter acontecido de outra maneira. Os judeus teriam vindo para a Palestina explicando que seus antepassados tinham vivido lá há dois mil anos, que eles tinham sido expulsos pelo imperador Tito e que agora tinham decidido voltar; e os árabes que viviam no país lhes teriam dito: 'Mas é claro, podem entrar, sejam bem-vindos! Nós lhes entregaremos a metade do país, e iremos viver na outra metade.'

No mundo real, as coisas não podiam acontecer assim. Quando os árabes entenderam que a imigração judaica não envolvia apenas alguns grupos de

refugiados, mas que se tratava de um empreendimento organizado com o objetivo de se apoderar do país, reagiram como faria qualquer população: pegando em armas para impedi-lo. Mas eles foram derrotados. Toda vez que houve um confronto, eles saíram derrotados. Nem consigo mais contar o número de derrotas que já sofreram. O certo é que essa sucessão de fracassos desequilibrou progressivamente o mundo árabe, e depois o mundo muçulmano como um todo. Desequilibrou no sentido político e também no sentido clínico. Ninguém sai ileso de uma série de humilhações públicas. Todos os árabes apresentam as marcas de um trauma profundo, inclusive eu. Mas esse trauma árabe, quando é visto da outra margem do rio, da margem europeia, minha margem adotiva, é alvo apenas de incompreensão e desconfiança.

No 'discurso' que você me relatou, seu pai pôs o dedo numa verdade capital: depois da Segunda Guerra Mundial, o Ocidente descobriu com repulsa os campos de concentração, o horror do antissemitismo; ao passo que, aos olhos dos árabes, os judeus de modo algum surgiam como civis desarmados, humilhados, cadavéricos, mas como um exército invasor, muito bem-equipado, organizado, terrivelmente eficaz.

E ao longo das décadas seguintes a diferença de percepção só se acentuou. No Ocidente, reconhecer o caráter monstruoso do massacre cometido pelo nazismo tornou-se um elemento determinante da consciência moral contemporânea, traduzindo-se em apoio material e moral ao Estado, onde as comunidades judias martirizadas encontraram refúgio. Ao passo que no mundo árabe, onde Israel obtinha uma vitória após a outra, contra os egípcios, os sírios, os jordanianos, os libaneses, os palestinos, os iraquianos e até contra todos os árabes reunidos, é claro que as coisas não podiam ser vistas da mesma maneira.

O resultado, e é aí que eu queria chegar, é que o conflito com Israel desvinculou os árabes da consciência do mundo, ou pelo menos da consciência do Ocidente, o que dá mais ou menos no mesmo.

Li recentemente este depoimento de um embaixador israelense sobre sua

carreira nas décadas de 1950 e 1960: 'Nossa missão era delicada, pois tínhamos ao mesmo tempo de convencer os árabes de que Israel era invencível e convencer o Ocidente de que Israel corria perigo de morte.' Retrospectivamente, podemos dizer que o diplomata e seus colegas tiveram notável êxito nessa missão contraditória. Não surpreende, assim, que os ocidentais e os árabes não encarem da mesma maneira o Estado de Israel nem o itinerário do povo judeu.

Mas é claro que não é a habilidade dos diplomatas que explica essa diferença de percepção. Objetivamente, existem duas tragédias paralelas, muito embora a maioria das pessoas, sejam judeus ou árabes, prefira reconhecer apenas uma. Os judeus, que sofreram tantas perseguições e humilhações através da história, e que acabam de vivenciar, no coração do século XX, uma tentativa de extermínio total, como é que poderiam ser convencidos de que precisam continuar atentos aos sofrimentos dos outros? E os árabes, que atravessam hoje o período mais sombrio e humilhante de sua história, sofrendo derrota após derrota nas mãos de Israel e seus aliados, sentindo-se desprezados e ridicularizados no mundo inteiro, como é que podem entender que precisam ter sempre em mente a tragédia do povo judeu?

Não são muitos os que, como você e eu, mostram-se profundamente sensíveis a essas duas 'tragédias rivais'. E eles são — nós somos —, de todos os judeus e de todos os árabes, os mais tristes e desamparados. É verdade que chego até a invejar aqueles que, num campo ou no outro, são capazes de dizer, sem maiores problemas: 'Que o meu povo saia vitorioso, e que os outros morram!'

Mas vou parar por aqui. Teremos outras oportunidades de contar nossas desgraças. Especialmente nesse reencontro que estou tentando organizar.

A propósito, as coisas vão ficando mais claras. Acabo de passar 24 horas com nosso amigo Ramez. Almoçamos juntos, e depois ele me levou em seu avião particular — sim, senhor! — a Amã, onde ele reside no humilde casebre que você pode imaginar... Vou-lhe contar essa visita mais detalhadamente, por

escrito ou ao vivo. Quero apenas dizer-lhe que ele se mostrou entusiasmado quando falei da ideia de um encontro do nosso velho círculo de amigos. Podemos contar com sua presença e com a de sua mulher, que se chama Dunia, e que me parece capaz de se integrar ao grupo como se sempre tivesse feito parte.

Em compensação, o outro 'Ramz' não estará presente. Não sei se você ficou sabendo, mas Ramzi retirou-se do mundo para se tornar monge. Tudo aconteceu há pouco mais de um ano. Ele construiu com o sócio um verdadeiro império, juntou uma fortuna e um belo dia decidiu largar tudo para levar uma vida de asceta num mosteiro da montanha. Agora é conhecido como 'irmão Basile'. Não sei se merece admiração ou pena. Os cínicos falam de depressão, e talvez tenham razão. Mas existem cínicos demais por esse mundo afora — e mais ainda em nosso país. De minha parte, prefiro acreditar que nosso amigo tenha se defrontado com autênticos questionamentos espirituais e éticos.

Seu 'alter ego' não se conforma, basta falar do assunto e lágrimas lhe vêm aos olhos. Foi visitá-lo apenas uma vez, e não foi muito bem-recebido.

Ainda assim, vou fazer uma tentativa também, para falar do nosso projeto de reencontro. Não creio que ele queira juntar-se a nós, mas, se concordar em me receber e me expor sua decisão, posso pelo menos relatar o que me disser aos amigos. Dessa forma, não ficará completamente ausente do nosso reencontro..."

Adam estava nesse ponto da mensagem quando Sémiramis o chamou para informar que o restaurante do hotel estava fechado nessa noite para uma festa particular, e que ela solicitara que fossem levados alguns pratos à sua casa. Estava no momento no pequeno terraço, com a mesa posta, e o convidava a se juntar a ela.

— Eu estava escrevendo uma carta a Naïm.

— Pode terminá-la mais tarde. Estou esperando. O champanhe está aberto.

Se não vier logo, vai perder as bolhas...

— Segure as bolhas, Sémi, vou concluir o e-mail, enviá-lo, e depois vou para aí. São apenas cinco minutos...

Ele voltou-se novamente para a tela.

"A bela Sémi está me apressando. E minha carta já está longa demais, mas ainda há duas coisas que quero lhe dizer.

A primeira é que estou encantado que você queira rever o país depois de tantos anos, e impaciente para me ver ao seu lado quando reencontrar suas casas, a da capital e a da montanha — verdadeiro antro de estupros, se bem o entendi. Como esses crimes prescreveram, espero confissões em regra!

A segunda é que a esta altura seria útil e até urgente marcar uma data precisa para o encontro. O que acha, por exemplo, da última semana de maio ou da primeira semana de junho? Hoje é 27 de abril, Mourad morreu na noite de 20 para 21; o 'quadragésimo' cai em 31 de maio, e sugiro que nos reunamos por volta dessa data, de preferência num fim de semana prolongado... Se lhe convier, diga-me, e falarei com os outros amanhã mesmo. Ainda não sei com certeza quantos seremos. Albert ainda não respondeu a meu último e-mail, mas estou otimista. Estarão presentes, naturalmente, Tania e Sémi, Ramez e sua mulher, provavelmente também Nidal, o irmão pobre de Bilal; além de você e eu... Na verdade, você virá acompanhado — 'opção recomendada', como dizem os criadores de software — ou solteiro? Quanto a mim, vou insistir com Dolorès, minha companheira; espero que ela concorde em se afastar da sua revista, ainda que por 48 horas...

Mas vou deixá-lo, com um forte abraço,

Adam"

Ele pressionou "enviar" e foi ao encontro de Sémiramis na casinha.

Ela deixara a porta aberta.

Nono dia

1

Adam voltou ao seu quarto de manhã, agradavelmente entorpecido e tendo nos olhos um resto de sono. Bem que gostaria de ficar de preguiça, talvez até adormecer, sob o leve vento tépido. Antes por ritual que por necessidade, contudo, sentou-se diante da tela e pressionou uma tecla para despertá-la.

Na caixa de entrada de seu e-mail encontrou uma mensagem que esperava com impaciência, e uma outra que não esperava, mas que se apressou a abrir. Assinada "Dolorès", tinha sido enviada pouco depois das três horas da manhã.

"Meu amor,

Esta noite estou com dificuldade de dormir, e está me batendo uma solidão. Você se foi há apenas uma semana, mas na angústia do nosso apartamento vazio tenho de repente a impressão de que está ausente há meses, e para sempre.

Não é primeira vez que um de nós dois viaja sem o outro. Mas esta separação parece-me diferente. Eu o sinto longe. Não apenas longe de Paris, da nossa casa ou do nosso quarto. Sinto-o longe de todo o nosso universo comum. Sinto que voltou para um universo anterior, que eu não conheci e no qual não tenho lugar. Os lençóis da nossa cama de repente me parecem frios, e a coberta não me aquece mais. Preciso repousar a cabeça no seu ombro, mas seu ombro não está aqui.

Era evidente que você temia esta viagem. Ninguém deixa de visitar o país

natal durante 25 anos apenas por falta de tempo. É claro que você temia o que um novo contato com os lugares e as pessoas da sua vida anterior poderia provocar em você. Eu senti a sua angústia na última sexta-feira, depois do telefonema matinal dos seus amigos, mas ainda assim o exortei a ir.

Por dois motivos. O primeiro é o que disse há pouco, ou seja, que quando um amigo ou mesmo um 'antigo amigo' nos chama no leito de morte, não temos o direito de hesitar. A segunda razão eu não disse, mas há muito estava claro para mim, talvez até desde o nosso primeiro encontro, no aniversário de Pancho, há oito anos, quando tivemos aquela longa conversa e me disse que nunca tinha voltado ao seu país natal. Eu achei aquilo anormal, doentio. Sobretudo porque você tinha deixado bem claro que não sofria nenhuma ameaça, que não corria o risco de ser morto nem detido, e que era apenas uma 'postura' da sua parte, pois se sentia decepcionado com seu país. Do meu ponto de vista, sua atitude era doentia, talvez até ligeiramente patológica, e eu prometi a mim mesma que 'cuidaria' de você. Mais de uma vez manifestei o desejo de passar férias lá, para que me mostrasse a terra onde viveu, mas você sempre se esquivava, preferindo que fôssemos para outros lugares, e eu não quis insistir — muito embora estivesse mais que nunca convencida de que havia ali alguma anomalia.

E então veio aquele telefonema às primeiras horas da manhã. De repente você tinha um motivo válido para fazer a viagem. Nas circunstâncias, era até uma obrigação moral. Além do mais, você estava em ano sabático, deixando de lado seu trabalho sobre Átila. Era o momento de ir em frente, ou nunca mais, e eu achei melhor animá-lo.

Agora, lamento. Tenho a sensação de tê-lo perdido. Tenho a impressão de ter bancado a aprendiz de feiticeira, e estou com raiva de mim mesma. Queria que você se libertasse de uma fobia, para voltar a ter uma atitude sadia em relação ao seu país de origem e ao seu próprio passado. Mas agora me parece que você está resvalando para um outro mundo, e que em breve já

não passarei de uma voz distante para você, de um rosto que se esvai. Talvez até de uma figura do passado, de outra das suas vidas anteriores.

Além disso, houve esse episódio com Sémi... Prometi a ela que nunca viria a recriminá-lo por isso, e cumprirei a palavra. Pois sou tão responsável quanto vocês dois pelo que aconteceu. Quando recebi esse estranho telefonema dela, esse estranho pedido, poderia ter dito não. Uma mulher me pedindo que lhe 'emprestasse' meu companheiro por uma noite: nunca pensei que me aconteceria um dia. Era mesmo o cúmulo, antinatural. Pelo menos contra tudo que até então me parecia da esfera do bom senso. Mas eu optei por dizer sim. Escolhi livremente, e por isso é que, repito mais uma vez, nunca vou recriminá-lo por esse desvio, nem diretamente nem por alusões insidiosas.

Por que eu disse sim? O primeiro motivo é que Sémi poderia perfeitamente não ter me pedido nada, poderia tê-lo seduzido sem que eu soubesse, e o fato de ter me ligado a sua decisão dava-me a sensação de não ser completamente posta de lado; de qualquer maneira, a milhares de quilômetros de distância, enquanto você e ela estavam debaixo do mesmo teto, considerei que seria um mal menor entrar no jogo. Assim, a transgressão se daria sob meu controle, de certa maneira, e não contra mim.

O segundo motivo é que eu queria me mostrar digna da época da sua juventude, que foi tão importante para você. Eu não vivi os anos 1960 e 1970, quando foram derrubados tantos tabus em matéria de sexualidade. Não idealizo essa época, mas sei que ela tem um sentido para você, e queria mostrar que eu também, tendo chegado tão tarde na sua vida, era capaz de entrar nesse jogo arriscado. Em vez de bancar a pudica, queria ser sua aliada, sua cúmplice.

O terceiro motivo está relacionado ao que eu dizia no início. Eu achava que de certa maneira você precisava exorcizar sua relação com seu país natal, finalmente acertar as contas com fobias exageradas e nostalgias fora de propósito, e esse episódio com Sémi, revivido um quarto de século depois,

me parecia uma espécie de terapia.

Todos esses motivos que acabo de expor agora me parecem risíveis e patéticos. Esta noite, senti um pouco de vergonha, e um pouco de frio, e medo. Sou feliz com você como nunca fui em momento algum da minha vida. E embora me dedique à carreira — um pouco demais, confesso, nos últimos meses —, é a nossa relação, o nosso amor que me dá a energia necessária. Se você não me amasse mais, eu não teria mais forças para levantar da cama de manhã. Preciso do seu olhar, que me admira e acaricia; preciso dos seus conselhos, que me apoiam e tranquilizam; e preciso do seu ombro para descansar a cabeça à noite.

Não estou escrevendo esta carta para estragar o resto da sua viagem. Não estou pedindo que volte com urgência e tampouco estou à beira de um abismo. Sinto apenas uma grande mágoa e uma pequena angústia noturna. Preciso apenas que me tranquilize! Diga que tudo que aconteceu desde que você viajou em nada enfraqueceu seu amor por mim, nem seu desejo de voltar ao nosso ninho em Paris. Se necessário, está autorizado a mentir um pouco...”

Adam sentiu vontade de telefonar para ela imediatamente, para tranquilizá-la. Mas ainda não eram sete horas da manhã em Paris. Ele preferiu escrever.

“Dolorès, meu amor,

Não preciso mentir para lhe escrever palavras tranquilizadoras. Você não é uma pessoa que precisa de mentiras, e foi por isso que a amei desde o nosso primeiro encontro. Eu a amei, a amo e nunca deixarei de amá-la. Você não é apenas minha companheira, é a mulher que sempre procurei, procurei desesperadamente, e que tive a sorte e o privilégio de encontrar um dia.

É raro encontrar tanta retidão em alguém sem o menor sinal de hipocrisia. E esse estranho ‘pacto’ que você fez com Sémi é um impressionante exemplo do que acabo de dizer. Era necessária muita audácia para tomar uma decisão

assim. Você foi de encontro ao bom senso 'rasteiro' que hoje prevalece, e quero que saiba que jamais permitirei que venha a lamentar essa audácia.

O que você explicou sobre suas motivações tem a ver com o que eu mesmo senti, e se o meu comportamento teve algo de infantil, o seu foi nobre e generoso. Não se envergonhe. Digo 'infantil' porque as teorias que nos seduziam na década de 1970 sobre a vida de casal, que devia ser 'aberta' a todas as experiências, eram na verdade receitas para o desastre. Eu não passava de um garoto que absorvia como um mata-borrão qualquer invenção importada da França ou das universidades norte-americanas, especialmente as que iam ao encontro das minhas fantasias de adolescente.

Mas hoje já saí dessa, como tantos outros. Só que ainda resta alguma coisa, que eu não nego. Se considero infantil a ideia de um casal aberto a tudo que apareça, tampouco tenho muita estima pelos casais cheirando a mofo; e sinto apenas desprezo pelo casal à moda antiga, baseado na submissão da mulher ao homem, ou na castração do homem pela mulher, ou nas duas coisas ao mesmo tempo. Se fosse para dizer em que acredito nessa questão, eu diria: cumplicidade, ternura e direito de errar.

Em cada um desses três critérios, nosso casal me parece ser exemplar, e o que acaba de acontecer serve apenas para confirmar minha confiança no seu valor, na sua beleza e na sua eternidade.

Eu amo você, minha bela argentina, e a tomo com ternura nos braços para acalmar seu coração. (...)"

Ele assinou com o nome afetuoso pelo qual Dolorès o chamava: "Mito", abreviação de Adamito, "pequeno Adam".

2

Só depois de tranquilizar a companheira inquieta é que ele se deu ao trabalho de abrir a outra mensagem recebida à noite, com a assinatura de Albert.

Fora escrita em inglês, ao contrário de todas as trocas anteriores, o que não deixou de intrigá-lo. Naturalmente, era normal que seu amigo, depois de vinte anos nos Estados Unidos, se sentisse a essa altura mais à vontade na língua do país. Mas ainda assim! Havia ali algo de inabitual, e mesmo de desconcertante.

"Caro Adam,

Escrevo para dar uma notícia boa e uma ruim. A ruim é que minha mãe adotiva está muito doente, parece que não viverá muito mais, e eu estou profundamente afetado, como pode imaginar. Terei portanto de ir ao seu encontro no país, para beijá-la pela última vez.

A boa notícia é que poderei aproveitar para vê-lo também, assim como a outros amigos de infância.

Como não quero criar problemas para o instituto no qual trabalho, decidi fazer tudo conforme manda o figurino, solicitando uma autorização excepcional para que essa obrigação de família de modo algum vá de encontro às normas que devo observar como pesquisador e cidadão.

Naturalmente, vou mantê-lo informado dos meus planos assim que souber a data exata da minha visita.

Cordialmente

Albert N. Kithar”

Por que teria assinado o nome inteiro, e não apenas o prenome, ou a inicial, como de hábito? E quem era essa “mãe adotiva” de que Adam nunca ouvira falar, ele que conhecia Albert desde a infância? É bem verdade que ele nunca fora de falar muito quando se tratava da família, mas ainda assim!

Ele releu o texto uma segunda vez, depois uma terceira. E acabou entendendo. Se o amigo da América tinha usado esse idioma e essa linguagem, era certamente porque sua prosa seria lida por terceiros. De certa maneira, era uma correspondência de duas faces, com uma versão oficial e uma mensagem codificada. Albert tentava fazê-lo entender que decidira comparecer, e que tinha encontrado um bom pretexto para contornar a proibição governamental.

Por que recorrer a semelhante subterfúgio num país de liberdade como os Estados Unidos? Adam não entendia. Mas poderia perguntar para o amigo ao vivo, pois ele evidentemente decidira ir. E numa data necessariamente bem próxima, já que a fantasmagórica “mãe adotiva” com certeza não estava em condições de esperá-lo muito tempo. Era a bela notícia trazida pelo e-mail! O resto não passava de maquiagem...

De qualquer maneira, Adam devia responder no mesmo tom, com os mesmos subentendidos.

“Caro Albert,

Sinto muito pelo que me informou sobre sua mãe adotiva. Espero que ela venha a se restabelecer.

Espero também que a visita que pretende fazer-lhe seja uma oportunidade para revê-lo. Temos tantas lembranças de juventude a recordar!

Aguardo impacientemente que me informe sobre o período de sua permanência, assim que souber.

Meus melhores votos,

Adam”

Ele apertou a tecla enviar com um sorriso de satisfação. Não podia imaginar uma reunião do círculo de amigos sem a presença de Albert, o de intelecto mais sutil, o mais cáustico, o mais brilhante. O mais sofrido também, embora isso raramente transparecesse nas cartas desde que se mudara para os Estados Unidos

Agora estavam reunidas condições para um reencontro memorável. Adam espreguiçou-se como um gato saciado, e então foi deitar-se na cama, para cair no sono.

Sua terceira noite com Sémiramis fora tão agradável quanto as duas primeiras, mas ele só conseguira dormir intermitentemente. Entre uma conversa e outra, carícias; entre uma carícia e outra, um pouco de conversa. Até o alvorecer.

Mas ele tentou recompor-se e estender a mão até a cômoda para apanhar o caderno, sentindo necessidade de registrar seus questionamentos.

Sábado, 28 de abril

Será que Sémi e eu teremos uma quarta noite de amor? Provavelmente não. A "autorização" de Dolorès permitiu-nos viver até agora um momento de graça, sem a irritante presença da culpa. Mas agora, depois da carta que acabo de receber, as coisas não poderão continuar como antes.

É verdade que minha companheira não me pede claramente que ponha fim a essa relação, mas o desejo está implícito, e eu não posso ignorá-lo sem ter a sensação de a estar traindo. Dolorès deu provas de uma tal nobreza de sentimentos! Eu seria indigno do seu amor se me mostrasse menos nobre que ela.

Quer dizer então que está encerrado? Devo agora "fechar o parêntese" com um gesto seco e empurrar Sémi para fora do meu perímetro amoroso? Se de repente ela abrisse a porta do meu quarto e viesse deitar-se ao meu lado, deveria acaso rechaçá-la, em vez de tomá-la afetuosamente nos braços?

Tendo tomado nota dos seus dilemas sem saber muito bem como resolvê-los, Adam fechou o caderno, pôs a caneta de lado e caiu no sono.

Ao despertar, outro e-mail o aguardava no computador. Desta vez, proveniente do Brasil.

"Meu querido Adam,

Muitas coisas teria a lhe dizer sobre esse conflito levantino cujas consequências todos nós sofremos, e que evidentemente não está para acabar. Embora nossas análises convirjam no essencial, também temos algumas divergências. Mas essas divergências, paradoxalmente, nos aproximam.

Você lamenta que o seu pessoal esteja 'desconectado' da consciência do mundo, ou pelo menos da consciência do Ocidente. Já eu lamento sobretudo que o meu pessoal esteja hoje em dia desconectado daquele que foi ao longo dos séculos seu papel histórico mais significativo, mais emblemático, mais insubstituível: o papel de fermento humanista global. É a nossa missão universal, a missão que fez com que fôssemos detestados pelos fanáticos, os chauvinistas e os obtusos em geral. Entendo que se queira ser 'uma nação como as outras', com sua própria lógica nacionalista. Mas, nessa mutação, algo de essencial está sendo perdido. Não se pode ser ao mesmo tempo ferozmente nacionalista e decididamente universalista.

Suponho que venhamos a ter oportunidade de voltar a falar longamente de tudo isso, e de maneira bem aprofundada. Mas por enquanto — aqui são exatamente cinco e vinte da manhã, e ainda não tomei meu primeiro café do dia — não me sinto capaz de argumentar de forma coerente. Se lhe escrevo ainda ao alvorecer, é para falar da sua sugestão de data para o encontro que estamos planejando. A este respeito, tenho um problema... mas talvez também uma solução.

Devo ir por uma semana a Milão a partir do dia 8 de maio, e o ideal seria

que aproveitasse para fazer minha 'peregrinação' mais ou menos em meados do mês. O que talvez coincidisse com o período que você propõe. Infelizmente, esta hipótese está descartada, pois logo depois de Milão tenho de ir ao México para uma importante conferência.

A única possibilidade que antevejo seria passar por nosso velho país antes de ir para a Itália. Ou seja, nos próximos dias, na verdade. Você ainda estará por aí? E acha que outros amigos também poderiam comparecer, para que tivéssemos um pequeno encontro?

Sei que tudo isso é muito repentino, e entenderei perfeitamente se você e os outros tiverem outros planos para o futuro imediato. Mas de minha parte, se não for logo, terei de adiar minha visita por vários meses. Tenho inclusive a sensação de que, se não aproveitar esta oportunidade, não haverá outra por muito tempo...

Eis o que tenho a dizer tão cedo pela manhã... Pense, pergunte aos amigos e me responda assim que puder.

Um abraço,

Naïm"

Adam apressou-se a responder sem pensar muito nem consultar ninguém:

"Só posso lhe dizer uma coisa, Naïm: venha! Não hesite um só momento! Como se apresenta esta oportunidade, não vá desperdiçá-la! Venha! Sabe lá Deus quando é que poderemos voltar a nos encontrar!

Quanto a mim, não pretendo voltar a Paris no futuro imediato. Irei portanto recebê-lo no aeroporto, provavelmente acompanhado de Sémi, que o convidará a se hospedar com ela, na pousada que tem seu nome e que é 'de outro mundo'. Aconselho-o a aceitar. Teremos quartos vizinhos e poderemos conversar até amanhecer.

Aguardo suas notícias com impaciência. Não, retificando: aguardo apenas o número do voo e a hora da aterrissagem."

Por desencargo de consciência, ele imediatamente telefonou a Sémiramis no celular.

— Naïm acaba de me confirmar que logo estará chegando, já na próxima semana. E eu lhe sugeri que reservasse um quarto aqui.

— Fez bem, é um excelente endereço.

— Disse inclusive que haveria um quarto ao lado do meu.

— Nenhum problema, ainda estamos na baixa temporada. Só em junho é que começam a chegar os frequentadores habituais. Até lá, estará quase vazio, como pode ver. E não me diga que você acha ótimo!

— Não, eu já entendi, o seu contador fica arrancando os cabelos etc.

— E já me avisou que daqui a pouco terei de abrir falência. Mas ainda não este ano.

— Por sinal, Albert me avisou a meias palavras que encontrou uma maneira de contornar as normas do governo americano. Mas não comente nada, é melhor ficar calado enquanto ele não estiver aqui.

— Só boas notícias!

E então, baixando o tom, ela acrescentou:

— Parece que a noite passada nos trouxe sorte.

— Fizemos o que tínhamos de fazer para que a sorte nos sorrisse.

Registrando esta conversa um pouco mais tarde nas páginas do seu caderno, Adam comentaria:

> *Eu disse essa frase em tom de brincadeira, e logo me envergonhei. Pois de manhã recebera uma notícia completamente diferente, que não transmiti àquela com quem acabara de passar a noite. Naturalmente, terei de dizer-lhe sem muita demora que nosso "parêntese" íntimo agora precisa ser fechado. Mas não tenho pressa! Se devemos nos desincumbir das obrigações chatas quando se apresentam, nem por isso vamos sair correndo atrás delas.*

Farei portanto o que faziam os romanos mais sábios: irei contemporizar.

3

Foi nesse sábado, no início da tarde, que Adam visitou o mosteiro no qual seu amigo Ramzi se retirara, agora irmão Basile.

— Como seu plano de reencontro começa a tomar forma, talvez seja o momento de visitá-lo — sugerira Sémiramis.

— Tem razão. Muito embora Ramez e a mulher não tenham me dado muita esperança...

— Quando vamos com muitas ilusões, acabamos necessariamente decepcionados. Pense que vai visitá-lo para ouvi-lo, para tentar entender suas motivações e retomar um pouco o fio da amizade. Só por isso já vale a pena a visita, não acha?

Eles levaram mais de uma hora e meia para chegar à aldeia de El-Maghawer, As Grutas, onde ficava o mosteiro homônimo. Para alcançá-lo, era preciso tomar um caminho estreito, inclinado, cheio de degraus irregulares talhados no penhasco. Só dava para chegar a pé ou em lombo de burro ou mula.

Apenas ao estacionar o automóvel à sombra de um carvalho é que Sémiramis anunciou ao passageiro:

— Estive pensando no caminho, não vou subir até o mosteiro. Você ficará mais à vontade sozinho!

Adam protestou sem muita convicção. Ele também vinha pensando no caminho, e chegara à mesma conclusão. Ainda não sabia como se dirigir ao

irmão Basile, cada palavra precisava ser sutilmente calibrada, e a presença de uma terceira pessoa podia tornar a situação mais delicada.

— O que vai fazer enquanto isso?

— Tenho amigos na aldeia, ficarão felizes de me ver.

Ele não estava convencido de que ela estava dizendo a verdade, mas convinha acreditar.

Cobrindo a cabeça com um velho chapéu de palha apanhado no hotel, ele tomou o caminho de pedra.

Adam deixaria um relato detalhado da visita.

O mosteiro em que Ramzi decidiu viver era evidentemente muito antigo, e algumas partes ainda estavam em ruínas. Mas uma ala recebera uma restauração esplêndida, com pedras envernizadas e ligeiramente irregulares que não feriam a vista e não comprometiam a paisagem.

Bati à porta e um monge africano veio abrir, um gigante de barba grisalha, falando árabe com sotaque pesado. Provavelmente um etíope dos planaltos da Abissínia. Perguntei pelo irmão Basile. O monge porteiro assentiu com a cabeça e se afastou para me deixar entrar numa salinha contendo apenas uma mesa nua, uma poltrona de couro cansado e quatro cadeiras de junco. Na parede, um crucifixo de madeira de dimensões modestas. Era evidente que se tratava do locutório onde Ramez esteve. Aos meus olhos, o lugar evocava mais o universo escolar que o universo carcerário.

Já estava para me sentar quando meu amigo chegou. Fiquei surpreso com sua aparência, mas não como eu esperava. Da última vez que o vi, em Paris, num restaurante refinado, ele fora negociar um grande contrato, e usava um terno escuro adequado para ocasiões assim. Esperava vê-lo dessa vez num hábito tosco, com uma corda na cintura e sandálias nos pés. Mas não era o caso. Embora tenha deixado os trajes de homem de negócios, ele não chegou a adotar os do monge, tal como os imagino. Apenas uma batina creme e uma

calvície acentuada que mais se parecia com uma tonsura, e que ele nem tentava mais dissimular, como costumava fazer, com uma mecha.

Parecia feliz de me ver. De qualquer maneira, pedi que não se aborrecesse por eu ter vindo sem avisar. Expliquei que estava apenas de passagem pelo país, por um período muito breve, e depois de longos anos de ausência.

Ele me convidou a sentar, ajeitou-se do outro lado da mesa e então, depois de me olhar de um jeito divertido, disse:

— Você mudou pouco.

Sem poder sinceramente dizer a mesma coisa, preferi responder:

— Você parece mais animado.

De fato era minha impressão, o que evidentemente lhe deu prazer. Não tanto, creio eu, por uma questão de simples vaidade, mas porque o cumprimento tinha um sentido implícito. O que causava essa impressão de rejuvenescimento era a serenidade, e uma certa despreocupação. Talvez ele tivesse o sentimento de carregar toda a infelicidade do mundo, mas se livrou das suas próprias preocupações familiares e profissionais, e ganhou com a troca, se posso me expressar em termos mercantis.

— Aqui é um oásis — disse-lhe, à falta de uma imagem menos convencional.

— Não, é o contrário — corrigiu meu amigo com convicção, como se já tivesse pensado nessa comparação. — O mundo é um oásis, e aqui estamos na imensidão que o cerca. Nos oásis, ficamos o tempo todo carregando e descarregando as caravanas. Vistas daqui, as caravanas não passam de silhuetas no horizonte. Não existe nada mais belo que uma caravana quando a contemplamos de longe. Mas quando nos aproximamos, é ruidoso, sujo, os cameleiros brigam e os animais são maltratados.

Não sabia se era uma alegoria ou uma recordação, pois no tempo em que trabalhava na Península Arábica, Ramzi certamente teve oportunidade de acompanhar caravanas. Limitei-me então a pontuar sua fala com leves sorrisos, assentindo com a cabeça, sem dizer nada.

Ele se calou por um momento, e depois recomeçou, num estilo menos figurado.

— No início da vida, eu sonhava em construir o mundo, e no fim das contas não construí grande coisa. Prometera a mim mesmo erguer universidades, hospitais, laboratórios de pesquisa, fábricas modernas, habitações decentes para pessoas simples, e passei a vida construindo palácios, prisões, bases militares, "malls" para consumidores frenéticos, arranha-céus inabitáveis e ilhas artificiais para bilionários loucos.

— Você não tinha como fazer de outra maneira. Era o dinheiro do petróleo. Você não podia decidir como seria gasto.

— Não, de fato, as pessoas desperdiçam seu dinheiro como bem entendem. Mas nem por isso somos obrigados a atender a seus caprichos. Precisamos ter coragem de dizer não. Não, Alteza, não vou construir um oitavo palácio, já existem outros sete que mal são utilizados. Não, senhores, não vou construir essa torre com sessenta andares girando independentemente; dentro de um ano, os mecanismos estarão cheios de areia fina, irremediavelmente comprometidos, e restará apenas uma carcaça retorcida que irá enferrujar e apodrecer nos quatro próximos séculos.

Embora a santa indignação do monge-engenheiro fosse acompanhada de um sorriso, ele logo deu lugar a um careta de sofrimento.

— Passei a vida construindo, e quando faço uma avaliação, não me orgulho de nada.

Já estava a ponto de retrucar que ele estava sendo duro demais consigo mesmo, lembrando que construiu nos países do Golfo um hospital muito bem-equipado, um notável museu arqueológico — que eu visitei, três anos atrás, com meus alunos — e uma cidade universitária muitas vezes considerada um modelo. Mas não poderia responder a angústias existenciais com um catálogo de realizações. Decidi então nada dizer, nada perguntar, mesmo quando ele se calou. Respeitando seus silêncios tanto quanto sua fala, eu o deixei seguir seu próprio caminho mental, convencido de que acabaria respondendo por si

mesmo às perguntas que não cheguei a formular. Especialmente à mais evidente delas: por que tornou-se monge?

— O que mudou em mim — acabou por dizer — não foram minhas convicções religiosas, mas as conclusões que delas tirei. Desde a infância me ensinaram "Não roubarás", e realmente eu nunca surrupiei, nunca passei a mão no caixa, nunca trapaceei com minhas faturas nem me apropriei de algo que não me pertencesse. Teoricamente, poderia ter a consciência tranquila. Mas hoje considero absurdo e covarde contentar-se com essa observância mínima do mandamento divino.

"Se certos políticos se apropriaram indevidamente da riqueza da nação e lhe dão uma parte para que você construa um palácio para eles, você não estaria se associando a um ato de pilhagem? Se você constrói uma prisão onde serão encarcerados inocentes, alguns deles sendo mortos por tortura, não estaria infringindo a proibição de matar?

"Eu poderia destacar um a um os dez mandamentos e, agindo de má-fé, ficaria em paz comigo mesmo ao constatar que sempre os respeitei. Mas se agir de boa-fé, devo reconhecer que só os respeitei na aparência, superficialmente, o suficiente para 'limpar a barra' junto ao Criador. O mundo está cheio de figuras dignas de pena que acham que Deus pode ser enganado, e que lhes basta não matar e não roubar para ficar com as mãos limpas."

Tive por um breve momento a sensação de que Ramzi estava me censurando. Eu às vezes me vanglorio de ter me afastado a tempo do meu país em guerra e, justamente, mantido as mãos limpas, e suas palavras pareciam me exortar a mais humildade e menos consciência tranquila. Mas quero crer que não era sua intenção, e que ele se referia apenas a seu próprio comportamento no passado. E, por sinal, ele logo acrescentou:

— Suponho que os que me observam de fora têm a impressão de que estou passando por uma crise existencial em decorrência da idade, do cansaço e de algumas tragédias íntimas. Mas a minha visão das coisas é diferente. Considero que foi minha razão que me convenceu a vir para cá. Mas é verdade

que minha decisão foi facilitada pelas circunstâncias da minha vida. Minha mulher tinha acabado de morrer, meus filhos já eram adultos e moravam longe de mim. Os homens muitas vezes ficam ligados ao seu cotidiano por fios invisíveis. Na minha vida, certos fios acabavam de ser rompidos. Eu não tinha mais muitos vínculos, podia me libertar, e foi o que fiz...

Sem me perguntar muito se o momento era propício, resolvi introduzir na conversa o nome daquele que fora seu sócio.

— Acabo de encontrar Ramez e sua mulher. Eles me falaram de você.

Nada mais disse. Instalou-se um silêncio. Com o olhar fixo na claraboia acima de nossas cabeças, Ramzi parecia à beira das lágrimas. Senti vontade de desviar a conversa, mas me contive, preferindo esperar que ele se acalmasse.

Por fim, acabou dizendo, com a voz carregada:

— Eu fui injusto com...

E então se calou, repentinamente. Claro que lhe veio um nó na garganta. Ele esperou mais um momento, como para retomar o elã. Mas quando voltou a falar, passados alguns longos segundos, disse:

— Apareceu uma nuvem para abrandar o sol. E se fôssemos caminhar um pouco lá fora?

Levantamo-nos num só movimento, saímos do prédio e eu o segui por um caminho pedregoso. De fato, o sol tinha se abrandado, e eu pude carregar o chapéu na mão.

Depois de alguns minutos, chegamos a uma grande árvore, uma nogueira. Meu amigo sentou-se numa pedra chata e me apontou uma outra, mais chata ainda, onde também me sentei.

Para retomar a conversa, disse-lhe, então, sem voltar a pronunciar o nome de Ramez:

— Ele parecia perdido sem você.

O irmão Basile suspirou longamente antes de me responder, em tom sereno:

— Quanto ao trabalho que fazíamos, não me preocupo, nem tenho

qualquer remorso. Ele estava acostumado a me ter ao seu lado no escritório, e vai-se acostumar a estar sem mim. Mas eu devia ter-lhe explicado minha decisão. O problema é que no momento mais crucial eu não tinha a menor vontade de argumentar com ninguém. Não me sentia capaz de explicar meu tumulto interno a uma outra pessoa, nem mesmo a meu melhor amigo. Um dia, ele veio aqui...

— Ele me disse.

— Eu não o recebi como deveria receber o irmão que ele sempre foi. Era cedo demais, eu acabava de entrar para o mosteiro e era evidente que ele pretendia me levar de volta com ele. Eu tive de me defender e me comportei com frieza. Existem momentos em que a gente precisa ficar completamente sozinho com nossas próprias decisões íntimas, nas quais a menor intervenção é sentida como uma agressão. Eu não tinha outra alternativa senão rechaçá-lo. Tentei fazê-lo o mais suavemente possível, mas devo tê-lo ferido. Ele certamente sofreu com isso, e eu também. Você voltará a vê-lo em breve?

— Sim. Combinamos de nos reencontrar nas próximas semanas.

— Então diga-lhe... Conte o que eu acabei de lhe dizer. Diga também que gostaria de voltar a vê-lo, e que ele será bem-vindo se vier aqui. Sozinho ou com sua mulher.

— Eles ficarão felizes com isso. Nunca se consolaram do seu afastamento e ficarão reconfortados de saber que você ainda se sente amigo.

Ficamos calados por um longo momento, todos dois. Depois ele se levantou e me fez sinal para que o acompanhasse. Tomamos um caminho de pedras que pareceu ser o prolongamento do que percorri para chegar ao mosteiro. Mas este agora ficou para baixo, e nós subimos cada vez mais. Comecei a perder o fôlego, ao passo que meu amigo, apesar de corpulento, continuava pulando alegremente de uma rocha a outra como um jovem cabrito.

Nossos passos foram dar numa espécie de cavidade aberta no penhasco.

— Venha ver aqui! Siga-me!

A porta era baixa, e ele entrou recurvado. Eu fui atrás. Lá dentro estava

escuro, mas aos poucos nossos olhos se adaptaram. Então Ramzi afastou uma pequena persiana de madeira que encobria uma claraboia. A gruta estava iluminada.

Eu fiquei ali, de olhos arregalados, boquiaberto, com a garganta apertada. Nas paredes, afrescos representando muitos personagens, com as cabeças cercadas de halos circulares ou ovais. Distinguiam-se claramente suas mãos, cuidadosamente desenhadas e estendidas para a frente, como numa oferenda, com olhos bem frisados, como que maquiados, e rostos barbudos e tristes. Viam-se também animais com as cabeças envoltas na auréola dos santos, especialmente um leão e uma águia em representação aos evangelistas.

— São sete salas como esta, mas não estão em muito bom estado. Umidade, vandalismo, ignorância, abandono. E também os séculos, simplesmente. Esta provavelmente data do século XIII. Um tesouro, não é mesmo? E pensar que a maioria das pessoas nem sabe que este lugar existe.

— Para minha vergonha, estou entre esses ignorantes. Ou pelo menos estava, até esta tarde.

— E eu também, até três ou quatro anos atrás. Um dia, o bispo da Montanha convidou-me a visitar este mosteiro abandonado e dizer o que seria necessário fazer para que não ficasse completamente em ruínas. Eu vim, caminhei ao seu redor e, quando vi essas grutas, decidi ficar. Não direi que foi a única razão da minha decisão, mas foi o gatilho. Essa mistura de beleza, fé e fragilidade mexeu comigo. Eu disse ao bispo que cuidaria pessoalmente da restauração, que o custo ficaria por minha conta e que eu ficaria feliz de ter aqui uma pequena cela onde pudesse dormir de vez em quando durante a obra. Foi assim que as coisas começaram. Eu reforcei as velhas paredes, fiz algumas adaptações, fechei as grutas para protegê-las das intempéries e dos mal-intencionados. Você acredita que houve quem escrevesse o próprio nome a canivete nas pinturas murais? Olhe aqui! E aqui! E ali!

De fato havia nomes, corações e também simples lacerações, vulgares, gratuitas, de puro ódio.

Ao sair da gruta, Ramzi fechou a porta dupla, enfiou o molho de chaves no bolso profundo da batina e me conduziu por um caminho até um terreno plano, uma espécie de esplanada nua; no chão, eu via uma estranha pavimentação de pedras negras e brancas, dispostas em formas geométricas. Irmão Basile disse-me que era um labirinto de meditação, e que o fez com suas próprias mãos no verão passado. Perguntou então se eu, que vivo na França, conheço o da catedral de Amiens, ou de Chartres. Confessei, então, minha ignorância, e ele me explicou que o objetivo desse percurso era ocupar nossa inteligência com a tarefa prática que consistia em "ficar amarrado", para que nosso espírito, liberado, pudesse vagar por outras esferas.

— Da próxima vez que vier me visitar, você vai dormir no mosteiro, e de madrugada subirá comigo até esta esplanada, seguirá este labirinto caminhando lentamente nas pedras negras, para sentir o efeito.

Eu respondi, então, com certa solenidade:

— Aceito o seu convite. Voltarei.

Consultei o relógio.

— Já são cinco e meia. Está na hora ir.

Descemos juntos até a porta do mosteiro.

— Esperarei sua próxima visita. Você fará a refeição conosco e ficará até o dia seguinte.

— Sim, está certo, pode esperar!

Estendi a mão para cumprimentá-lo, mas ele me puxou nos braços e me apertou forte, demoradamente.

4

Ao descer do mosteiro, de chapéu na mão, Adam encontrou Sémiramis ainda no mesmo lugar, esperando-o no carro estacionado debaixo da mesma árvore, e se envergonhou de tê-la abandonado assim durante mais de duas horas. Ela começou fingindo que fora visitar os amigos e que acabava de chegar. Por fim, ela acabou admitindo a mentira. Seu passageiro não podia deixar de se desmanchar em desculpas.

— Para ser perdoado — cortou ela —, pode me contar tudo. Do primeiro ao último minuto.

Imediatamente, Adam começou a fazer isso, tentando não esquecer nem omitir nada.

O relato foi tão animado, tão entusiástico e comovido, especialmente quando ele descreveu a beleza das capelas antigas, que a amiga ficou inquieta.

— Não vai me dizer que também quer virar monge!

— Eu não diria que no meu caso a coisa é impensável, mas não o farei. Gosto da minha profissão, tenho alunos que me esperam, uma mulher...

— Uma amante — acrescentou Sémiramis em tom neutro de enumeração.

— Isto eu já não lembrava.

— Canalha! — disse ela, como se estivesse acariciando um gato.

— De qualquer maneira, fique tranquila. Ramzi não tentou me converter.

— Mas não deixou de lhe convidar para passar um tempo no mosteiro!

— Apenas uma noite, para poder acordar naquele ambiente...

— Se fosse você, eu desconfiaria! Os homens são mais vulneráveis do que pensam. Especialmente na sua idade...

— Vulnerável? Sim, talvez. Acontece de eu sucumbir a certas tentações. Mas não a todas.

Ela lhe deu um tapinha atrevido na coxa. Ele respondeu acariciando furtivamente a mão que o havia batido.

— Eu conheço Ramzi, ele não é do tipo que faz proselitismo. Sua fé é decente e... como dizer?... cortês. Sempre foi um homem civilizado, e sua fé é parecida com ele. Meu receio, ao vir aqui, era que ele se mostrasse, pelo contrário, reservado e absorto demais em sua meditação, distante, como se mostrara com Ramez. Mas tive uma surpresa agradável. Para alguém que decidiu se afastar do mundo, achei-o, pelo contrário, mais próximo que antes, atencioso, ponderado, indo direto ao essencial.

"A religião nunca foi minha especialidade, mas confesso que sinto consideração e afeto pelo homem que ele se tornou. Fico inclusive reconfortado de saber que tenho um amigo num mosteiro. E voltarei a vê-lo, como prometi. Passarei a noite numa cela como a sua, e pela manhã subirei com ele até o seu 'labirinto' para meditar caminhando."

No caminho de volta, sem a mesma luminosidade a paisagem, perdera todo o atrativo. A estrada parecia interminável. Várias vezes Adam esteve a ponto de adormecer, mas combateu o sono, temendo que a motorista também adormecesse, e que o automóvel fosse dar num penhasco.

A certa altura, eles começaram a cantar. Sémiramis sempre tivera uma voz forte e melodiosa, que já encantava os amigos nas noitadas estudantis, e seu repertório era vasto. Ela passava sem maiores problemas do árabe do Egito ao árabe do Iraque, do inglês ao grego, do francês ao crioulo e depois ao italiano. Também sabia canções russas, turcas, sírias, bascas e até hebraicas, nas quais aparecia constantemente a palavra "*Yeroshalaim*". Adam tentava acompanhá-la como podia, cantarolando as melodias em surdina e levantando a voz quando se

lembrava de um refrão. Não cantava desafinado, nem de forma dissonante, mas o timbre de sua voz não era melodioso. Ele o sabia, e assim limitou-se apenas a marcar o ritmo da maioria das canções com os dedos. Se não estivesse preocupado em evitar que o carro perdesse o rumo, provavelmente teria ficado o tempo todo em silêncio, imóvel, os olhos fechados, deixando-se embalar pela bela voz da amiga.

Em dado momento, ele perguntou:

— Você nunca pensou em fazer carreira como cantora?

— Sim, já pensei — respondeu ela, sem falsa modéstia.

— E então?

Ela suspirou.

— Então meu pai me disse: "Não quero minha filha rebolando num cabaré do Cairo."

— E ficou por isso mesmo?

— Ficou por isso mesmo. Meu pai tinha passado a juventude nos cabarés do Cairo, justamente. Parece que se embriagava toda noite, que cantava até não aguentar mais, pagava champanhe para todo mundo e subia nas mesas. Chegou até a se apaixonar por uma dançarina do ventre, para desespero dos meus avós. Claro que ele mesmo nunca me contou isso. Nossos pais sempre tiveram uma juventude exemplar, certo? Mas outros parentes me contaram. Só quando meu avô morreu é que ele se tornou comportado, assumiu o comando da empresa da família e se casou. Teve três filhos, e jurou que nunca deixaria que qualquer um deles, sobretudo eu, sua filha, levasse uma vida dissoluta.

— Só agora lembrei que você nasceu no Cairo. Eu sabia, mas não lembrava. Provavelmente porque você não tem sotaque. Ou melhor, tem sim. Prestando atenção, de fato percebe-se um sotaque egípcio quando você fala francês. Mas em árabe, nem tanto.

— Em árabe, não, não tenho sotaque. Na minha família quase nunca falávamos árabe. Mas meu pai era de Biblos, e minha mãe era damascena, mas só falavam francês. Entre eles, com os irmãos e irmãs, com os amigos, era sempre

francês, como os aristocratas russos nos romances do século XIX. Só falavam árabe com o motorista, o cozinheiro e o porteiro. Era o costume. Pior ainda: quando falavam da população local, eles diziam "os árabes", como se eles próprios fossem britânicos ou gregos.

— Mas quando seu pai ia ao cabaré, na juventude, caindo de bêbado e subindo nas mesas, não cantava em francês, suponho, nem em inglês ou grego.

— Não, tem razão, com certeza cantava em árabe. E quando tomava nos braços a sua dançarina, que se chamava Noureleyn, certamente era em árabe que lhe murmurava doces palavras de amor. Aliás, você também.

Adam virou-se para ela, intrigado.

— Sim, você também — repetiu ela. — Você só sabe murmurar em árabe. Conversamos a noite toda em francês, mas na cama...

— Claro. Nem me dava conta realmente. Mas agora que você está dizendo, é verdade que as palavras de afeto me vêm em árabe.

— Mesmo quando está com uma pessoa que não conhece a língua?

— O problema de fato ocorreu. Quando conheci Dolorès, ela às vezes reclamava de eu ser muito calado durante o amor. Eu expliquei que as palavras de ternura me vinham espontaneamente em árabe, e que eu me continha, já que ela não conhecia a língua. Ela pensou, e depois me disse: "Quero que você as diga no meu ouvido como se eu entendesse." E foi o que eu comecei a fazer. E aí ela também quis dizê-las. No início, apenas as repetia, falando comigo como se eu fosse uma mulher. E o seu sotaque era risível. Mas aos poucos eu consegui ensinar-lhe as palavras certas, e a pronúncia adequada. Agora, fazemos amor em árabe, o que estabelece entre nós uma relação muito especial!

Sémiramis deu um risinho, e Adam de repente foi tomado por uma espécie de pânico remorsal.

— Eu não devia ter-lhe falado disso. Pelo resto, ela não ficará com raiva de mim. Mas contar o que murmuramos quando estamos na cama é uma autêntica traição.

— Fique tranquilo, não direi nada.

— Não basta, você tem de me prometer solenemente.

— Eu juro, sobre o túmulo do meu pai, que jamais revelarei uma só palavra do que você acaba de dizer. Nem a Dolorès nem a ninguém mais. Está bom assim?

— Está. Desculpe a insistência, mas eu não devia ter falado de coisas tão íntimas. Não é hábito meu.

— Relaxe, Adam. Sou eu, Sémi, sua amiga, uma amiga de confiança. Pode baixar a guarda por alguns momentos. Eu não revelo seus segredos, você não revela os meus, nenhum de nós sofrerá com isso, apenas nos sentiremos um pouco mais próximos.

Ela pousou a mão no joelho dele, que ficou por um momento devaneando, até perguntar:

— Que idade você tinha ao deixar o Egito?

— Apenas 1 ano. Foi logo depois da revolução de Nasser. Meu pai cometera uma grande imprudência, e não teve coragem de ficar no Cairo.

— Uma imprudência?

— Sim, uma imprudência enorme.

Ela sorriu e calou-se. Adam deixou-a revolver as lembranças.

— Claro que não me lembro de nada, mas a história me foi contada tantas vezes que tenho a impressão de tê-la vivido plenamente.

"Quando meu pai era estudante, ou seja, na década de 1940, havia uma grande agitação política. Ele nunca pertenceu a nenhum partido, mas entre seus amigos na universidade havia comunistas, islamistas, monarquistas, nacionalistas. Ele também me contava que às vezes apareciam dezenas de estudantes vestidos de amarelo ou verde, tentando andar em grupos e gritando slogans. Significava que um novo partido acabava de ser fundado. Em geral, esses grupos eram mais ridículos que assustadores, e desapareciam depois de alguns meses.

"Muito mais sério era o movimento da Irmandade Muçulmana, os *ikhwan*. Milhares de jovens aderiram, e quando houve o golpe de Estado dos Oficiais

Livres, em 1952, todo mundo achava que Nasser, Sadat e companhia eram *ikhwan* uniformizados. Segundo meu pai, alguns eram; mas ao chegarem ao poder se desligaram do movimento, tratando inclusive de diminuir sua influência no país. De tal maneira que em 1954, o ano em que nasci, militantes islamistas enfurecidos atiraram várias vezes contra Nasser quando ele fazia um discurso. Erraram por pouco, e uma feroz repressão se abateu sobre eles. Milhares de militantes foram detidos e vários dirigentes foram executados depois de julgamentos sumários.

"Um dos revoltosos se chamava Abdessalam. Tinha 19 anos e era o irmão mais novo de um grande amigo do meu pai. Esse rapaz, que havia conseguido fugir depois do atentado, era perseguido pela polícia e o exército. Não restava a menor dúvida de que, se ele fosse capturado, seria imediatamente enforcado. Meu pai então decidiu escondê-lo em casa."

— Não me diga que ele escondeu em casa o homem que tentou assassinar Nasser!

— Uma enorme imprudência, não?

— Um pouco mais que uma enorme imprudência! É loucura furiosa! O que pode ter passado pela cabeça de um bom burguês católico para arriscar sua própria vida e a vida da família escondendo em casa um assassino, e ainda por cima islamista?

— Justamente, seu raciocínio era que as autoridades jamais pensariam em procurar Abdessalam na casa de um burguês cristão. Na verdade, elas passaram um pente fino nos bairros populares, nas mesquitas, mas nem lhes passou pela cabeça dar busca em nossa casa.

— Mas por que ele fez isso? Era simpatizante dos "Irmãos"?

— De modo nenhum. Já os detestava antes dessa história e continuou detestando até o fim da vida. Se deu abrigo ao tal Abdessalam foi porque ele tinha 19 anos, tremia de medo e seu melhor amigo pedira que o fizesse.

— E sua mãe concordou?

— Meu pai não a consultou. Seu amigo aparecera certa noite com o irmão,

que, para disfarçar, tinha raspado a barba e parecia um adolescente impúbere, com olhos de lebre perseguida. Nós morávamos no térreo, e no jardim meu pai tinha um ateliê onde gostava de pintar nas horas vagas. E, por sinal, fazia belas coisas. Tenho certeza de que se vivesse na Europa teria se dedicado à pintura. Em suma, tinha esse ateliê, o rapaz se escondeu lá e nunca saía. Meu pai lhe levava comida às escondidas. A coisa durou algumas semanas, e ninguém na família desconfiou de nada. Nem minha mãe, que nunca botava os pés no ateliê do marido.

"Quando as coisas se acalmaram e as autoridades perderam as esperanças de encontrá-lo, o fugitivo se foi. Meu pai veio a saber mais tarde que ele tinha conseguido ir para a Alemanha Ocidental, que na época se transformara no principal reduto dos membros da Irmandade Muçulmana no exílio.

"Meus pais nunca foram incomodados. Mas meu pai não ficava tranquilo. Achava que mais cedo ou mais tarde a coisa acabaria vazando e as autoridades o fariam pagar pela solicitude com seus inimigos. Resolveu então vender a casa, a empresa, tudo que possuía; pegou a mulher, os filhos, o dinheiro e se foi."

— E algum dia veio a lamentar sua imprudência?

— Não, imagine só, nunca a lamentou! Muito pelo contrário, sempre se congratulou por isso. Por causa do incidente, ele se apressou a vender tudo, e alguns meses depois houve as primeiras nacionalizações, e depois a guerra de Suez. Os primos do meu pai, os irmãos da minha mãe e, de maneira geral, os estrangeiros e aqueles que assim eram considerados tiveram de deixar o Egito às pressas, abandonando seus bens. Gregos, italianos, judeus, cristãos levantinos... Foram confiscadas suas fábricas, suas terras, suas lojas, suas contas bancárias. Perderam tudo. Meu pai, por causa da grande imprudência, vendera tudo antes do 'dilúvio', e assim preservou sua fortuna. O que lhe permitiu comprar terrenos ao chegar aqui e construir várias casas, especialmente aquela em que estamos, e que eu transformei em hotel.

"Quantas vezes não ouvi emigrantes provenientes do Egito cumprimentarem meu pai por sua clarividência ou seu faro para os negócios. Assim, por causa do

que você chamou de 'loucura furiosa', ele conquistou até o fim da vida uma reputação de sábio."

— Suponho que ele nunca contou a essas pessoas por que deixou o Egito às pressas.

— Claro que não! Quando chegamos, Nasser era considerado um semideus aqui. Suas fotos estavam em toda parte, e ele era ainda mais adorado que no Egito. Claro que o meu pai não se gabaria de ter dado asilo a um homem que quis assassinar o herói da nação árabe. Teria sido trucidado! Ele só começou a falar disso na década de 1980, quando Nasser já estava morto e esquecido.

— E o seu pai voltou ao Egito?

— Nem uma só vez voltou a botar os pés lá. Seria estranho, inclusive. Quando falava do assunto, seu rosto se iluminava, e ele não se cansava de repetir que era o mais belo país do mundo. Mas nunca voltou, nem nunca quis que os filhos voltassem.

— Quer dizer então que você nunca foi lá?

— Sim, mas só depois que ele morreu. Eu queria voltar a ver a casa onde nasci, de que tanto me haviam falado. Voltei a vê-la, mas não senti nada. Achava que depois de tudo que me haviam contado na infância, eu ficaria emocionada. Nada. Nem lágrimas, nem aperto na garganta. Onde me emocionei foi no Alto Egito, em Luxor, no Vale dos Reis, diante dos afrescos. Lá, sim, fiquei sem voz. Entendi de repente por que tantos homens sonharam com esse país: conquistadores, viajantes, poetas... Mas as saudades dos meus pais não me sensibilizam. Eles viveram no Egito como estrangeiros, e foram tratados como estrangeiros.

— As coisas nunca são tão simples.

— Sim, é simples assim. Quem despreza a população local e se recusa a falar sua língua acaba sendo expulso. Se meus pais quisessem continuar vivendo no Egito, deviam ter-se tornado egípcios, em vez de confraternizar com britânicos e franceses.

Havia em sua voz o eco de uma velha indignação que nunca se apagara.

Depois de alguns segundos de silêncio pesado, ela recomeçou:

— Para ser honesta, eu não devia botar meu pai e minha mãe no mesmo saco. Ele me dizia exatamente o que acabo de lhe dizer, ou seja, que teria sido necessário integrar-se à população local. Aliás, ele tinha amigos, e provavelmente amantes também, em todos os meios. Mas ele era um dos raros a assumir essa atitude. Na sua família, e mais ainda na família da minha mãe, as pessoas geralmente se sentiam estrangeiras e se comportavam como colonos. Quando passou a época da colonização, tiveram de fazer as malas. Pode-se dizer que colheram o que plantaram...

— Não cabe a mim sair em defesa dos seus parentes, mas, nessas questões, a culpa nunca está de um lado só. O que você disse pode perfeitamente ser invertido: se eles se comportaram como estrangeiros foi porque eram constantemente vistos como estrangeiros. Quando as pessoas se recusam a se integrar, também é porque a sociedade em que vivem não é capaz de integrá-las. Por causa do nome, da religião, da aparência, do sotaque...

Os dois ficaram pensativos por um longo momento. Depois, Adam recomeçou, em tom mais alegre:

— Voltando a você, poderia ter feito carreira na música sem precisar rebolar nos cabarés do Cairo.

— Meu pai era inflexível, nem valia a pena argumentar. Mas não sinto raiva dele. Era um homem da sua época e julgava estar agindo pelo meu bem. De qualquer maneira, eu não tinha realmente ambição de fazer carreira como cantora. Gosto de cantar para os amigos, fico lisonjeada quando dizem que eu tenho uma bela voz, mas não teria deixado meu pai e minha mãe para entregar meu destino a um empresário. Na juventude, minha ambição era totalmente diferente. Queria ser cirurgiã.

Agora Adam se lembrava. Ao conhecê-la, ela de fato estava no primeiro ano de medicina.

— Eu tinha lido em algum lugar que quase não havia mulheres fazendo cirurgias, e queria ser uma pioneira. Na faculdade, tanto os professores quanto os

alunos tentavam me dissuadir, dizendo que os pacientes que entregavam a vida a um cirurgião precisavam de uma figura tranquilizadora, e portanto masculina. Em outras palavras, algumas carreiras não eram dignas de mim, como a de cantora; e outras das quais eu não era digna, como a de cirurgiã. Mas não bastou para me dissuadir. Eu estudava com afinco, com vontade, queria ser a melhor da turma, e de fato o fui até o segundo trimestre.

— Depois, cansou-se...

— Não. Depois, conheci Bilal. Depois, nos amamos como loucos. Depois, ele morreu. E eu fiquei prostrada durante três anos. Quando saí do buraco negro, já tinha começado a guerra, e era tarde demais para voltar à medicina. Eu tinha a sensação de ter esquecido tudo que aprendera, e de não ser capaz de memorizar o que quer que fosse. Não voltei mais a estudar, e hoje aqui estou, dona de hotel.

— Castelã — corrigiu Adam.

Ela sorriu.

— Desculpe, eu tinha esquecido o título que você me deu.

— Castelã, sim. Minha querida castelã.

— Fico feliz de você ter voltado ao país, ainda que por pouco tempo. Talvez eu devesse agradecer a Mourad por tê-lo chamado. Vou-me lembrar sempre dos nossos jantares regados a champanhe.

Sua voz estava triste. Adam voltou-se para olhá-la, e ela tinha lágrimas nos olhos.

— Você não acha que ainda é um pouco cedo para nos despedirmos? — perguntou ele. — Não estou de partida. Ainda ficarei no meu quarto por algum tempo...

Ela sorriu. Esperou um momento. Pareceu hesitar, e então disse:

— Esta manhã, tive uma longa conversa com Dolorès.

— Voltou a telefonar para ela?

— Não, dessa vez foi ela. Você havia acabado de sair. Foi como se ela tivesse pressentido que tínhamos passado a noite juntos. E...

Ela se deteve. Fez uma longa pausa. Adam precisou insistir:

— E...

— E ficou decidido que a partir de agora você vai dormir no seu quarto, e eu no meu.

— Ficou decidido — repetiu ele, com um sorriso tão ambíguo quanto os sentimentos que o agitavam.

— Eu não devia lhe contar — desculpou-se Sémiramis. — Finja que nunca tivemos esta conversa. Mas preciso que me ajude a cumprir meu compromisso.

Adam se manteve calado, e ela insistiu, com uma voz ao mesmo tempo irritada e contrita:

— Esqueça por um momento seu orgulho masculino e me diga simplesmente: vou lhe ajudar.

Ele resmungou, mas acabou dizendo, com um ruidoso suspiro:

— Tudo bem, eu vou lhe ajudar.

De repente, Sémi recomeçou, em um novo tom, alegre, brincalhão:

— O que não impede de modo algum as vontades, os desejos, os cumprimentos, a ternura, e mesmo um certo flerte. Sim, tudo, menos...

Adam esperava apreensivo as palavras cruas que viriam, mas ela não disse mais nada. Sua frase estava concluída.

— Tudo menos tudo menos tudo menos — repetiu ele, tentando dar às palavras a entonação mais risível possível.

Ao registrar o ocorrido em seu caderno, Adam observou:

Em nossa conversa, eu me eximi de revelar a Sémi que já tinha chegado a uma conclusão semelhante, depois da troca de e-mails com Dolorès. Minha educação mandava que eu fingisse decepção, e sobretudo que não mostrasse que, de certa maneira, estava covardemente aliviado por não ter eu mesmo de comunicar a minha amante a decisão de interromper nosso idílio. Mais uma vez, a conivência das duas me poupou dos tormentos do remorso e da grosseria.

Prometo a mim mesmo que vou respeitar esse compromisso de abstinência; mas, para ser honesto, não estou absolutamente certo de ser capaz de observá-lo a toda hora, em qualquer lugar, em qualquer circunstância.

Vou-me deixar guiar pela vida.

Décimo dia

1

Pela manhã, Adam ainda estava vestido. Na véspera, caíra na cama sem jantar, sem escovar os dentes e sem fechar as persianas, como fazia toda noite para não ser despertado cedo demais pelo sol forte.

Tampouco tivera forças para registrar por escrito um relato detalhado do seu encontro com o irmão Basile. Só veio a fazê-lo ao se levantar, por volta das cinco horas. Assim que terminou, pediu o café da manhã por telefone e foi consultar os e-mails.

Durante a noite, chegara uma mensagem de Naïm. Ele dizia em estilo telegráfico que sairia de São Paulo na manhã de quarta-feira e chegaria na noite de quinta, depois de breve escala em Milão. Adam ficou encantado. A reunião dos amigos começava a tomar forma, e muito antes do que ele esperava. Ele se apressou a responder a Naïm que estaria no aeroporto para esperá-lo.

Depois, chamou Sémiramis.

— Espero que a esteja acordando!

— Negativo! — disse ela, rindo. — Já estou em pleno café da manhã. Da próxima vez, terá de se esforçar mais!

— Tenho mais uma boa notícia.

— Deixe eu adivinhar! Albert ou Naïm comunicando que virão. Acertei?

Ele foi apanhado de surpresa.

— Sim, acertou. Mas estragou minha surpresa.

Ela riu.

— Você está me parecendo um pouco desperta demais esta manhã.

— Estou no meu terraço, sentindo a leve brisa, os pássaros da primavera cantam e o café está bom. Se soubesse que posso confiar em você, eu o convidaria também.

Dez minutos depois ele estava ao seu lado. Tudo ocorria perfeitamente de acordo com o quadro que ela havia pintado: a brisa, o canto dos pássaros, a cor do café e o seu cheiro. Além do mais, a mesa estava posta e a camisola, ligeiramente entreaberta. Ele sentiu um aperto no coração ao se lembrar de que o "parêntese" do romance entre os dois já estava fechado agora.

— Naïm então chegará quinta-feira à noite, por volta das sete horas. E Albert, ao que me parece, não irá demorar; se disse aos chefes que sua mãe adotiva está à beira da morte, é porque virá muito em breve. Nosso reencontro poderá ser organizado já na próxima semana. Mal posso acreditar. Dois dias atrás, eu ainda estava falando em termos de meses, e agora já estamos marcando a hora de chegada de cada um. Parece que estou vivendo um sonho. Fico encantado, mas também com um pouco de medo.

Um silêncio.

— Talvez tenhamos de começar a pensar seriamente no aspecto prático.

— Pois eu já pensei — disse Sémiramis. — Todo mundo irá se hospedar aqui no hotel.

Era a solução preferida de Adam, e foi apenas para constar que ele perguntou:

— Você não acha que Tania insistirá para que fiquemos na casa dela, na velha casa? Era este o projeto inicial.

— Tão pouco tempo depois da morte de Mourad? Não, nem pensar! A família está de luto, seríamos obrigados a falar em voz baixa e mostrar cara de enterro. Nada de risos. Nada de voz alta. Esse reencontro seria macabro! Não, já pensei muito nisso, todo mundo vai ficar aqui. Inclusive Tania. Fará bem a ela sair alguns dias de casa. Do contrário, não acabará nunca o desfile de visitas. No

hotel, poderemos conversar, gritar, rir, até cantar a plenos pulmões se nos der vontade. Cada um terá seu quarto, e teremos a nossa disposição o salão do primeiro andar, onde poderemos nos reunir e fazer as refeições. Não se preocupe com a logística, deixe que eu cuido, é a minha profissão!

Ele levantou os braços, num gesto que queria dizer "me entrego" ou "fique à vontade".

— Em compensação, você cuida dos convites — acrescentou ela.

— Praticamente já foram feitos. Esta manhã mesmo vou telefonar a Ramez e sua mulher.

— E Dolorès...

— E Dolorès, claro, telefonarei esta tarde.

— E o irmão Basile...

— Não creio que ele aceite o convite. Mas ainda assim irei lá convidá-lo devidamente...

— E no caso de Nidal, já tomou uma decisão?

— Sim, vou telefonar também.

— Está vendo? Ainda tem providências a tomar. Tem o número dele?

— Não, mas você irá me dar dentro de um minuto, presumo.

Sémiramis deu um suspiro pesado:

— O que seria de você sem mim?

— Eu consultaria o catálogo telefônico!

— Grosseirão!

Ele tomou-lhe a mão e a levou aos lábios.

— Se você não estivesse aqui, eu já teria retornado a Paris, teria desistido de reunir os amigos e voltado a mergulhar na minha biografia de Átila.

Ela retirou a mão.

— E esse energúmeno lhe interessa tanto assim?

— Átila sou eu, como diria Flaubert.

— Ah, sim? Terá de me explicar um pouco melhor. A semelhança não salta propriamente aos olhos.

— É o arquétipo do imigrante. Se alguém lhe dissesse: “Agora você é um cidadão romano!”, ele teria começado a falar latim e se transformaria no braço armado do Império. Mas lhe disseram: “Você não passa de um bárbaro e de um infiel!”, e ele só pensou em devastar o país.

— É o seu caso?

— Poderia ser o meu caso, e certamente é o caso de muitos imigrantes. A Europa está cheia de Átilas que sonham ser cidadãos romanos, mas que acabarão se transformando em invasores bárbaros. Se você me acolher, estarei pronto a morrer por você. Mas se me fechar a porta na cara, destruirei sua porta e sua casa.

— Em outras palavras, ainda bem que eu lhe acolhi.

Ele riu.

— A expressão não é feliz, mas você me entendeu.

Ele parou por um momento, e acrescentou:

— No seu caso, considero que você me acolheu quando eu telefonei do táxi, e você gritou meu nome. O que aconteceu entre nós depois, eu chamaria de “divina surpresa”...

As mãos voltaram a se encontrar e houve entre eles um silêncio íntimo.

Sémiramis é que veio a rompê-lo.

— Então você quer o celular de Nidal — disse ela, retirando a mão para começar a procurá-lo nos contatos do seu telefone.

Ao encontrar, entregou o aparelho ao amigo, para que o usasse. Mas ele se limitou a anotar o número num canto do seu caderno. Evidentemente preferia adiar o telefonema para depois, quando estivesse sozinho no quarto.

2

Eu não estava certo de que o irmão de Bilal pudesse lembrar-se de mim, anotaria Adam em seu caderno, no domingo, 29 de abril. *Eu não estivera com ele mais de três vezes na vida, a última há mais de um quarto de século, no enterro do nosso amigo. Nesse dia, Nidal parecia ainda mais sofrido que a mãe e as irmãs. Soluçava sem parar. Ainda não tinha 17 anos, e Bilal era seu modelo, seu guia, seu ídolo. Além do mais, pareciam-se tanto — o mesmo nariz adunco, os mesmos cabelos muito negros e muito curtos, o mesmo olhar de cervo emboscado — que, observando o irmão inconsolável, tinha-se a perturbadora impressão de que era o outro que tinha ressuscitado e pranteava a si mesmo.*

— Nidal, eu sou Adam, não sei se lembra de mim...

— Não conheço nenhuma outra pessoa com este nome, salvo nosso antepassado comum a todos, que esteja em paz! Você voltou ao país?

— Na verdade, estou de passagem...

— Por que só "de passagem"?

— Atualmente eu vivo na França.

— Eu também vivi vários anos na França, mas voltei a viver com os meus.

Era evidente que havia ali uma censura. Eu não podia deixar de dar o troco.

— Você foi viver na França e nunca pensou em telefonar ao melhor amigo do seu irmão? Que vergonha!

Ele deu um risinho para indicar que o habitual jogo das provocações agora podia ser deixado de lado.

— Estou feliz de ouvi-lo. Diga em que posso ser útil!

— Estou tentando organizar um encontro. Gostaria de lhe falar a respeito...

— Uma reunião política?

Havia em sua voz ao mesmo tempo ironia e incredulidade. Apressei-me a tranquilizá-lo:

— Não, um encontro de velhos amigos. Amigos de Bilal...

Não houve resposta. Um longo silêncio. Eu sentia que Nidal estava com um nó na garganta. Na verdade, quando acabou por falar, sua voz havia mudado e ele perdera a altivez.

— Um encontro de velhos amigos...

Eu não sabia se, com a repetição das mesmas palavras, lentamente, num murmúrio, meu interlocutor expressava nostalgia ou desconfiança. Para prevenir qualquer reação negativa, eu precisava tomar a iniciativa.

— Teria muito prazer se pudéssemos nos ver, nós dois. Para falar desse pequeno projeto, mas também de tudo que aconteceu em todos esses anos.

— Sim, claro, por que não? Onde está agora?

Antes de telefonar, eu pensara que seria melhor não mencionar Sémi; não imediatamente, em todo caso.

— Estou na montanha, mas posso ir ao seu encontro na cidade quando quiser.

— Neste caso, vamos almoçar! Quer que eu mande um carro para buscá-lo?

Eu preferi mentir.

— Não, obrigado, eu tenho carro. Basta me dar o endereço, e eu irei.

Eu jamais teria ido por iniciativa própria ao restaurante popular onde ele marcou encontro comigo. Não que fosse bizarro ou repulsivo, mas é um desses

lugares que parecem reservados aos frequentadores habituais, nos quais um estranho se sente espionado a cada garfada; o "estranho" em questão não seria necessariamente um europeu ou um asiático, mas qualquer pessoa alheia ao bairro.

Nidal parecia conhecer toda a clientela, mas, ao atravessar o salão comigo, limitou-se a cumprimentar à distância.

O dono tinha separado para nós um local reservado, afastado do tumulto e com uma janela que dava para um pequeno pátio. Evidentemente um tratamento privilegiado. Em nossa mesa já havia azeitonas, pepinos, nabos no vinagre e pães redondos cortados em quartos.

— Aqui eu geralmente peço o prato do dia, e nunca me decepcionei. Mas também há grelhados.

— Vamos ao prato do dia!

— Espere, você nem sabe o que é!

— Não importa! Vou querer, qualquer que seja.

— Domingo é dia de abobrinha recheada.

— Está ótimo!

— Você não é um homem difícil! Suas mulheres devem adorar!

— Minhas *mulheres?*

— Eu quis dizer suas mulheres sucessivas, não simultâneas.

— E você tem mulheres "simultâneas"?

— Não, só uma. Desde o início ela me avisou: se eu casar com outra, ela me arranca os olhos.

— E você se conformou!

— Os olhos são muito úteis!

Ele sorriu, e era o mesmo sorriso de Bilal.

— Você está certo — disse eu. — Para quem gosta de ler, dois olhos são mais úteis que duas esposas.

— Vejo que já estamos de acordo num ponto. Não sei se haverá outros.

O dono do restaurante se aproximou com lápis e comanda. Anotou os dois

pratos do dia e se informou sobre o que desejávamos beber. Nidal pediu uma limonada gasosa e eu balancei maquinalmente a cabeça para indicar que queria a mesma coisa. Não sem acrescentar, contudo, assim que o sujeito se afastou:

— No almoço, não bebo vinho, fico com dor de cabeça.

Como tomei o cuidado de não sorrir, meu anfitrião achou necessário esclarecer:

— Aqui não servem álcool.

— Eu sei, imagine. Estava brincando...

Eu sorri. Nidal também esboçou um sorriso, para não ficar para trás. E então disse, olhando para outro lado, como se se referisse a terceiros:

— Piadas de emigrante!

Eu me eximi de perguntar o que ele estava querendo dizer e preferi repetir:

— Estava brincando...

Mas acrescentei, sem lhe dar tempo de responder:

— Mas é fato que eu nunca bebo no almoço. Só à noite.

— Se eu o tivesse convidado para jantar, em vez de almoçar, o que teria feito?

— Eu simplesmente me absteria de beber. Gosto de tomar um pouco de vinho à noite, mas posso perfeitamente dispensar. Em compensação, se alguém quisesse me proibir...

— É proibido proibir! — decretou Nidal em tom sarcástico, e em francês.

Até então, falávamos apenas em árabe. E foi em árabe que eu respondi:

— Que uma pessoa se abstenha por convicção de consumir esta ou aquela bebida, este ou aquele alimento, é uma atitude que eu respeito. O que não admito é que tentem impô-la aos outros, e sobretudo com a interferência de governos.

— Para você, cada cidadão deve decidir por si mesmo, não cabe aos governos proibir, é isto? Eles não proíbem o consumo de cocaína, de haxixe? Quer dizer então que, do seu ponto de vista, essas drogas tampouco deveriam

ser proibidas?

A conversa se encaminhava rapidamente para uma espécie de duelo convencional entre o devoto e o libertino. Mas talvez fosse necessário passar por isso para poder falar de homem para homem. De qualquer maneira, eu não ia entregar os pontos pelo simples fato de estar no campo do outro. Muito pelo contrário. No Levante, espera-se que alguém se curve aos desejos do convidado, em vez de submetê-lo a suas próprias leis. Era pelo menos como as pessoas se comportavam em épocas melhores.

— Ninguém está dizendo que nunca se deve proibir nada. Mas certos correligionários seus proíbem com muita facilidade. Fica parecendo que dão busca nos textos atrás de uma proibição a mais, e se apressam a proclamá-la. Alguém disse uma vez a respeito dos puritanos ingleses: "Eles não são realmente fanáticos, querem apenas se certificar de que ninguém se divirta em lugar nenhum."

Nidal sorriu numa careta, sem dizer nada. Eu continuei:

— Mas respondendo mais diretamente à sua pergunta, minha resposta é: sim, claro, certas substâncias são venenosas, e eu entendo que sejam proibidas. Mas vinho? O vinho que foi cantado por tantos poetas árabes, persas e turcos? Que é a bebida dos místicos? É um prazer nobre e inocente encontrar os amigos à noite, rir, conversar e refazer o mundo ao redor de uma garrafa de bom vinho. Eu deveria por acaso aceitar que uma autoridade qualquer me prive disso porque certas pessoas bebem demais? Ou porque é proibido por certas tradições religiosas?

— Você enxerga apenas um lado das coisas! — retrucou Nidal.

Ele deu algumas garfadas, para ganhar tempo e organizar as ideias, e acrescentou:

— O que você não vê é que no Ocidente tudo que parte de nós é encarado com hostilidade. Todo mundo concorda que o alcoolismo é uma calamidade social, mas basta que o Islã denuncie o álcool para que ele seja transformado em símbolo da liberdade individual. Até para pessoas como você.

Chegou um garçom com os pratos fumegantes e as garrafas destampadas. Perguntou se queríamos o iogurte por cima das abobrinhas recheadas ou ao lado, e em seguida salpicou menta ressecada e começou a servir a bebida gasosa num copo. Mas Nidal indicou com um gesto que ele mesmo o faria e, assim que o sujeito se retirou, retomou sua argumentação.

— Muitos europeus têm uma mulher e uma amante, com filhos de ambas; mas se o Islã diz que podemos desposar as duas, é a ideia de um duplo casamento que se torna escandalosa, absurda, imoral, e a ligação ilegítima é que passa a ser respeitável.

— Talvez seja porque, quando se trata das mulheres, o balanço dos nossos países deixa a desejar, não acha? Se as mulheres daqui pudessem trabalhar livremente, viajar livremente, vestir-se livremente...

— Você realmente acha que o motivo é este? Realmente pensa que o que interessa ao Ocidente é a emancipação das nossas mulheres? Não acha que existe há séculos uma hostilidade sistemática a tudo que parte de nós? Antigamente, nossos países do Oriente eram criticados por seus efebos e suas mulheres lascivas, e hoje, por nosso extremo pudor. Para eles, não importa o que façamos, estamos sempre errados.

Dei algumas garfadas com calma e disse, em tom hesitante:

— Você não está totalmente errado. Essa hostilidade existe e, às vezes, parece de fato sistemática. Mas não tem direção única. Para dizer as coisas sem rodeios, eles nos detestam tanto quanto nós os detestamos.

Nidal largou o garfo e seu conteúdo e começou a me encarar com desconfiança, talvez até uma ponta de hostilidade.

— Quando você diz "nós", está falando de quem?

A pergunta não era neutra nem inocente. Para mim, seu convidado, era mesmo profundamente descortês. O que Nidal dizia, em suma, era que eu, o emigrante, tinha "passado para o lado inimigo". Fiquei tanto mais insultado na medida em que o ataque não era totalmente injustificado. De que lado estou, eu, o árabe cristão que vive há tanto tempo na França? Do lado do Islã

ou do lado do Ocidente? E quando digo "nós", a quem estou me referindo? Na frase que eu acabava de dizer — "Eles nos detestam tanto quanto nós os detestamos" —, transparecia à minha revelia toda a ambiguidade da minha posição. Para dizer a verdade, eu mesmo não sabia mais o que queria dizer nessa frase com "eles" e "nós". Para mim, esses dois universos rivais são ao mesmo tempo "eles" e "nós".

Meu interlocutor tinha acertado, pondo o dedo na minha fragilidade. Mas eu não podia dar-lhe razão, nem tolerar suas insinuações ofensivas. Envolvendo-me na dignidade do silêncio, desviei ostensivamente o olhar para contemplar a janela, depois meu prato e uma vez até o relógio.

Pela minha atitude, Nidal entendeu que fora longe demais. Apagou mentalmente sua pergunta indelicada e começou a comentar minha frase num tom completamente diferente. Com isso, evitava de se desdizer, mas o que acrescentou, apesar de polêmico, trazia desculpas implícitas.

— Talvez eles de fato nos detestem tanto quanto nós a eles, como você diz. Mas, como historiador, você deveria reconhecer que atualmente a relação entre eles e nós é profundamente desigual. Há quatrocentos anos, não invadimos um único país do Ocidente, são sempre eles que nos invadem, eles que nos impõem sua lei, eles que nos submetem e nos colonizam, eles que nos humilham. Nós apenas suportamos, suportamos, suportamos... Mas você, o historiador, preocupado com a verdade e a objetividade, nos equipara. "Eles nos detestam tanto quanto nós os detestamos..." Os danos são recíprocos, é isto?

"Os franceses desembarcaram na Argélia, anexaram o país, massacraram os que ofereceram resistência, trouxeram uma população europeia que se comportava como se a terra lhe pertencesse e a população local existisse apenas para obedecer e servir. Os danos são recíprocos, é isto? Eles se valeram de todos os meios para forçar os habitantes a abandonarem a língua árabe e darem as costas ao Islã. E então, depois de 130 anos, foram embora, deixando para trás um país ferido, devastado, que nunca conseguiu se recuperar. Mas, para você,

os danos são recíprocos, certo?

"Os judeus emigraram em massa para a Palestina, colonizaram a terra e expulsaram os habitantes, que se tornaram de um dia para o outro apátridas, vivendo há mais de meio século em campos de refugiados. Mas, segundo você, os danos são recíprocos."

Eu estava sendo atacado de novo, mas desta vez não podia reagir da mesma maneira. Nidal agora não tomava como alvo a minha pessoa, mas minhas opiniões de historiador. Nesse terreno, toda contradição é legítima. Assim, em vez de me fechar na postura do convidado magoado, decidi terçar armas com meu anfitrião.

— Você permite que eu responda?

Nidal interrompeu-se abruptamente.

— Vá em frente, estou ouvindo.

— Para começar, não fui eu que disse "os danos são recíprocos". Disse apenas: "Eles nos detestam tanto quanto nós os detestamos." Não falei de "danos". Você me atribuiu esta frase e se valeu dela para me atacar. É um método duvidoso.

— Você talvez não a tenha dito hoje, mas a diz constantemente!

— Você por acaso grava as minhas conversas? — respondi num tom de brincadeira, para tornar o clima mais leve.

Meu interlocutor não sorriu.

— Não, Adam, eu não gravo suas conversas, mas já pude ouvi-lo. Fui várias vezes à universidade. Sentava-me no anfiteatro, bem lá atrás, para ouvi-lo. Não fui eu que inventei essa frase, ela é sua, você a repetiu cem vezes. "Os danos são recíprocos." Eles invadem nossos países, expulsam-nos de nossas casas, nos bombardeiam, apropriam-se das nossas riquezas — e para você os danos são sempre recíprocos. O historiador deve manter-se neutro, não é mesmo? Entre o agressor e o agredido, entre o predador e sua presa, entre os que massacram e suas vítimas, você se mantém neutro. E sobretudo não deve aparecer como defensor dos seus. É isto, a objetividade? Para você, é isto a

honestidade intelectual?

Fiquei calado por um longo momento, como se me faltassem argumentos. Acabava de me dar conta, de repente, de que aquela reunião com o irmão do meu amigo não seria uma simples retomada de contato, mas de fato um acerto de contas.

3

Fazia mais de um quarto de século que eu não via Nidal, ao passo que ele, por assim dizer, nunca me perdera de vista. Observava-me à minha revelia, me vigiava, me avaliava.

Eu ainda tentava decidir se era o caso de repreendê-lo por isso, quando ele tomou a iniciativa.

— Quando fui ao anfiteatro pela primeira vez, minha intenção era falar com você no fim da aula. Sabia o quanto fora amigo do meu irmão, e tinha certeza de que me receberia de braços abertos.

— É provavelmente o que eu teria feito — disse eu com frieza, não querendo responder a suas estocadas com manifestações de amizade.

Ele prosseguiu:

— Mas ao ouvi-lo, fiquei pensando: a última coisa que esse árabe quer é ser tomado por um árabe. Para que constrangê-lo?

Era demais! Meu anfitrião tinha ultrapassado todos os limites. Eu tinha de responder imediatamente, ou então levantar-me e sair. O que me impedia de armar uma confusão era que Nidal parecia profundamente comovido. Parecia inclusive à beira das lágrimas. O que dizia já não era da esfera do sarcasmo frio, eram recriminações sinceras. Inábeis, indelicadas, injustas — mas sinceras.

Decidi então tratar o irmão mais novo do meu falecido amigo como se fosse meu próprio irmão menor. Com severidade, mas uma severidade quase

paternal.

— Se acreditarmos no Além, é possível que Bilal esteja hoje sentado aqui conosco, nesta mesa, observando e ouvindo. Certas coisas que você disse devem ter-lhe agradado, e outras, não. E quando eu lhe responder, às vezes ele aprovará, e às vezes irá franzir as sobrancelhas. Como uma testemunha invisível e benevolente, sem a qual não estaríamos juntos neste momento. Não sei quais seriam suas opiniões se ainda estivesse vivo. Mas de uma coisa pelo menos estou absolutamente certo: ele não gostaria que eu duvidasse da sua sinceridade, nem que você duvidasse da minha.

Fiz uma pausa, para separar o preâmbulo afetivo da argumentação. E para me certificar com o olhar de que meu interlocutor, aplacado, já estivesse disposto a me ouvir. E então continuei:

— Quando eu digo que os danos são recíprocos, não quer dizer necessariamente que são iguais. Quer dizer, sobretudo: vamos tentar entender por que os outros ganharam, e por que nós é que perdemos. Você diz: eles invadiram e ocuparam nossos países, nos humilharam. A primeira pergunta que me vem à cabeça é: por que não conseguimos impedi-los? Por acaso seríamos adeptos da não violência? Não, não somos. Por que então eles conseguiram nos invadir, nos sujeitar, nos humilhar? Porque somos fracos, você dirá, e divididos, e mal-organizados, e mal-equipados. E por que somos fracos? Por que não somos capazes de produzir armas poderosas como as do Ocidente? Por que nossas indústrias são deficientes? Por que a Revolução Industrial ocorreu na Europa, e não aqui? Por que nos mantivemos subdesenvolvidos, vulneráveis e dependentes? Poderíamos continuar repetindo sem parar: a culpa é dos outros, a culpa é dos outros. Mas um dia teremos de encarar nossas próprias carências, nossos próprios defeitos, nossas próprias enfermidades. Teremos de acabar reconhecendo nossa própria derrota, o gigantesco e espetacular fracasso histórico da nossa civilização.

Sem me dar conta, eu elevara a voz. Dois jovens imediatamente entraram na sala e se encostaram na parede, alguns passos atrás de Nidal. Ele só se deu

conta da presença deles quando meus olhos se dirigiram para eles. Meu anfitrião voltou-se então e lhes fez um sinal com a cabeça, querendo dizer: "Não é nada, estamos discutindo, podem nos deixar!" Eles se retiraram.

Eu então prossegui, em voz mais baixa e em francês:

— Os derrotados sempre gostam de se apresentar como vítimas inocentes. Mas isso não corresponde à realidade, eles não são inocentes em absoluto. São culpados por terem sido derrotados. Culpados perante seus povos, culpados perante sua civilização. E não estou falando apenas dos dirigentes, falo de mim, de você, de todos nós. Se hoje somos os derrotados da História, se nos sentimos humilhados aos olhos do mundo inteiro e aos nossos próprios olhos, não é apenas culpa dos outros, mas nossa, em primeiro lugar.

— Daqui a trinta segundos você vai dizer que a culpa é do Islã.

— Não, Nidal, não é o que eu ia dizer. A religião é apenas um dado da questão. Para mim, não é ela o problema, mas tampouco a solução. Só não conte comigo para se tranquilizar. Não me sinto à vontade com tudo que acontece ao nosso redor. Você acha que é agradável contemplar todas essas mulheres cobertas da cabeça aos pés, essas gigantescas fotos de personagens de turbante e essa floresta de barbas?

— O que você tem a ver com nossas barbas?

— O que você leva no coração não me diz respeito. O que você usa externamente é uma afirmação pública voltada para terceiros, e, consequentemente, me diz respeito. Tenho o direito de aprovar ou desaprovar. Tenho o direito de me sentir reconfortado e tenho o direito de ficar desconfortável. Mas não estou aqui para falar da sua barba. Queria apenas dizer que me reservo o direito de falar de tudo, sem exceção, e que o exorto a fazer o mesmo.

Enquanto me ouvia, Nidal levava instintivamente a mão à barba e começava a alisá-la, como para renovar o compromisso. Aliás, não era realmente uma barba, era como se ele tivesse deixado de se barbear por uns dez dias.

— Aos 16 anos, quando o conheci, você já tinha uma barba ao redor do rosto, ou antes uma penugem...

Ele sorriu ante essa lembrança. Eu prossegui:

— Mas você também usava um boné do Che, com uma estrela vermelha.

— E não era o único!

— E hoje tampouco é o único que usa essa barba farta.

— Está dizendo que eu sempre segui cegamente a moda do momento.

— Não o estou censurando, somos todos assim. Existe isso que os alemães chamam de "Zeitgeist", o "espírito do tempo", e todos nós o seguimos, de uma maneira ou de outra. Não é preciso ter vergonha nem se orgulhar, é assim que funcionam as sociedades humanas.

— Está falando como professor... — comentou Nidal, imperceptivelmente sarcástico.

— Sim, você tem razão, é o historiador que está falando. Em cada época os homens manifestam opiniões e adotam posturas que julgam decorrentes da sua própria reflexão, quando na verdade lhes vêm desse "espírito do tempo". Não é exatamente uma fatalidade. Digamos que seja um vento extremamente forte ao qual é difícil não ceder.

— E eu andei girando com esse vento como um cata-vento, é isso?

Eu sorri.

— Você quer me fazer parecer indelicado com você, quando estou apenas tentando descrever um fenômeno comum. Era normal que você fosse guevarista no início da década de 1970, como é normal que hoje seja islamista. Existe uma certa continuidade entre as duas atitudes.

— Qual?

— Você se considera sempre revolucionário.

— Embora aos seus olhos não seja mais...

— Digamos que foi a revolução que mudou de sentido. Durante muito tempo a ideia de revolução foi inerente aos progressistas, e um belo dia veio a ser capturada pelos conservadores. Tenho um colega que trabalha sobre essa

questão. Nós almoçamos juntos de vez em quando para falar a respeito. Ele chama esse fenômeno de "inversão". E está escrevendo um livro, que deve ter o título de O ano da inversão...

— Quer dizer que está ligado a um ano preciso?

— É a tese dele. Ele considera que as coisas sofreram uma virada no mundo muito rapidamente, entre o verão de 1978 e a primavera de 1979. Nesse ano, o Irã passou por uma "revolução islâmica", conservadora do ponto de vista social. No Ocidente, teve início uma outra "revolução conservadora", liderada na Inglaterra por Margaret Thatcher, e que seria prolongada por Ronald Reagan nos Estados Unidos. Na China, Deng Xiaoping deu início nesse ano a uma nova revolução chinesa, que se afastou do socialismo e levou a uma espetacular decolagem econômica. Em Roma, foi eleito um novo papa, João Paulo II, que também haveria de se revelar, à sua maneira, tão revolucionário quanto conservador... Meu colega juntou assim dezenas de acontecimentos do mesmo período que tendiam a demonstrar a ocorrência de uma reviravolta que repercutiu de maneira duradoura nas mentalidades. A direita tornou-se triunfante, e a esquerda passou a se preocupar apenas em preservar as conquistas. Foi com isso em mente que eu disse...

— ... Que eu troquei de barba, mas ao mesmo tempo continuei a me considerar revolucionário. É isso?

— Sim, é um pouco isso.

— Mas, para você, eu me transformei num perfeito retrógrado, certo?

— Eu não diria nestes termos, mas de fato é mais ou menos o que eu penso.

— Pelo menos você é franco — disse-me ele com um levíssimo sorriso de impaciência, e acrescentou: — Nossa discussão vai durar cem anos.

— Não tem problema, continuamos no paraíso.

— Se formos para o mesmo.

— Você acha que existem vários? Ou que seremos divididos por nações e religiões?

— Não tenho a menor ideia. Você que exponha o problema aos seus

amigos bizantinos. Não é assim que vocês se chamam?

— Sim, era assim. O "círculo dos bizantinos". Mas por que você diz "vocês"? Você também participava das nossas reuniões.

— Muito pouco. Uma vez ou outra, com meu irmão.

— Com seu irmão, sim. Eu penso muito nele.

Mal pronunciei essa frase e fiquei com a sensação de ter usurpado um papel que não me pertencia; eu que só fui amigo muito chegado de Bilal no fim da sua vida. Então acrescentei, me desculpando:

— Você deve ter pensado nele mil vezes mais que eu.

Como acontecia toda vez que eu mencionava o irmão, Nidal ficou calado e pensativo. Bebeu o último gole de limonada, seu olhar se dirigindo para a janela e mais além.

— Ele prometera me levar para as barricadas. Nossa mãe começou a chorar. Dizia que eu era muito jovem e que tinha de estudar primeiro. Bilal tentou argumentar, dizendo que estaria sempre ao meu lado, que me destacaria para um posto em que eu não ficasse exposto e que, ao voltarmos, me ajudaria nos estudos. Mas ela não queria saber. Dizia: "Os dois, não! Os dois ao mesmo tempo, não!" Como se pressentisse o que ia acontecer. Bilal então sussurrou que me levaria da próxima vez. E se foi. Uma hora depois, vieram bater à nossa porta para dizer que ele estava ferido.

"Milhares de vezes eu pensei nessa cena, imaginando outros desdobramentos. Que meu irmão desistisse de se engajar, que ele e eu fôssemos juntos e que eu o obrigasse a se abrigar na entrada de um prédio. Ou então que fôssemos os dois atingidos pela mesma bomba. Várias vezes sonhei que era eu o mártir, que era embrulhado num lençol, com minha mãe e minhas irmãs chorando, e Bilal ao meu lado, segurando minha mão até o último momento e soluçando, como eu solucei no seu enterro.

"Ao acordar, todas as vezes eu ficava decepcionado por ser apenas um sonho mentiroso, por meu irmão continuar no túmulo, e eu, lá fora, infeliz em meio aos vivos..."

Enquanto falava, os dois homens que tinham entrado por breve momento na sala, minutos antes, reapareceram, postando-se dos dois lados da tapeçaria que nos separava do salão principal do restaurante. Mas dessa vez era Nidal que estava falando, e em voz baixa — nada que pudesse causar preocupação entre os militantes.

Meu olhar dirigiu-se a eles, e mais uma vez o olhar do meu anfitrião seguiu o meu. Ele então se levantou, e no mesmo momento entrou uma figura de turbante preto. Nidal fez-lhe uma saudação respeitosa, apresentou-nos sumariamente e o convidou a se sentar. Era evidente que os dois precisavam conversar, e eu me apressei a deixá-los, alegando que de qualquer maneira estava de saída.

O que evidentemente não era verdade. Eu teria ficado mais uma hora, nós dois ainda tínhamos o que nos dizer.

Ao deixar o irmão de Bilal, seu restaurante, seu bairro, seus amigos, eu tinha um certo mal-estar; mas não estava insatisfeito de ter voltado a vê-lo. Tantas coisas nos separam, a única que nos aproxima é a memória do falecido. Um fio tênue? Certamente. Não será suficiente para reduzir nossas divergências, mas não vou tomar a iniciativa de rompê-lo.

Sémi tem razão, claro. Nidal mudou. E embora essa mudança não seja do meu gosto, eu a compreendo, como pessoa e, sobretudo, como historiador. Eu me abstive de lembrar-lhe, por exemplo, que seu irmão na época não acreditava em Deus nem no Diabo, e que por isso era um "mártir" bem diferente. Senti que a lembrança de Bilal era um santuário no qual não poderia penetrar sem infinitas precauções verbais. Qualquer coisa que se aparentasse a sarcasmo ou zombaria seria descortês, ofensivo e quase sacrílego. Preferi, assim, me abster.

Desde que voltei ao país, tento reatar laços, e não acertar contas. E, aliás, que contas seriam essas? Por acaso poderia censurar Nidal por não ter mais, aos 40 anos, as mesmas ideias que aos 16? Ele mudou, eu mudei, o país mudou, nosso mundo não é mais o mesmo. A vanguarda de ontem ficou para

trás, e a retaguarda avançou para a linha de frente. Posso continuar a lamentá-lo, mas não posso mais me espantar. Nem censurar o irmão de Bilal. Ele é que está em sintonia com seu tempo, e eu é que sou de uma outra época, prematuramente ultrapassada. Mas continuo convencido — por mais que zombem da minha teimosia — de que sou eu que estou com a razão, e a humanidade é que está errada.

4

— E apesar de tudo você o convidou a vir? — perguntou Sémiramis, desconfiada, quando Adam lhe fez um relato detalhado do almoço e da viva discussão que tiveram.

— Não fiz um convite formal, mas não era preciso. Não fui ao seu encontro para submetê-lo a um exame de admissão, após o qual seria incluído ou excluído. O convite já estava implícito no telefonema que lhe dei esta manhã. Não era o caso de apertar-lhe a mão e dizer, na despedida: "Obrigado pelo almoço, mas lamento muito, você não será convidado, não atende aos critérios..."

— E você vai juntá-lo com Albert, que trabalha para o Pentágono? E com Naïm, que é judeu e já foi dez vezes a Israel?

Adam deu de ombros.

— Todos eles são adultos, viajam pelo mundo, e se até hoje não encontraram pessoas que pensem como Nidal, será uma boa oportunidade. O sujeito é inteligente, racional, parece sincero e sabe se expressar.

— E não vamos beber champanhe?

— Sim, beberemos champanhe. As garrafas estarão nos baldes, quem tiver vontade poderá se servir, e os que não quiserem se absterão.

— E se ele exigir que as garrafas sejam retiradas?

— Eu lhe direi que não cabe a ele decidir pelos outros. Foi o que já disse no almoço, e não hesitarei em repetir. Se ficar conosco, tanto melhor. Se preferir retirar, tanto pior. Outras perguntas, castelã?

— Não, professor, nenhuma! — garantiu Sémiramis, simulando um tom medroso. — Você parece que tem resposta para tudo, mas tenho lá minhas dúvidas. Você acha que pode voltar a reunir os amigos de antigamente como se nada tivesse acontecido em 25 anos? Espero que não se engane.

— Mais vale se enganar com esperança que ter razão no desespero.

— É a sua máxima?

— Não é uma regra de vida, apenas uma exigência de honestidade. É muito fácil afirmar que nunca haverá paz, que as pessoas nunca poderão viver juntas e esperar o cataclismo, de braços cruzados, com um sorriso cínico no canto da boca, para poder dizer quando chegar o dilúvio: "Eu sabia, bem que eu disse." Nesta região do mundo, aquele que se faz de profeta da desgraça pode praticamente ter certeza de que o futuro lhe dará razão. Você prevê uma guerra nos dez próximos anos, e não será desmentida. Prevê que esse e aquele irão se matar, e é mais que provável que o façam. Se quiser assumir riscos, deve prever o contrário. Mas hoje, na minha pequena escala, minha única ambição é reunir nossos amigos daquela época para passarmos juntos um momento cortês e instrutivo de convívio. Será pedir demais?

Sémi o contemplou longamente, divertida e enternecida. Depois passou a mão no seu rosto, como se ele fosse uma criança de 6 anos. E afinal lhe disse, em tom maternal:

— Sim, meu querido, é pedir demais. Mas não desanime, gosto quando você fica com esse ar indignado.

Adam ficou completamente desestabilizado. Não sabia se devia se insurgir contra esse "maternalismo" ou tentar recomeçar uma conversa séria.

Pegou a mão que o acariciava, querendo afastá-la do seu rosto. Mas, em vez de largá-la, manteve-a firmemente em sua própria mão. Os dois ficaram parados nessa posição, sem nada mais dizer.

Das mãos dadas começava a surgir o desejo de um enlace. Mas os olhos ainda se evitavam, cada um aguardando o momento em que o outro diria as palavras razoáveis que poriam fim à tentação.

A certeza de que logo deveriam afastar-se permitia viver aquele minuto de ternura com um sentimento de inocência. Não sabiam ambos que a linha invisível não seria ultrapassada? O principal era não alcançá-la rápido demais; o principal era instaurar entre seus corpos uma infinita lentidão.

Sémiramis subira ao quarto de Adam no fim da tarde para colher suas impressões do encontro com o irmão de Bilal. Encontrara-o à mesa, tomando notas febrilmente. Ele parou de escrever e a convidou a se sentar, mas ela preferiu ficar de pé, encostada na porta fechada.

Mais adiante, no calor da conversa, ele se levantou para dar alguns passos e se viu bem perto dela. Foi assim que começou o abraço.

Quanto tempo ficaram unidos, em silêncio, de olhos fechados, as mãos entrelaçadas? Em dado momento, seus lábios se tocaram, e depois se afastaram. Qual dos dois tomaria a iniciativa de dizer ao outro que estava na hora de parar e que precisavam cumprir sua promessa?

Houve um segundo beijo furtivo, depois um terceiro, menos breve, e um quarto, que se prolongou. Os dois corpos se colaram. A mão livre de Sémiramis buscou o interruptor para apagar a luz.

Só quando caíram juntos na cama é que a visitante murmurou no ouvido do amigo:

— Você prometeu que me ajudaria.

E ele, no seu desvario, não soube responder.

Quando abri os olhos, anotaria ele um pouco mais tarde*, Sémi não estava mais ao meu lado. Acendi a luz da cabeceira e consultei o relógio. Ainda não eram sete horas. Eu tinha adormecido apenas alguns minutos. Sentei-me na cama, o torso nu, a mente perturbada.*

Tinha que acontecer!

Que depois de morder o fruto oferecido, desejássemos o fruto proibido.

Que depois de nos termos amado no consentimento, nos amássemos na desobediência.

Isso significa que minha relação com Sémi não é mais esse parêntese programado para ser fechado a partir do exato instante em que o abrimos? Sim, ainda é, nada mais pode ser senão um parêntese, tanto para mim quanto para ela. Mas uma relação, para ser nobre, deve viver seu ciclo inteiro. Não apenas a idade adulta, mas também a infância e a adolescência, ainda que desordenadamente. E também precisa encontrar sua alquimia própria, sua própria mistura de razão e loucura, de fervor e desapego, de emoção e humor, de intimidade e distância, de fala e de carne.

Para os amantes, o principal é saber preservar a lembrança da relação como se fosse uma viagem que tivessem feito juntos.

As viagens não servem muitas vezes para construir amizades duradouras com estranhos que tivemos como companheiros? Deveríamos poder voltar das aventuras amorosas num estado de espírito semelhante. Não chego a propor que os amantes se vejam no aniversário do primeiro encontro para comemorar e recordar os momentos que passaram juntos. Mas deviam esforçar-se para superar a amargura da separação e guardar durante a vida inteira uma lembrança terna dessa "viagem".

Inclusive essa palavra se adéqua perfeitamente à situação na qual me encontro desde que voltei à minha terra natal. Estou numa viagem amorosa, tendo Sémi como companheira. Viagem pelo tempo, para dizer a verdade, muito mais que no espaço. Aparentemente, vim reatar laços com o país da minha juventude, mas nem tenho olhos para ele. Busco apenas os traços da minha juventude. Não me sensibilizam as coisas e pessoas que não conheci na minha vida anterior. Não quero aprender nada, reaprender nada, nem descobrir. Busco apenas reencontrar o que já me era familiar. Sim, busco os vestígios, os traços, o que restou. Qualquer coisa nova parece-me uma intrusão indesejada no meu sonho, uma espécie de insulto à minha memória, uma espécie de agressão.

Não me gabo de nada disso. Estaria até mesmo disposto a reconhecer que se trata de uma enfermidade. Mas é assim que vivencio esta viagem, desde o primeiro dia. Tudo que reconheço e identifico, aparece-me em cores; o resto, todo o resto, em cinza pálido.

Por isso, enquanto durar esta viagem, nenhuma mulher poderá ser mais desejável para mim que Sémi. Mas tenho certeza de que, assim que voltar a Paris, ela me parecerá de repente extremamente distante. E de que Dolorès voltará a ser onipresente na minha vida, ao passo que aqui preciso me esforçar para pensar nela.

5

Uma hora depois da inesperada aventura, Sémiramis telefonou a Adam para sugerir que voltassem à casa da viúva de Mourad. Ele aceitou com disposição, afinal precisava informar Tania do rápido encaminhamento de seus planos.

Os dois amantes não fizeram a menor alusão ao que acabava de acontecer entre eles. Nem pelo telefone, nem a caminho.

Desta vez, a viúva estava sozinha. Havia ao seu lado apenas uma outra mulher de negro, provavelmente uma vizinha, ou uma parenta, que se retirou no exato momento em que os dois entraram.

Tania explicou que a casa continuava cheia e que precisara recorrer a artifícios para que os últimos visitantes se fossem.

— Demorei para entender, mas aqui as condolências são uma maneira de vencer pelo cansaço. As pessoas de luto ficam tão cansadas que nem mais conseguem pensar na própria infelicidade.

— Se funciona, tanto melhor — observou Adam.

— Sim, funciona. Estou com as emoções anestesiadas. Vejo tudo, ouço tudo, mas não sinto mais nada.

Talvez ela estivesse cansada e "anestesiada", mas dava mais a impressão de estar exaltada, e sob efeito de um forte estimulante. Seus gestos eram um pouco bruscos, o sorriso se delineava e logo se apagava, um pouco mais depressa que de costume.

Ela estava sentada no pequeno salão de inverno onde ocorrera um dia a "vigília de despedida" de Naïm, quando estava para emigrar com a família. Fez menção de se levantar à chegada dos amigos, mas eles a impediram, como na visita anterior, e se inclinaram sucessivamente para beijá-la.

Depois Adam sentou-se ao lado dela. Num gesto fraterno, passou o braço pelos seus ombros. Ela deixou a cabeça cair para trás, fechou os olhos e não se mexeu mais. Sémiramis estava sentada numa poltrona na outra ponta da sala, como se quisesse deixá-los viver plenamente aquele momento de proximidade e reconciliação.

— Quando quiser deitar-se, é só dizer — murmurou Adam.

— Sim, é só dizer, nós somos da família — reforçou Sémiramis.

— Não estou com a menor vontade de dormir — respondeu a viúva, abrindo os olhos. — Sinto-me bem na companhia de vocês, estou feliz que tenham vindo.

Ela levantou a cabeça e olhou para ambos sucessivamente.

— Vocês dois parecem em forma.

Sémiramis assentiu com a cabeça, e um sorriso beatífico iluminou seu rosto.

Seu amigo sorriu da mesma maneira, dizendo:

— Sim, está tudo bem. Estou reencontrando o país, as pessoas...

— Você não conseguiu conversar com seu amigo — disse-lhe Tania —, mas não está arrependido de ter vindo, não é mesmo?

— Eu devia ter vindo há anos, mas sempre adiava. Com o seu telefonema, resolvi que era hora.

— E não está arrependido — insistiu ela.

Adam trocou um olhar furtivo com Sémiramis antes de responder:

— Não, não estou. De modo algum.

— Que bom — fez a viúva.

De novo ela repousou a cabeça para trás, no braço do visitante, mas imediatamente a levantou e olhou para ele, depois para ela, e para ele, e de novo para ela; e afinal soltou:

— Vocês dois, meus queridos, estão dormindo juntos.

— Mas o que é que está dizendo? — protestou Sémiramis, fazendo força para rir.

Mas Tania a olhava bem nos olhos.

— Diga que estou equivocada, e eu acreditarei.

Não era uma promessa, mas um desafio. A "castelã" não sabia muito bem como reagir. Mas aqueles momentos de hesitação eram pura e simplesmente uma confissão. Ela acabou respondendo com uma pergunta:

— E se você não estivesse equivocada?

— Neste caso, eu diria: aproveitem! Os momentos que deixarem passar não poderão ser recuperados. Nós dois passamos a vida dizendo um ao outro: um dia iremos a Veneza, um dia iremos a Pequim visitar a Cidade Proibida. No fim das contas, não fomos a lugar nenhum. Passamos a vida inteira pensando: Depois! Depois! Quando isto estiver resolvido! Quando tal pagamento entrar! Quando passar tal data! Quando nossa casa for esvaziada... Depois, ele contraiu aquela droga de doença, e não tivemos mais um único momento de alegria.

"Então é que eu digo: Não façam como eu! Aproveitem cada momento! Não se afastem da felicidade a este ou aquele pretexto! Aproveitem! Deem as mãos e não as soltem mais!"

— Sem querer decepcioná-la — disse Sémiramis —, Adam e eu não estamos pensando em casar.

— Quem falou em casamento? — disse Tania.

Mas logo se contradisse, acrescentando:

— E por que não? O que os impede?

— O que nos impede é que eu não tenho a menor vontade de casar, nem ele. Queremos apenas estar juntos e nos dar as mãos de vez em quando, lembrando da época da faculdade.

— Como você é forte, Sémi! Eu admiro você.

— Não me admire, Tania! Se eu fosse forte, teria deixado minha família e seguido a carreira dos meus sonhos. Aos 20 anos é que eu devia ter sacudido as tradições, e não hoje!

— Não seja tão rigorosa consigo mesma! Aos 20 anos você já era a mais corajosa de todas nós. O que nós fazíamos às escondidas, você fazia à luz do dia.

— Não deu certo. Ele morreu...

— Quanto a isso, nada podemos fazer, nem você nem eu. Nós os amamos, e eles morrem. Por mais que tentemos retê-los, eles nos escapam por entre os dedos, se vão, morrem.

Minutos depois, os três amigos se encaminhavam para a sala de jantar.

— Temos apenas as sobras do almoço — desculpou-se a dona da casa.

Mas os convidados sabiam que ainda haveria muita coisa na mesa e responderam às desculpas habituais com os protestos habituais.

Assim que se sentaram, Adam anunciou a Tania, não sem certo orgulho, que a reunião desejada por ela efetivamente ocorreria, e muito antes que previsto.

— Naïm e Albert já estão a caminho, e Ramez prometeu que virá com a mulher quando nos encontrarmos. Ou seja, no fim da próxima semana, o mais tardar!

Ela se mostrou encantada e agradeceu calorosamente. Pela primeira vez em anos, ele teve a sensação de reencontrar, na voz e no olhar, a Tania de outros tempos, a amiga, a "irmã amorosa". Mas esse momento de alegria intensa e gratidão seria passageiro. Rapidamente o olhar da viúva escureceu.

— Você acha que eles vão falar bem do seu amigo? — preocupou-se.

— Sim, Tania, fique tranquila! Eles sabem que foi você que propôs o encontro, sabem que é por causa da morte. Se decidiram vir, é porque sentem saudade dos nossos encontros daquela época. Não precisa ficar ansiosa.

Mas era evidente que ela estava. Não conseguia evitar.

— Eu gostaria tanto que fossem justos com ele! Se nos estiver observando, ouvindo, queria que ele sentisse que os amigos ainda o têm no seu afeto. Ele sofreu tanto nos últimos anos!

Ela se referia ao seu sofrimento moral, causado pela reprovação dos amigos — a começar por Adam? Ou ao sofrimento físico, decorrente da doença que o consumia? Não ficava claro pelo que dizia, e provavelmente tampouco estava

claro para ela. Os dois sofrimentos convergiam e se alimentavam mutuamente.

— Você não precisa temer nada, todos eles virão como amigos — insistiu o visitante. — Cada um de nós tem seus próprios remorsos, e ninguém vai atirar a primeira pedra.

— Ou então voarão pedras em todas as direções ao mesmo tempo — previu Sémiramis.

Ela parecia mais divertida que preocupada com essa perspectiva.

No caminho de volta, os dois amigos seguiram em silêncio por alguns minutos, até que Adam disse, com um suspiro que estava preso havia muito tempo:

— Tania ainda estava um pouco insistente esta noite, não acha?

Sémiramis assentiu com a cabeça, sem dizer nada. Adam prosseguiu:

— Você que conhece melhor que eu as regras de etiqueta, por quanto tempo ainda precisamos tolerar suas oscilações de humor por causa do luto?

A amiga limitou-se a sorrir, com um gesto de impotência. E ele mesmo acabou respondendo a própria pergunta.

— Para mim, ela acabou de esgotar seu crédito. Da próxima vez que nos falar como esta noite, não vou poupá-la. Direi exatamente o que penso, dela e do seu marido.

— Que Deus o tenha!

— Que Deus o tenha, sim! Mas foi a voz dele que tive a impressão de ouvir esta noite. Antigamente, Tania era sutil, discreta, comedida. O marido é que costumava fazer essas grosserias.

— Em trinta anos, ele teve tempo bastante para influenciá-la.

— Mas, por outro lado, Mourad tinha um certo jeito de dizer as coisas, mesmo as piores... Não podíamos ficar com muita raiva dele. Com ela, é diferente. O que ela disse a nosso respeito foi tão deslocado, tão pesado! Tive vontade de lhe dar um tapa.

— Ora, deixe pra lá! Se ela quer nos acusar de dormir juntos, desde que não o

faça em praça pública, não estou nem aí! Na minha idade, depois de tudo que passei, juro que não me afeta mais. Acho graça, como se estivesse ouvindo fofocas sobre uma desconhecida. Uma vez, uma amiga me telefonou para dizer que Fulana tinha comentado num salão que eu tinha vários amantes. Eu respondi: "Mais vale ter fama de abundância que de escassez."

— Você provavelmente tem razão de encarar as coisas assim. Mas o fato é que a mudança de Tania é uma das grandes decepções para mim, desde que voltei ao país. Eu achava que reencontraria a amiga de outros tempos, que esqueceríamos as recriminações herdadas da guerra, para voltar a ser como irmão e irmã. Sobretudo levando em conta que voltei a pedido dela!

Eles prosseguiram algumas dezenas de segundos num silêncio cheio de cumplicidade, até que Sémi disse, à guisa de explicação:

— Em todos esses anos, Mourad devia estar completamente voltado para suas lutas políticas, seus negócios, e não devia pensar muito nos amigos daquela época. Ao passo que a mulher não fazia outra coisa senão remoer as velhas brigas...

— Além do mais — emendou Adam, como se compartilhasse a mesma reflexão —, Mourad sabia perfeitamente que tinha cometido uma transgressão, e que eu tinha razão de condená-lo. Ao passo que Tania devia estar convencida de que eu era injusto com ele. Devia ter mais raiva ainda de mim que o próprio marido.

Ele se calou por um momento, e então prosseguiu:

— Eu tive uma sensação estranha na manhã em que eles me telefonaram para pedir que viesse. Tudo estava meio confuso, e naquele momento eu não me dei conta realmente. Tinha a impressão de que Mourad se considerava em falta, de que sentia necessidade de se justificar perante mim antes de partir. Caso contrário, por que gastaria seu último suspiro para falar comigo, ao passo que Tania só queria me fazer sentir culpado?

— A julgar pelo que sei dos dois, tenho certeza de que sua impressão está certa. No nosso país, muitas vezes as mulheres dão muito mais importância às

disputas de clã que os maridos.

— Ou que os filhos. Mourad disse-me um dia que quando brigava com alguém, evitava dizê-lo à mãe, pois ela ficava com tanta raiva da pessoa que qualquer reconciliação se tornava impossível. Imagino que Tania deve ter-se comportado em relação a mim do mesmo jeito que a sogra.

— Tia Aïda...

— Tia Aïda, sim. Eu até que a achava simpática. Suponho que não está mais neste mundo...

Sémiramis limitou-se a cair na risada. O amigo olhou para ela desconfiado, em tom de censura. Ela levou um bom minuto até se recompor.

— Desculpe! Não consegui evitar. Mas a história não tem nada de divertido, é horrível.

— Então conte! — disse Adam, franzindo as sobrancelhas.

Era evidente que morria de curiosidade.

— A tia Aïda morreu há sete ou oito anos. Não estava muito velha, mas sofria de senilidade precoce. Em seus últimos meses, não reconhecia mais ninguém, e para a família era muito doloroso. Disseram-me que ela passava o dia inteiro numa cadeira de balanço. Fisicamente, estava bem, mas a cabeça não funcionava mais. Um belo dia, inventou uma mania. Dizia: "Quero ir à montanha." Mourad e Tania a levaram, e no dia seguinte ela disse: "Quero ir à cidade." E eles a levaram de novo na outra direção... No início, aceitavam a coisa como se estivessem fazendo as últimas vontades de um moribundo. Mas aquilo se repetiu uma dezena de vezes, e eles já estavam exaustos, quando o médico disse: "No estado em que se encontra, ela não sabe mais onde está, e é totalmente incapaz de ver a diferença entre um lugar e outro. Da próxima vez que pedir para sair de onde está, basta girar a cadeira duas ou três vezes sobre o eixo, e depois dizer: Já chegamos." E foi exatamente o que aconteceu. Quando ela pedia para sair de onde estava, eles a faziam rodar e então diziam: "Estamos na cidade" ou "Estamos na montanha". E ela ficava satisfeita.

"Passados alguns meses, a infeliz morreu. Eu fui dar os pêsames. Sentei no

salão ao lado de Tania, e para puxar conversa perguntei-lhe ao pé do ouvido: "Sua sogra morreu na cidade ou na montanha?" Tania deu uma gargalhada, e foi uma vergonha. Mourad ficou com raiva dela, e os dois, de mim. Mas eu juro que não conhecia a história da cadeira de balanço, nem sabia do problema de saúde enfrentado por Aïda. Quase nunca os via, não tinha mais um relacionamento com eles, apenas lera o aviso fúnebre num jornal e fora dar os pêsames. Mas até o fim da vida Mourad teve certeza de que eu havia feito uma piada de mau gosto no enterro da mãe. Acho que nunca me perdoou.

Ela voltou-se para seu passageiro. Adam ostentava uma expressão dubitativa.

— Não está acreditando, não é? Acha que eu fiz de propósito. Acha realmente que eu seria capaz de uma tal grosseria? Quer que eu jure mais uma vez sobre o túmulo do meu pai?

— Não, não precisa — retrucou ele, enigmático. — Eu lhe concedo o benefício da dúvida.

Décimo primeiro dia

1

Decidi ir hoje ao encontro do irmão Basile, anotou Adam em seu caderno, na segunda-feira, 30 de abril, no momento em que abriu os olhos. *A partir de amanhã, meus outros amigos começam a chegar, e não terei mais chance de passar um dia e uma noite em sua companhia.*

Sémi ofereceu-se ontem para me levar, como da última vez. Mas eu recusei terminantemente. Ainda não me conformo de tê-la deixado fazer uma viagem de quatro horas naquele dia, e sobretudo de tê-la feito esperar quase duas horas e meia num terreno baldio debaixo do sol. Ela não insistiu, mas exigiu que eu fizesse a viagem no seu carro com ar-condicionado, dirigido pelo motorista do hotel, aquele mesmo que me levou à casa de Tania na noite do enterro, e que vem a ser irmão de Francis, nosso encarregado do champanhe.

Mais tarde, nesse mesmo dia, Adam redigiu um relato detalhado da sua segunda visita ao Mosteiro das Grutas.

O tal Kiwan mostrou-se tão cortês e amável quanto da última vez, com uma forma agradável de dirigir. Ele fez as dezenas de curvas suavemente, o que foi bastante apreciável. Seu único defeito era, toda vez que me dirigia a palavra, achar necessário, por polidez, voltar-se para mim e, portanto, desviar a atenção da estrada — por um breve momento, é verdade, mas não chegava a ser tranquilizador.

Trouxe comigo apenas uma mala pequena — daquelas que, na Paris dos anos 1920, eram conhecidas como "trepada na cidade", expressão no mínimo inadequada em se tratando de uma noite num local de oração e recolhimento. Consegui enfiar nela meu computador portátil, minha nécessaire, duas camisas, duas cuecas, um pulôver, e até, para presentear meus anfitriões, os monges, uma garrafa de Bénédictine, comprada na véspera numa adega da capital.

Cheguei no início da tarde. O mesmo gigante veio abrir a porta. Procurei me informar e soube então que não tinha me enganado: trata-se efetivamente de um abissínio. Na minha visita anterior, ele fora apenas polido, com uma ponta de desconfiança debaixo da barba grisalha. Desta vez, mostrou-se afável. Ficou evidente para mim que nesse intervalo o irmão Basile lhe disse que eu era um amigo chegado e que voltaria a visitá-los. Além do mais, o fato de eu ter chegado com bagagem conferiu-me a seus olhos um status bem diferente — talvez o de um futuro morador.

Meu amigo veio pessoalmente receber-me alguns segundos depois. Insistiu em carregar minha mala, pedindo que o seguisse. Trouxe-me diretamente à cela onde escrevo estas linhas. Naturalmente, ela é minúscula e espartana — só uma cama estreita, uma mesa, uma cadeira, um abajur, uma ducha, um armário; o piso é nu, e a única janela é alta demais para contemplar a paisagem.

— Nada luxuoso — disse-me Ramzi, como que se desculpando.

— Com certeza, mas aqui se respira serenidade, e tenho certeza de que vou me sentir muito bem.

Eu não respondera assim apenas para lhe ser agradável. Esse despojamento me agrada. Não chego a dizer que seria capaz de passar o resto dos meus dias neste lugar; certamente acabaria sentindo outras necessidades, outros desejos, uma certa impaciência. Mas por uma noite, e mesmo uma ou duas semanas,

não temo as privações nem a solidão.

Para dizer a verdade, eu poderia ter sido monge. Se nunca pensei seriamente na possibilidade não foi tanto por causa do modo de vida, que é diferente do meu, mas ao qual poderia me adaptar; mas por causa da própria religião. Minha atitude em relação a ela sempre foi confusa e ambivalente, até onde vão minhas lembranças.

Não sinto espontaneamente qualquer hostilidade em relação aos sinais de fé. Na minha cela, há um pequeno crucifixo de madeira polida, negro e sóbrio, pendurado à minha frente na parede. Sua presença é suave, não me pesa de maneira alguma, e antes me reconforta. Mas não me impedirá de escrever neste caderno, em letras redondas: não sou adepto de nenhuma religião e não sinto necessidade de me tornar.

Minha posição a respeito é ainda mais desconfortável na medida em que tampouco me sinto ateu. Não consigo acreditar que o Céu seja vazio, e que depois da morte haja apenas o nada. Que existe no além? Não sei. Existe alguma coisa? Não sei. Espero que sim, mas não posso dizer; e desconfio dos que alegam saber, sejam religiosas ou ateias as suas certezas.

Fico entre a crença e a descrença, assim como vivo entre minhas duas pátrias, acariciando uma, acariciando a outra, sem pertencer a nenhuma delas. Minha descrença é maior que nunca quando ouço o sermão de um religioso; a cada exortação, a cada citação de livros santos, meu espírito se rebela, minha atenção foge para longe, meus lábios murmuram imprecações. Mas quando compareço a um enterro laico, sinto um frio na alma, e me vem a vontade de cantarolar cantos sírios, ou bizantinos, ou mesmo o velho "Tantum ergo" que dizem ter sido composto por Tomás de Aquino.

É esse o caminho errante que percorro em matéria de religião. Naturalmente, vou por ele sozinho, sem seguir ninguém nem convidar ninguém a me seguir.

Irmão Basile veio abrir timidamente a porta da minha cela, que não tem trinco nem fechadura.

— Desculpe, eu não bati, não queria acordá-lo se estivesse dormindo.

Eu não estava dormindo. Estava deitado na cama estreita, tomando minhas notas.

— Vamos à capela para o serviço. Se quiser, virei buscá-lo quando terminarmos.

— Não, eu não vim ao mosteiro para escrever nem para dormir, mas para ficar com você. Vou acompanhá-lo, faço questão.

Caminhando atrás do meu amigo, eu olhava ao redor para explorar a arquitetura local. Minha cela dá para um corredor de cujos lados se alinham oito portas idênticas. Uma ala muito recente, provavelmente construída por Ramzi. Suponho que os monges de antigamente dispunham de celas ainda mais exíguas, e muito menos confortáveis. Sem ducha, com certeza. E sem tomada elétrica.

No fim do corredor, um outro corredor, mais escuro, levando a uma porta de dimensões incomuns; baixa, mas larga, arredondada no alto e nos lados, ela parece atarracada, como um tonel. Só depois que meu amigo e eu a transpusemos é que entendi que estávamos agora no coração do penhasco. As paredes são talhadas na rocha, por sinal de maneira grosseira, como se tivessem tido a pretensão de abrir uma cavidade sem tentar modelar paredes. Só o piso é nivelado, e mesmo lajeado; mas é evidente que se trata de uma reforma recente.

Os monges estavam lá, em bancos sem encosto. Contei oito, incluindo meu amigo. Eu fiquei na última fileira. Irmão Basile dirigiu-se a um púlpito instalado em frente. Tirou do bolso um missal e o abriu para começar a ler. Os outros imediatamente se levantaram para recitar as orações com ele.

Eles são de todas as idades e todos os tamanhos. À parte meu amigo, todos são barbudos e todos, sem exceção, vistos por trás, apresentam calvície, às vezes só no alto do crânio, às vezes integral. De alguns, mal se ouve a voz. Eu me mantive calado. De qualquer maneira, não conhecia as orações; e mais tarde, quando eles cantaram, não conhecia os cantos. Mas me levantei sempre

que eles se levantaram.

Eu sempre tive um fraco pelos lugares de culto, mesmo sendo indiferente a ele. E nessa velha capela troglodita, senti um afeto fraterno por aqueles desconhecidos em oração. Não creio que nos dias de hoje um homem optasse por viver num mosteiro se não fosse movido por sentimentos nobres.

É certamente o caso de irmão Basile. Eu o observei com ternura enquanto folheava seu breviário em busca da página adequada. Eram incertos os gestos desse meu amigo engenheiro que se tornou monge. Tantos homens passam da inocência ao cinismo ao crescer; é raro acontecer o caminho inverso. Só tenho estima pelo seu itinerário, e também por sua opção de vida. Ainda que tivesse influência sobre ele, com certeza não tentaria trazê-lo de volta à vida anterior, para começar de novo a construir palácios, edifícios, prisões ou bases militares.

No fim do serviço, fiquei no meu lugar, de pé. Ao saírem, os monges me saudaram um após o outro com um sinal da cabeça, acompanhado de um sorriso. Meu amigo foi o último a sair. Gesticulou para que o seguisse.

— Fico feliz que você tenha permanecido, mas não se sinta obrigado a assistir a todos os serviços. Eu queria apenas que você tivesse uma ideia da maneira como se passam nossos dias. A oração de certa forma é o nosso relógio, tocando de três em três horas.

— Inclusive à noite?

— Teoricamente, sim, mesmo em plena noite. Antigamente, era a regra. Havia oito serviços nas 24 horas. Mas agora temos apenas sete.

— Estão relaxando! — permitiu-se comentar o infiel que há em mim.

Meu amigo sorriu.

— Nossa posição, que é também a da Igreja, é que não devemos nos torturar inutilmente. "Sim ao monasticismo, não ao masoquismo" — disse ele, em francês. E voltou a nossa língua comum, o árabe, para dizer, pousando a mão afetuosamente no meu ombro: — Você nunca se interessou por esse universo, creio eu.

Tive de reconhecer que, de fato, era um ignorante naquela matéria. Mas não completamente, na realidade. Tendo estudado o mundo romano e bizantino, necessariamente aprendi em que momento e em quais circunstâncias foram fundadas as primeiras ordens monásticas. Mas é verdade que nunca me interessei de perto pela evolução de suas normas, nem por sua vida cotidiana.

— Há muito tempo desistimos de nos torturar — explicou meu amigo. — É possível levar uma vida de asceta sem congelar no inverno e sem se privar do sono reparador. Em compensação, os serviços religiosos que pontuam nossos dias são insubstituíveis. Não se trata de ficar repetindo orações decoradas, como imaginam os profanos. A questão é estarmos constantemente nos lembrando dos motivos pelos quais estamos aqui. Aqui, no mosteiro, e aqui, na Terra. E também de dividir nossas 24 horas em diferentes etapas, cada uma com sua coloração própria.

"Antes, meus dias transcorriam entre uma reunião e outra. As semanas se sucediam, e depois os meses, os anos... Hoje, o meu dia tem sete etapas. De três em três horas, eu me detenho, me recolho, e depois mergulho numa atividade completamente diferente: espiritual, intelectual, mas também agrícola, artística, social e até culinária ou esportiva."

Eu quase retruquei que era por ter trabalhado a vida inteira, por ter construído palácios e ganhado muito dinheiro, que ele podia agora dedicar-se a essa outra maneira de ser; que esse emprego do tempo só é possível quando abrimos mão de cuidar de uma família e não precisamos trabalhar para viver. Mas não vim aqui para argumentar com ele, vim para ouvi-lo, para observar sua vida cotidiana, para entender sua transformação e restabelecer vínculos que se tinham afrouxado.

Quando seu sócio, Ramez, foi visitá-lo no ano passado, Ramzi sentiu-se na obrigação de lembrar-lhe que não tinha sido encarcerado, e que fora viver num mosteiro por livre e espontânea vontade. É fato que às vezes tendemos, quando um homem se afasta dos caminhos habituais, a tratá-lo como se

estivesse sofrendo, vítima de um carcereiro, de um manipulador ou dos seus próprios desvarios. Nosso amigo merece ser tratado de outra maneira. Seu caminho deve ser respeitado. Ele não é um iluminado, nem um ingênuo digno de pena. É um homem ponderado, instruído, íntegro e trabalhador. Se aos 50 anos — depois de ter percorrido o mundo, negociado com empresários sem escrúpulos, manuseado fortunas e construído no seu terreno de atividade um verdadeiro império — ele decidiu deixar tudo para se retirar num mosteiro, o mínimo que podemos fazer é nos perguntar, com humildade, por que agiu assim. Suas motivações certamente não são sórdidas. Ele merece ser ouvido, sem desrespeito nem cinismo.

2

30 de abril, continuação

Exatamente às sete horas fomos para o refeitório. Na sala caberiam umas quarenta pessoas, mas somos apenas nove, os oito monges e eu, todos sentados à mesma mesa de madeira nua. Duas mesas semelhantes ficaram vazias, e numa outra, encostada na parede, estavam os pratos, uma enorme bandeja oval, uma sopeira, vinho em garrafa, pão redondo cortado e uma jarra d'água.

— É uma mulher da aldeia que nos prepara as refeições — explicou-me Ramzi. — Quando nos estabelecemos numa aldeia, é melhor não dar a impressão de viver em isolamento e de não precisar de ninguém. Caso contrário, logo vamos arranjar inimigos e má fama.

"As pessoas manifestam curiosidade, necessariamente, e uma certa desconfiança quando ficam sabendo que estranhos vieram estabelecer-se perto delas. Numa aldeia, a fábrica de boatos entra rapidamente em funcionamento. O fato de essa brava mulher, Olga, ter as chaves do mosteiro, de vir aqui de vez em quando com o marido, ou a filha, ou a irmã, ou uma vizinha, muda tudo. É ela também que faz as compras para nós. É preciso que as pessoas que vivem nas imediações — os fazendeiros, o merceeiro, o padeiro, o açougueiro — considerem que nossa presença é uma bênção, e não apenas porque rezamos por eles.

"Eu já aplicava este princípio na época em que tocava obras públicas. Quando chegávamos a uma cidade pequena, os responsáveis pelo projeto às

vezes tentavam me explicar que seria mais prático e menos oneroso se levássemos tudo conosco. E eu sempre dizia: 'Não!' A gente vai ao mercado, compra tudo de que precisa e não discute os preços! As pessoas precisam nos considerar uma bênção, e lamentar sinceramente no dia em que formos embora."

— E os habitantes locais às vezes vêm à missa?

— Nós não rezamos missa, aqui ninguém é padre. Nós é que vamos domingo à igreja da aldeia. Mas se alguém quiser orar conosco, pode vir, como você, nossa porta não está trancada.

Nos primeiros minutos da refeição, irmão Basile e eu éramos os únicos que falávamos. Eu fazia minhas perguntas, ele respondia; as sete outras pessoas à mesa limitavam-se a comer, ouvir e balançar a cabeça de vez em quando para aprovar ou confirmar. A cozinheira tinha feito arroz branco com um guisado de quiabo. Todos os monges encheram fartamente seus pratos. Vários, inclusive, repetiram.

Longos minutos de silêncio se passaram até que eu me decidisse a perguntar, sem me dirigir mais especificamente a este ou aquele:

— Vocês todos chegaram ao mosteiro juntos?

Minha pergunta era apenas um pretexto para fazê-los falar. A um primeiro olhar, eu constatara que nem todos eram originários do mesmo país, nem do mesmo meio, e que não tinham ido parar ali por motivos idênticos. Eu só conhecia a história de um deles — e ainda assim, de forma muito incompleta. Dos outros, nada sabia.

A um sinal do meu amigo, eles começaram a se apresentar sucessivamente, na ordem em que estavam sentados. Quatro dos nomes evidentemente eram pseudônimos, como nas máscaras dos atores nas tragédias antigas: "Chrysostome", "Hormisdas", "Ignatius", "Nicéphore". Os outros eram mais comuns: Emile, Thomas, Habib e Basile; mas a julgar pelo que eu sabia deste último, também seriam provavelmente pseudônimos. Romper com a vida

anterior deve ter representado para esses homens um segundo batismo, e é normal que tenham desejado envergar uma roupa nova ao sair da água.

Mas se de fato quiseram mudar de nome, não é certo que tenham pretendido mudar de identidade. Muito pelo contrário. Eu diria até que, ao enevoar sua identidade individual, eles tentaram, isto sim, chamar a atenção para sua identidade coletiva — a de cristãos do Oriente. Não me escapara que meu amigo trocara um nome neutro do ponto de vista religioso por um nome de forte conotação, proveniente de um doutor da Igreja. Curiosamente, em minha visita anterior, ao me explicar os motivos de ter renunciado à vida civil, irmão Basile se abstivera — conscientemente ou não — de mencionar os problemas específicos que tinha enfrentado pelo fato de pertencer a uma comunidade minoritária.

Esse silêncio não me causou espanto, eu mesmo o pratico. Alguém que pertença a uma minoria prefere ocultar sua diferença em vez de chamar a atenção para ela ou ostentá-la como bandeira. Só se revela quando é acuado — o que, por sinal, sempre acaba acontecendo. Basta às vezes uma palavra ou um olhar para que, de repente, ele se sinta estranho numa terra em que, no entanto, seus antepassados viveram durante séculos, há milênios, muito antes de terem aparecido as comunidades hoje dominantes. Ante essa realidade, cada um reage de acordo com seu temperamento — com timidez, ressentimento, servilismo ou elegância.

— Nossos antepassados eram cristãos quando a Europa ainda era pagã, e falavam árabe muito antes do Islã — disse eu certo dia a um correligionário, com certa jactância.

Ele retrucou, cruelmente:

— Bela frase, não a esqueça! Daria um belo epitáfio em nossos túmulos."

Naturalmente, os monges, embora não falassem espontaneamente a respeito, sempre tinham em mente sua condição de minoritários. A coisa viria a se manifestar aos poucos em suas falas posteriores.

A convite de irmão Basile, eles começaram então a se apresentar sucessivamente, mencionando seus nomes religiosos, o local de nascimento — de Tiro a Mossul, de Haifa a Alepo, e até mesmo Gondar; as idades — de 28 a 64 anos; e também as profissões originais — além do meu amigo, há entre eles um outro engenheiro civil, um geômetra-topógrafo, um médico, um agrônomo, um pedreiro, um jardineiro-paisagista e até um militar reformado. Nenhum deles contou-me espontaneamente sua trajetória nem tentou me explicar por que fora parar ali. Mas algo no relato de cada um traía implicitamente o drama que o levara a se retirar do mundo para orar.

Esse drama transparecia especialmente quando eles mencionavam seus lugares de origem. O que me levou a perguntar, ao fim do percurso ao redor da mesa:

— E vocês consideram que há futuro para as comunidades onde nasceram?

Minha pergunta não tinha uma relação direta com o que eles acabavam de dizer, mas nenhum deles me deu a impressão de ter ficado surpreso.

— Eu oro, mas não tenho esperança.

Quem se manifestava era Chrysostome, e sua fala continha uma revolta. Contra os homens, mas também contra o Céu. Os outros voltaram-se para ele, mais tristes que escandalizados. Todos tinham a mesma queixa contra seu Criador, uma queixa já formulada por aquele que é seu guia, o Filho, o Crucificado, ele que na hora do suplício perguntou a seu Deus: "Por que me abandonaste?"

Por algum motivo que não entendo, senti de repente vontade de acuar os companheiros de Ramzi, e me ouvi pronunciando em voz alta as palavras do Cristo desamparado:

"Eli, Eli, lamá sabactâni?"

Eu as disse com forte entonação interrogativa, como se de fato estivesse fazendo a pergunta, senão ao Criador, pelo menos a seus monges. Eles também pareciam desamparados; o fato de terem ouvido tais palavras da boca de um estranho de certa forma os havia mergulhado no clima da Sexta-Feira Santa.

Eles pararam de comer. Ficaram calados, acabrunhados e mudos.

Vendo-os assim, senti uma certa vergonha. Não cabia a mim, o visitante profano, monge de uma só noite, provocar tais reações. Mas eu não estava brincando. Essas palavras de Jesus sempre me pareceram espantosas. Os Evangelhos contêm muitos elementos que aos olhos de um historiador cético, como eu, parecem convencionais por demais para serem verdadeiros. Pela mentalidade da época, os apóstolos tinham de ser doze — como os doze meses do ano, as doze tribos de Israel, os doze deuses do Olimpo; e Jesus devia morrer aos 33 anos — a idade emblemática em que morrera Alexandre. Ele não podia ter irmão nem irmã, mulher nem filho, e tinha de nascer de uma virgem. Muitos episódios são evidentemente enfeitados, e talvez tomados de empréstimo a lendas anteriores, para que o mito fique de acordo com as expectativas dos fiéis... E de repente, esse grito de dor: "Eli, Eli, lamá sabactâni?" O ser divinizado torna-se homem novamente, um homem frágil, amedrontado, trêmulo. Um homem que duvida. A frase soa verdadeira. Não é preciso ter fé, basta ter boa-fé para constatar que ela não foi inventada, nem tomada de empréstimo, nem adaptada, nem mesmo enfeitada.

Para mim, os milagres não representam nada, e as parábolas são superestimadas. A grandeza do cristianismo está no fato de venerar um homem fraco, ridicularizado, perseguido, supliciado, que se recusou a lapidar a mulher adúltera, fez o elogio do samaritano herético e não estava absolutamente certo da misericórdia do Céu.

No fim das contas, foi irmão Basile que rompeu o silêncio para responder à minha pergunta:

— Se todos os homens são mortais, nós, cristãos do Oriente, o somos duplamente. Uma vez como indivíduos, e foi o Céu que o decretou; e uma vez como comunidades, como civilização, e com isto o Céu nada tem a ver, a culpa é dos homens.

Ele se dispunha, creio, a dizer muito mais. Mas não o fez. Calou-se

repentinamente. Tive inclusive a sensação de que lamentava o pouco que lhe havia escapado. Levantou-se então para se servir de frutas; os outros monges o seguiram, e eu também.

Seria o caso de voltar ao assunto esta mesma noite? Não. Esses homens estão acostumados a fazer as refeições em silêncio, e minha intrusão no seu universo já os perturbou suficientemente. Amanhã pela manhã, se houver oportunidade, voltarei ao assunto com Ramzi, entre nós dois apenas, quando formos perambular pelo seu labirinto.

Eu não disse mais uma palavra. Fiquei lentamente descascando e depois cortando e mordendo uma grande maçã fria. Quando eles levantaram da mesa para uma breve oração de agradecimento, levantei-me com eles. Em seguida, voltei a minha cela para escrever estas linhas antes de dormir.

Décimo segundo dia

1

Terça-feira, 1o. de maio

De manhã, quando irmão Basile veio me buscar para irmos juntos ao labirinto, o sol ainda estava por trás das montanhas, mas a claridade tomava conta de tudo.

— É a esta hora que distinguimos melhor as pedras negras e as brancas — explicou meu amigo quando nos aproximamos do local, falando em voz baixa, como se estivéssemos numa capela.

Ele se posicionou num local preciso junto ao labirinto, e então deu um passo adiante, como se fosse atravessar um umbral, como se houvesse ali claramente uma porta de entrada.

Eu o seguia com os olhos. Ele caminhava a passos muito lentos. Sua cabeça, inicialmente baixa, levantou-se aos poucos até ficar ereta, permitindo-lhe enxergar ao longe.

Ele nada me dissera do que eu devia fazer, nem me fez qualquer sinal. Mas eu acabei entendendo que devia segui-lo, passando pela "porta" invisível, em vez de pular os "muros" invisíveis.

O percurso desenhado no chão não era sinuoso demais, nem o caminho traçado pelas pedras brancas era excessivamente estreito, mas de qualquer maneira eu devia direcionar uma certa atenção para os meus passos, para não "sair dos eixos". O que, por sinal, fui capaz de fazer sem grande esforço. Parece-me que o espírito humano — pelo menos o meu — aceita esse jogo com

a mesma docilidade que no teatro, quando por exemplo um jovem ator senta-se numa cadeira de junco e querem que a gente acredite que se trata de um velho rei em seu trono.

Não demorou para que eu esquecesse o labirinto pelo qual perambulava, deixando de seguir irmão Basile com os olhos e sentindo apenas o frescor do ar. Desliguei-me da paisagem, como se estivesse sob efeito de um cozimento preparado por Santa Maria Joana. Meus pensamentos desvincularam-se do lugar e da hora, fixando-se numa pergunta que, de repente, pareceu-me a única importante: "Qual o verdadeiro motivo da minha volta a este país amado cujo nome receio escrever, tanto quanto Tania teme pronunciar o nome do homem de que agora é viúva?"

E uma estranha resposta impôs-se a mim, tão cristalina em seu enunciado quanto opaca em seu significado: "Eu voltei apenas para colher flores." E me pareceu que o gesto de colher uma flor e juntá-la ao buquê que já se tem na mão, e mesmo apertado contra o coração, é o mais belo e mais cruel ao mesmo tempo, pois presta homenagem à flor ao mesmo tempo que lhe traz a morte.

Por que essa imagem? Naquele momento, eu não seria capaz de dizê-lo, e agora que escrevo estas linhas, sete ou oito horas depois, ainda não estou certo de nada. Haveria ali alguma apreensão, um sentimento de culpa ligado à revelação de tantas coisas íntimas sobre meus amigos, sobre meu país e sobre mim mesmo? Para os mais próximos, o memorialista é um traidor, ou pelo menos um coveiro. Todas as palavras afetuosas que saem da minha pena são beijos mortais.

Mas, percorrendo aquele labirinto, eu também sentia serenidade; um sentimento de invencibilidade que, curiosamente, era acompanhado de humildade, e não de arrogância; e sobretudo um desejo de silêncio.

Eu subira até ali com a intenção de dar prosseguimento ao interrogatório de irmão Basile sobre os cristãos do Oriente, sobre suas crenças pessoais, sua visão de mundo, sua vida anterior, sua "virada" e sobre Ramez. Mas ao deixar

o labirinto, estava num estado de espírito completamente diferente. Se esse percurso favorece a contemplação, é em detrimento de qualquer troca com os semelhantes. Eu não tinha mais vontade de falar, e muito menos de ouvir. Meu amigo necessariamente o sabia, e se eximiu de qualquer intromissão no meu recolhimento.

Só bem mais tarde, ao se aproximar a hora combinada com o motorista do hotel para que fosse buscar-me, é que senti necessidade de falar a Ramzi do reencontro que estou organizando, perguntando se estaria disposto a se juntar a nós. Tomei o cuidado de dizer que seria um momento de meditação sobre nossas vidas, sobre os rumos tomados pelo mundo, e que lhe pediria que abrisse a reunião com uma breve oração ecumênica em intenção da alma de Mourad. Ele assentiu enigmaticamente com a cabeça, sem me fazer qualquer pergunta. Eu voltei a falar, enumerando aqueles que eram esperados e dizendo que o encontro poderia ocorrer no sábado seguinte, por volta do meio-dia. Até então, eu não tinha em mente ainda um momento tão preciso. Mas enquanto conversava com irmão Basile, ficou evidente para mim que não devia deixá-lo sem ter estabelecido o dia e a hora. Ele se limitou a responder que eu havia tomado uma boa iniciativa, e que não estava excluído que ele se juntasse a nós. Fiquei feliz com sua reação, por mais vaga que fosse, e senti que era melhor ficar por ali mesmo, sem tentar obter dele um comprometimento mais claro.

De volta, mantive-me calado, trocando com Kiwan apenas as palavras exigidas pela cortesia. E, ao chegar ao hotel, não telefonei a Sémi. Fechei-me no quarto para fazer estas anotações.

A amiga de Adam, de fato, esperava que ele contasse os detalhes de sua visita ao mosteiro, como fizera da vez anterior. Mas era evidente que ele não estava com vontade. Nem ela desejava forçá-lo. Portanto, evitou até lhe telefonar, como

costumava fazer, para perguntar se queria fazer sua refeição, temendo que pudesse parecer uma solicitação indireta.

Com isso, ele acabou não almoçando nesse dia. Depois de escrever alguns parágrafos e beliscar as frutas que havia no quarto, ele resvalou para o sono. E só acordou quando Sémiramis veio bater à porta por volta das quatro da tarde, para dizer que estava na hora de ir para o aeroporto.

2

Para seu constrangimento, Adam não reconheceu Naïm!

E, no entanto, estava de olhos pregados nos passageiros que saíam da alfândega, examinando os homens um a um, estivessem sozinhos ou acompanhados. E não foi capaz de reconhecer seu amigo!

Foi preciso que Naïm se plantasse diante dele, dizendo: "Adam!", para que ele o abraçasse.

Sua voz era a mesma, mas seus longos cabelos ondulados estavam mais brancos que cinzentos, e os traços do rosto de trinta anos antes se dissimulavam agora sob bochechas gorduchas, uma pele bronzeada e um bigode sul-americano.

— Você não mudou! — disse o recém-chegado.

— Mudei sim, fiquei míope — respondeu Adam.

Era o seu jeito de se desculpar.

— Preciso reconhecer que quem acabou de chegar não se parece muito com aquele que você esperava — disse Naïm.

Era o seu jeito de lhe devolver as desculpas.

O passageiro tinha na mão uma mochila verde com faixas amarelas e azuis. Adam a apanhou, deixando que o amigo puxasse por uma correia uma grande mala com as mesmas cores brasileiras.

— Eu vim com Sémi no carro dela, mas ela não conseguiu estacionar. Com certeza deve estar diante da porta.

E estava. Jovial e falante. Argumentando com um policial uniformizado, que

pretendia parecer rigoroso mas evidentemente cedia ao seu charme. Era só um minuto, dizia ela, um minutinho, nem um segundo a mais.

— Pronto, chegaram! — ouviram-na gritar os dois amigos.

Assim que entraram no carro, Naïm abriu fogo:

— Adam tinha tanta certeza de que eu seria detido que nem me viu sair.

Sémiramis corroborou, no mesmo tom:

— Você ganhou quilos, e ele ganhou mais angústia.

Sentado atrás, Adam dava risada. Esse tipo de conversa lhe lembrava as que costumavam ter na época da faculdade, na época do círculo dos bizantinos. Aquela mesma agressividade cheia de ternura que preservava a mente alerta e os poupava dos riscos do conformismo.

Para respeitar os hábitos de irreverência, Adam tinha de responder no mesmo tom.

— O sujeito volta com quarenta quilos a mais e quer ser reconhecido à primeira vista!

No hotel, Naïm ficou com o quarto 7, ao lado do quarto de Adam, mas mal teve tempo de desfazer as malas. Eram dez horas da noite, e, para comemorar sua chegada, Sémiramis havia preparado um jantar à luz de velas.

— Parece que não é aqui que vou perder meus quilos a mais — disse o recém-chegado à dona da casa, referindo-se à mesa posta.

— Aqui, toda noite tem *mezzés* com champanhe — foi avisando Adam, o *habitué*, apontando a garrafa já aberta nas mãos do insubstituível Francis.

— Champanhe? *Mezzés* com champanhe? Que aberração! Para mim, se me permitirem, será áraque.

Naïm parecia sinceramente indignado. E quando o maître voltou com a bebida local em sua garrafa achatada e um balde de gelo, ele o interpelou.

— *Mezzés* com champanhe! Diga lá, meu amigo, não é uma heresia? Diga!

Francis evidentemente concordava, mas por nada neste mundo se arriscaria a

criticar a patroa, nem de brincadeira. Deixando que o purista dosasse seu áraque, ele serviu cerimoniosamente as bolhas aos heréticos.

Depois de trincar devidamente seu copo com as taças dos amigos, brindando ao reencontro, Naïm perguntou:

— E o que é que têm feito, os dois, desde que eu me fui?

A frase foi colocada no tom neutro que poderia ter empregado para perguntar, por exemplo, o que tinham feito nesta tarde antes de ir ao aeroporto. Mas a etiqueta do grupo mandava que nada fosse motivo de espanto, ou pelo menos que se evitasse demonstrá-lo. Assim, a primeira resposta de Adam foi exatamente o que devia ser:

— Dois anos depois de você, eu é que me fui. Sémi ficou, para guardar nossos lugares...

— E porque era indolente demais para emigrar para algum lugar — acrescentou ela.

Mas tudo isso era apenas um preâmbulo. A pergunta de Naïm merecia uma resposta de verdade. Os três amigos tinham se perdido de vista havia um quarto de século, nenhum deles conhecia a trajetória dos outros, à parte alguns raros episódios. Para que o reencontro tivesse um sentido, teriam de recapitular o passado.

Foi Sémiramis que começou, num tom ao mesmo tempo brincalhão e cansado, sem que desse para saber qual dos dois sentimentos era fingido.

— No meu caso, não há grande coisa a dizer. Meus últimos vinte anos podem ser contados em menos de vinte segundos. Meus amigos se foram, a guerra eclodiu e eu fiquei escondida, esperando que acabasse. Quando meus pais morreram, abri este hotel. No inverno, ele fica vazio; no verão, enche; e neste mês de abril dois velhos amigos vieram me visitar, quartos 8 e 7. Pronto, só isto, agora vocês dois!

Ela se calou. E, para deixar bem claro que tinha acabado, cruzou os braços.

— Seu relato foi meio rápido — observou Adam. — Curto demais para ser

honesto.

— Eu podia ter enfeitado, claro, mais disse o essencial.

Ela ergueu o copo e os amigos fizeram o mesmo. Todos tomaram um longo trago meditativo. E então Naïm disse, em tom muito ligeiramente desconfiado:

— Quer dizer então que não se casou?

— Não.

— Por quê?

— Tenho minhas razões.

— Suas razões são o Bilal?

— Prefiro não falar disso.

— Naïm, não a aborreça! — interveio Adam a meia-voz.

— Não quero aborrecê-la, mas também não vou dar mole. Se ela tivesse dito: "Toda manhã eu ouço o canto dos pássaros, respiro ar puro, este hotel é o meu reino, uma ilha de serenidade que me permite esquecer o tumulto deste planeta!", eu teria respondido: "Sémi, eu a invejo, nem imagina a vida que levamos nas nossas monstruosas megalópoles. Reserve um lugarzinho para mim no seu paraíso, e se eu não puder refugiar-me aqui, pelo menos poderei sonhar com ele." Mas não foi o que ela disse. Ela disse: "Meus amigos se foram, meus pais morreram e eu me enterrei viva esperando a velhice."

— Não foi o que eu disse.

— Mas foi o que eu ouvi. "Meus últimos vinte anos podem ser contados em menos de vinte segundos." Se eu não entendi direito, Sémi, corrija-me!

— Talvez eu não tenha me expressado bem. De modo algum eu queria me queixar. Queria apenas dizer que não fiz nada digno de observação; nada que possa deixar lembrança depois de mim. Mas eu vivo como quero, ninguém me dá ordens, toda manhã me trazem o café da manhã no terraço, onde realmente ouço o canto dos pássaros, e todas as noites bebo champanhe. Não fiz voto de pobreza nem de castidade, pode ficar tranquilo!

— Realmente me tranquiliza.

— Mas tampouco tenho vontade de ter um homem nas costas.

— Há outras posições, sabia?

— Muito engraçado!

— Desculpe, não foi muito sutil, confesso. Queria apenas dizer que um homem não é necessariamente um fardo, um estorvo. Também pode ser um aliado, um apoio, um cúmplice...

— Não, você está enganado. Não no meu caso. Não preciso de um homem na minha vida.

— Que fique bem claro: eu não estava propondo meus serviços.

— Cale a boca, imbecil!

Ela tomou a mão de Naïm na sua; depois, por uma questão de igualdade, tomou na outra a mão de Adam.

— Como estou feliz de vê-los aqui, todos dois. Mesmo que me maltratem um pouco, sei que o fazem por bem, o que me leva de volta à época mais bonita da minha vida.

Enquanto os três amigos ficavam assim, Francis, maître experiente, manteve-se à distância. Ele tinha a arte e a sabedoria de tudo ver sem nada olhar. Quando as mãos se soltaram é que se aproximou para encher as taças de Adam e Sémiramis e oferecer a Naïm um segundo áraque num copo limpo.

— E durante a guerra, o que foi que fez? — perguntou o brasileiro.

— Passei os invernos no Rio e os verões, nos Alpes — respondeu a anfitriã, como se já tivesse ruminado a resposta.

Antes que os amigos tivessem tempo de reagir a esse ataque em duas frentes, ela voltou a pousar as mãos nas deles, plácida e afetuosa. E então falou, como se explicasse a crianças:

— Quem viveu aqui todos esses anos nunca dizia “a guerra”. Diziam “os acontecimentos”. E não só para evitar a palavra terrível. Experimentem fazer uma pergunta sobre a guerra a alguém! A pessoa vai retrucar, candidamente: “Que guerra” Pois houve várias guerras. Nunca eram os mesmos beligerantes, nem as mesmas alianças, nem os mesmos chefes ou os mesmos campos de batalha. Às vezes, estavam envolvidos exércitos estrangeiros, e outras vezes,

apenas forças locais; às vezes, os conflitos opunham duas comunidades, mas às vezes, ocorriam no interior de uma mesma comunidade; ora as guerras se sucediam, e ora transcorriam simultaneamente.

"No que me diz respeito, houve períodos em que precisei me esconder; caíam granadas ao meu redor, e eu não sabia se estaria viva no dia seguinte. Ao passo que, a dez quilômetros dali, tudo estava calmo, e meus amigos se bronzeavam na praia. Dois meses depois, as coisas se invertiam; meus amigos se escondiam, e eu ia para a praia. As pessoas só se preocupavam com o que acontecia bem perto delas, em sua aldeia, no seu bairro, na sua rua. Só quem confundia todos esses acontecimentos distintos, quem os juntava numa mesma designação e nos fazia discursos sobre "a guerra" eram os que viviam longe daqui."

— O inverno no Rio e o verão nos Alpes — balbuciou Adam. — Entendemos a mensagem. Mas à parte isto, não tenho certeza de que seja mais fácil enxergar as coisas de perto que de longe. No próprio lugar, a gente sofre mais, com certeza, mas nem por isso ganha em lucidez ou serenidade. Um dia, Mourad me disse no telefone: "Você não está aqui, não passa pelo que nós passamos, não entende!" E eu respondi: "Tem razão, estou longe, não posso entender. Então me explique! Estou ouvindo." Naturalmente, ele não tinha condições de me explicar coisa nenhuma. Só queria que eu reconhecesse que era ele a vítima, e que, em sua qualidade de vítima, tinha o direito de agir como bem entendesse. Até de matar, se considerasse necessário. Eu não tinha o direito de lhe dar lições, pois estava longe e não sofria.

— Eu não matei ninguém — disse Sémiramis, como se alguém pudesse pensar em acusá-la.

Adam levou aos lábios a mão da amiga.

— Não, claro que não, você não matou ninguém. Não era a você que eu estava respondendo, mas a ele, ao ausente. Às vezes, dialogo com ele na minha cabeça.

— Eu não matei ninguém — repetiu ela, retirando a mão muito lentamente. — Mas não foi por falta de vontade. Se pudesse, teria matado todos os chefes e

desarmado todos os garotos. Fantasias de viúva!

Houve um silêncio, que os amigos não ousaram romper. Depois, ela acrescentou, olhando apenas para o prato:

— Eu devo ter sido a primeira viúva da guerra. O que nem chega a ser glorioso. Vocês alguma vez viram um monumento às viúvas de uma guerra?

Outro silêncio, do qual o maître se valeu para encher de novo os copos. Sémiramis levantou a cabeça.

— Já que vocês realmente querem saber o que eu fiz durante "a guerra", vou contar, não demora nada.

"Nos primeiros tempos, eu ainda estava no fundo da minha depressão. A morte de Bilal tinha sido sepultada debaixo de milhares de outras mortes, mas eu ainda não tinha me recuperado. Vivia cheia de remédios e constantemente prostrada. Não fazia nada, não saía de casa, nem mesmo do quarto. Às vezes tinha um livro sobre as pernas, mas podia acontecer de passar metade de um dia sem virar a página.

"Quando ocorreram os primeiros bombardeios perto de nós, tive de ser levada para o abrigo. Meus pais me tratavam como se eu tivesse voltado a ser uma garota de 4 anos. Eles foram admiráveis, nem uma só palavra de censura, apenas ternura. Quase davam a impressão de estar contentes porque a filha voltara à infância. Eu estava constantemente perto deles e era acompanhada por um amigo da família, um velho psiquiatra de 85 anos, igualmente imigrante egípcio, que vinha me ver dia sim, dia não, e reconfortava meus pais. 'Ela vai sair dessa, precisa apenas de um pouco de tempo e muita afeição. O resto, deixem comigo.'

"Seu tratamento me ajudou, suponho, e a ternura também. Mas a verdadeira terapia eram os bombardeios no nosso bairro. Houve inclusive uma granada específica que produziu uma mudança em mim. Na véspera, eu ainda havia precisado ser levada para o abrigo; e, pouco depois dessa explosão, fui eu que levei meus pais pela mão. Era como se minha mente e meus sentidos se encontrassem até então enevoados por um vidro opaco, e essa explosão o tivesse

estilhaçado numa fração de segundo. Eu voltei a me interessar pelo que acontecia ao meu redor. Recuperei a voz, o apetite; e nos olhos, ao que parece, um brilho que até então parecia apagado. Agora eu ouvia o rádio para saber onde ocorriam os combates do dia. Voltei a ler. Voltei a viver. Tudo isso por causa de uma granada destinada a matar.

"Depois, meus pais morreram, com seis meses de intervalo. Primeiro, minha mãe, de câncer; depois, meu pai, de tristeza. Meus irmãos estavam no Canadá, ambos em Vancouver, e queriam que eu fosse ficar com eles. Mas eu não tinha vontade nem coragem de recomeçar do zero. Preferi reassumir esta propriedade, que estava abandonada, e a transformei num hotel.

"Agora vocês sabem tudo. Contei a minha guerra. E é a vez de vocês. Estou ouvindo. Um ou outro..."

Como se não tivesse ouvido, Naïm perguntou, olhando ao redor com um certo ceticismo:

— E consegue se sustentar com esse hotel?

— Digamos que há cinco ou seis anos não perco muito dinheiro mais. Mas não vivo disso.

— Vive de quê?

Sémiramis virou-se para Adam.

— Esse seu amigo sempre foi insistente assim?

— Sim — suspirou Adam. — Eu havia me esquecido um pouco, mas acho que ele sempre foi assim, mesmo quando tinha quarenta quilos a menos. Você não é obrigada a responder, se tiver algo a esconder.

— Vocês dois são igualmente insuportáveis, mas eu não tenho nada a esconder. Vivo do dinheiro que meu pai me deixou. Ele emigrou do Egito com uma pequena fortuna.

— Ah, é? — espantou-se Naïm. — Pois foi o único! Os judeus que vieram do Egito nas décadas de 1950 e 1960 conseguiram trazer apenas a roupa do corpo.

— Os não judeus também — confirmou Sémiramis. — Mas meu pai teve sorte. Adam conhece a história, não vou aborrecê-lo contando-a outra vez.

— Sim, pode contar, não vai me aborrecer.

Ela contou a "grande imprudência" cometida pelo pai, que o havia obrigado a vender todos os seus bens e fugir para o Egito antes das nacionalizações e confiscos. Naïm parecia fascinado. Quando ela acabou, perguntou-lhe:

— Você me autoriza a contar essa história no meu jornal?

— Se não revelar os nomes verdadeiros, não vejo inconveniente.

— Quero lembrar que o episódio ocorreu há quase meio século, e que Nasser morreu há mais de trinta anos. Mas posso mudar os nomes, para ficar tranquila...

— A única vez que meu pai contou essa história na presença de estranhos, disse que havia ocorrido com um dos seus cunhados, e não com ele. Concluo daí que não gostaria que seu nome aparecesse. Se ainda estivesse vivo, talvez mudasse de atitude, mas já não dá para lhe perguntar.

— Sem problema, eu mudo os nomes...

— Quer dizer então que você é jornalista — devolveu Sémiramis, feliz por poder desviar o interrogatório para outro.

— Você não sabia?

— Sim, para ser honesta, sabia. Mas não sei muito mais. Comece então pelo início. Você tomou o avião com seus pais, chegou a São Paulo. E depois?

O brasileiro ergueu o copo, brindou com os amigos e molhou demoradamente a garganta com sua bebida fria de aparência leitosa.

— Não me sinto em condições de contar minha vida depois de dois dias de viagem e dois copos grandes de áraque. Mas vou resumir. Ao chegar lá, voltei a estudar, frequentei uma faculdade de jornalismo e fui contratado por um semanário de economia. No mesmo ano, casei-me. Tinha 23 anos. Continuo sendo jornalista e continuo casado.

— Com a mesma pessoa? — perguntou Sémiramis.

— Com a mesma pessoa.

— Brasileira?

— Brasileira.

— E judia?

— É o que minha mãe achava. Ela me perguntou: "Ela é judia?" Eu respondi simplesmente: "Mamãe, ela se chama Rachel." E de fato ela se chama Rachel, ou "Raquel", como se escreve no Brasil, e completamente católica. Minha mãe não percebeu nada, e eu mantive o equívoco até as vésperas do casamento.

— Devia tê-la trazido para apresentá-la a nós — disse Adam.

— Ela não pode se ausentar como eu assim, repentinamente. Tem um restaurante em São Paulo, *Chez Raquel*, um dos melhores da cidade. Passa os dias e as noites lá, convencida de que os clientes desaparecerão caso se afaste por uma semana. Ela se acha indispensável, o que, na minha opinião, é um exagero...

— E você às vezes lhe dá uma mãozinha? — quis saber Sémi.

— No restaurante? Sim, claro. À minha maneira. Quando ela inventa um novo prato, sou eu que o provo primeiro. Se eu disser: "Sublime!", ela o acrescenta ao cardápio; se eu disser: "Nada mau", ela o esquece.

— Seu papel de fato é insubstituível — provocou Adam.

— Espero que ela o remunere pelo trabalho! — zombou a anfitriã.

— Claro que é pago! — disse Adam. — Ele recebe em quilos. Olhe para ele!

— É verdade que ganhei peso, mas não foi por causa da Raquel. Quando estamos juntos, eu me seguro. É nas viagens que como muito. Quando viajo para alguma reportagem, meu maior prazer é escolher uma mesa num bom restaurante, pedir uma refeição abundante, uma enorme caneca de cerveja e escrever meu artigo comendo. Três linhas, uma garfada, mais três linhas, um gole. As ideias surgem com facilidade, e eu trabalho com uma sensação de êxtase.

— Olhe só como ele está falando! — murmurou Adam.

— Eu sou um *gourmand* incorrigível, e não me envergonho — reconheceu Naïm. — Que bênção do Céu quando a gente gosta de comer! De manhã a gente é acordado pelo cheiro do café torrado. É o cheiro do Brasil, e é o mais delicioso da Terra. Você já está de bom humor, e fica pensando que vai ter três banquetes até o fim do dia. Três grandes festas cotidianas! Mil e cem festas por ano! Quem disse que a gulodice é um vício? É um presente do Céu! Uma bênção! E uma arte! Vocês não acham?

— Sim, claro — retrucou Adam. — É o mais belo casamento entre o refinamento e a animalidade.

— Vou confessar uma coisa — prosseguiu Naïm, impenitente. — Sei que vocês covardemente vão usar minha franqueza contra mim, mas ainda assim eu digo: nunca fui capaz de parar de comer. Nunca fico saciado. Só paro quando os pratos estão vazios ou quando sou obrigado a me levantar da mesa.

— Espere aí, Naïm, estou ficando preocupado — observou Adam, franzindo as sobrancelhas. — Você está descrevendo uma patologia. Se nunca sente a sensação de estar saciado...

— Fique tranquilo. Eu sei exatamente qual o meu problema. É uma síndrome relativamente benigna, chamada "mãe judia". Quando eu era bem pequeno, ela me empanturrava, literalmente. Eu não comia quando tinha fome, comia quando ela me mandava abrir a boca. E não parava quando estava saciado, mas sim quando ela parava de encher a minha colher. Para ela, havia dois tipos de crianças: as magrelas e as saudáveis. As primeiras eram a vergonha das mães; as outras, seu orgulho.

"Eu poderia ter ficado com nojo de comida, mas não foi o que aconteceu. Eu adorava cada garfada, e não queria que acabasse mais. Quando cresci, a coisa continuou. Minha mãe estava sempre dizendo que eu estava abatido, que não comia bem. Eu não queria contrariá-la, e assim me servia e voltava a me servir até que todos os pratos estivessem vazios. Resultado: nunca mais consegui parar. Podia comer indefinidamente. Desde que fosse bom, claro."

— Claro — zombou Adam, para então acrescentar, com a taça na mão: — Pelo que está dizendo, eu deduzo que seus quarenta quilos a mais não se devem à sua indulgência, mas à insistência da sua mãe.

— Pode zombar! Mas é a pura verdade. Eu tive problemas muito sérios por causa dela. Sempre a adorei e continuarei adorando, mas tenho lucidez. O que eu acabo de dizer a respeito da comida também se aplica em outros terrenos.

— Sexo — sugeriu Sémiramis num murmúrio.

— Não, sexo não! É muito mais grave! — retrucou Naïm.

— O que pode ser mais grave que o sexo? — perguntou Adam em voz repentinamente tonitruante, fazendo se voltarem cabeças nas mesas próximas.

Sémiramis sentiu-se na obrigação de enviar sorrisos embaraçados aos clientes.

Nosso amigo não contou quais outros problemas lhe foram causados pela mãe judia, registrou Adam em seu caderno, no fim do dia. *Quando ainda estávamos suspensos pelos seus lábios, Naïm deixou cair as pálpebras e adormeceu, com o tronco ereto, como uma marmota.*

Quando o brasileiro começou a se inclinar na cadeira, Sémiramis tocou-lhe suavemente o dorso da mão, duas vezes, três vezes. Ele abriu os olhos.

— Está se sentindo bem?

— Em plena forma! Não perdi uma só palavra da sua conversa.

— *Nossa* conversa? Nós nem abrimos a boca — disse Adam. — O último a falar foi você.

— E o que eu estava dizendo?

— Disse que gostaria de voltar para o quarto — sugeriu caridosamente a anfitriã.

Naïm assentiu com a cabeça.

— Dormi muito pouco na noite passada — desculpou-se.

— Eu também — disse Adam, acrescentado, com ar distraído: — No mosteiro, somos despertados ao alvorecer.

Naïm dirigiu-me então um olhar de total incompreensão. E Sémi franziu as sobrancelhas, considerando justificadamente que eu me aproveitava da sonolência do nosso amigo para confundi-lo. Eu me calei. Ele voltou a fechar os olhos. Nossa "castelã" tocou-lhe de novo a mão.

— Meu reino para aquele que me levar até a cama — implorou Naïm em seu derradeiro fôlego shakespeariano do dia.

Mas, ao se levantar, conseguiu descer os degraus até seu quarto, sem nossa ajuda.

Décimo terceiro dia

1

Quando Adam abriu os olhos, havia um bilhete sob a porta. Sémiramis o convidava a tomar o café da manhã em sua varanda assim que se levantasse. Fizera o mesmo convite a Naïm, que já estava lá, mordendo um pão de figo.

— Quando eu fechei os olhos ontem, ele estava comendo. E agora eu abro os olhos, e ele ainda está comendo! — comentou seu amigo.

O outro já se preparava para responder, mas a anfitriã tomou a iniciativa.

— Vamos deixar essas brigas de galo para depois! Nós estávamos preparando a programação desta manhã. Naïm gostaria de visitar a casa que seus pais alugavam no verão. Em meia hora podemos chegar lá. Eu acompanho vocês.

— Não vou demorar muito lá — prometeu o brasileiro. — Quero apenas verificar se minhas lembranças correspondem à realidade ou se eu as embelezei.

— Se o objetivo é este, pode se preparar para perder as ilusões — avisou Sémiramis. — Ainda que suas lembranças correspondessem à realidade de ontem, certamente não correspondem à de hoje.

— Não se preocupe, Sémi, eu sei o que esperar. Visitar os lugares da infância é uma prática masoquista. A gente quer se decepcionar, e obviamente conseguimos.

A famosa casa de fato era decepcionante. As paredes externas davam a impressão de nunca terem sido pintadas, como tampouco as venezianas. O telhado era baixo e chato. A porta de entrada ficava a dois metros de uma autoestrada, atravessada por caminhões barulhentos. Pairava no ar um cheiro de

óleo queimado.

Assim que Naïm reconheceu a construção, Sémiramis estacionou bem em frente. E foram então alguns minutos de hesitação. O "peregrino" olhava pelo vidro, sem se decidir a descer do carro. Os amigos esperavam, olhando de rabo de olho, num silêncio compassivo. Foi ele que afinal constatou, se esforçando para parecer mais divertido que triste:

— Ela perdeu completamente a aura.

Era difícil discordar.

— Foi a guerra — suspirou Adam, à guisa de consolo.

— O problema não é a guerra, mas a estrada — constatou Naïm. — Na minha época, era apenas uma estradinha de terra. E diante da casa havia uma pracinha cercada, com um portão de ferro forjado e um caminho de vários metros levando àquela porta. Agora a estrada engoliu o caminho, a pracinha, a cerca e o portão.

"Todo ano, quando chegávamos, no início de julho, havia um ritual invariável. O dono ficava nos esperando. Nós o chamávamos polidamente de *ustaz* Halim. Era um funcionário da alfândega que sempre vinha de terno e gravata. Nós entregávamos a chave, para que ele mesmo abrisse a porta; ele nos dava boas-vindas formalmente e devolvia o chaveiro. Depois meu pai lhe entregava um envelope com o aluguel anual. Ele então dizia 'Não tem pressa!'; e depois 'Outro dia!'; só quando meu pai insistia pela terceira vez é que ele pegava o dinheiro e o enfiava sem contar no bolso do paletó.

"Quando o proprietário partia, minha mãe ia para o jardim e invariavelmente dizia: 'É uma floresta virgem!' E meu pai respondia sempre a mesma coisa: 'Não faz mal! Naïm vai desmatar tudo. Assim, ganha músculos!' Mas era apenas uma brincadeira. Eu nunca fiz grande coisa no jardim."

— E onde fica esse jardim?

— Do outro lado. Venham!

O jardim da casa de veraneio não se distinguia mais do pinheiral que o

cercava. Os muros eram prolongados por uma mureta de concreto que mais servia de banqueta que de barreira. Os três amigos sentaram-se nela, protegidos do sol por uma árvore de folhagem densa. Imediatamente esqueceram a impressão inicial. Com os quadris encostados, balançando os pés, inebriados com o cheiro dos pinheiros, eles agora sentiam a doçura selvagem daquele lugar da infância.

— Duas ou três vezes durante o verão, *ustaz* Halim vinha ver meu pai. Eles tomavam café e abriam velhos livros. Nosso proprietário dizia: "Nesta aldeia, ninguém sabe quem é muçulmano, quem é judeu e quem é cristão. Não é mesmo?" Meu pai concordava com a cabeça. Naturalmente, era mentira, e ambos tinham ciência disso. Encontrando alguém na rua, sempre se sabia, como que por instinto, a qual comunidade pertencia. Mas fazia bem ouvir coisas assim. Pois a intenção era generosa.

— Era uma mentira civilizada — observou Sémiramis. — Hoje, a gente ouve as pessoas dizerem: "Eu, como cristão, acho isto, e eu, como muçulmano, acho aquilo." Eu sempre fico com vontade de dizer: "Vocês deviam ter vergonha! Ainda que pensem em função da sua comunidade, pelo menos finjam pensar por si mesmos!" Que tenham pelo menos a decência de mentir!

— Essas velhas mentiras de fato eram mais decentes que a "conversa franca" de hoje em dia — corroborou Adam. — As pessoas já pensavam em função dos seus vínculos comunitários, não podiam impedi-lo. Mas sabiam que era um erro, e que deviam se envergonhar. E então mentiam. E com essas mentiras transparentes mostravam que sabiam fazer diferença entre seu comportamento real e o comportamento desejável. Hoje, as pessoas dizem em alto e bom som o que trazem no coração, e não é nada bonito de ouvir. Nem no nosso país, nem no resto do mundo.

— Elas deviam pelo menos se desculpar, mas nem lhes ocorre — acrescentou Sémiramis. — Todo mundo faz a mesma coisa, e então elas ficam achando que a atitude é normal. E se gabam disso, em vez de se envergonhar.

— Meus caríssimos amigos — interveio Naïm —, não quero ser aquele que

dá as más notícias, mas vocês já têm idade para saber: a época da decência ficou para trás. Ou, para dizer as coisas mais brutalmente: a decência morreu.

Adam recebeu a frase retumbante do amigo com o sorriso que ela pedia, para em seguida perguntar:

— Quando é que você acha que ela morreu?

— Em 1914 — respondeu Naïm sem hesitar, como se fosse um fato comprovado. — Foi naquele ano que a decência morreu. Nem é preciso lembrar que nunca houve na História uma época ou um povo irrepreensível, e também é verdade que a decência não é a principal característica da nossa espécie. Mas, do meu ponto de vista, tudo que aconteceu antes de 1914 entra na categoria dos pecados da juventude.

"Antes, a humanidade era impotente. Seu pior inimigo eram as catástrofes naturais; a medicina matava mais do que tratava, e a tecnologia era balbuciante. Foi em 1914 que tiveram início as grandes calamidades de fabricação humana: a guerra mundial, o gás de mostarda, a Revolução de Outubro..."

— Você nem sempre disse isso a respeito do comunismo! — observou Sémiramis.

— É verdade. Na juventude eu dizia outra coisa. Mas hoje, retrospectivamente, estou convencido de que foi uma calamidade de primeira grandeza. O grande sonho da igualdade entre os homens, deturpado em proveito de um empreendimento cínico e totalitário! Ainda estamos pagando o preço! Com a carnificina das trincheiras e o Tratado de Versalhes, o insidioso genitor de todas as guerras que se seguiram, o cenário estava montado em apenas cinco anos. Nunca mais conseguimos nos livrar. Todos os horrores posteriores tiveram origem aí. No Levante, na Europa central, no Extremo Oriente e em qualquer outro lugar. Nosso eminente historiador não está de acordo?

— Sim e não — respondeu Adam, provocando piscadelas de cumplicidade e zombaria nos dois amigos, que no entanto o deixaram organizar as ideias. — Considero que houve, no século que está chegando ao fim, duas ideologias destruidoras: o comunismo e o anticomunismo. A primeira perverteu, é verdade,

a ideia de igualdade, a ideia de progresso, a ideia de revolução, além de mil outros conceitos que deveriam ter continuado sendo respeitáveis. Mas o balanço da segunda é pior ainda. Tantas vezes se disse "Antes Mussolini que Lênin", "Antes Hitler que Stálin", "Antes o nacional-socialismo que a Frente Popular" que se permitiu que o mundo inteiro mergulhasse na indignidade e na barbárie.

— Você não está errado — reconheceu Naïm. — Só que o anticomunismo nunca foi minha doutrina, ao passo que cheguei a acreditar nos ideais do comunismo, todos nós acreditamos. Casamos com essa doutrina por motivos honrosos, e acabamos sendo chifrados.

Adam estava pensando numa comparação semelhante.

— O nosso destino é ser traído — observou. — Pelas nossas convicções, pelos nossos amigos, pelo nosso corpo, pela vida, pela História...

Seus dois companheiros observaram alguns segundos de silêncio, e então Naïm pulou no chão com todo o peso do corpo, proclamando, com uma alegria um pouco forçada:

— Agora podemos ir! Já tive meus quinze minutos de tristeza. Vim, vi e fiquei decepcionado. Agora, pé na estrada de novo. No fim das contas, ainda prefiro minha casinha no Brasil.

— Não, espere, espere um pouco! — interveio Adam. — Disseram-me que em certa época esta casa serviu para encontros libertinos, disso é que eu gostaria que você falasse. Foi por isso que eu vim até aqui com vocês. Você não acha, Sémi?

O rosto de Naïm iluminou-se num sorriso infantil, como se lhe voltassem imagens do passado, e os amigos acharam que, com sua proverbial eloquência, ele iniciaria um longuíssimo relato. Mas não era essa sua intenção.

— Estou disposto a lhe revelar meus segredos, Adam. Mas tem uma coisa que me incomoda desde ontem à noite.

Voltando-se para Sémiramis, ele invocou seu testemunho:

— Você não acha estranho que nosso amigo aqui nos leve a contar nossa vida, inclusive as coisas mais pessoais, mais íntimas, e ele mesmo não conte

nada?

— Acabamos de nos encontrar, teremos todo o tempo para isso — defendeu-se Adam.

— Sémi e eu já tivemos tempo, mas não você! Eu falei dos meus excessos, dos defeitos da minha mulher e da minha mãe. Sémi falou da sua depressão e da maneira como conseguiu superá-la. Mas você não disse nada. Nem uma única confidência! Só sei a seu respeito que ensina história e que deve escrever uma biografia sobre Átila. Mas da sua vida pessoal, nada! Não vou aqui acusá-lo, mas é um defeito que há muito tempo tenho observado. Talvez pudesse tentar corrigi-lo antes que fiquemos todos senis.

E Sémiramis corroborou, como se tivessem combinado.

— É verdade, Adam. As confidências precisam ser recíprocas. Naïm nos mostrou sua antiga casa de campo, você devia mostrar a sua. Sabemos que ela existe, um dia teremos de vê-la. É agora ou nunca, não acha?

2

Quarta-feira, 2 de maio

Não sei se os meus amigos tinham combinado previamente, ou se só pensaram na hora, mas seu pedido era imperativo, e eu senti que não poderia me esquivar.

Suas recriminações não eram injustificadas. É verdade que desde a infância tenho esse hábito de levar as pessoas a contar sua história, sem dizer grande coisa em troca. Trata-se de um defeito que reconheço tanto mais facilmente por decorrer de uma qualidade. Eu sinto prazer em ouvir os outros, embarcar mentalmente em seus relatos, compartilhar seus dilemas. Mas a escuta, que é uma atitude de generosidade, pode se transformar em algo predatório quando nos nutrimos da experiência dos outros e os privamos da nossa.

Ante a rebelião dos meus velhos amigos, eu não podia deixar de ceder. De qualquer maneira, meu comportamento sempre teve como causas apenas a timidez e o pudor. Sempre tive dificuldade de acreditar que minhas histórias pudessem interessar a alguém. Quando me dizem o contrário e me exortam a contar, eu de bom grado vou em frente. Não tenho nada a esconder. Ou, por outra, tenho sim, tenho o que esconder, mas antes a mim mesmo que aos outros.

No caso, se sempre evitei falar da casa da minha infância, era simplesmente porque tentava não pensar nela.

Mas tive afinal de me forçar. Indiquei a Sémi a estrada para a aldeia, e depois de algumas inevitáveis hesitações, acabei reconhecendo a silhueta da "minha" casa.

Ao vê-la, meus amigos arregalaram os olhos. Ela era magnífica, como se quisesse me provocar. Sémi não parava de dizer:

— Mas é um palácio!

E Naïm:

— É disto que você se envergonhava? É esta a casa que esconde de nós há trinta anos?

Tudo isso é verdade. Ela parece um palácio, eu deveria me orgulhar, mas me envergonho, pois a perdi.

Tudo se perdeu quando eu tinha 12 anos e meio. Até então, essa casa era para mim o centro do mundo. Todos os meus amigos de infância a conheciam bem, pois tinha prazer de convidá-los. Tinha a sensação de lhes estar mostrando o melhor de mim mesmo. Havia nisso vaidade, jactância e certamente também algo que não se pode deixar de chamar de orgulho de classe. Mas até a adolescência são apenas pecados veniais; temos necessidade deles para sentir que encontramos nosso lugar no mundo, que não somos intrusos.

Como é reconfortante crescer sentindo que um país nos pertence, que nele temos direito de falar em voz alta! Nessa casa, eu tinha esse sentimento, e depois não mais voltei a tê-lo. Se essa casa ainda me pertencesse no início da guerra, não sei do que teria sido capaz para não perdê-la. A questão não se colocou, eu fui poupado desse dilema. Depois de tudo que aconteceu, deveria me congratular, mas durante muito tempo vivenciei a coisa como uma maldição. Eu invejava Mourad, que tinha preservado a casa dos pais; agora, deveria lastimá-lo. No fim das contas, eu é que fui bem-tratado pelo destino. Mas levei muito tempo para me dar conta disso.

Meus pais idolatravam sua casa. Poderíamos até dizer que tinham dois

filhos: a casa e eu.

Meu pai não a recebera simplesmente do meu avô. Durante muito tempo ela fora compartilhada por cerca de vinte primos, nenhum dos quais queria largar o osso, mas nenhum dos quais tampouco queria ter trabalho com ela. Meu pai então a comprou, mais ou menos como aquelas almas caridosas que antigamente compravam os correligionários escravizados pelos infiéis. Ele se endividou para comprar a parte dos primos, e depois se endividou ainda mais para as obras. Que nunca mais acabavam. Ele era arquiteto, e queria transformar sua casa ao mesmo tempo na obra-prima da sua carreira e também, de certa forma, em seu cartão de visita. As pessoas que viessem a vê-la teriam de ter vontade de possuí-la.

Ele a planejou em duas construções semelhantes, distantes cerca de dez metros, uma antiga e reformada, a outra copiando o mesmo modelo, ambas cercadas pelo vinhedo virgem. As duas alas eram ligadas de três maneiras diferentes: no primeiro andar, por um salão suspenso, com grandes janelas envidraçadas que davam para a montanha, de um lado, e, do outro, para o vale; no térreo, por um caminho florido; e no subsolo, por um túnel. Para os meus pais, como também para mim, era mais que uma casa, era um reino, e certamente motivo de orgulho.

Eu falei de orgulho de classe? Era na verdade autoflagelação injustificada da minha parte, e quase um insulto à memória da minha família. A principal característica da casa não era seu gigantismo nem seus dourados, mas sua elegância. De modo algum se tratava de uma ostentação obscena, mas de um manifesto estético. Minha mãe e meu pai tinham um bom gosto sutil. A casa deles era resultado do amor à beleza; do amor pura e simplesmente.

Tinham uma vida feliz, e eu era a maior testemunha disso, o maior admirador e o maior beneficiário. Mas a queda foi igualmente dura.

Tudo aconteceria em alguns minutos apenas, sobre o mar de Omã. O avião que transportava meus pais caiu no mar, e minha vida foi junto.

Foi em agosto de 1966. Uma companhia aérea decidira inaugurar um voo

sem escala até Karachi e, para promover o evento, convidara algumas personalidades conhecidas. Meus pais ficaram orgulhosos de terem sido escolhidos, pois representava um reconhecimento da importância que possuíam para o país na época. Ainda consigo vê-los fazendo as malas, alegres, encantados, antecipadamente maravilhados com o que veriam e sem a menor apreensão ou pressentimento.

Era um voo noturno, que devia chegar ao destino às primeiras luzes da manhã. Meu avô materno levou meus pais ao aeroporto, e eu fui com ele. Ficamos lá até o avião decolar, desaparecendo no horizonte. Tampouco eu tinha a menor preocupação. Só lamentava não ter sido convidado com eles.

De volta à casa, passei uma boa parte da noite lendo, como costumava fazer nos meses de verão, e talvez tenha ficado até um pouco mais tarde que de hábito, pois meus pais não estavam lá para me vigiar.

Ao levantar, no fim da manhã, ouvi barulhos estranhos. A casa parecia ter sido invadida por uma multidão. Eu saí do quarto para ver quem estava lá, e foi pelo jeito como as pessoas me olhavam, e sobretudo pela maneira como as mulheres da aldeia me tomavam nos braços, que eu entendi que acabara de ocorrer um drama.

Como se a desgraça não bastasse, imediatamente depois veio outra: eu estava arruinado. Ficaria sabendo um mês depois. Como único herdeiro, eu era de fato proprietário de uma casa que valia "uma fortuna", mas também tinha com o banco uma dívida equivalente ao dobro da dita "fortuna". Meu pai não fora nada prudente. E por que deveria sê-lo? Estava cheio de encomendas, ganhava muito dinheiro e estava na flor da idade. No ritmo em que trabalhava, teria saldado as dívidas em dois ou três anos. Mas quando ele morreu, naturalmente, tudo desmoronou. Não entrava mais nada, quase não havia mais dinheiro nas suas contas, nem seguro de vida...

Eu xinguei muito os banqueiros na juventude, e nessa época vivia louco de raiva; e com certeza foi por esse motivo que aos 14 anos comecei a me declarar

marxista. Mais tarde, encontraria justificativas intelectuais, mas na época era simplesmente raiva. O advogado da família me explicou que não havia alternativa senão entregar a casa ao banco para saldar a dívida. Também fiquei furioso contra ele e todos os advogados do planeta, mas hoje sei que ele conseguiu para mim o melhor acerto possível. À parte a casa, eu não tinha rigorosamente nada. Sem meu pai, "nosso" escritório de arquitetura não valia mais um tostão; a sede não lhe pertencia, e logo eu não estaria mais em condições de pagar o aluguel. Meu advogado conseguiu que o banco perdoasse uma dívida de um milhão e duzentas mil libras com uma casa que valia a metade disso. E ainda me deixando uma pequena soma para que eu não passasse necessidade.

Mas, na época, eu não enxergava as coisas assim. Estava furioso contra os advogados e os bancos, contra os arquitetos, as companhias aéreas, contra o Céu... Por despeito, ao sair da casa, não quis levar nada, nem meus livros. Fui morar na casa dos meus avós maternos. Nem sei mais durante quanto tempo pranteei meus pais, minha casa, meus sonhos de futuro. Eu devia ser insuportável, e foram necessários todo o estoicismo, toda a paciência e todo o amor dos dois "velhos" para que eu voltasse a viver.

De tudo isso, eu nunca quis falar. E nem uma única vez tentei visitar "nossa" casa, nem mesmo passar diante dela. Quantas vezes não tomei desvios apenas para evitar vê-la. Para que finalmente concordasse em voltar, foi necessário que Sémiramis e Naïm me pressionassem, foram necessários a guerra e o exílio, e também que se passasse um terço de século, e o adolescente furioso que borbulhava em mim lentamente fosse domado pela vida.

Hoje então voltei à casa perdida, em peregrinação forçada. Quando a vi de longe, senti um nó na garganta. Sem dizer uma única palavra, apontei-a com a mão.

— Aquela?

Eu assenti com a cabeça.

— Era disso que você tinha vergonha? — perguntou Naïm. — Era esta a

casa que nos escondia...

Eu comecei a soluçar como uma criança. Foram então meus amigos que sentiram vergonha. Eles se desculparam por terem me pressionado. Eu então contei-lhes tudo, ou quase: minha vida anterior, o desastre de avião, o banco, o fato de ter sido obrigado a deixar a casa, o que foi meu primeiro exílio...

— Nós não sabíamos — disse Sémi.

Ela passou a mão nos meus cabelos. Depois inclinou-se na minha direção, para me beijar a testa. Ainda não tínhamos descido do carro. Eu estava sentado ao seu lado, no assento do carona. Naïm estava atrás. Disse-me ele:

— E você foi capaz de guardar isso no peito todos esses anos?

Eu respondi, lacônico:

— Fui.

E, sem qualquer motivo, comecei a rir. E meus amigos também, como se todos nós precisássemos. Estávamos à beira do sentimentalismo, e não tínhamos a menor vontade de mergulhar. Havia no riso a vantagem de molhar os olhos sem que fosse necessário distinguir entre lágrimas de tristeza, de alegria, de saudade, de empatia; ou simplesmente de amizade.

Passaram-se então vários minutos confusos, até que eu continuasse, à guisa de conclusão:

— Até agora, os únicos que conheciam minha história eram meus avós, minha velha governanta, meu advogado, o banqueiro, e todos eles já morreram. Eu nunca a havia contado até hoje. Foi a primeira vez, e será a última.

— A última, não estou tão certa assim — disse Sémi, com implacável suavidade. — Agora que a represa se rompeu, você não será mais capaz de impedir a passagem da água.

Ouvindo essas palavras, essa imagem, eu comecei a chorar de novo, tolamente. Minha amiga não sabia mais como se desculpar, como me consolar. Tomou minha cabeça contra o peito, e começou a passar os dedos outra vez nos meus cabelos, na minha nuca.

— Se soubesse que a recompensa era esta, eu também teria encontrado um pretexto para chorar — resmungou Naïm, como se falasse consigo mesmo.

E de novo passamos das lágrimas ao riso. Eu então disse:

— Não vou lhes contar histórias de paraíso perdido, mas é exatamente o sentimento que tenho. Um paraíso do qual eu teria sido expulso, como meu antepassado homônimo. Não por algum pecado que tivesse cometido, mas por causa de um acidente.

"Dava gosto ver meus pais. Sentiam-se felizes por estar vivos e me amavam de uma maneira inteligente, por assim dizer. Meu pai conversava comigo sobre pintura e arquitetura; minha mãe, sobre tecidos, flores e música; muitas vezes ela comprava vinis e me chamava para ouvir com ela."

— E você era filho único — observou Sémi, que certamente sofrera por crescer entre dois irmãos adorados.

— Nunca achei que o fato de não ter irmão nem irmã era um privilégio. Eu não tinha com quem brincar, e sentia falta disso. Brincava sozinho. Até os 12 anos, ainda brincava com meus soldados de chumbo. Só os deixei de lado quando saí da casa.

— No seu lugar, Adam, eu não ficaria repetindo isso em voz alta — disse Naïm.

— Por quê? — interferiu Sémi. — Existem homens que passam a vida inteira brincando de soldadinho de chumbo.

Não tenho certeza se ela estava tentando me defender. Talvez fosse melhor eu me calar.

— E na puberdade você comprou um regimento de saiote escocês...

Esse ataque selvagem de Naïm valeu-me novas carícias de Sémi.

Ao longo dessa conversa, tínhamos permanecido no carro, diante da grade fechada da minha antiga casa, que parecia desocupada. Talvez até abandonada e meio dilapidada. As raras venezianas vistas do exterior, as do primeiro andar do prédio mais novo, estavam bloqueadas, e com a pintura em péssimo estado.

— Querem tentar entrar? — A sugestão partiu de Sémi.

— Não!

Eu dei um berro tão alto que ela se sentiu na obrigação de pedir desculpas. Foi então a minha vez de me desculpar por ter gritado. Tomei a sua mão para levá-la aos lábios. Ela sorriu, e depois acrescentou, em voz muito baixa:

— Imagino que não saiba a quem ela pertence...

— Não. Não faço a menor ideia. Nunca quis saber.

Eu tinha respondido maquinalmente. Um pensamento muito diferente acabava de me ocorrer.

— Você pode avançar um pouco com o carro? Por ali, para trás da casa. Mais uns vinte metros. Cuidado com esta árvore! Se não me falha a memória, havia um caminho por aqui.

Ele ainda se encontrava lá, como na minha lembrança. Um caminho coberto de pedras chatas irregulares, uma espécie de versão artesanal das antigas estradas romanas.

Assim que o vi, desci do carro, fazendo sinal para que os meus amigos me acompanhassem.

3

O caminho descia em inclinação íngreme. Debaixo de chuva, ficaria escorregadio, mas o dia estava quente e seco.

Os três amigos encontraram-se entre duas colinas, como no fundo de um pequeno vale. A vegetação era densa. Não se via mais nenhuma estrada pavimentada, nenhuma casa, nem sequer campos cultivados. Apenas árvores frondosas e mato; e o caminho coberto de pedras e ladeado por espinheiros, que no entanto não chegavam a obstruí-lo.

Eles caminharam em fila indiana, Adam à frente, às vezes afastando um galho ou saltando uma língua de espinhos. De vez em quando, ele se voltava para ver se os amigos ainda estavam ali. Ambos continuavam avançando, Sémiramis logo depois dele e Naïm mais atrás; mas ele nem por isso deixava de exortar: "Sigam-me!"

Em dado momento, deteve-se, passeou o olhar ao redor e decretou, seguro:

— Estamos chegando!

— Que bom! — respirou Naïm, enxugando o rosto e a nuca, embora caminhasse havia apenas cinco minutos.

É verdade que o caminho, inicialmente em declive, já subia abruptamente agora. Depois de algumas dezenas de metros, Adam, também já perdendo o fôlego, deteve-se e se voltou para os companheiros, dizendo:

— É aqui! Vejam!

A voz saiu baixa, quase um sussurro, provavelmente por respeito à

tranquilidade do local, não menos que por suas lembranças.

Sémiramis e Naïm olharam ao redor. Não havia grande coisa a observar. Apenas um muro com uma velha porta de madeira.

Mas Adam não os teria levado até ali se não houvesse uma história a ser contada naquele exato lugar.

Ele começou com um preâmbulo.

— O que me chamou a atenção da primeira vez que vim aqui foi justamente o fato de o caminho ser interrompido. Imagina-se que a descida vá até o fundo do vale, e de repente volta-se a subir, até chegar ao pé de um muro. Um muro de pedras idênticas às do caminho, e dispostas da mesma maneira. Só que algumas são horizontais, e outras, verticais.

— E o que há por trás dele? — perguntou Sémiramis.

— Foi a pergunta que me fiz quando criança. Mas o muro era tão alto, e eu tão pequeno, que não podia ver o que havia do outro lado.

"Fiquei imaginando todo tipo de coisas, desde a Bela Adormecida até o Barba Azul, passando pelo Dr. Moreau. E um dia tive vontade de dar uma olhada.

"Eu precisava de uma escada, uma escada dobrável. Nós tínhamos várias em casa. Peguei uma delas às escondidas. Era uma verdadeira expedição conseguir trazê-la até aqui."

— Vocês não querem sentar? — sugeriu Naïm, encostando-se numa árvore. — Acho que será demorado.

Ele ainda estava se enxugando.

A alguns passos deles havia um tronco derrubado, no qual os três se sentaram, com o rosto na sombra. Adam logo retomou sua história, apontando para os amigos um lugar preciso ao pé do muro.

— Eu tinha colocado a escada exatamente ali, verifiquei que estava firme e subi. Mal dava para alcançar. O muro chegava até o meu queixo. Precisei ficar na ponta dos pés para ver o que havia do outro lado.

"A primeira coisa que eu vi foi uma cabeça envolta numa toalha cor-de-rosa. Em seguida, vi a silhueta de uma mulher com roupão de banho, também cor-de-

rosa. Ela estava sentada no parapeito de sua janela, com as costas em parte voltadas para fora, e portanto para mim. Olhava à luz do dia para um papel que tinha nas mãos, aparentemente uma carta. Passou-se algum tempo. Ela estava imóvel, e eu estava imóvel, prendendo a respiração. Depois ela pousou a carta, tirou a toalha e sacudiu a cabeça para soltar os cabelos ao vento. Loura, parecia uma atriz de cinema.

"Em dado momento, ela fez menção de tirar o roupão, mas então, como num reflexo, olhou para fora e para cima. E me viu. Nossos olhares se cruzaram e se fixaram um no outro. Vocês conhecem a história dos pássaros que estão num galho e são olhados fixamente por uma serpente que está ao pé da árvore? Eles poderiam simplesmente bater asas para escapar dela, mas seus membros não lhes obedecem mais, e eles caem direto na garganta do predador.

Naquela manhã, eu era exatamente como esses pássaros, relataria Adam em seu caderno, em termos não muito distantes dos que tinham sido ouvidos por seus amigos. *Paralisado, hipnotizado, incapaz de mover o olhar ou os músculos. E a "predadora" veio me pegar. Num piscar de olhos, ela havia aberto a porta e saído. Em seu roupão cor-de-rosa, com os cabelos molhados, a toalha já agora sobre os ombros.*

Ela me ordenou que eu descesse dali, imediatamente, e eu obedeci. Não estava com medo, como se pudesse ser jogado numa masmorra, apenas envergonhado, o que também não deixa de ser uma forma de medo.

Ela me fez entrar pela porta, apontando para a escada, para que a levasse comigo. Eu a dobrei e a botei debaixo do braço. Ela me seguiu e, depois de entrar, trancou a porta do jardim.

E eu fiquei ali, parado diante dela, parecendo um soldado em posição de sentido, com a escada debaixo do braço como se fosse uma carabina grosseira, enquanto a mulher me inspecionava. Ela não tinha pressa, provavelmente porque não sabia o que fazer comigo. Eu olhava para o chão. Seus pés metidos em pantufas igualmente cor-de-rosa, do mesmo tecido que o roupão, abertas

na frente.

Ao acabar de me examinar, ela perguntou:

— Está orgulhoso do que acaba de fazer?

Eu fiz que "não" com a cabeça.

— Quer que eu fale com seus pais?

Eu fiz "não".

— Pretende voltar aqui toda manhã?

Eu fiz que "não" mais uma vez, sem abrir a boca e com olhar ainda pregado no chão, entre a grama e as pantufas cor-de-rosa, cuja abertura permitia ver as unhas pintadas da mesma cor.

— Perdeu a língua?

Eu repeti "não" com a cabeça.

— E por que não abre a boca?

Eu então juntei toda a coragem e soltei:

— Por educação!

Ela deu uma gargalhada e repetiu minhas palavras em voz alta e em tom de zombaria, como se invocasse o testemunho de um público imaginário. Depois me perguntou:

— Suponho que também seja por educação que está o tempo todo olhando para o chão.

Eu fiz "sim" com a cabeça, insistente, como se finalmente estivéssemos nos entendendo.

— Tem razão de baixar a cabeça na presença de uma senhora. É sinal de polidez.

Eu comecei a me tranquilizar quando ela acrescentou:

— E também é um sinal de polidez que um rapaz suba numa escada para espionar as moças por cima do muro, não é mesmo?

Eu já nem me arriscava mais a responder. Limitava-me a levantar os olhos para ela, como se fosse receber a sentença de um juiz. A mulher sorriu, eu também. Ela franziu as sobrancelhas, sem parar de sorrir, e perguntou:

— Se não é por educação que está me espionando, por que então?

Um pouco mais seguro, graças ao seu sorriso, eu respondi:

— Por curiosidade.

O que, naturalmente, era a pura e simples verdade.

Ela se calou, sem parar de me olhar, me examinando da cabeça aos pés, como se quisesse decidir a pena a ser infligida.

— Se quisesse, eu poderia ficar com a escada e chamar seus pais para vir buscá-la. — Ela esperou alguns segundos e me tranquilizou. — Mas não o farei. Tenho certeza de que você vai pedir desculpas e prometer nunca mais me espionar.

Eu logo tratei de prometer, mas ela não me ouvia direito. Ainda estava buscando a sanção adequada.

— Para ser perdoado — disse finalmente —, você vai encostar sua escada aqui por enquanto, na parede, e vai até a cozinha. Lá, encontrará uma senhora de idade de avental azul. Ela se chama Oum Maher. Diga-lhe que quero o café da manhã. Fale bem alto, pois ela ouve muito mal. Ela prepara o melhor café turco do país, mas não consegue andar direito. Você, que tem pernas tão boas, pode ajudá-la...

A casa era muito extensa. Da cozinha até o lugar onde estávamos, havia facilmente trinta metros. A mulher pediu-me que esperasse na cozinha até o café ficar pronto e o trouxesse em seguida numa bandeja, sem derramar.

— Também vai querer tomar? Que idade você tem?

— Dez anos e meio!

— E meio? — fez ela, franzindo as sobrancelhas, como se essa metade de ano representasse uma diferença fundamental.

— Neste caso, já está grande, pode tomá-lo. Você gosta com açúcar?

Eu fiz que "sim" com a cabeça.

— Sendo assim, como punição, vai tomá-lo como eu, amargo.

Eu assenti de novo com a cabeça.

— Vejo que você engoliu a língua de novo. Nem consegue mais dizer "sim"

ou "não".

Com ela, eu tinha ao mesmo tempo a impressão de ter 4 anos e de ser um adulto. Enfim, consegui pronunciar timidamente:

— Sim!

Ela imediatamente corrigiu:

— Sim, Hanum! Você vai me chamar de Hanum!

Eu nunca tinha ouvido aquele nome estranho. Na época otomana, parece que era a maneira polida de se dirigir a uma senhora, mas na minha época, e já na época dos meus pais, ninguém mais a usava, que eu soubesse, a não ser homens muito idosos e cerimoniosos.

Nossa vizinha perguntou então como eu me chamava.

— Adam.

Eu pronunciei meu nome como costumava fazer na época, antes de ir para a França, com acento tônico no primeiro "A" e prolongando o "m". Ela então repetiu, como se quisesse treinar:

— Adamm. É assim que vou chamá-lo, Adamm, apenas Adamm, pois você é jovem. Mas você terá de me chamar educadamente de Hanum, como se eu não tivesse nome, pois tenho a idade da sua mãe.

— Sim, Hanum — respondi da maneira mais educada e dócil do mundo, e então fui para a cozinha, onde a tal Oum Maher me examinou da cabeça aos pés, com um olhar ameaçador, como se eu fosse um ladrão de figos. Quando eu disse, quase aos berros, que a Hanum queria dois cafés turcos sem açúcar, ela gritou na minha cara que não era surda. E então, como se também quisesse me punir, fez-me levar uma enorme bandeja com dois copos de água gelada cheios até a borda, duas xícaras de café já servidas, um prato de tomilho no azeite, outro de queijo de cabra e uma cesta de pão. Embora não estivesse assim tão pesada, a bandeja era tão grande que, segurando-a com as duas mãos na minha frente, eu não conseguia mais ver onde estava pisando. Tive de caminhar com infinita lentidão para não deixá-la cair.

Mas depois, como toda transgressão merece ao mesmo tempo seu castigo e

sua recompensa, minha carcereira convidou-me a entrar. Ela estava no seu salão, já vestida, maquiada, com os cabelos cingidos por um lenço prateado, como se fosse um diadema. Apontou com o dedo a mesa onde a bandeja devia ser depositada, e depois a cadeira onde eu deveria me sentar. Eu demorei para me sentir à vontade, mas era evidente que tinha mudado de condição. Não era mais o garoto intruso a ponto de ser punido, mas quase um convidado.

Depois de apanhar sua xícara, ela ofereceu a minha. Eu molhei os lábios no café amargo, esforçando-me para não fazer uma careta. Ela observou meus gestos e expressões, com as sobrancelhas novamente franzidas, o que me deixou sem jeito. Tive de me esforçar para não derrubar minha xícara.

E então perguntou:

— E o que faz o Adam quando não está escalando muros?

— Eu leio — respondi.

Muito se fala do encantamento dos livros, mas não se costuma dizer que ele é duplo. Há o encantamento de lê-los e o de falar deles. Todo o charme de um Borges é que lemos as histórias contadas ao mesmo tempo que sonhamos com outros livros, inventados, sonhados, fantasmagóricos. E, por algumas páginas, temos os dois encantamentos ao mesmo tempo.

Muitas vezes na vida eu pude sentir essa virtude dos livros. Mas foi nesse dia que a descobri. Você está com uma estranha, ela pergunta o que você está lendo, ou então é você que pergunta a ela, e se os dois pertencem ao universo dos que leem, já estão a ponto de entrar de mãos dadas num paraíso compartilhado. Como um livro chama outro, experimentarão juntos proezas, emoções, mitos, ideias, estilos, esperanças.

Em resposta ao meu "Eu leio", a mulher que me retinha em sua casa não perguntou vagamente o que eu costumava ler, o que seria inconsequente, mas em que livro eu tinha mergulhado naquele dia. Lembro-me de que era um romance de aventuras intitulado "O prisioneiro de Zenda". Ela, por sua vez, estava lendo o livro de um arqueólogo alemão chamado Schliemann, que

descobriu o sítio da cidade de Troia. Não tínhamos exatamente as mesmas leituras, mas ela me questionou sobre o meu livro, falou-me longamente do seu e nós descobrimos certas semelhanças entre essas obras. E então ela sugeriu que trocássemos ao terminar.

A partir de então, toda vez que escolhia um livro, eu pensava primeiro nela. Ela era apaixonada por história, arqueologia e biografias. Eu lia sobretudo histórias em quadrinhos e romances de espionagem, consumindo-os sem moderação, exatamente como bebia refrigerantes. Graças à Hanum, que não teria gostado se eu aparecesse em sua casa com o trigésimo episódio das aventuras deste ou daquele agente secreto, tive de começar a ampliar meus focos de interesse. Eu queria surpreendê-la, ou pelo menos merecer sua estima. Para isso, precisaria fazê-la descobrir livros que não conhecesse. Não sei se lhe ensinei grande coisa; em compensação, aprendi muito graças a ela. Sobre o Egito antigo, sobre a Grécia, sobre Bizâncio e sobretudo sobre a Mesopotâmia.

Naquele verão, e no seguinte, e também no que veio depois, fui com muita frequência à sua casa, às vezes três ou quatro dias consecutivos. Nós falávamos muito, disto e daquilo, mas também podíamos sentar cada um no seu canto para ler nossos livros em silêncio.

Não fiquei surpreso quando ela me disse um dia que fora casada com um arqueólogo. Ela era iraquiana, o que eu tinha adivinhado pelo sotaque, e seu marido havia trabalhado no museu de Bagdá. Quando a monarquia foi derrubada, em 14 de julho de 1958, eles estavam de férias no exterior, o que talvez lhes tenha salvo a vida. Ela era sobrinha de um primeiro-ministro do antigo regime, e muitas vezes eles eram recebidos no Palácio Real. Vários parentes tinham sido massacrados nos dias posteriores ao golpe de Estado. Teria sido imprudente, e mesmo suicida, voltar ao Iraque. Eles então construíram aquela casa, mas seu marido morreu pouco depois. Creio ter entendido que ele era muito mais velho que ela.

Um dia, ela me mostrou sua coleção de moedas antigas, explicando a origem das peças. Em algumas delas viam-se cabeças de imperadores romanos;

em outras, ditos otomanos, "Sultão das duas terras e Soberano dos dois mares". Eu fiquei impressionado, e prometi a mim mesmo que um dia também teria uma coleção de moedas antigas. Naturalmente, isso não aconteceu. Não tenho temperamento de colecionador; é necessário muito mais perseverança do que eu tenho. Em compensação, estou certo de que foi graças à Hanum que comecei a me interessar por história.

Até então, influenciado pelos meus pais, eu queria ser arquiteto. Nós não falávamos disso, eu era muito pequeno, mas para mim era algo concreto. O acidente de avião, o fechamento do escritório e a perda da nossa casa me desviaram desse caminho previamente traçado. Eu quis ir numa direção completamente diferente, e escolhi a história. Em certo sentido, meu encontro fortuito com nossa vizinha loura está na origem da carreira que segui.

Mas volto à coleção de moedas, pois ela foi a causa de um incidente que eu não esqueceria. Fiquei tão fascinado com o que Hanum me mostrou que não conseguia mais deixar de fixar o solo ao caminhar, como se bastasse ser vigilante para encontrar moedas antigas no chão. A coisa não era tão absurda quanto pode parecer, pois existem vestígios romanos e bizantinos na aldeia, onde foram encontradas estátuas enterradas, colunas esculpidas e provavelmente também moedas.

E um dia de fato eu encontrei, entre duas pedras, o que me pareceu ser uma peça antiga. Após esfregá-la um pouco, apareceram os contornos de uma cabeça, além de letras parcialmente apagadas. Corri então para a casa da mulher, a toda a velocidade, como se houvesse alguma urgência. Deviam ser três ou quatro horas da tarde. Eu sabia muito bem que a maioria das pessoas fazia a sesta, especialmente no auge do verão, mas no meu entusiasmo não tinha pensado nisso nem por um só instante.

Entrei pelo portão externo, que não estava fechado, atravessei o jardim e depois o salão. Ninguém. Cheguei a uma grande varanda onde às vezes ficávamos os dois, com os livros na mão, e que dava para o vale. Ninguém.

Na extremidade da varanda havia uma porta de sacada. Precipitei-me na

sua direção e dei de cara com Hanum. Despida, toda branca, quase nua. Era o seu quarto, mas eu não sabia, nunca estivera ali. Era evidente que ela terminara a sesta, acabara de tomar sua ducha e começava a se vestir.

Vendo-me aparecer assim, de repente, ela deu um grito de surpresa, cobriu o peito com os braços e deu um passo atrás. Mais surpreso ainda que ela, e mesmo aterrorizado, balbuciei alguma coisa, dei meia-volta violentamente para começar a correr de novo, tropecei e me esborrachei no chão.

Fiquei tão embaraçado, tão desamparado, que não consegui me mexer. Fiz-me de morto. Ela se debruçou sobre mim, chamando meu nome, mas não respondi. Ela bateu então nas minhas bochechas, repetindo, preocupada:

— Adam! Adam!

Eu abri lentamente as pálpebras, como se voltasse de um longo sono e não soubesse mais onde estava. Então ela me disse:

— Volte a fechar os olhos, ainda não estou vestida!

Eu obedeci, mas ela mesma já tinha coberto meus olhos com a mão.

— Você me dá sua palavra de homem que ficará três minutos com os olhos fechados?

— Sim.

Ela desapareceu e depois retornou, num roupão.

— Pronto, pode abrir.

Foi o que eu fiz. E depois me levantei.

— Está sentindo alguma dor?

Eu fiz que "não" com a cabeça.

— Que bom! Fico tranquila. Vá me esperar no salão! Vou me vestir e chego logo.

Enquanto esperava, preparando minhas palavras de desculpas, percebi que não tinha mais na mão a moeda que me fizera correr. Devia ter caído na varanda. Quando a mulher veio ao meu encontro no salão, vestida, maquiada e perfumada, pedi permissão para ir em busca do objeto perdido. Mas não o encontrei. Teria saltado por cima da balaustrada? Ou rolado para o ralo? Eu

não tinha como saber. Ela estava na minha mão, e ao cair eu a soltara. Fiquei arrasado, pois estava orgulhoso da minha descoberta, mas também e sobretudo porque era a "prova material" capaz de desculpar meu comportamento grosseiro.

Mas o fato é que a Hanum não ficou zangada comigo, e nunca mais mencionou o incidente. Acho até que minha gafe, ao introduzir na nossa relação um episódio secreto de que ninguém mais no mundo tomaria conhecimento, teceu laços íntimos entre nós dois.

Um adolescente pode ter experiências tórridas de iniciação. A minha não foi assim. Mas me marcou por sua própria suavidade, sua sutileza. Quando volto a pensar nela, às vezes, a palavra que me vem à mente é clemência. Eu fazia tolices de garoto e tinha, ao meu lado, uma bela estrangeira que respondia à minha agitação com benevolência, ensinando-me, com paciência e ternura, a me tornar um homem.

4

— Você sabe o que aconteceu com essa mulher? — perguntou Sémiramis quando Adam acabou de contar a história da moeda perdida.

Ele respondeu que não tinha a menor ideia. Vira-a pela última vez em agosto de 1966, no dia seguinte ao da morte de seus pais.

— Quando se espalhou a notícia do acidente, a vizinhança toda foi para nossa casa. A Hanum estava lá, entre as mulheres de negro, e me apertou em seus braços, como tantos outros, para me consolar. Pouco depois, eu deixei a aldeia e nunca mais voltei a pôr os pés nela.

— Você acha que ela ainda pode estar lá? — perguntou Naïm.

— Não, claro que não! — respondeu Adam, sem explicar como podia estar tão certo, depois do que acabava de dizer.

— Se você fizer escadinha para mim, consigo olhar por cima do muro — propôs Sémiramis.

— Não. E também não vou trazer uma escada, como da outra vez. Vamos, já chega, já lhes contei tudo, vamos embora!

Se estivesse sozinho, Adam certamente teria batido à porta. E se não tivesse contado a última história, ainda poderia fazê-lo, mesmo em companhia dos amigos. Mas, depois de revelar que tinha dado de cara com a mulher despida, não se achava mais no direito de oferecê-la ao seu olhar. Teria a sensação de estar traindo sua bondade, e de não ser mais digno de sua confiança.

Assim, murmurou, como se falasse consigo mesmo:

— Deus abençoe seus dias, Hanum, na juventude e na velhice, na vida e no além!

E então voltou a dizer aos amigos, em voz alta:

— Vamos, já chega, vamos embora!

Mas o acaso das portas e caminhos tinha decidido de outra maneira.

Enquanto os três se afastavam, ouviu-se um ruído atrás deles. Primeira a se voltar, Sémiramis viu a porta se abrir, de onde saiu uma senhora, tendo na cabeça um grande chapéu de palha enfeitado com uma fita cor-de-rosa.

Ela! Só podia ser ela, e não adiantava mais pesar os prós e os contras. Adam voltou sobre seus passos, como se fosse intimado a fazê-lo por uma vontade superior.

— Hanum? — disse ele, num tremor de emoção e polidez ao mesmo tempo.

— Eu o conheço?

— Eu me chamo Adam. Eu morava...

— Meu filho!

Envergonhada, ela tapou a boca. Adam tomou-lhe a mão e a levou aos lábios, dizendo, então, ao soltá-la:

— Eu realmente era uma criança quando me viu pela última vez, Hanum. Meus pais acabavam de morrer.

— Sim, eu me lembro, meu pobre menino! — disse ela, desta vez sem se conter.

— Depois a casa foi tomada pelos credores, e eu nunca mais voltei aqui.

— Sim, eu sei — respondeu, como se o tempo todo estivesse esperando a sua volta. — Como você cresceu!

— Estou com 47 anos!

— Não perguntei sua idade por medo que perguntasse a minha.

Ela riu, e seu riso era jovial. Sémiramis e Naïm, que até então assistiam discretamente ao reencontro, juntaram-se ruidosamente às risadas. Adam aproveitou para apresentá-los.

— Sémiramis — disse melodiosamente a Hanum. — Para mim, é o mais belo

nome, e lhe cai bem.

A interessada enrubesceu.

— Seus nomes também são muito belos, senhores. "Naïm" é o outro nome do Paraíso, e "Adam" foi escolhido pelo próprio Criador. Mas permitam-me ter um fraco por Sémiramis. Podem perceber pelo meu sotaque que eu venho da Mesopotâmia.

Um sorriso triste desenhou-se em seus lábios ao dizer o topônimo antigo.

— Meu marido dizia que para ele era a melodia mais bela do mundo quando ouvia Mesopotâmia, Eufrates, Suméria, Akkad, Assur, Babel, Gilgamesh, Sémiramis. Ele era arqueólogo.

— Sim — disse Naïm —, Adam nos contou.

— E o que mais ele lhes contou a meu respeito?

Os três amigos ficaram muito embaraçados. Mas havia saídas elegantes. Sémiramis foi a primeira a encontrá-las.

— Ele falou dos livros que o levou a ler.

— Ele me impressionava, na infância. De dois em dois dias vinha me visitar com um grande livro já lido.

— A verdade, Hanum, é que eu lia depressa para ir ao seu encontro — balbuciou o antigo menino.

— Mas venham! Entrem! Eu devia me envergonhar de ficar assim conversando diante da porta sem convidá-los a entrar.

— Achei que estava saindo, Hanum — objetou Adam sem convicção.

— Eu ia fazer meu passeio diário, mas posso fazê-lo mais tarde. Nem sempre recebo visitas importantes.

Enquanto falava, ela voltara em direção à porta, e agora a segurava para que os três amigos entrassem.

Adam a contemplava, ainda incrédulo, como se, por milagre, tivesse sido novamente admitido no paraíso anterior à queda.

Como ela se mantivera graciosa! O rosa, sua cor favorita, ainda estava lá, numa lembrança sutil, na fita do chapéu e também na barra da saia.

Que idade teria? Adam tinha um ponto de referência, pois ela era da geração dos seus pais. Se ainda estivessem vivos, seu pai teria 76 anos, e sua mãe, 72. A Hanum devia estar por perto.

Estranhamente, a propriedade era mais bela agora que em suas lembranças de infância. Embora a construção não tivesse mudado, ainda com aquele longo muro de pedra marrom que ia da porta da cozinha à da sala de estar, o jardim estava mais bem-cuidado, a relva fora aparada e os canteiros de flores pareciam desenhados com esquadro. Logo, ele entenderia o motivo dessa melhoria. A irascível Oum Maher fora substituída por uma compatriota da proprietária, uma jovial refugiada originária das imediações de Mossul.

Ela é que traria o café ao salão, acompanhado de doces diversos. E que voltaria minutos depois para oferecer aos visitantes três grandes copos de xarope de amora, e, para a patroa, um simples copo de água e três pílulas coloridas num pratinho.

— Mais tarde! — murmurou a Hanum, incomodada com a perspectiva de se entregar diante dos convidados a esse ritual de mulher de idade.

— Não, mais tarde não, está na hora! — disse com firmeza a outra, sem se mover e sustentando o mesmo sorriso largo.

A mulher não teve escolha senão engolir os remédios, com alguns goles. E explicou:

— Sabah cuida do meu jardim como se fosse eu, e de mim como se eu fosse uma velha roseira doente. O que eu sou...

Quando a empregada se afastou, ela acrescentou:

— Nos nossos países, fazem revoluções em nome do povo, e o povo se vê expulso de casa, é jogado nas estradas. Estou falando de Sabah, mas poderia falar de mim mesma. Desde a nossa valorosa revolução, não voltei a pôr os pés no meu país natal.

Adam olhou ao redor e constatou:

— Neste salão, Hanum, somos todos exilados. Eu fui para a França; Naïm,

para o Brasil; e Sémiramis teve de sair do Egito com os pais quando tinha apenas 1 ano.

— Por causa da revolução? — perguntou a Hanum.

Sémi confirmou, sem explicar as circunstâncias da fuga precoce.

— Como são catastróficas essas revoluções! — suspirou a dona da casa, acompanhando as palavras com um gesto para espantar moscas.

— Na nossa região, pelo menos, de fato foram — ponderou Adam, não querendo contradizê-la, mas não podendo corroborar tais generalizações, em sua qualidade de historiador.

Mas a anfitriã não aceitava contemporizações.

— Não só na nossa região, Adam! Veja a Rússia. Antes dos bolcheviques, estava em plena floração! Em poucas décadas, tiveram Tchekhov, Dostoiévski, Tolstói, Turguêniev... E então a revolução caiu sobre o país como uma interminável noite de inverno, e os brotos morreram.

— Mas se as pessoas se revoltaram, Hanum, foi porque tinham motivos. Você esquece que Dostoiévski participou de um movimento revolucionário, que quase foi executado e passou anos numa prisão da Sibéria.

— Você leu o relato que ele escreveu ao voltar?

Para sua vergonha, Adam não o havia lido. Ele se saiu com uma tirada.

— Se me tivesse dado, Hanum, eu o teria lido.

— Na época eu tampouco o havia lido. Por isso, tinha em alta conta a revolução russa, comparando-a favoravelmente com as dos nossos países. Eu achava que os dirigentes soviéticos tinham sido capazes de construir uma grande potência respeitada por todo o mundo, e que tinham saído vitoriosos da guerra mundial, ao passo que nossos dirigentes árabes haviam apenas acumulado derrotas e fracassos. Quanto aos nossos revolucionários, nossos supostos "progressistas", não mudei de opinião, mas sobre os outros, sim. Um dia, eu li o livro escrito por Soljenítsin ao sair do internamento na Sibéria, *Um dia na vida de Ivan Denissovitch*, e lembrei que tinha na minha biblioteca o livro de Dostoiévski sobre sua própria experiência no cárcere, *Recordações da casa dos*

mortos. E então vim a lê-lo, tardiamente. E, sinceramente, lhe aconselho a experiência, e aos seus amigos também. Leiam como eu fiz, na ordem inversa. Primeiro o relato do século XX, depois o do século XIX. Entre os dois passaram-se exatamente cem anos. Vocês verão que a prisão de forçados da época do czar era quase uma colônia de férias em comparação com a da época stalinista. E não poderão deixar de se perguntar: então era isso o regime execrável dos czares, que precisava ser derrubado a qualquer custo?

Ela franziu as sobrancelhas ao mesmo tempo que sorria com benevolência, como devia ter feito no dia em que apanhou Adam tentando espioná-la.

— Vocês provavelmente estão pensando que eu sou uma velha imigrante rabugenta!

Os três amigos protestaram em uníssono.

— Talvez tenha me tornado realmente, com a idade. A vida inteira eu quis que esta região evoluísse, progredisse e se modernizasse. Mas só tive desilusões. Em nome do progresso, da justiça, da liberdade, da nação ou da religião estão nos embarcando constantemente em aventuras que acabam em naufrágio. Os que pregam a revolução deviam ser obrigados a demonstrar antecipadamente que a sociedade que vão criar será mais livre, mais justa e menos corrupta que a que já existe. Não acham?

Os visitantes assentiram polidamente com a cabeça, e então se consultaram com o olhar para saber se já estava na hora de se retirar. Adam fez sinal discretamente para que esperassem mais um pouco. Não queria que, despedindo-se, dessem à anfitriã a impressão de estar julgando o que ela acabava de dizer.

Ela agora parecia mergulhada em uma preocupada meditação. Foi Naïm que desanuviou o ambiente.

— Há uma pergunta que gostaria de lhe fazer, Hanum.

Ela sorriu, pois ele tinha uma expressão risonha, e também por ter se juntado aos que a chamavam assim.

— Gostaria de saber se, na juventude, Adam era mais comportado ou mais

travesso.

A mulher abriu ainda mais o sorriso. E pareceu recorrer às lembranças para responder:

— Quando se mostrava travesso, era por descuido. E quando se mostrava comportado, era por timidez.

Os amigos receberam a informação com risos polidos, e então se levantaram. Por uma questão de cortesia, a dona da casa insistiu que ficassem para o almoço; eles se desculparam, a pretexto de que eram esperados, e prometeram que voltariam.

Na hora de abrir a porta do jardim para que saíssem, a Hanum pareceu lembrar-se de algo e pediu que esperassem. Afastou-se e voltou dois minutos depois, com um lenço na mão. Desdobrou-o diante do olhar de Adam, que subitamente enrubesceu.

— Um dia você deixou cair esta moeda, ela rolou para baixo de uma cama e se alojou numa fenda — explicou a mulher, com voz trêmula. — Quando a encontrei, você não estava mais aqui para que a devolvesse. Guarde-a com carinho, é uma peça bizantina autêntica, da época de Justiniano.

Adam estendeu as duas mãos abertas, como se fosse receber uma oferenda. Não conseguiu mais conter as lágrimas. Seus amigos desviaram o olhar e então apressaram o passo para atravessar o portão e tomar o caminho de pedras à frente dele.

2 de maio, continuação

A moeda que a Hanum me "devolveu" não é a que eu encontrei entre as pedras e depois perdi. A outra não era bizantina nem romana nem otomana, no máximo uma moeda local corroída pelo tempo. Naturalmente, eu não disse nada, entrei no jogo para não trair minha cúmplice, minha benfeitora, que me dava esse comovente presente.

De repente, fico achando que a lembrança que guardou dos nossos encontros não era menos intensa que a minha; e que, se ela foi para mim um

sol radiante, talvez eu tenha sido para ela um raio. Curiosamente, nunca tinha pensado nisso. Mergulhado em minhas próprias nostalgias, raramente presto atenção às das pessoas que conheci. Parece-me natural que tenham deixado marcas na minha memória, mas me surpreende que eu mesmo tenha deixado traços na memória delas. Resta saber se estou sendo modesto ou insensível.

Décimo quarto dia

1

Quinta-feira, 3 de maio

Albert chegou hoje. Nossa pequena convenção de amigos começa a tomar forma.

Telefonei para ele ontem à noite no celular. Ele já estava em Atlanta, Geórgia, embarcando em um avião para Londres, onde passaria a noite. Insistiu tanto que eu não fosse recebê-lo no aeroporto que acabei prometendo.

Mas no último momento senti remorso e fui. Afinal, foi a meu pedido que ele voltou ao país. Além do mais, fiquei com um certo gosto amargo da minha própria chegada, há duas semanas, quando ninguém foi me esperar. Eu também não queria incomodar ninguém, mas não teria ficado infeliz se tivesse a surpresa de encontrar alguns rostos conhecidos ao sair da alfândega.

Sémi não me acompanhou. Limitou-se a emprestar o carro, dirigido por Kiwan, o motorista oficial do hotel.

No enorme saguão de chegadas do aeroporto, fiquei um pouco afastado, para ver os passageiros que desembarcavam sem que o meu rosto fosse o primeiro a ser encontrado pelo olhar de Albert. Ele me dissera que tinha tomado as devidas providências; seria esperado por pessoas que o levariam a seu apartamento de outros tempos, onde pretendia passar a noite. Eu achava que ele o teria vendido há anos, logo ele, que jurava nunca mais voltar a pôr os pés neste país. Mas está claro que não o fez. Cabe mesmo supor que cuidou

muito bem dele, caso contrário não estaria pensando em passar a noite lá.

Quando Albert apareceu, imediatamente eu o reconheci. Ao contrário de Naïm, ele mudou pouco. Seus cabelos estão ainda menos grisalhos que os meus. Além disso, seu nariz pontudo no meio do rosto triangular trai de longe seu perfil.

Havia um casal à sua espera. O homem era atarracado, tendo no crânio enrugado um tufo de cabelos brancos; a mulher usava um vestido cinzento e trazia na cabeça um lenço da mesma cor. Assim que o passageiro chegou, eles acorreram na sua direção, tomando-o cada um por um braço, e num instante eu entendi quem seriam. Algo naquele gestual acabava de me lembrar da descrição que Mourad fizera de sua visita ao mecânico que sequestrara Albert.

Eu não teria feito a ligação se não tivesse rememorado essa história na semana passada para registrá-la por escrito. Mas, na verdade, é uma certeza íntima. O aspecto dessas pessoas, a maneira como movimentam os braços vêm de um mundo diferente daquele em que nós dois crescemos. Lembrei-me da despedida desse casal ao antigo refém, tal como me fora relatada por Mourad, e fiquei pensando que a "mãe adotiva" mencionada por Albert em sua mensagem codificada só podia ser ela.

Eu sorri e dei um passo para trás. Estava então explicado por que o passageiro não queria que outras pessoas também fossem recebê-lo! Se eu não lhe tivesse telefonado, ele só me telefonaria depois que já estivesse no país.

Dei mais dois passos para trás e me escondi no meio de um grupo de desconhecidos. Será que ele me viu? Talvez. Talvez não. Parecia totalmente em poder daqueles parentes improváveis, que falavam com ele, o ouviam, passavam-lhe as mãos pelos cabelos, os braços, os ombros.

O homem já tinha lhe tirado das mãos a mala e a mochila. Caminhava à frente, certamente em direção ao seu carro. Albert batalhava para recuperar pelo menos uma das bagagens, enquanto a mulher trotava atrás dos dois.

Eu deveria tentar ir ao seu encontro? Não, resolvi desaparecer. Voltei em direção ao carro que me esperava. Ao ser questionado por Kiwan se meu

amigo realmente chegara, eu respondi que estava tudo bem, e que podíamos voltar ao hotel.

No caminho, tendo deixado passar cerca de vinte minutos, disquei o número americano de Albert. Uma voz feminina gravada informou que não era possível completar a ligação. Não deixei mensagem, preferindo esperar que ele me ligasse.

O que ele fez uma hora depois, no momento em que eu entrava no meu quarto. Era evidente que ele não sabia que eu estivera no aeroporto. Melhor assim!

A viagem transcorrera bem, disse-me ele, ele já estava em casa, achava que iria dormir logo, por causa do enorme fuso horário, e por não ter conseguido fechar os olhos em Londres. Convidou-me a passar em sua casa amanhã de manhã. Perguntou se eu ainda sabia onde ficava seu apartamento. Lembrando que, na juventude, eu costumava zombar do seu precário senso de orientação, respondi que se ele conseguira chegar, eu também seria capaz. Ele se limitou a um pequeno riso, sem comentários, e nos dissemos "até amanhã".

2

Quando os outros amigos telefonaram, por volta das sete horas da noite, para pedir notícias do recém-chegado, Adam evitou contar a cena do aeroporto.

Informou apenas que Albert acabara de falar com ele, que tinha chegado bem, de bom humor, mas cansado, e que ia dormir logo.

Eles pretendiam ir à noite à casa de Tania, a quem Naïm ainda não dera seus pêsames, e o convidaram a acompanhá-los. Mas Adam recusou o convite. Disse que estava extremamente cansado e com enxaqueca, provavelmente decorrente do fato de ter andado no trânsito em horário de engarrafamento, numa nuvem de gasolina.

Talvez aquilo não passasse de um pretexto, porque já estivera suficientemente com a viúva e sentia em relação a ela um certo cansaço? Talvez. Outra explicação plausível é que não tinha vontade de estar com ninguém antes de ter uma longa conversa pessoal com Albert.

Decidiu então ficar no quarto naquela noite. Encomendou um jantar leve, apenas um prato de queijos e algumas frutas, e tratou de organizar suas anotações e registrar por escrito algumas reflexões de ordem geral.

Na volta, quando estávamos parados no engarrafamento, o motorista do hotel me confessou, depois de muito se desculpar, como se estivesse para cometer a pior das inconveniências, que nunca antes tinha conhecido um homem chamado Adam. Eu o tranquilizei, garantindo que não me sentia de

modo algum ofendido com a observação, que meu nome de fato era inusitado no país, mas que ficava mais lisonjeado que embaraçado. Pois não é um privilégio ter o nome do primeiro dos seres humanos?

Ele assentiu polidamente com a cabeça, sem por isso parecer convencido pela minha argumentação. Se bem entendi a linguagem de seus olhos, Kiwan parecia achar que eu me esforçava para levar na esportiva, mas se sentia agradecido por eu não ter ficado melindrado com o que dissera.

Quando ele se calou, dei prosseguimento à conversa comigo mesmo. Respondendo aos meus próprios argumentos como ele não teria sido capaz. É verdade que trago no meu nome a humanidade que nasce, mas pertenço a uma humanidade que está morrendo.

Sempre me impressionou o fato de que, em Roma, o último imperador se chamava Romulus, como o fundador da cidade; e que em Constantinopla o último imperador se chamava Constantino — mais uma vez, como o fundador. Por isso, meu nome, Adam, sempre me inspirou mais preocupação que orgulho.

Eu nunca soube por que meus pais me deram esse nome. (...) Um dia perguntei a meu pai, e ele respondeu simplesmente: "É o ancestral de todos nós!", como se eu não soubesse. Eu tinha 10 anos, e aceitei a explicação. Talvez devesse ter-lhe questionado, enquanto ainda estava vivo, se havia por trás dessa escolha alguma intenção, algum sonho.

Parece-me que sim. Para ele, eu devia pertencer ao bando fundador. Hoje, aos 47 anos, tenho de reconhecer que minha missão não será cumprida. Não serei o primeiro de uma linhagem, mas o último, o último dos últimos entre os meus, depositário de suas tristezas acumuladas, de suas desilusões e vergonhas. Cabe a mim a horrível tarefa de reconhecer aqueles que amei, e então assentir com a cabeça para que cubram os corpos com o lençol. (...)

Décimo quinto dia

1

Sexta-feira, 4 de maio

Passei a manhã inteira com Albert, no apartamento onde um dia ele quis se matar. Ele falava como se nunca tivéssemos feito confidências, e como se nunca mais devêssemos voltar a nos ver.

Eu tomara o cuidado de chegar ao seu bairro cedo, reunindo as lembranças para encontrar seu prédio, que se manteve mais ou menos o mesmo. O saguão de entrada, decorado com azulejos de cerâmica predominantemente azuis, parece ter atravessado a guerra sem um arranhão. Foram providenciados apenas, em frente ao elevador, uma grade de metal espesso, de uma feiura propriamente carcerária, e um teclado para senha digital; cuidados inúteis, pois o teclado foi arrebentado, e a grade não tem mais fechadura.

Chegando ao sexto andar, grudei a orelha na porta para me certificar de que meu amigo já tinha acordado. Ainda não eram oito horas, mas já havia barulho lá dentro. A campainha funcionava. Ele abriu a porta, já vestido, e caímos nos braços um do outro.

Eu queria convidá-lo para tomar o café da manhã na rua, como fizemos um dia em Paris, quando ele acabava de ser libertado e estava a caminho da América. Mas a refeição já estava posta na mesa.

— Parece até que você sempre viveu aqui.

— O apartamento foi muito bem-cuidado na minha ausência.

— Pelos seus pais adotivos?

Eu sorri, e ele retribuiu com o mesmo sorriso de cumplicidade.

— Sim, vamos chamá-los de "meus pais adotivos", já que você gosta.

— Estou apenas repetindo o que você disse na carta...

— Para conseguir autorização para vir, eu tinha de invocar questões familiares. E não podia dizer quem eram essas pessoas.

— "Sinto saudade dos meus sequestradores, Senhor Diretor, preciso visitá-los."

Ele riu.

— Eu não apenas teria sido desautorizado a viajar, como provavelmente teria enfrentado um interrogatório bem duro. E uma avaliação do meu estado mental...

— Você sempre manteve contato com eles?

— Sim, desde o início. Quando me soltaram, fizeram-me prometer que voltaria a vê-los. E eu fiz questão de cumprir a promessa. Obriguei Mourad e Tania a me levar à casa deles antes de me acompanhar até o aeroporto.

— Eles me contaram por telefone, quando você estava no avião. Não vou repetir aqui os termos usados por Mourad, que Deus o tenha!, para se referir a você.

— Que Deus o tenha! Não importa o que tenha dito, nesse dia, ele devia ter razão. Eu fui teimoso, insensível ao perigo. Suicida.

Ele disse esta última palavra como se lhe trouxesse de novo à boca uma amargura bem conhecida. O que me fez tomar consciência de que Albert e eu estávamos nos locais onde todo o drama acontecera, há mais de vinte anos.

Provavelmente mergulhados em reminiscências paralelas, ficamos calados por alguns momentos, os olhos nas xícaras de café com leite. Depois, ele disse:

— Quando eu comecei a trabalhar, resolvi mandar-lhes todo mês uma parte do meu salário. Por quê? Porque estava descobrindo de repente o quanto a vida podia ser fascinante e prazerosa, o quanto merecia ser vivida, e tardiamente horrorizado com a ideia de que quase a perdera. Eu me sentia,

como ainda me sinto, infinitamente grato a essas excelentes pessoas, que duas vezes se revelaram instrumentos da Providência. Primeiro, instrumentos cegos, quando me sequestraram e assim me impediram de cometer o irreparável. Depois, instrumentos conscientes, generosos, corajosos, quando souberam da morte do seu filho e, ainda assim, se recusaram a continuar me perseguindo, a mim, seu prisioneiro, apesar do sofrimento e da raiva que tinham, e num momento em que tantas pessoas os incitavam a se vingar e os criticavam pela magnanimidade, considerada uma espécie de fraqueza de caráter.

"Decidi então mandar todo mês para eles o equivalente a um décimo do meu salário. Sim, o dízimo, como se dizia antigamente... Não ficaram ricos por isso, mas os impediu de passar necessidade, e até lhes permitiu arrumar a casa. Ontem, quando cheguei, eles me mostraram a reforma que fizeram com esse dinheiro. Também cuidaram deste apartamento. Olhe só! Está em melhores condições do que na época em que eu morava aqui. São pessoas profundamente boas, profundamente íntegras, e o fato de terem sido capazes um dia de praticar um sequestro diz tudo sobre a perversidade da guerra."

— Em outras palavras, você desempenhou junto a eles o papel do filho que perderam, e eles desempenharam o papel...

— Dos pais que eu perdi. Sim, é mais ou menos isso, nem preciso lhe dizer. De todos os amigos com os quais mantive contato, você é o único que conhece meu passado.

Eu sorri.

— Neste caso, os outros estão completamente no escuro, pois eu tampouco sei grande coisa.

— Você sabe que o meu pai foi assassinado na Libéria.

— Eu sabia que tinha sido na África Ocidental, mas não sabia em qual país. Nós nunca falamos a respeito, lembro-me apenas do que era cochichado na escola.

— Eu sei que diziam as piores coisas. Que ele era traficante, ou espião, ou sabe Deus o quê. Na verdade, ele era comerciante em Monróvia, e um dia

apareceram bandidos que o mataram em seu escritório, perto do porto. Eram assaltantes ou então assassinos a mando de algum rival. Se chegou a haver uma investigação, eu nunca fui informado dos resultados. Aí está, agora sabe tanto quanto eu.

— E às vezes ele vinha vê-lo?

— Ele veio duas vezes, ao que parece. Mas se não tivesse visto algumas fotos, eu nem me lembraria dos seus traços. Ele tampouco me escrevia. Minha única relação com ele consistia numa ordem de pagamento mensal.

— Como no caso dos seus pais adotivos...

Ele sorriu.

— Não tinha pensado nisso... Talvez tenha sido daí que me veio a ideia. Mas a comparação para por aí.

— E sua mãe, de fato foi para um sanatório na Suíça ou era apenas um boato?

— Era boato, e dessa vez fui eu o responsável. Meus pais se separaram quando eu tinha 4 anos. Meu pai logo foi para a Libéria, onde já viviam dois dos seus irmãos. E minha mãe veio a se casar com um homem que não queria saber desse filho de uma outra união.

Ele se calou. Eu já ia fazer perguntas, quando vi que ele estava à beira das lágrimas. Mergulhei então o olhar na minha xícara, esperando que eles se recompusesse.

Ele acabou dizendo, com a voz alterada:

— Ela aceitou esse arranjo. Esqueceu-se de mim como se eu não passasse de uma lembrança ruim, e como se o simples fato de se preocupar comigo pudesse pôr em risco sua nova vida. Dela eu não recebia nada, nem cartas, nem ajuda financeira. Quando me abandonou no pensionato, eu disse aos colegas que ela estava muito doente e se tratando num sanatório. Não encontrara outra maneira de explicar o abandono, e a coisa parecia plausível. Na verdade, ela vivia em Nice com o novo marido e os novos filhos.

— Seus meios-irmãos e irmãs?

— Nem sei como se chamam ou quantos são.

— E sua mãe, voltou a vê-la?

— Nunca! Um dia, quando eu tinha 19 anos, ela me mandou uma carta para informar que estava muito doente e queria que eu fosse vê-la. Eu não fui. Abandonei-a nos braços da morte exatamente como ela me abandonara.

"Não me orgulho disso, e senti remorsos a vida inteira. Mas, naquele momento, era o que eu tinha vontade de fazer com ela. Ela nunca tinha me escrito antes, nem no meu aniversário nem na morte do meu pai. E nem mesmo nessa única carta em que me falava da sua doença conseguira encontrar as palavras certas. 'Todo domingo eu rezo para que você seja feliz.' Quase respondi que eu não precisava das suas orações, pois nesse terreno estava muito bem-servido no pensionato; e que na infância teria precisado, isto sim, de uma mãe que me abraçasse em seu peito quente, e não de uma mãe que rezasse por mim numa igreja na Côte d'Azur. Disse também que seu marido fazia absoluta questão de começar com ela uma vida nova, que não fosse 'manchada' pelas lembranças do passado. Eu quase respondi que, se ela não queria que eu manchasse sua vida, era melhor evitar manchar também sua morte.

"No fim das contas, não escrevi nada, simplesmente não respondi. Duas semanas depois, recebi em casa um telegrama com tarja cinzenta comunicando sua morte, sem qualquer outro bilhete. Provavelmente ela mereceu o tratamento que lhe dei. Mas essa história me minou. Quando penso na minha tentativa de suicídio e no comunicado macabro que mandei imprimir, fico achando que o meu remorso é que estava levando a melhor, para me fazer pagar por essa vingança tão baixa."

Um silêncio. Eu fiquei esperando. Ele recomeçou:

— Eu nunca me interessei muito por religião. Nenhuma, na verdade. Devo ter chegado ao ponto de saturação com todas as missas matinais a que tinha de assistir com os padres. Mas há uma frase atribuída ao Profeta que me persegue desde que a ouvi pela primeira vez. Ele diz que tudo que fazemos

neste mundo terá sua retribuição no além, exceto a maneira como tratamos nossos pais, pela qual seremos punidos ou recompensados ainda neste mundo.

— Você acha que o preceito também se aplica a "pais adotivos"?

— Os interessados, de qualquer maneira, acreditam. Dizem que mais tarde, quando eu estiver velho, meus filhos vão cuidar de mim como eu cuidei deles. E eu digo "sim, meu tio", "sim, minha tia". Eles ficariam muito infelizes se eu dissesse que nunca terei filhos.

Albert calou-se. Não lhe perguntei mais nada. Nós nos olhamos. Palavras mudas devem ter sido trocadas naquele momento. Depois, ele disse:

— Você sempre soube, não é?

A resposta certa era "não", pois eu só o sabia há poucos dias, por uma confidência de Ramez. Tal como a pergunta fora feita, contudo, responder "não" seria apenas uma maneira desajeitada de responder "sim". Eu preferi dizer:

— Nós nunca falamos a respeito.

— Aqui no país era difícil falar disso. Por mais próximos que sejamos. Nós crescemos juntos, nossa amizade se desenvolveu numa idade em que qualquer confidência podia ser interpretada como um convite. Era mais prudente navegar pelo não dito...

— Na América é diferente, suponho...

— Os preconceitos existem, mas, se você conhecer seu "manual de uso", eles não transformam sua vida num inferno. Logo você aprende a ficar íntimo de determinada pessoa e não de outra, a dizer as coisas de maneira adequada, e os aborrecimentos são neutralizados. De qualquer forma, não sou partidário de "outings" forçados. Cada um deve ser capaz de decidir se quer se abrir ou não, e diante de quem, e com quais palavras. Aqueles que querem levá-lo a declarações intempestivas não são seus amigos. As pessoas decentes não o pressionam. Sejam gays ou não, limitam-se a ser seus amigos, seus colegas, seus alunos, seus vizinhos. E eu tampouco os pressiono. Nem por sua maneira de viver nem pela minha.

"A cada um eu digo o que posso dizer. Não o que querem ouvir, mas o que são capazes de ouvir. A meus "pais adotivos" eu nunca direi a verdade. Para que deixá-los infelizes? Toda vez que me escrevem, desejam que eu encontre uma boa moça para casar. Eu não prometo nada, mas deixo que desejem o que consideram necessário desejar. De que adiantaria dizer-lhes que minha noiva se chama James?"

Um silêncio. Um tinido de xícaras.

— E você? Suponho que não está mais com a adorável moça que eu conheci em Paris, há vinte anos. Como nunca mais voltou a mencioná-la em suas mensagens, deduzi que ela saiu da sua vida. Ela era psicóloga, não?

— Sim. Patricia.

— Não se veem mais?

— Faz parte da história antiga.

— Vocês ficaram muito tempo juntos?

— Sete anos.

— E a história recente, como é que se chama?

— Dolorès. Ela é diretora de uma revista.

— E vocês estão juntos desde...

— Seis anos. Ou um pouco mais.

— Devo deduzir que você está às vésperas de uma nova substituição?

— Absolutamente não. Não é assim. Quando estou com uma mulher, quero que dure a vida toda, e tenho certeza de que é possível.

— Mas elas o decepcionam, uma após a outra...

— O problema não está nelas, mas em mim. A partir do momento em que minha felicidade parece perfeita, fico achando que não vai durar. E então faço tudo para que não dure. É patológico, tenho plena consciência. Eu sei que estou destruindo assim a relação, mas não consigo parar antes de concluída a destruição.

O que eu não disse a Albert, pois no momento não pensei, é que a imagem que me persegue desde sempre é a dos meus pais rindo às gargalhadas horas

antes do acidente de avião. Quantas vezes na vida, em momentos de grande felicidade, essa imagem não voltou a me aparecer, como para avisar que toda alegria seria passageira e os risos que eu ouvisse seriam prenúncio de uma desgraça!

Quando a alegria se torna inimiga da alegria...

Nossa conversa chegou ao fim quando seu "pai adotivo" veio buscá-lo. Aparentemente, estava sendo dada uma festa em sua homenagem. Eu fui devidamente convidado pelo mecânico, mas apenas porque estava ali, e polidamente declinei do convite, alegando que alguém me esperava.

Fiquei inconsolável com aquela interrupção. Albert e eu ainda tínhamos mil coisas a nos dizer — sobre sua atividade profissional, suas pesquisas e as minhas, sua coleção de caixas de música, que pude ver nas estantes.

Também lamentei ter de falar tão superficialmente dos meus amores. Assim como é nobre falar de amor, é vulgar contar sobre eles. Ainda lembro da conversa que tive com Bilal pouco antes de sua morte, na qual ele tentava me convencer do contrário. O que ele dizia me causara impressão pela audácia, pela impertinência, mas, pensando bem, um quarto de século depois, estou mais assentado que nunca nos meus pontos de vista. E não será a conversa de hoje que me fará mudar de opinião.

Como Albert me fizera confidências, eu também devia fazê-las. É ao que parece a maneira de ser educado numa conversa... Mas a maneira como falei das mulheres da minha vida é um insulto ao amor que tive por elas. O simples fato de dizer seus nomes numa mesma frase tem algo de deselegante, senão de ignóbil. Enquanto estávamos juntos, Patricia era toda a minha vida, e hoje seria absurdo para mim transformá-la num mero capítulo ou episódio. E Dolorès não é apenas minha companheira mais recente, é para mim a criatura mais querida, e eu derramaria lágrimas de sangue se viesse a perdê-la.

E Sémi? Para mim ela é apenas um parêntese, como cheguei a escrever? Pensando bem, eu estava errado ao falar assim. Um parêntese que me abre a

porta do paraíso não é um simples parêntese, e eu não tenho vontade de voltar a fechá-lo. Daqui a alguns dias vamos nos separar, cada um para o seu lado, mas o amor que eu tenho por ela nunca será apagado, nem traído.

Ao se despedir de Albert em frente ao seu prédio, Adam pretendia sentar-se por uma horinha num café do bairro para registrar no caderno, antes que esquecesse, alguns trechos da conversa; e depois flanar pela cidade, ao sabor das placas e barracas, como sempre gostava de fazer e como ainda não havia feito desde que voltara.

Mas ao terminar de tomar suas notas já passava de uma da tarde, as ruas estavam quentes, úmidas, cheias de obras. Ele não tinha mais ânimo para caminhar. Fechou o caderno e entrou no primeiro táxi.

Chegando à Pousada Sémiramis, não procurou a "castelã" nem Naïm. Suado e cansado, subiu diretamente para o quarto, tirou as roupas já na porta, tomou uma demorada ducha e depois adormeceu no seu roupão.

Foi despertado duas horas depois por uma mão lhe acariciando o rosto. Ele sorriu, mas sem abrir os olhos, sem se mexer nem dizer nada. Felizmente, pois se tivesse pronunciado um nome, teria sido necessariamente o de Sémiramis.

Mas não era ela.

2

Dolorès não dera a entender que viria ao seu encontro.

Quando Adam insistiu para que participasse do encontro, sua companheira não mostrara entusiasmo. Ela dissera-lhe que não conhecia esses amigos que ele queria voltar a reunir, não tinha as mesmas lembranças, não tinha lugar entre eles; e, como não entendia uma palavra de árabe, sua presença os impediria de falar livremente sua língua materna.

— Você vai passar o tempo todo me explicando as coisas, e acabará lamentando que eu esteja lá.

Mas tudo isso não passava de fingimento, para que seu companheiro ficasse na incerteza até o último momento, e ela mesma, em sentido inverso, estivesse absolutamente certa de que ele desejava sua companhia. Para dizer a verdade, ela estava morrendo de vontade de encontrá-lo no país onde ele nascera, conhecer as pessoas que havia conhecido e finalmente se ver associada — numa "aula de recuperação" — a um dos períodos mais felizes do seu passado. Além do mais, certamente não queria que ele vivesse esses momentos tão importantes em companhia apenas de Sémiramis.

Dolorès se esforçava por não resvalar para o ciúme doentio. Tinha um certo orgulho de não sentir raiva daquela que lhe havia tomado seu homem "emprestado". Vira-a apenas duas vezes na vida, mas instintivamente simpatizava com ela, e até confiava, apesar do que ocorrera, e talvez até em virtude do que havia ocorrido. Aliás, fora graças à sorridente cumplicidade da

“rival” que ela pudera fazer a viagem discretamente. Nenhum ressentimento, portanto, em relação à bela hoteleira... Mas Dolorès também sabia que estava mais que na hora de voltar a tomar posse do homem que lhe pertencia. E de fechar um certo “parêntese”.

Sémiramis foi recebê-la no aeroporto. Depois, levou-a para o hotel. A recepcionista informou que Adam estava no quarto. Dolorès achava que o surpreenderia diante do computador. Abriu suavemente a porta, mas o quarto estava escuro. Deixando a bagagem do lado de fora, ela entrou na ponta dos pés. Seu companheiro dormia.

Ela o despertou, então, acariciando-lhe o rosto. Antes mesmo de abrir os olhos, ele a reconheceu pelo perfume de incenso. Enlaçou-a com os braços, murmurando: “Querida!”, como se a estivesse esperando. Ela escorregou para baixo dos lençóis, junto a ele.

A doce sesta dos amantes foi interrompida por um telefonema de Albert, querendo se desculpar por ter se despedido tão repentinamente do amigo pela manhã e propondo que voltassem a se encontrar à noite na cidade.

— Tem certeza de que os seus sequestradores vão deixá-lo? — zombou Adam.

— Não — respondeu o amigo —, mas eles me concedem um horário livre à noite. Lembra-se do restaurante *Código Civil*?

— Perto da universidade? Como poderia esquecer? Era o nosso ponto de encontro...

— Passei lá em frente, e fiquei surpreso ao constatar que ainda existe. Ou, para ser mais exato, que voltou a existir. Ele tinha sido fechado no início da guerra, mas alguém teve a ideia de reabri-lo. Também vou convidar Sémi e Naïm. Acho que seria uma boa introdução ao nosso encontro.

Adam ficou encantado.

— Vou sentar no meu lugar de sempre e pedir exatamente o que eu pedia na época.

Dolorès não sabia do que ele estava falando, mas a alegria do companheiro era contagiante; ela abriu o mesmo sorriso que ele e repousou a cabeça no seu ombro nu.

— Debaixo dessa aparência de revoltado, você tem uma alma desesperadamente conservadora — decretou o amigo do outro lado da linha.

Adam não tentou negar.

— Se tivesse várias vidas, eu passaria uma delas indo todo dia ao mesmo bistrô, sentando à mesma mesa, na mesma cadeira, para pedir o mesmo prato.

— Com a mesma companheira — murmurou Dolorès ao pé do seu ouvido.

— Sim, com você — disse ele, afastando os lábios do aparelho para beijá-la.

— Pensei em chamar Tania também — prosseguiu Albert —, mas talvez não seja uma boa ideia, pois ainda não lhe dei meus pêsames.

— Não, seria realmente uma péssima ideia. Ela certamente não vai querer aparecer em público tão pouco tempo depois da morte do marido, e vai recriminá-lo por ser agora um americano insensível, ignorando as sutilezas do seu país natal. Ela mudou, lhe aviso logo. Todas as vezes que falei com ela nos últimos dias, fiquei com um gosto amargo.

— Dentro de 48 horas direi se compartilho do seu diagnóstico. Para esta noite, desisto de convidá-la.

— Mas ainda assim seremos cinco — anunciou Adam.

E então, sem qualquer aviso prévio, ele levou o telefone ao ouvido da amiga, que, apanhada de surpresa, foi capaz apenas de dizer:

— Meu nome é Dolorès.

Ela parecia intimidada, o que não fazia o seu gênero. No casal que formava com Adam, era ela normalmente a mais falante, a mais ousada, a que tendia mais a dar ordens e ser obedecida. Mas cabe supor que não estava muito segura, conquistadora ainda entrando em terra desconhecida.

Dolorès ainda manteria essa atitude por algum tempo naquela noite, falando pouco, sorrindo polidamente ante os gracejos, observando os gestos de uns e as manias de outros.

A chegada ao *Código Civil* de outros tempos desencadeou uma série de lembranças triviais em que apareciam garçons fornecedores de maconha, peruas em busca de estudantes vigorosos e brigas memoráveis com facão de cozinha.

Dolorès esperava. Deixou docilmente que os velhos frequentadores escolhessem pratos para ela; levantou seu copo para brindar com eles ao encontro; e então, aproveitando um segundo de silêncio em que os quatro amigos saboreavam juntos o vinho escolhido, disse-lhes no tom ao mesmo tempo suave e firme com que normalmente dirigia as reuniões de pauta da redação:

— E agora expliquem-me tudo! Como se conheceram, o que os uniu e o que os manteve separados por tanto tempo. Eu não sei quase nada, e gostaria de saber tudo! Preciso de um curso intensivo para acompanhar o que vão dizer nos próximos dias. Estou ouvindo, todos quatro.

Para atenuar o efeito da ordem que acabava de dar, ela iluminou o rosto com o sorriso mais enternecedor. E então levou o copo aos lábios.

Os velhos amigos se consultaram com o olhar, cada um convidando os outros a falar primeiro. Finalmente, Albert deu o mergulho.

— Adam e eu nos conhecemos na escola. Na horda dos alunos, ele era um dos menos bárbaros.

— Partindo de Albert, é um grande cumprimento — murmurou Adam para a companheira. Mas ela levou suavemente o indicador aos lábios, para que ele deixasse o amigo prosseguir.

— Nós entramos juntos para a faculdade, e foi então que conhecemos os outros. Todos ao mesmo tempo, ou quase. Pelo menos é a lembrança que tenho.

— O que foi que os uniu? — perguntou a estrangeira.

Albert pensou um pouco.

— Existem várias respostas possíveis. A primeira que me vem à mente é que cada um de nós não tinha muito a ver com a própria comunidade.

— E o fato de serem todos atípicos é que os aproximou...

— Não foi exatamente o que eu quis dizer. Vou tentar explicar as coisas de outra maneira.

Ele esperou um pouco até que as ideias se arrumassem.

— Meu melhor amigo entre os muçulmanos era Ramez; meu melhor amigo entre os judeus era Naïm; e o meu melhor amigo entre os cristãos era Adam. Claro que nem todos os cristãos eram como Adam, nem todos os muçulmanos eram como Ramez, nem todos os judeus eram como Naïm. Mas eu via antes de mais nada meus amigos. Eles eram meus antolhos, ou, se preferir, as árvores que escondiam de mim a floresta.

— E para você era uma coisa boa?

— Sim, excelente. É preciso esconder a floresta. E devemos mesmo usar antolhos.

— É para isso que servem os amigos?

— Sim, é o que eu penso. Os amigos servem para preservar nossas ilusões pelo maior tempo possível.

— Mas de qualquer maneira você acaba perdendo as ilusões.

— Naturalmente, com o tempo, acabamos por perdê-las. Mas é melhor que isso não aconteça cedo demais. Caso contrário, também perdemos a coragem de viver.

Ele sentiu um nó na garganta, como se, pelo simples fato de ter voltado ao país natal, a sua cidade e aos amigos, suas antigas angústias tivessem voltado à tona. Deu-se então um momento de constrangimento ao redor da mesa, durante o qual todos mergulharam em seus pratos ou em suas taças de vinho. Até que Naïm dissesse, entre dois goles, e sem olhar para ninguém:

— E então você é sequestrado...

Confuso por um momento, Albert logo se recompôs.

— Sim, é sequestrado. E isso ainda é o que lhe pode acontecer de melhor.

De repente, como para liberar a tensão, deu-se uma explosão de riso entre os quatro velhos amigos, um riso prolongado ao qual Dolorès, que há bastante tempo sabia por Adam do episódio do sequestro, acabou por se juntar, com certo

atraso. E do qual se liberou com certa antecipação, para retomar seu "interrogatório".

— Como Albert logo falou da religião de cada um, quero fazer uma pergunta que há muito tempo me persegue, e à qual Adam nunca se deu ao trabalho de responder: por que a fé tem um lugar tão importante nesta região do mundo?

Os amigos se consultaram com o olhar, e Naïm manifestou-se primeiro.

— É o que dizem no Ocidente, mas você não deve acreditar! Não passa de um mito. A verdade é exatamente o contrário...

— Ahn?

— O Ocidente é que é crente, até na laicidade, e o Ocidente é que é religioso, até no ateísmo. Aqui, no Levante, não estamos preocupados com crenças, mas com filiações. Nossas confissões são tribos, nossa fé religiosa é uma forma de nacionalismo...

— E também uma forma de internacionalismo — acrescentou Adam. — As duas coisas ao mesmo tempo. A comunidade de crentes substitui a nação; e, na medida em que ignora alegremente as fronteiras entre Estado e raça, ela também toma o lugar dos proletários de todos os países, que aparentemente deviam se unir.

— Boato hoje em dia formalmente desmentido — prosseguiu Naïm, revirando a faca em sua própria ferida e na dos amigos.

— O século XX foi o século das monstruosidades laicas, o século XXI será o da volta do pêndulo — decretou o historiador.

— Pois eu bem que gostava do século XX — esboçou Dolorès, correndo o risco de parecer ingênua.

— Porque o conheceu no fim — disse seu companheiro, dez anos mais velho que ela. — A primeira metade sobretudo é que foi monstruosa. Depois, as coisas melhoraram um pouco, mas era tarde demais, o mal já havia sido feito.

— Por que você diz "tarde demais"? — perguntou Sémiramis com angústia sincera.

Adam já ia responder quando Albert pousou a mão no seu braço para melhor

lhe tirar a palavra:

— É bom lembrar que, para o nosso amigo, que é mais francês que os franceses, o valor supremo é a laicidade. Se o mundo se afasta dela, se retorna à religião, é porque está regredindo.

— Para você não? — retrucou o Adam.

— Para mim, as coisas não são tão definidas assim. Num mundo dominado pelo velocino de ouro, não estou convencido de que a prioridade das prioridades seja expulsar Deus. O velocino de ouro é que deve ser combatido; ele é que constitui a maior ameaça para a democracia e para todos os valores humanos. O comunismo tinha sujeitado os homens em nome da igualdade; o capitalismo os está sujeitando em nome da liberdade econômica. Ontem, como hoje, Deus representa um refúgio para os vencidos, seu último recurso. Em nome de que deveriam ser privados disso? Para substituí-lo pelo quê?

Sua fala, por interrogativa que fosse, tinha um tom de sentença final. Foi seguida de um longo silêncio, que Sémiramis acabou rompendo, para tentar, sem grande sucesso, encaminhar o debate por outro rumo.

— Adam estava dizendo outro dia que houve no século XX duas grandes calamidades: o comunismo e o anticomunismo.

— E no século XXI também haverá duas grandes calamidades: o islamismo radical e o anti-islamismo radical — previu o historiador. — O que, por mais que contrarie nosso eminente futurólogo, nos promete um século de regressão.

— Não lhes dê atenção, Dolorès! — sussurrou Sémiramis no ouvido da estrangeira, mas suficientemente alto para ser ouvida por todos. — Eles são deprimentes, esses nossos três amigos. Abandonaram o país ao primeiro tiro, e agora estão prevendo o apocalipse para justificar o fato de terem partido.

— Mas não é para este país que eu prevejo o apocalipse, mas para o planeta inteiro! — defendeu-se Adam.

O que lhe valeu um olhar de estupefação da companheira.

— Ah, bom, assim fico mais tranquila — disse ela. — Já estava começando a me preocupar.

Os cinco começaram a rir de novo, por um longo momento. Ninguém mais tinha vontade de falar. Então houve um silêncio. Em seguida, Naïm, que não brincava com as artes da mesa, perguntou aos companheiros, no tom mais grave:

— Vocês acham que o barman sabe fazer uma caipirinha aqui?

Décimo sexto dia

1

Esse dia de maio devia ser o dia do reencontro. Mas terá sido o da última separação e da última dispersão.

Adam tinha planejado com exatidão, registrando todo o desenrolar dos acontecimentos, provavelmente para clarear as próprias ideias.

Nos encontraremos na casinha de Sémi por volta do meio-dia, o mais tardar meio-dia e meia. Se Ramzi se juntar a nós, deixarei que diga algumas palavras ecumênicas, depois farei um discurso de boas-vindas. Pode parecer deslocado numa reunião de amigos, mas é melhor assim para dar o tom, para que as pessoas presentes botem na cabeça que não se trata de uma ocasião como outra qualquer.

Ramez prometeu-me trazer uma espécie de fotolivro, preparado no escritório da sua filha, reunindo cerca de quarenta fotos, em sua maioria antigas, nas quais aparecem, segundo me disse, todas as pessoas que estarão presentes, além dos dois mortos, Mourad e Bilal. Cada um receberá um exemplar, com a inscrição: "Convenção de 5 e 6 de maio de 2001, Pousada Sémiramis." Essa designação pomposa vai conferir a solenidade ainda maior a nossa reunião. E por que não? A coisa não me desagrada.

Num gesto de delicadeza, Ramez fez questão de que Dolorès não ficasse ausente do álbum. Eu não tinha comigo nenhuma foto dela, mas Sémiramis encontrou uma, tirada em Paris no dia em que foi jantar conosco. Nela,

aparecemos os três de braços dados, rostos colados; uma proximidade que, em vista de nossas recentes "peripécias" íntimas, adquirem uma curiosa ressonância.

Dunia e Ramez pegarão o avião ao alvorecer. Eu confio neles, serão os primeiros a chegar, embora venham de mais longe que os outros.

Albert prometeu que será deixado aqui por seu "pai adotivo" ao meio-dia em ponto; também confio nele.

Nidal confirmou que virá, e que não vai se atrasar. Não tenho motivo para duvidar; os militantes sempre chegam na hora. Sémi continua achando que eu não fiz bem em convidá-lo... Mas ainda assim comprou para ele uma caixa de cerveja sem álcool.

Tania, em compensação, nunca chega na hora, ao que me dizem. A julgar por seu comportamento nos últimos dias, seria quase motivo para comemorar, mas não me imagino fazendo o meu discurso de boas-vindas antes da sua chegada. Afinal, foi ela que teve a ideia desta reunião. Veremos...

A pessoa cuja ausência mais me entristeceria seria irmão Basile. Mais que ninguém, ele é que seria capaz de elevar este encontro a outras alturas. Não só pelo que poderá dizer, coisas que certamente não se perderão em futilidades cotidianas, mas também pelo simples fato de comparecer e pelo efeito de sua vinda sobre os outros, especialmente Ramez e sua mulher. Inevitavelmente haverá recriminações entre eles, alguns arrependimentos e também lágrimas, sem dúvida; mas tenho certeza de que haverão de se despedir reconciliados.

A presença do monge, portanto, nos traria ao mesmo tempo estímulo intelectual e intensidade afetiva. Mas é preciso que ele venha... Ao contrário dos outros, ele não prometeu formalmente. Disse "Talvez" e "Você fez bem em chamá-los", mas não me parece que virá por iniciativa própria. E tampouco creio que seria uma boa ideia telefonar. Tenho praticamente certeza de que, por telefone, encontraria um pretexto para se esquivar.

O único jeito seria ir pessoalmente buscá-lo com o insubstituível Kiwan; sem avisar, com base apenas em nossa última conversa, à beira do labirinto. Se

vir que eu fiz todo o trajeto para ir buscá-lo, ele ficará envergonhado de me ver voltar de mãos vazias, passará por cima de suas apreensões e virá.

Para isso, teríamos de cair na estrada muito cedo. Chegar ao mosteiro às nove e meia e voltar antes das dez horas, para chegar ao hotel um pouco antes de meio-dia. O que nos obriga a sair daqui por volta de sete e meia.

Dolorès disse que me acompanharia.

Mas sua companheira acabou desistindo. Eles tinham voltado muito tarde do restaurante, por volta de duas horas da manhã. Quando o despertador tocou, às seis e meia, ela não se mexeu. Ele se levantou sozinho. Tocou-lhe o ombro duas ou três vezes, com delicadeza. Sem abrir os olhos, ela perguntou que horas eram. Ele disse. Ela resmungou e voltou a dormir.

Adam então se barbeou, tomou sua ducha, vestiu-se e voltou a se debruçar sobre ela para deixar um beijo em seus lábios. Como num reflexo, ela levantou os braços para abraçá-lo. E depois largou. E ele se foi.

2

Quando Adam chegou ao mosteiro, irmão Basile já estava com suas coisas prontas. Na véspera, dissera aos monges que provavelmente se ausentaria, voltando na noite de domingo.

O amigo fez menção de levar sua bagagem, mas o monge fez questão de carregá-la. De qualquer maneira, era apenas uma mochila de couro, evidentemente muito leve.

Do que aconteceu na hora que se seguiu não sabemos grande coisa, nenhuma testemunha falou a respeito, podemos apenas comparar hipóteses.

Os fatos principais são que o automóvel de Sémiramis sofreu um acidente, o motorista e um dos passageiros morreram e o terceiro ocupante ficou gravemente ferido — no momento em que são escritas estas linhas, ainda não recobrou consciência.

Acredita-se que o veículo tenha saído bruscamente da estrada, capotado uma ou duas vezes e mergulhado no vazio. Espatifou-se numa rocha lá embaixo. Depois, explodiu, e o fogo se espalhou pelo matagal.

Dois corpos foram encontrados calcinados nos destroços. “Kiwan Y., motorista, 41 anos” e “Ramzi H., engenheiro, 50 anos”, informaria o relatório da polícia. Nenhuma menção de irmão Basile. “Adam W., professor, 47 anos”, foi encontrado inconsciente a cerca de quinze metros, tendo sido projetado do veículo; provavelmente abriu a porta para tentar salvar-se.

Ninguém presenciou o acidente, ninguém ouviu a explosão, e o incêndio se apagou sozinho sem ter sido visto. Cabe lembrar que essa região da montanha, a dez quilômetros do Mosteiro das Grutas, é árida, pedregosa, acidentada e sem movimento.

Não se exclui a hipótese de que uma testemunha tenha assistido ao acidente e guardado silêncio. Se o carro deu uma guinada, pode ter sido para evitar um choque com outro. Neste caso, o motorista deste último será em parte responsável pela tragédia, e pode ter optado por não se manifestar. Mas não é a única hipótese possível. Kiwan pode ter-se esquivado de um animal — uma raposa, por exemplo, ou um chacal, ou um cão.

Pois Adam não censurava o motorista do hotel pelo tipo de polidez deslocada que o fazia voltar-se para o interlocutor quando falava, desviando os olhos da estrada? Não se pode descartar que a tragédia tenha sido provocada assim. Mas não passa de especulação, e é muito possível que nunca se venha a saber o que realmente ocorreu. "Saiu da estrada por motivo indeterminado, no local conhecido como al-Sanassel." A investigação policial não iria mais longe que isso.

Os amigos de Adam não ficaram preocupados logo.

Todos eles tinham chegado na hora, e mesmo um pouco antes. Sémiramis os recebera em sua residência particular, decorada em tonalidades quentes com predomínio de vermelho, ocre e terracota. O espaço era relativamente espaçoso, embora a proprietária o considerasse pequeno em comparação com a grande construção transformada em hotel.

No amplo compartimento quadrado que servia de sala de estar, as paredes eram recobertas de livros, e o piso, de tapetes persas em duas ou três camadas. As poltronas e sofás eram velhos e desemparelhados, mas as cores eram harmoniosas, e as almofadas, macias e acolhedoras.

Os amigos deveriam reunir-se ali apenas para um drinque de boas-vindas, passando em seguida ao último andar da pousada, onde Sémiramis mandara

preparar para eles uma magnífica refeição.

Pouco antes de meio-dia e meia, Dolorès telefonou a Adam para saber se ainda estava longe. Ela tentou várias vezes, mas ele não atendia. Então, passados quinze minutos, perguntou a Sémiramis se tinha o telefone do motorista. Ele tampouco atendia. Ramez tentou tranquilizá-las, dizendo que o carro provavelmente estava numa zona em que o celular funcionava mal. Fazia sentido, e alguns de fato ficaram mais tranquilos. Mas não Dolorès. Já era uma hora e trinta e cinco, e ela conhecia suficientemente o companheiro para saber que tinha horror de se atrasar. Especialmente numa ocasião como aquela, para um reencontro que ele mesmo tinha organizado!

É verdade que no início Adam não acreditava muito nas chances desse projeto. As primeiras mensagens de convite tinham sido escritas sobretudo para consolar a viúva de Mourad e aplacar seus próprios remorsos. Ele ficara surpreso com o entusiasmo dos amigos e a rapidez com que tinham tomado providências para comparecer.

Que aquelas pessoas dispersas pela guerra e pelos imprevistos da vida, que viviam atualmente em quatro continentes diferentes, movimentando-se em diversas esferas profissionais, políticas e espirituais, e que não se viam há um quarto de século, se mostrassem dispostas a convergir para aquele hotel na montanha a um sinal dele — a posteriori, a coisa poderia parecer compreensível; mas, no momento em que redigia os convites, ele não o esperava.

Cabe supor que havia em todos eles um forte desejo de reatar os laços com os amigos daquela época; e também, é claro, através dos amigos, com a vida anterior. Antes da guerra, antes da dispersão, antes da decomposição de sua sociedade levantina, antes do desaparecimento daqueles que tinham amado. Talvez Albert tivesse razão de dizer, como fez em uma de suas cartas, que, se os amigos não tinham se reunido mais desde a época da faculdade, era por causa de Mourad. "*Reunir-se com ele tornara-se impensável, reunir-se sem ele não teria o menor sentido. (...) Sua morte é a circunstância ideal que finalmente nos permitirá*

um reencontro", escrevera.

Qualquer que seja a explicação, o sonho estava prestes a se realizar... mas também prestes a desmoronar. No sentido figurado e no literal. Das dez pessoas esperadas, oito tinham chegado antes da hora, impacientes pela chegada do "organizador" para que a sessão pudesse começar. Além de Sémiramis, Dolorès e Naïm, que já se encontravam no local, o primeiro a chegar foi Albert, seguido de Ramez e Dunia; Nidal chegou ao meio-dia e meia em ponto, calado, reservado e evidentemente se perguntando ainda o que estava fazendo no meio daqueles infiéis; Tania chegou por volta de uma hora, jovial e falante no seu vestido de luto. Faltavam apenas Adam e o irmão Basile.

Por volta de duas e meia é que a preocupação se transformou em pânico. Ramez levantou-se.

— Temos de ir ver onde é que eles estão!

Um minuto depois, dois carros davam a partida. O seu, no qual era acompanhado por Dunia e Dolorès; e o de Nidal, que levava Albert e o maître, Francis, preocupado com o irmão e o único deles que conhecia bem a estrada, já que Sémiramis devia permanecer na pousada. Tania e Naïm decidiram ficar com ela.

Os dois automóveis só chegaram ao lugar maldito depois de uma hora. Um ajuntamento havia se formado — veículos parados à beira da estrada, pessoas que gesticulavam, apontando o fundo do vale, de onde vinha uma fumaça pouco espessa. Outras pessoas já estavam lá embaixo, algumas de uniforme cáqui.

"*Eu vim ao encontro do fantasma de um amigo, e eu mesmo já sou um fantasma"*, escrevera Adam no dia de sua chegada. Mal sabia ele o que estava dizendo... Quem o viu estendido na cama do hospital, sem rosto, sem olhar, rígido e todo branco nas bandagens, efetivamente teve a sensação de estar contemplando um fantasma.

Em seu último caderno, encontrado em seu poder, ele tinha enchido várias páginas com a data de sexta-feira, 4 de maio, e algumas até com a data do sábado, 5 — estas provavelmente escritas ao voltar da noitada no *Código Civil*.

Vou esperar a chegada da última pessoa, até que tenhamos passado para o restaurante, para pedir silêncio e tomar formalmente a palavra, de pé, tendo meu texto diante dos olhos. Como seremos apenas uma dezena de amigos ao redor de uma mesa já servida, sinto-me na obrigação de fingir, num preâmbulo, que não vou fazer todo um discurso. Mas é exatamente o que pretendo fazer. Depois de escrever a uns e encontrar outros para convencê-los a vir, faz sentido dizer-lhes novamente, com uma certa solenidade, por que era importante que voltássemos a nos ver depois de tantos anos de afastamento e sobre o que poderíamos falar.

Vou falar em francês, para que Dolorès não se sinta excluída. E também porque é nessa língua que me expresso com mais facilidade, depois de tantos anos ensinando em Paris.

Minhas primeiras palavras serão necessariamente as mais conciliadoras. Mais tarde — na hora do jantar, ou no domingo — abordarei, pois é necessário, os temas que incomodam.

"O que nos traz aqui", direi, "é antes de mais nada a lembrança dos que nos deixaram. A morte prematura de Mourad nos lembrou que devíamos ter ficado próximos uns dos outros, e o quanto nos dispersamos. Mas nenhuma outra pessoa contribuiu tanto para nos unir, quando tínhamos 20 anos, e também devemos a ele o fato de estarmos aqui reunidos hoje. A ele e a Tania, que tanto me estimulou a convidá-los para esse reencontro. Algo que, por sinal, me parecia, confesso, quase impossível de organizar, especialmente num prazo tão exíguo. Quero agradecer-lhe sobretudo por ter superado o luto para vir compartilhar conosco não só nossas lágrimas de saudade, mas também nossos inevitáveis risos. E desde logo dedico todas essas lágrimas e todos esses risos aos que partiram.

"E, em primeiro lugar, Bilal. Aqueles de nós que o conhecemos jamais poderemos esquecê-lo. Quantas vezes eu penso nele, em nossos passeios, nossas discussões, no seu olhar, na sua voz. Até hoje, não obstante a passagem dos anos, ainda há histórias que eu gostaria de lhe contar, textos que gostaria de lhe dar para ler, questões que tenho vontade de discutir com ele, que só poderia discutir com ele, e amaldiçoo as circunstâncias que levaram a sua morte tão precoce. E Nidal está aí mesmo para me confirmar. Se ele aceitou vir ao nosso encontro, foi porque eu disse o nome do seu irmão. Muitas coisas nos separam, mas sempre estaremos ligados pela lembrança de um futuro escritor levado por uma granada no início da guerra.

"Às vezes me pergunto o que teria sido sua obra literária se ele tivesse tido tempo. Acaso teria o talento dos poetas e romancistas que ambos admirávamos? Gostaria de acreditar que sim. O que me parece absolutamente certo é que ele tinha temperamento de escritor, e também suas manias.

"Uma delas me dizia respeito. Ao ouvir meu nome pela primeira vez, não me pediu notícias de Eva, como tantas pessoas não resistem a fazer. Mas ao que parece prometeu a si mesmo dirigir-se a mim como se eu fosse o outro Adão, o antepassado, e tivesse na memória toda a história dos seres humanos.

"Eu podia ter ficado aborrecido com a brincadeira, sobretudo com sua incansável insistência toda vez que nos encontrávamos. Mas não foi assim que reagi. Essa atenção especial me lisonjeava. Além do mais, aquilo me levava a pensar no sentido dos nomes e no destino a eles ligado. Nós nos acostumamos tão facilmente ao próprio nome que nem pensamos mais em seu significado nem nos motivos pelos quais o temos."

Adam se estendia então, em vários parágrafos, sobre os nomes das pessoas que estariam reunidas ao redor da mesa, com uma mistura de erudição e fantasia, e sem se eximir de algumas tiradas humorísticas. Estava assim repetindo a Hanum, segundo quem "Naïm é o outro nome do Paraíso". Explicava que Bilal

era um alforriado da Abissínia, cuja voz era apreciada pelo Profeta, que o havia escolhido como seu almuadem; e acrescentava que, em Java, "ainda hoje, todo almuadem continua sendo chamado de Bilal". Tomava um desvio por Sémiramis, "rainha mitológica da Mesopotâmia, que já então era venerada como deusa", e podemos imaginar que ao dizer "já então" mandava uma piscadela de cumplicidade a sua castelã; e depois por Mourad, "o Desejado, o Cobiçado, um nome inventado para evocar o Altíssimo, e que os europeus da Idade Média pronunciavam Amourath"; e então se estendia sobre a origem mariana de Dolorès e a etimologia germânica de Albert, nobre e ilustre. Sem esquecer Basile, que quer dizer "rei" ou "imperador" — "não exatamente o nome mais humilde para um monge".

Ao chegar ao seu próprio nome, Adam começara remetendo o orador de que estaria investido a um texto que escrevera dois dias antes.

> *Ver na data de 3 de maio a passagem que começa com "Trago no meu nome a humanidade que nasce, mas pertenço a uma humanidade que está morrendo..."; parece ser adequado para a ocasião.*

Mas logo mudou de opinião.

> *Tendo percorrido de novo esse texto, já não estou tão convencido de que quero lê-lo para os amigos. Certamente não no primeiro dia, pelo menos. Não é um texto de abertura e boas-vindas, mas de fechamento e despedida. De que adiantaria dizer-lhes: "Cabe a mim a horrível tarefa de reconhecer aqueles que amei, e então assentir com a cabeça para que cubram os corpos com o lençol. Eu sou o encarregado das extinções..."?*
>
> *O fim é um pouco menos sinistro: "Minha grande alegria é ter encontrado, em meio às águas, algumas ilhotas de delicadeza levantina e serena ternura. O que me devolve, pelo menos por enquanto, uma nova vontade de viver, novos motivos para lutar, talvez até um frêmito de esperança. E mais a longo prazo?*

A longo prazo, todos os filhos de Adão e Eva são crianças perdidas."

Eu poderia ter-me detido em "esperança", guardando para mim o que vem depois.

Não! Pensando bem, eu precisava de um epílogo mais matinal, mais vigoroso, capaz de desencadear o debate. Preciso pensar a respeito, vou encontrar tempo para isso...

Esse epílogo diferente não chegou a ser escrito por Adam em lugar nenhum. Talvez o estivesse compondo mentalmente quando o automóvel se desviou da estrada. Só o saberemos quando ele recobrar consciência.

E isso vai acontecer? Os médicos não sabem o que dizer. Afirmam que ele permanecerá muito tempo entre a vida e a morte, para afinal resvalar para um lado ou outro.

Dolorès, que providenciou seu transporte num avião-ambulância para uma clínica em Paris, sem sair em momento algum de sua cabeceira, prefere dizer que ele está em liberdade condicional.

— Como seu país, como este planeta. Em liberdade condicional, como todos nós.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Os Desorientados

http://www.skoob.com.br/livro/367419-os_desorientados

Site do autor
http://aminmaalouf.narod.ru/

Wikipedia do autor
http://pt.wikipedia.org/wiki/Amin_Maalouf

Sumário

Capa
Rosto
Créditos
Dedicatória
Epígrafe
Abertura
Primeiro dia
1
2
3
Segundo dia
1
2
3
Terceiro dia
1
2
3
4
Quarto dia
1

2
3
4
Quinto dia
1
2
3
4
Sexto dia
1
2
3
4
5
Sétimo dia
1
2
3
4
5
6
7
Oitavo dia
1
2
3
Nono dia
1
2
3

4
Décimo dia
1
2
3
4
5
Décimo primeiro dia
1
2
Décimo segundo dia
1
2
Décimo terceiro dia
1
2
3
4
Décimo quarto dia
1
2
Décimo quinto dia
1
2
Décimo sexto dia
1
2
Colofon
Saiba mais